



GARDÊNIA BAFFI DE CARVALHO

**A CONTRIBUIÇÃO DE FREDERICO CARLOS HOEHNE NA DIFUSÃO DE
ESPÉCIES NATIVAS PARA A ARBORIZAÇÃO URBANA**

BAURU
2019

GARDÊNIA BAFFI DE CARVALHO

**A CONTRIBUIÇÃO DE FREDERICO CARLOS HOEHNE NA DIFUSÃO DE
ESPÉCIES NATIVAS PARA A ARBORIZAÇÃO URBANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Bauru, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta Enokibara

BAURU
2019

Carvalho, Gardênia Baffi.

A contribuição de Frederico Carlos Hoehne na
difusão de espécies nativas para a arborização urbana
/ Gardênia Baffi de Carvalho, 2019
185 f. : il.

Orientadora: Marta Enokibara

Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação, Bauru, 2019

1. Arborização urbana. 2. Frederico Carlos Hoehne.
3. Espécies nativas. I. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE GARDÊNIA BAFFI DE CARVALHO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 23 dias do mês de agosto do ano de 2019, às 14:00 horas, no(a) Auditório dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Professora Doutora MARTA ENOKIBARA - Orientador(a) do(a) Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru - UNESP, Professora Doutora NORMA REGINA TRUPPEL CONSTANTINO do(a) Departamento de Arq Urb e Paisagismo / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Professora Doutora MARIA LUCIA BRESSAN PINHEIRO do(a) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade de São Paulo, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de GARDÊNIA BAFFI DE CARVALHO, intitulada **A contribuição de Frederico Carlos Hoehne na difusão de espécies nativas para a arborização urbana**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Professora Doutora MARTA ENOKIBARA

Professora Doutora NORMA REGINA TRUPPEL CONSTANTINO

Professora Doutora MARIA LUCIA BRESSAN PINHEIRO

RESUMO

O botânico brasileiro Frederico Carlos Hoehne (1882-1959) iniciou sua carreira como jardineiro-chefe do Museu Nacional do Rio de Janeiro em 1907. No ano de 1917, ao ser convidado para fundar o Horto Oswaldo Cruz no Instituto Butantã, se muda para São Paulo, onde solidifica sua carreira fundando e dirigindo hortos e instituições de pesquisa até o ano de 1952, quando se aposenta. Hoehne é reconhecido como um grande defensor da natureza e também por sua paixão por orquídeas. Contudo, este trabalho tem como objetivo investigar um aspecto ainda pouco explorado na vasta produção do autor, referente ao seu estudo para a indicação de espécies nativas para a arborização urbana. Publicado em 1944, o livro "Arborização Urbana" foi um dos primeiros a tratar sobre este tema, se aproximando dos manuais de arborização atuais. A investigação sobre quais eram essas espécies, sua relação com as espécies do manual de arborização mais recente da cidade de São Paulo (2015) e a origem das referências que subsidiaram Hoehne a indicar tais espécies foram o fio condutor da pesquisa apoiada nos Relatórios escritos pelo autor nas instituições em que trabalhou. O objetivo específico é verificar a atualidade e a contribuição do botânico para a preservação das árvores nativas e sua difusão no meio urbano.

Palavras-chave: Arborização urbana, Frederico Carlos Hoehne, espécies nativas.

ABSTRACT

The brazilian botanist Frederico Carlos Hoehne (1882-1959) began his career as head gardener of the National Museum of Rio de Janeiro in 1907. In 1917, when invited to found Horto Oswaldo Cruz in the Butantã Institute, he moves to São Paulo, where he solidifies his career by founding and directing gardens and research institutions until 1952, when he retires. Hoehne is recognized as a great advocate of nature and also for his passion for orchids. However, this work aims to investigate an aspect not much explored in the vast production of the author, about his study for the indication of native species for urban afforestation. Published in 1944, the book "Arborização Urbana" was one of the first to address this issue, approaching the current urban afforestation manuals. The research on these species, their relation to the species of the most recent urban afforestation manual of the city of São Paulo (2015) and the origin of the references that subsidized Hoehne to indicate such species was the guiding line of the research, which relied on Reports written by the author in the institutions that worked. The specific objective is to verify the actuality and the contribution of the botanist for the preservation of the native trees and their diffusion in the urban environment.

Keywords: Urban afforestation, Frederico Carlos Hoehne, native species.

Aos meus pais, Vivaldo e Carmen.

***Por ter a convicção de que “Deus, Natureza e Seres humanos são originariamente
unos”.***

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, que são a manifestação de Deus na minha vida, e que sempre me deram todo o apoio e incentivo para que esse sonho se tornasse possível. Agradeço também minha irmã e minha avó, que juntamente com meus pais estiveram acompanhando mais de perto toda a minha caminhada neste mestrado. Obrigada também aos meus familiares, amigos e ao meu namorado, por compreenderem minhas eventuais ausências por motivos de trabalho e estudo, e por sempre me apoiarem.

Agradeço também o apoio e compreensão de toda a equipe do Colégio Esquema Único de Bauru, em nome do diretor Mamede Gahdban, que sempre me deu todo o suporte para que mesmo trabalhando eu conseguisse concluir esta importante etapa da minha vida.

Meus sinceros agradecimentos à Professora Doutora, e amiga, Jandira Talamoni, que abriu meus olhos para a infinidade de possibilidades na vida acadêmica, me mostrou uma direção a seguir e me ajudou, do começo ao fim. Agradeço também ao auxílio e direcionamento dos biólogos Murilo Cruciol Barbosa e André Luiz Giles de Oliveira, amigo este de longa data.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAAC da UNESP de Bauru, todos os professores, funcionário e alunos, que acolheram tão bem uma geógrafa no meio de tantos arquitetos. Em especial, minha amiga Tainá Silva, por estarmos juntas desde 2016 como alunas especiais “unidas pelo Lowenthal”.

Agradeço também aos funcionários do Instituto de Botânica de São Paulo, que me auxiliaram no acesso a todo o material utilizado e organizado nesse trabalho, em especial à bibliotecária Lúcia.

Agradeço às professoras que aceitaram compor a banca de qualificação e defesa desta dissertação, a Professora Doutora Norma Regina Truppel Constantino e Professora Doutora Maria Lúcia Bressan Pinheiro.

Agradeço principalmente à minha orientadora, Professora Doutora Marta Enokibara, por acreditar em mim e sempre me orientar com muita atenção e esmero. Agradeço pela paciência e por enxergar minha capacidade muito além do que eu conseguia enxergar, me mostrando que posso sempre ser alguém melhor e oferecer o meu melhor para todos. Agradeço por ser em minha vida um grande exemplo de mulher, professora, pesquisadora, enfim, um grande exemplo de ser humano, e por me mostrar que a academia e a sociedade como um todo devem ser feitas por seres que se auxiliam mutuamente para a construção de um mundo melhor. Agradeço por fim a oportunidade de contribuir como geógrafa para o Paisagismo e para a ciência no Brasil, destacando assuntos tão importantes para a existência da vida no planeta.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do Relatório Anual do Instituto de Botânica de 1951, referente ao exercício de 1950.....	1
Figura 2 - Autobiografia de Hoehne, página 63 a 156 do Relatório de 1951.....	1
Figura 3 – Hoehne em frente ao orquidário do Instituto de Botânica, no Jardim Botânico de São Paulo.....	3
Figura 4 – Capa do Relatório Anual do Instituto de Botânica, referente ao ano de 1943	17
Figura 5 – “Arborização Urbana” publicado na página 56 do Relatório Anual de 1943	17
Figura 6 - Capa do livro “Arborização Urbana” (1944a), escrito por Frederico Carlos Hoehne.....	18
Figura 7 - Exemplo do procedimento a realizar para evitar o afloramento das raízes das árvores nas calçadas.....	24
Figura 8 - Sucedâneo para árvore.....	26
Figura 9 - Páginas 82 e 83 do livro “Arborização Urbana” (1944a).....	28
Figura 10 - Página da base de dados online - The Plant List.....	30
Figura 11 - Item 46, gênero <i>Bombax</i>	31
Figura 12 - Item 236 contendo três espécies.....	31
Figura 13 - Família <i>Palmae</i>	31
Figura 14 - Página 180 do livro, item 322.....	31
Figura 15 - <i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil. já observada na cidade de Curitiba, Paraná.....	32
Figura 16 - Número da espécie <i>Campomanesia phaea</i> (O.Berg) Landrum. no livro (1944a).....	33
Figura 17 - Espécie no livro o “Jardim Botânico de São Paulo” (1941).....	33
Figura 18 - Espécies presentes no Jardim Botânico de São Paulo.....	33
Figura 19 - Página inicial do site “Flora do Brasil 2020 em construção”	35
Figura 20 - <i>Alibertia myrcifolia</i> Schum., atual <i>Cordia myrciifolia</i> (K.Schum.) Perss. & Delprete. expressamente indicada por Hoehne para ruas.....	36
Figura 21 - Capa do “Manual Técnico de Arborização Urbana de São Paulo”.....	38
Figura 22 - Observações sobre a espécie <i>Lagerstroemia indica</i> L., no livro Arborização Urbana (1944a).....	44
Figura 23 - Capa da publicação de reúne os resultados botânicos das viagens realizadas por Hoehne junto à Comissão Rondon.....	50
Figura 24 - Ilustração botânica de orquídea colhida por Hoehne durante a Expedição Rondon.....	50
Figura 25 - Vista do Horto Oswaldo Cruz no ano de 1918.....	52

Figura 26 - A espécie <i>Tibouchina mutabilis</i> (Vell.) Cogn. sendo cultivada no Instituto Butantan.....	53
Figura 27 - Capa do livro “Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências” (HOEHNE, 1925) e o índice de nomes científicos das espécies contidas na publicação.....	55
Figura 28 - Fachada do Instituto Biológico no ano de 1928.....	56
Figura 29 - Fotografia tirada em 1929. Fernando Costa à esquerda e Hoehne à direita do primeiro grupo de orquídeas que chegou ao local onde viria a ser o Jardim Botânico de São Paulo.....	57
Figura 30 - Fotografia tirada no orquidário do Jardim Botânico de São Paulo, em 1948, durante a visita do Prof. Dr. Harold Norman Moldenke, do New York Botanical Garden. Da esquerda para a direita: Alma Lance Moldenke, a filha de Hoehne Laelia Hoehne, Prof. Dr. Harold Norman Moldenke, Frederico Carlos Hoehne, e em sua frente a neta Lilian Kuhn.....	58
Figura 31 - Capa do livro “O Jardim Botânico de São Paulo” e página onde inicia a relação de espécies cultivadas e existentes no local.....	59
Figura 32 - <i>Erythrina falcata</i> Benth.....	62
Figura 33 - <i>Tibouchina mutabilis</i> Cogn.....	62
Figura 34 - <i>Balfourodendron riedelianum</i> (Engl.) Engl.....	62
Figura 35 - Frederico Carlos Hoehne, de roupa branca, à direita da imagem, durante uma de suas viagens junto a Comissão Rondon.....	66
Figura 36 - Trajeto realizado por Hoehne em suas três viagens ao Mato Grosso (1908-1909, 1910-1912, 1913-1914).....	67
Figura 37 - Um recorte da publicação de Sampaio (1916, p. 19) no qual consta a descrição do itinerário das três viagens realizadas por Hoehne junto a Comissão Rondon.....	68
Figura 38 - Recorte da página do Jornal “O Estado de São Paulo” do dia 29 de fevereiro de 1924, na qual foi publicada a parte I dos registros da 9ª viagem de Hoehne, com destino a Minas Gerais.....	69
Figura 39 - Recorte da página do Jornal “O Estado de São Paulo” do dia 01 de março de 1924, na qual foi publicada a parte II dos registros da 9ª viagem de Hoehne, com destino a Minas Gerais.....	69
Figura 40 - Recorte da página do Jornal “O Estado de São Paulo” do dia 02 de março de 1924, na qual foi publicada a parte III dos registros da 9ª viagem de Hoehne.....	69
Figura 41 - <i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna. vista por Hoehne em Barra do Pirahy – RJ, durante sua 11ª viagem.....	71
Figura 42 - <i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer. vista por Hoehne na área rural do município de Itapira, SP.....	72
Figura 43 - <i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer., em Pouso Alegre, MG.....	72
Figura 44 - conjunto de árvores da espécie <i>Erythrina crista-galli</i> L., observadas por Hoehne em sua viagem à “Araucarilândia”.....	73

Figura 45 - Foto da espécie <i>Copaifera langsdorffii</i> Desf. presente nos relatos de Hoehne em sua 11ª viagem presente no fascículos I de “Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil” (HOEHNE, 1942).....	73
Figura 46 - <i>Copaifera langsdorffii</i> Desf., presente nos relatos da 12ª viagem de Hoehne publicados no fascículo III de “Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil” (HOEHNE, 1942).....	74
Figura 47 - A mesma espécie, <i>Copaifera langsdorffii</i> Desf., agora nos relatos da 13ª viagem de Hoehne, presente no fascículo II da publicação (HOEHNE, 1942)	74
Figura 48 - Uma plantação de Bracaatinca (<i>Mimosa scabrella</i> Benth.) – observada por Hoehne na área rural do município de Curitiba, Paraná.....	76
Figura 49 - Conjunto de <i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman. Popularmente chamado por Hoehne de “Jerivá” em Bertiooga - SP – “palmeira que abunda em todo o Brasil meridional” (HOEHNE, 1941, p. 60).....	78
Figura 50 - <i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos. Observada por Hoehne na estrada para Ubatuba, SP.....	78
Figura 51 - Mapa dos municípios percorridos por Hoehne em 16 viagens realizadas de 1908 a 1940.....	80
Figura 52 - Mapa das espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns com o Manual (2015) encontradas por Hoehne em suas viagens, localizadas por município, sobre os limites estaduais do Brasil de 1940.....	82
Figura 53 - Mapa das espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual (2015) e observadas por Hoehne em suas viagens e os biomas do Brasil.....	83
Figura 54 - <i>Vochysia tucanorum</i> Mart. conhecida popularmente por Hoehne como Quaresmeira do Rio e atualmente como Pau-de-tucano.....	89
Figura 55- <i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn., a quaresmeira, localizada próximo à Diretoria do Jardim Botânico de São Paulo.....	90
Figura 56 - <i>Erythrina crista-galli</i> L., conhecida popularmente como crista de galo ou corticeira, localizada atrás das estufas e próximo ao Museu Botânico do Jardim Botânico de São Paulo.....	90
Figura 57 - O manacá-da-serra, <i>Tibouchina mutabilis</i> Cogn., localizada na entrada do Jardim Botânico de São Paulo, próxima à portaria.....	91
Figura 58 - <i>Eugenia brasiliensis</i> Lam., a grumixama, localizada atrás da diretoria do Jardim Botânico de São Paulo, próxima à portaria.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Identificação dos “capítulos” do livro “Arborização Urbana” (1944a)	19
Tabela 2 - Sobre a largura de ruas que devem ou não ser arborizadas, de acordo com o livro “Arborização Urbana” (1944a)	22
Tabela 3 - Espécies que devem ser usadas de acordo com a quantidade de fileiras.....	23
Tabela 4 - Origem das espécies do livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a) segundo a base de dados online Flora do Brasil 2020 em construção	34
Tabela 5 - Espécies indicadas por Hoehne no livro “Arborização Urbana” de 1944a e presentes no “Manual Técnico de Arborização Urbana” de 2015.....	39
Tabela 6 - Espécies indicadas por Hoehne de acordo com as regiões do Brasil (IBGE, 2004)	45
Tabela 7 - Comentários de Hoehne a respeito das espécies que observara em ambiente urbano	47
Tabela 8 - Instituições onde Hoehne atuou e lista de espécies presentes em cada instituição	49
Tabela 9 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944a) comuns ao Manual atual (2015), presentes no “Índice bibliográfico das plantas colhidas pela Comissão Rondon, nos anos de 1908-1923” (HOEHNE; KUHLMANN, 1951).....	51
Tabela 10 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944a) comuns ao Manual (2015), presentes no Horto Oswaldo Cruz, no período que foi administrado por Hoehne	53
Tabela 11 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944a) comuns ao Manual atual (2015), presentes no Horto do Museu Paulista.....	55
Tabela 12 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual atual (2015) e presentes no Jardim Botânico de São Paulo.....	59
Tabela 13 - Viagens realizadas por Hoehne até o ano de 1943, documentos onde foram publicados e onde constam as respectivas listas de espécies	63
Tabela 14 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual atual (2015) e observadas por Hoehne em sua 11ª viagem tendo como destino os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.....	71
Tabela 15 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual atual (2015) e observadas por Hoehne em sua 12ª viagem com destino aos estados de Minas Gerais e São Paulo	71
Tabela 16 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944a) observadas por Hoehne em sua 13ª viagem aos estados da região Sul do país.....	72
Tabela 17 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual atual (2015) e observadas por Hoehne em sua 14ª viagem pelo litoral brasileiro, de São Paulo até Santa Catarina.....	75
Tabela 18 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual atual (2015) e observadas por Hoehne em sua 16ª viagem a Ubatuba e Bertioga, no litoral paulista	77

Tabela 19 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual (2015) e observadas por Hoehne de sua 1ª à 16ª viagem	81
Tabela 20 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns com o Manual (2015) vistas por Hoehne de sua 1ª à 16ª viagem e os biomas a que pertencem.....	83
Tabela 21 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual (2015) e abordadas em artigos publicados por Hoehne em jornais e revistas	85
Tabela 22 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual (2015) que apresentam comentários de Hoehne sobre a sua presença na arborização urbana de São Paulo	85
Tabela 23 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944a) comuns ao Manual (2015) e presentes no repertório vegetal da arborização da cidade de São Paulo no início do século XX	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Relevância e justificativa da pesquisa.....	11
Objetivos.....	11
Metodologia	12
 CAPÍTULO 1. O livro “Arborização Urbana” (1944a) de Frederico Carlos Hoehne ...	17
1.1 Por que arborizar com espécies nativas?	19
1.2 Como arborizar	22
1.3 Sistematização dos dados sobre as espécies indicadas	27
1.3.1 Tabela com informações sobre as 419 espécies	28
1.3.2 Dados extraídos a partir da tabela.....	32
 CAPÍTULO 2. O livro Arborização Urbana (1944a) e o Manual Técnico de Arborização Urbana de São Paulo (2015).....	37
2.1. O Manual Técnico de Arborização Urbana (2015) e a sistematização de dados sobre as espécies indicadas.....	37
2.2. As espécies comuns entre o livro Arborização Urbana (1944a) e o Manual (2015)...	39
2.2.1 Origem e ocorrência das espécies	43
2.2.2 Locais indicados para plantio	46
2.2.3 Espécies observadas por Hoehne no ambiente urbano.....	46
 CAPÍTULO 3. Investigação sobre a procedência das espécies indicadas por Hoehne no livro “Arborização Urbana” comuns ao Manual (2015).....	49
3.1. Nos hortos botânicos	49
3.2. Nas viagens	63
3.2.1 As viagens nos mapas	79
3.3. Outras referências	84
3.4. Repertório vegetal utilizado em São Paulo no início do Século XX	85
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92
Fontes documentais	92
Fontes bibliográficas.....	94
Bases de dados online.....	97

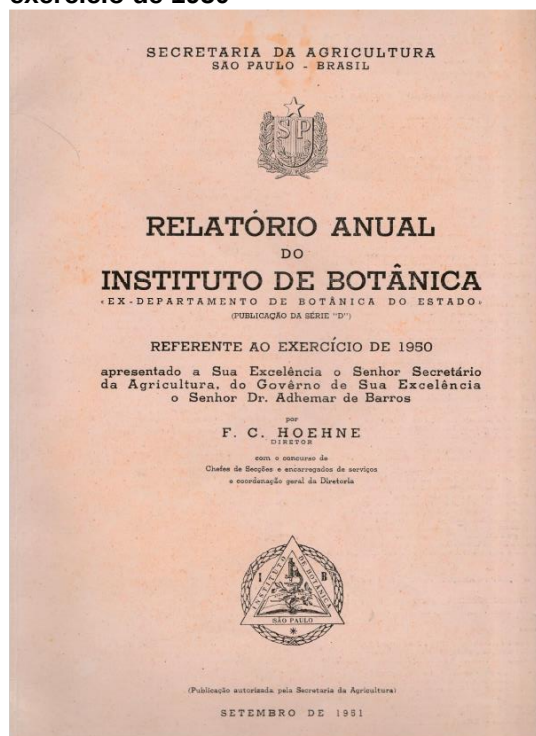
APÊNDICES	98
APÊNDICE I	99
APÊNDICE II	158
APÊNDICE III	164
APÊNDICE IV	168

INTRODUÇÃO

Importante cientista brasileiro do século XX, Frederico Carlos Hoehne (1882-1959) foi um botânico autodidata com grande atuação no campo das ciências naturais no Brasil. Ficou conhecido por sua paixão por orquídeas, por ter descoberto e descrito inúmeras delas, e também por sua dedicação em defesa das questões ambientais. Fundou e dirigiu hortos e foi o idealizador do atual Jardim Botânico de São Paulo. Sua produção é vasta, fruto de longos anos de experiência trabalhando em órgãos públicos e realizando expedições pelo país em busca de conhecimento a respeito da flora nativa. Nesse sentido, deixou também uma grande contribuição para o campo do Paisagismo.

Como consequência de “insistentes e reiterados pedidos de pessoas conhecidas, e amigas, bem como de editores de dicionários bibliográficos” (HOEHNE, 1951, p. 65), e a fim de registrar informações sobre sua trajetória, Hoehne escreve e publica no ano de 1951 sua autobiografia (HOEHNE, 1951). Esta publicação contém importantes acontecimentos de sua vida, ideias que embasavam seu trabalho, sua trajetória profissional nos órgãos públicos nos quais serviu, e a sistematização de sua produção até então. Com base nesta publicação, serão expostos a seguir alguns dados biográficos do autor.

Figura 1 - Capa do Relatório Anual do Instituto de Botânica de 1951, referente ao exercício de 1950



Fonte: HOENE, 1951

Figura 2 – Autobiografia de Hoehne, página 63 a 156 do Relatório de 1951



Fonte: HOENE, 1951

Hoehne, o sétimo de dez filhos do casal imigrante da Prússia, Augusto Hoehne (1846-1926) e Elisabeth Reink (1851-1917) (MOLINA, 2016, p. 90), desde criança mostrou

grande interesse pela vida no campo e por observar os fenômenos da natureza (HOEHNE, 1951). Seu interesse pelo estudo das *Orquidaceas* surge graças ao orquidário que existia no sítio onde nasceu e vivia com sua família, em Juiz de Fora, Minas Gerais. No seu aniversário de oito anos, seu pai presenteou-o com sua primeira orquídea, e

[...] desde então F.C. Hoehne começou a organizar o seu orquidário particular num recanto pitoresco do sítio. Ali passava as horas de folga arrumando rochas, plantando palmeiras e pendurando tocos e cestas de sarrafos contendo espécimes que ia buscar nas matas próximas. Assim lançou-se o alicerce para o interesse para a botânica (HOEHNE, 1951, p. 67).

Hoehne seguiu seus estudos na escola básica, e com o tempo foi aumentando sua coleção de plantas. Porém, por não existirem naquele tempo “universidades e muito menos faculdades de filosofia e ciências [...] o recurso único que restou ao moço foi tentar a continuação dos seus estudos pelo processo de autodidaxia” (HOEHNE, 1951, p. 68), para isso, “livros foram [...] mandados buscar por intermédio de livrarias do Rio de Janeiro, cujo texto, apesar de alemão, se tornou de maior utilidade” (HOEHNE, 1951, p. 68). Hoehne começou a organizar sua biblioteca particular e sempre que, financeiramente, era possível, mandava “vir livros da Alemanha, Suécia, França e Estados Unidos” (HOEHNE, 1951, p. 153). Assim, foi se tornando um botânico autodidata. Hoehne relata que após ter começado a publicar alguns trabalhos sobre a flora brasileira, trocava-os com publicações de especialistas de outras partes do mundo, que estudavam os mesmos grupos de plantas (HOEHNE, 1951). Sua biblioteca foi se enriquecendo atingindo, no ano em que escreveu sua autobiografia, “cerca de 1.200 volumes encadernados de muitos folhetos, opúsculos e separatas em brochura” (HOEHNE, 1951, p. 154), que tratavam

[...] essencialmente de Botânica sistemática, ecologia vegetal, fitogeografia, matéria médica, biografias de fitologistas, dicionários de botânica, viagens de naturalistas botânicos; religião e etnografia (HOEHNE, 1951, p. 154).

O botânico expressa sua gratidão, agradecendo àqueles especialistas que lhe tornaram acessíveis os recursos bibliográficos, sem os quais teria sido “difícil, talvez impossível” elaborar seus trabalhos (HOEHNE, 1951, p. 154).

Sua filha conta em uma entrevista presente na dissertação de Molina (2016), que Hoehne sempre foi muito “sistemático [...] muito organizado, tinha tudo no lugar certo” (MOLINA, 2016, p. 100) e, também, era muito inteligente, possuidor de ótima memória e do domínio sobre várias línguas:

Aprendera alemão em casa, com os pais, português na escola, inglês com uma professora ainda em Juiz de Fora [...]. Suas descrições botânicas eram em latim, como as de Martius e Lineu que eram seus exemplos (MOLINA, 2016, p. 96).

De acordo com os relatos da filha de Hoehne, as “plantas sempre foram seu interesse principal” (MOLINA, 2016, p. 98), e que promovia reformas na casa apenas para servi-las. Mas seu segundo maior interesse era a igreja. Desde sua juventude “estudava muito a bíblia e todos os livros que podia obter sobre religião e teologia” (MOLINA, 2016, p. 97). Nos anos 1930 fundou a Associação das Escolas Dominicais das igrejas evangélicas de São Paulo e, por décadas, dirigiu a Escola Dominical da Igreja Metodista Central, na mesma cidade. Sua filha conta que aos domingos

[...] papai, mamãe e os filhos iam de manhã para a igreja Metodista, almoçavam depois em algum lugar ou faziam piquenique no Parque do Jabaquara, no Jardim da Luz ou onde fosse mais conveniente. Visitavam então à tarde outras igrejas, voltando às vezes ainda para o culto da noite na igreja Central (MOLINA, 2016, p. 97).

Figura 1 – Hoehne em frente ao orquidário do Instituto de Botânica, no Jardim Botânico de São Paulo



Fonte: ACOSTA *et al*, 2016

Aos 25 anos inicia sua carreira no Rio de Janeiro. Indicado pelo Presidente da Câmara Municipal de Juiz de Fora, Dr. Duarte de Abreu, amigo de seu pai, e amigo também de João Baptista de Lacerda, Diretor do Museu Nacional, Hoehne é convidado para

assumir a vaga de “Jardineiro-Chefe” da instituição, no ano de 1907. Hoehne menciona como importante cooperador de seu trabalho, no período em que esteve no Museu Nacional, um dos funcionários que muito conhecimento possuía sobre a Quinta da Boa Vista, e que havia trabalhado com o paisagista francês Auguste François-Marie Glaziou, o senhor Henrique da Silva. Em sua autobiografia, Hoehne (1951, p. 154) escreve que “O Sr. Henrique muito lhe contou de Glaziou e de Ridel e como eles trabalhavam”.

O botânico destaca também seu relacionamento, na época, com o Dr. Alipio de Miranda Ribeiro, Secretário¹ do Museu Nacional, de quem tornou-se “amigo para toda a vida” (HOEHNE, 1951, p. 70), e que, desde o início de sua carreira, “foi sempre incansável no recomendar, estimular e orientar” (HOEHNE, 1951, p. 70). Foi Miranda Ribeiro quem aconselhou Hoehne a estudar e aprender a “colher e preparar material de plantas” (HOEHNE, 1951, p. 70), “e de quando em quando lhe pedia que conseguisse a classificação de uma erva, arbusto ou árvore, para poder avaliar o progresso que nos estudos estava fazendo” (HOEHNE, 1951, p. 70).

Poucos meses depois de iniciar seu trabalho como jardineiro, ele e alguns pesquisadores do Museu foram indicados por Alipio Miranda Ribeiro a participar da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, também conhecida como Comissão Rondon, por ter como chefe o então Major Cândido Mariano da Silva Rondon (HOEHNE, 1951). O Dr. Miranda Ribeiro combinara com o Major

[...] a organização de uma missão civil de naturalistas, que seria anexada à referida militar, para, junto a ela, na mesma região, fazer o estudo da história natural, na medida que o desbravamento fosse sendo levado a efeito. Nessa comissão civil seriam colocados: um etnólogo, um geólogo, um botânico e um zoólogo e a este último tinha sido atribuída a incumbência de consegui-los” (HOEHNE, 1951, p. 70).

Ao ser indicado pelo Secretário do Museu Nacional, Hoehne saiu em sua primeira expedição, junto à Comissão, no ano de 1908. Segundo Sá **et al.** (2008, p. 790), este foi “um empreendimento marcante que o projetaria como botânico profissional perante a sociedade científica brasileira e internacional”.

Regressando em 1909, sua próxima expedição como botânico da Comissão Rondon seria no período de 1910 a 1912, retornando ao Mato Grosso para dar continuidade aos trabalhos (HOEHNE, 1951), e desta vez

[...] levou consigo dois cunhados: Hermano e Geraldo Kuhlmann, o primeiro para ficar incumbido da administração dos acampamentos de tropa e o segundo para auxiliar na colheita e preparo de material, a fim de ter ensejo também de se dedicar à botânica (HOEHNE, 1951, p. 72).

¹ Nome do cargo exercido por Miranda Coelho segundo Hoehne (1951).

De 1913 a 1914, Hoehne participou da expedição Roosevelt-Rondon, que contava com a presença do então presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt. Como resultado de seu trabalho, nomeou 58 novas espécies de plantas colhidas durante suas viagens com a Comissão (NOMURA, 2010). Posteriormente, Hoehne retornou ao Museu Nacional, onde permaneceu até 1917.

O botânico deu continuidade às excursões botânicas, cujo grande diferencial eram os percursos que abrangiam tanto as paisagens rurais como as urbanas, descrevendo-as não só em relação às espécies vegetais presentes, mas também sobre as transformações das áreas agrícolas e das matas, das grandes obras em curso e sobre a inserção do urbano na paisagem. Em sua autobiografia (HOEHNE, 1951, p. 74) consta um total de 15 excursões, por ele denominadas “viagens”, realizadas pelo Brasil até o ano de 1948.

Segundo Franco e Drummond (2009), Hoehne pertence a uma geração posterior ao primeiro grupo de cientistas estrangeiros que vieram para o Brasil e trabalharam pela preservação da natureza. O grupo de cientistas brasileiros que incluía Hoehne seguiu com as mesmas preocupações de seus precursores, porém, dentro de uma perspectiva nacionalista, face ao contexto de afirmação de uma identidade nacional, pós-Proclamação da República.

Com relação à História da Botânica no Brasil, durante a primeira metade do século XIX ocorreram expedições científicas estrangeiras realizadas por naturalistas-viajantes que vinham para o Brasil e “retornavam aos seus países de origem com espécimes da flora e fauna brasileira” (ENOKIBARA, 2016, p. 107). Deste grupo faziam parte o botânico austríaco Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), que veio para o Brasil juntamente com a comitiva da Imperatriz Leopoldina, e o botânico francês Auguste François Cesar Provençal de Saint-Hilaire (1779-1853), que veio comissionado pelo governo francês (ENOKIBARA, 2016). Martius, no início do século XIX, segundo Silva (2010), fez expedições pelo Brasil registrando a nossa flora, e começou a escrever a obra “*Flora Brasiliensis*”, finalizada em 1906. Segundo Hoehne, a publicação dos 40 volumes da *Flora Brasiliensis* só foi possível graças ao trabalho de muitos outros botânicos e colecionadores que trabalharam no Brasil, reunindo o material necessário para dar continuidade aos estudos de Martius (HOEHNE, 1922). Em *A Flora do Brasil* (HOEHNE, 1922), Hoehne apresenta uma organização de biografias dos principais botânicos que contribuíram para a elaboração do *Flora Brasiliensis*, biografias estas que “em 1941, no livro: ‘O Jardim Botânico de S. Paulo’, foi mais ampliada” (HOEHNE, 1951, p. 111).

Esta obra posteriormente inspirou Hoehne, que “tinha como a sua maior ambição editar uma obra de peso, nos moldes da ambiciosa *Flora Brasiliensis*, de Martius” (FRANCO; DRUMMOND, 2005, p. 8), almejando sua atualização. O próprio botânico

escreveu na década de 1920 que “no Brasil, por muitos anos ainda, a Botânica não terá outro mister senão classificar, catalogar e recensear a sua flora; é este trabalho preliminar, a base para todas as demais pesquisas” (HOEHNE, 1922, p. 100). Hoehne publicou vários volumes desse trabalho, intitulado “Flora Brasílica” (FRANCO; DRUMMOND, 2005). Iniciada em 1940, foi publicado um total de 12 fascículos até o ano de 1968, tendo sido os três últimos publicados após a sua morte. Os fascículos 7, 9, 11 e 12 não são de sua autoria, tendo como autores: C. Epling. e J. F. Toledo - Fascículo 7; Philip A. Muniz e Cornell University - Fascículo 9; Hermann Nessel - Fascículo 11; e Lyman B. Smith, Smithsonian Institute Washington e Robert - Fascículo 12.

Em um período posterior, correspondente ao final do século XIX e começo do XX, alguns brasileiros já começam a participar de viagens semelhantes às de Martius e Saint-Hilaire.

A primeira delas [...], representou um marco no processo de institucionalização das ciências naturais no país. Trata-se da Imperial Comissão Científica ou Comissão Científica de Exploração, realizada de 1859 a 1861 com o objetivo de explorar uma província ainda pouco conhecida, o Ceará (KURY, 2009 apud ENOKIBARA, 2016, p. 109).

Segundo Lopes (2009 apud ENOKIBARA, 2016), esta expedição foi presidida pelo botânico e médico brasileiro Francisco Freire Allemão de Cysneiros (1797-1874) e “ao contrário das expedições estrangeiras, onde todo material coletado era levado para o exterior, nesta, todo material ficaria no Museu Imperial” (ENOKIBARA, 2016, p. 109).

Freire Allemão, assim como outros naturalistas brasileiros e, ainda, os estrangeiros que começaram a permanecer no país, se destacou no fim do século XIX. Entre alguns nomes podemos citar o zoólogo alemão Hermann Albrecht Friedrich von Ihering (1850-1930), o naturalista e botânico sueco Johan Albert Constantin Löfgren (1854-1918) e o paisagista francês August François-Marie Glaziou (1828-1906) (ENOKIBARA, 2016). Neste período as questões ambientais já se destacavam entre os naturalistas, que observavam a “rapidez com que estavam sendo consumidas as florestas nativas” (ENOKIBARA, 2016, p. 114).

Frederico Carlos Hoehne, juntamente com Alberto José Sampaio, Armando Magalhães Corrêa e Cândido de Mello Leitão, segundo Franco e Drummond (2009), fazem parte de uma nova geração de cientistas brasileiros do início do século XX. Tratava-se de “uma geração mais nova de cientistas, funcionários públicos e ativistas [que] desempenhou um papel importante no surgimento do moderno ambientalismo brasileiro” (FRANCO; DRUMMOND, 2009, p. 15). Além disso tinham a certeza de que

[...] lhes competia uma responsabilidade na construção da identidade nacional e na organização das instituições do Estado. Eles exerceram influência sobre a formulação de políticas e instituições. Tiveram uma atuação intensa que contribuiu para a afirmação de novas representações sobre a esfera política e sobre a identidade do país (FRANCO; DRUMMOND, 2009, p. 16).

Este pensamento se refletiu na realização da Primeira Conferência de Proteção à Natureza, no ano de 1934, na cidade do Rio de Janeiro (FRANCO, 2002). Organizada pela Sociedade dos Amigos das Árvores (fundada em 1931), a Conferência “contou com forte apoio e infraestrutura do Museu Nacional, sendo Alberto José Sampaio, botânico e professor desta instituição, o seu relator” (FRANCO, 2002, p. 78). A realização da Conferência indicava

[...] a existência de uma maior veiculação da questão da proteção à natureza entre a opinião pública, que por meio da atuação de uma série de entidades da sociedade civil, pressionava no sentido de uma política mais efetiva por parte do governo (FRANCO, 2002, p. 79).

Relacionar proteção ambiental com a construção da identidade nacional, vem de uma perspectiva romântica, muito presente nas ideias de Hoehne, na qual “a nacionalidade é fruto da convergência entre a história de um povo e o seu ambiente natural” (FRANCO; DRUMMOND, 2009, p. 59). Por isso

A natureza era também relacionada com a questão da identidade nacional, uma vez que, por sua riqueza, diversidade e beleza, ela criava laços afetivos entre o indivíduo e o seu solo natal. Defendia-se a necessidade de um Estado interventor que garantisse o equilíbrio entre o progresso e a manutenção do patrimônio natural, por meio de leis, vigilância e punição dos infratores e, principalmente, pela conscientização sobre a importância da proteção à natureza. Cobrava-se do Estado que fosse o principal sujeito na manutenção de um vínculo orgânico e harmônico entre a natureza e a sociedade, que representasse e catalisasse a tomada de consciência sobre a nacionalidade (FRANCO; DRUMMOND, 2009, p. 55).

De acordo com Duarte (2010) “conhecer e amar sua vegetação, sua fauna [...] apresentava-se como condição *sine qua non* para o desenvolvimento do amor à Nação” (DUARTE, 2005 apud SILVA, 2010, p. 34). Por isso, para este grupo de intelectuais “era a própria riqueza natural do território brasileiro, que precisava ser conhecida, promovida e protegida como substrato da desejada identidade nacional” (FRANCO; DRUMMOND, 2009, p. 16). Havia um conjunto de

[...] valorização ética e estética ligadas ao romantismo, preocupações científicas com o patrimônio natural e, ao mesmo, a natureza como meio

para o desenvolvimento e construção da nação e amalgama para a identidade (FRANCO, 2002 apud MARTINS, 2014, p. 27).

O contexto político era também favorável a essas discussões, uma vez que se tratava de uma época de comemorações pelos 100 anos de Independência do Brasil, proclamada em 1822, às margens do riacho do Ipiranga, em São Paulo. Neste contexto “se promovia a valorização do ‘nacional’ e também do ‘paulista’ em todos os setores da vida e da cultura urbana” (GUARALDO, 2002, p. 65), concentrando, principalmente na cidade de São Paulo, “as atenções da municipalidade e da sociedade em torno da comemoração do Centenário da Independência” (GUARALDO, 2002, p. 66). O cenário

[...] político-intelectual brasileiro nas décadas de 1920-1940 definia-se por um intenso nacionalismo, aliado ao desejo de modernização das sociedades e das instituições do Estado. Diversos temas foram objeto de debate no período: o trabalho, a indústria, a educação, a saúde, o arcabouço jurídico-institucional, as manifestações culturais, o patrimônio histórico e a proteção à natureza (FRANCO; DRUMMOND, 2009, p. 25).

Segundo Amaral (1970, p. 15), também no início do século, “uma euforia invadia os jovens intelectuais brasileiros, contagiados de entusiasmo com as festas do Centenário da Independência em preparo pelo governo Epitácio Pessoa”. No campo das artes, “um grupo inquieto, movido pela exaltação do Brasil diante do futuro, começa a se formar depois da exposição de Anita Malfatti em 1917-18, eclodindo em manifestação em 1922” (AMARAL, 1970, p. 15). A Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922 em São Paulo, segundo Amaral (1970), foi um marco na arte brasileira, fruto de uma consciência nacionalista que se propôs a “descer às raízes para buscar o fundo de brasilidade impresso como caráter” nas obras de arte, algo que se evidencia com a pintura de Tarsila do Amaral, em 1923 (AMARAL, 1970, p. 219). No entanto, segundo a autora, a problemática nacionalista é despertada primeiramente na literatura, com Euclides da Cunha, para posteriormente chegar nas artes (AMARAL, 1970). Euclides da Cunha (1866-1909)

[...] viajando de trem pelo interior de São Paulo no início do século XX como Superintendente de Obras Públicas do Estado, descreve nos poemas Fazedores de desertos (1901) e Entre ruínas (1904) a transformação da paisagem ao longo dos trilhos que sucessivamente deixavam um lastro de terras inférteis, desnudas e abandonadas no Vale do Paraíba (referindo-se às primeiras décadas do século XIX) e a marcha do desmatamento que prosseguia em direção ao oeste paulista (ENOKIBARA, 2016, p. 114).

Poucas décadas depois, ainda no campo da literatura, Monteiro Lobato (1882-1948), contemporâneo a Hoehne, também “comentou a velocidade com que a floresta nativa era eliminada e uma paisagem homogênea [era] colocada em seu lugar” (DEAN,

1996, p. 260). Lobato produziu grande parte de suas publicações com temáticas voltadas à valorização nacional, às lendas e ao folclore brasileiro. Sempre envolvido com questões de cunho nacionalista, chegou inclusive a escrever o prefácio do “Guia Botânico da Praça da República e do Jardim da Luz” (USTERI, 1919) e a acompanhar Hoehne em uma excursão, em 1928, com destino a Iguape, São Paulo (HOEHNE, 1951, p. 75).

Neste contexto surgiam as “preocupações com a proteção de um patrimônio natural vasto, tanto do ponto de vista da utilidade econômica quanto daquele da fruição estética” (FRANCO; DRUMMOND, 2009, p. 26), uma vez que

A primeira metade do século XX testemunhara o cerco final da Mata Atlântica. A expropriação privada de todo o território estava concluída. Povos tribais e sertanejos que haviam vivido, se não exatamente como protetores da floresta, pelo menos em equilíbrio temporário com ela, estavam reduzidos a trabalhar para aqueles cuja intenção era eliminá-la. A civilização urbana e industrial havia triunfado – seus tentáculos se espalhavam por toda parte, sua ânsia por combustível, madeira e outros recursos florestais se estendia por toda a Mata Atlântica. A floresta, ainda que reduzida a faixas cada vez menores, aumentava de valor à medida que essas demandas se tornavam mais insistentes (DEAN, 1996, p. 278).

As discussões evoluíram a tal ponto que

O governo Vargas decretou, entre maio de 1933 e outubro de 1934, a conselho de Sampaio, Hoehne, Andrade e outros conservacionistas, uma série de códigos regulamentando expedições científicas, uso da água, minas, caça e pesca e florestas (DEAN, 1996, p. 275).

É como fruto desse contexto que Hoehne desenvolveu seus trabalhos e sustentou suas ideias ao longo de sua carreira, iniciada em 1907 no Museu Nacional do Rio de Janeiro e que teve continuidade em São Paulo, onde chegou no ano de 1917.

Este ano marcou uma nova fase na vida profissional de Hoehne. Como atestam Franco e Drummond (2009), foi no Estado de São Paulo que o botânico consolidou sua carreira estando à frente de importantes instituições de pesquisa. Em 1917 Hoehne foi contratado para “criar nos terrenos de Butantã o Horto Oswaldo Cruz, destinado ao cultivo e estudo de plantas medicinais e tóxicas” (HOEHNE, 1951, p. 73), e também a Seção Botânica. Naquele período Hoehne teve seu primeiro auxiliar, a quem cita com gratidão por sua cooperação, Sr. Augusto Gehrt. Embora pouco letrado, o auxiliar “tornou-se ‘botânico-prático’ que, sem auxílio de livros, conservava de memória as características principais de centenas de espécies e distinguia com a mesma facilidade gêneros e famílias” (HOEHNE, 1951, p. 154).

O Horto foi inaugurado oficialmente em 1918 como Horto Oswaldo Cruz, homenagem feita ao sanitarista de mesmo nome (OLIVEIRA; MENDONÇA; PUORTO,

2005). Desde então, a Seção Botânica também assumiu a direção da Estação Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba (HOEHNE, 1937, p. 12).

O botânico permaneceu no Instituto Butantã até 1923, quando a Seção Botânica foi transferida para o Museu Paulista, instituição a qual ficou subordinado até o ano de 1928, quando passou a chefiar a “Seção Botânica e Agronomia” do Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal (HOEHNE, 1951). No período em que esteve no Museu Paulista, Hoehne destacou a colaboração do senhor Joaquim Franco de Toledo como desenhista da Seção Botânica, o qual permaneceu como tal mesmo com a transferência ao Instituto Biológico (HOEHNE, 1951). O botânico destacou também a cooperação de Moysés Kuhlmann, “biologista de campo e de gabinete, que bons serviços prestou ao biografado e que, quando sob as suas ordens imediatas agiu e continua com eficiência” (HOEHNE, 1951, p. 155). Kuhlmann também foi contratado “quando a seção botânica estava subordinada ao Museu Paulista”, e continuou trabalhando com Hoehne até chegar ao cargo de “chefia da Seção de Cadastro Florístico e Fitofisionomia do Instituto de Botânica” (HOEHNE, 1951, p. 155).

Em 1938 Frederico Carlos Hoehne fundou o Jardim Botânico de São Paulo (HOEHNE et al, 1941) e, no mesmo ano, a repartição de Botânica, por ele chefiada, conquista autonomia com a criação do Departamento de Botânica do Estado, da qual é nomeado Diretor-Superintendente. Em 1942 o Departamento se tornou o Instituto de Botânica (HOEHNE, 1943 apud ROCHA; CAVALHEIRO, 2001), permanecendo sob a chefia de Hoehne até o ano de 1952, “quando, ao atingir a idade de 70 anos, recebeu aposentadoria compulsoriamente” (SILVA, 2010, p. 2).

Tendo em vista sua trajetória profissional, muito conhecimento foi produzido por Hoehne ao longo dos anos, e uma vasta produção científica tomou forma - desde os Relatórios oficiais das instituições onde trabalhou, até a publicação de “livretos e artigos para crianças” (HOEHNE, 1951, p. 107). De acordo com Molina (2016, p. 82), “o grande número de publicações de Hoehne, sobre diferentes assuntos [...] torna difícil uma exposição de tudo que foi escrito por esse autor”. Deste modo, apenas “uma equipe interdisciplinar de cientistas, pesquisando [...] Hoehne, pode fazer análises mais minuciosas sobre detalhes de sua atuação profissional e vida social” (MOLINA, 2016, p. 82). Molina (2016) sugere que estas análises poderiam ser feitas por meio de eixos temáticos, tendo como ponto de partida, por exemplo a temática da “educação ambiental para jovens”, ou ainda “a questão florestal” bem como o “paisagismo e urbanismo com plantas nativas” (MOLINA, 2016, p. 83).

Dentre os autores que estudaram a vida e obra de Frederico Carlos Hoehne, destacam-se José Luiz de Andrade Franco e José Augusto Drummond (2005a; 2005b; 2009), que possuem diversas publicações apresentando o botânico por uma perspectiva histórica quanto a sua importância para a preservação da natureza. Ainda no contexto da

História das Ciências autores como Casazza (2011), (2017), Mello (2012), Cid (2009), Waltman (2008), Dean (1996), Carvalho (2010), Bandeira (2015), Rocha (2001), e Silva (2013) também abordam a atuação profissional de Hoehne. Nas Ciências Biológicas destacam-se os estudos de Zaher (2016), sobre a contribuição de Hoehne no Horto Oswaldo Cruz, e Bortolotto (2018) realiza estudos relativos as plantas alimentícias. Na Agronomia destaca-se a dissertação de Molina (2016) com estudos sobre a flora medicinal brasileira, e sobre a contribuição de Hoehne para o pensamento agroambiental (MOLINA, 2014). Até mesmo na área de Língua Portuguesa a obra de Hoehne já foi estudada: Silva (2010) realizou uma pesquisa sobre “Aspectos da língua em uso nos relatórios do Instituto de Botânica (1940-1955)”, período em que o Instituto estava sob a direção de Hoehne.

Muitos autores trabalharam a vida e obra do botânico sob diferentes óticas e áreas do conhecimento, desde a História das Ciências até a Linguística, porém não ainda sob o viés do Paisagismo, mais especificamente da arborização urbana com espécies nativas, tema que tangencia várias de suas publicações, chegando a um livro que tem como título a própria temática. O livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a) é fruto de grande parte da carreira já trilhada por Hoehne, exprimindo uma vida de construção do conhecimento por meio de suas observações e experiências como botânico. Este livro, que na época de sua publicação foi enviado “a todas as Prefeituras do Brasil [e solicitado por países como] Austrália, Nova Zelândia e África do Sul” (HOEHNE, 1951, p. 153), é o principal objeto de estudo da presente dissertação.

Relevância e justificativa da pesquisa

No que diz respeito às pesquisas sobre espécies nativas indicadas pelo botânico Frederico Carlos Hoehne para a arborização urbana, apenas um trabalho foi encontrado. Na área de Arquitetura e Urbanismo, em um projeto de Iniciação Científica, a arquiteta Jéssica Rodrigues Tiseo (TISEO, 2014) sistematizou as informações sobre as espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a) em forma de fichas e tabelas. Porém, ainda não foram realizadas investigações como se propõe fazer na presente pesquisa, ou seja, buscando analisar de maneira mais detalhada as espécies indicadas por Hoehne, relacionando-as com todo o trabalho realizado pelo botânico ao longo de sua carreira.

Objetivos

O principal objetivo desta pesquisa é mostrar a atualidade da contribuição de Frederico Carlos Hoehne no que diz respeito às espécies de árvores nativas indicadas para arborização urbana. Para tal, tem-se como objetivos específicos:

→ Verificar quais espécies indicadas no livro *Arborização Urbana* (HOEHNE, 1944a) estão presentes no mais atual manual de arborização de São Paulo, o *Manual Técnico de Arborização Urbana de São Paulo* (SÃO PAULO, 2015).

→ Investigar a procedência das indicações de Hoehne, ou seja, onde o botânico teve contato com as espécies, uma vez que o autor mencionava que muitas das indicadas ainda não haviam sido ensaiadas.

→ Elaborar mapas que permitam a visualização da abrangência geográfica do trabalho do botânico no que diz respeito aos municípios brasileiros e também aos biomas percorridos em suas viagens e coletas.

Metodologia

Para analisar a atualidade da contribuição do botânico Frederico Carlos Hoehne, no que diz respeito às espécies de árvores nativas indicadas para arborização urbana, nesta pesquisa se utilizou como referência seu livro “*Arborização Urbana*”, publicado em 1944, como resultado de seu trabalho de longos anos. A metodologia utilizada foi dividida em etapas, apresentadas nos tópicos a seguir.

1ª ETAPA – Sistematização das informações sobre as espécies do livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a)

- Primeiramente as espécies indicadas por Hoehne em seu livro “*Arborização Urbana*” (1944a) foram organizadas em uma tabela com o objetivo de extrair e comparar informações. Para tal, foi utilizado o *software* Excel do Pacote *Microsoft Office* 2013. A tabela contou com 14 colunas: Coluna 1 - número sequencial das espécies; Coluna 2 - número sequencial das espécies listadas por Hoehne; Coluna 3 - página do livro onde se encontra a espécie; 4 – família a que pertence a espécie em questão; 5 - nome científico de acordo com o livro; 6 – nome científico atualmente aceito; 7 - nome popular da espécie; 8 – porte da planta; 9 - utilização; 10 - ocorrência; 11 – origem (de acordo com a base de dados *online* “*Flora do Brasil 2020*”); 12 - número da espécie na ficha do Jardim Botânico de São Paulo; 13 - situação da espécie (introduzida, implantada, ensaiada ou cultivada); e a Coluna 14 - observações gerais. A tabela aparece como Apêndice I, e as informações extraídas da mesma foram trabalhadas no Capítulo 1 da dissertação.

2ª ETAPA – Verificação das espécies em comum entre o livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a) e o “Manual Técnico de Arborização Urbana” de São Paulo (SÃO PAULO, 2015)

- Para verificar as espécies comuns entre o livro *Arborização Urbana* (1944a) e o Manual (2015) foi realizada, primeiramente, a atualização do nome científico das espécies utilizando o banco de dados disponível online *The Plant List* (2010 onwards). Os nomes atualizados foram inseridos na 6ª coluna da tabela Excel (Apêndice I).
- As espécies indicadas no Manual Técnico de Arborização Urbana de São Paulo (SÃO PAULO, 2015) também foram organizadas em tabela Excel. A nomenclatura botânica utilizada já se apresentava atualizada (Apêndice II).
- O cruzamento das espécies do livro de Hoehne (1944a) com as espécies do Manual atual (2015) gerou uma terceira tabela, também em Excel. Na primeira coluna foi inserida a lista de nomes científicos atualizados das espécies indicadas por Hoehne no livro *Arborização Urbana* (1944a), e na segunda coluna a lista com os nomes científicos das espécies do Manual Técnico de Arborização Urbana de São Paulo (SÃO PAULO, 2015). Ao selecionar todas as espécies de ambas as colunas foi acionado no *software* a função “Formatação Condicional” (Página inicial – Formatação Condicional – Realçar Regra das Células – Valores Duplicados – Ok) deixando em destaque as espécies em comum entre as duas colunas. Nesta comparação foram identificadas 91 espécies em comum. Este material está presente no Capítulo 2 da dissertação.

3ª ETAPA – Informações sobre as 91 espécies comuns entre o livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a) e o “Manual Técnico de Arborização Urbana” de São Paulo” (SÃO PAULO, 2015) presentes nas excursões realizadas por Hoehne

Com o intuito de investigar o contato anterior que o botânico teve com as 91 espécies em comum com o manual atual, foi realizado o levantamento dos relatórios e documentos onde constam relatos das viagens (excursões botânicas) por ele realizadas.

- Em sua autobiografia, intitulada “Dados Autobio-Bibliográficos do Botânico F.C. Hoehne até 31-12-1950” (HOEHNE, 1951) consta a listagem de suas viagens e publicações. São listadas um total 15 viagens com informações sobre o local onde foram publicadas e o itinerário percorrido em cada uma delas (municípios).
- Iniciou-se então a busca pelas publicações sobre tais viagens, que se encontravam em Relatórios e publicações oficiais das instituições onde Hoehne trabalhou, vinculadas ao Governo do Estado de São Paulo. Estes documentos foram encontrados no Instituto de Botânica de São Paulo, onde foram pesquisados, tendo sido vários deles adquiridos.
- Por meio da leitura dos documentos foram encontradas 19 das 91 espécies em comum, localizadas em 19 municípios e 2 na região do Sul de Minas (HOEHNE, 1924a; 1924b; 1941; 1942a; 1942b; 1942c; 1942d;). Este material está presente no Capítulo 3 da dissertação.

4ª ETAPA – Produção de mapas localizando os municípios visitados durante as viagens, as espécies e os biomas aos quais pertencem

- **Mapa das viagens:** os municípios mencionados por Hoehne no itinerário de cada viagem foram também organizados em colunas em planilhas no Excel e posteriormente localizados no mapa do Brasil utilizando-se o “QGIS”, um *software* livre de Sistema de Informação Geográfica (SIG). A seleção dos municípios para a criação dos “*shape files*” (nome do formato do arquivo a ser trabalhado no QGIS – traduzido como “arquivos de forma”) de cada uma das viagens foi feita de acordo com a malha municipal de cada época, disponíveis para *download* no Portal de Mapas do IBGE (<https://portaldemapas.ibge.gov.br>).

- **Mapa das espécies nos municípios das viagens:** após a criação e sobreposição dos *shape files* de cada viagem já criados e sobrepostos foram pontuadas as 17 espécies vistas nos municípios, como constam nos relatos das viagens de Hoehne.

- **Mapa das espécies por bioma:** foi feita a sobreposição do *shape* das espécies ao dos Biomas do Brasil (também disponível para *download* no Portal de Mapas do IBGE), sendo possível verificar o bioma a qual pertence cada uma das 17 espécies pontuadas.

Material do Capítulo 3 da dissertação.

5ª ETAPA – Outras referências bibliográficas de Hoehne sobre as 91 espécies

Por meio da realização da etapa 2, foi possível verificar que Hoehne havia tido contato - em suas mais de 15 excursões realizadas - com 19 das 91 espécies. Porém, além dos relatos das excursões, outras publicações nos deram provas de seu contato com as espécies em outras situações.

- No próprio livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a) Hoehne fornece informações sobre o local de ocorrência de algumas espécies, em relação aos estados brasileiros. No livro ele tece comentários a respeito de 47 das 91 espécies, das quais 19 ele observou em áreas urbanas.

- Em sua Autobiografia (HOEHNE, 1951) o autor cita 8 artigos que publicou em jornais a respeito de 8 diferentes espécies que estão entre as 91. Entretanto, em apenas 5 artigos o autor faz referência ao local em que foram publicados. Este material está presente no item 3.3 da dissertação.

- No levantamento das espécies presentes em instituições que Frederico Carlos Hoehne fundou e/ou dirigiu:

1) Horto Oswaldo Cruz (Diretor de 1917 a 1923) – das 91, foram localizadas 11 – informação obtida por meio do artigo “Raízes do Paisagismo no Butantan: o Horto Oswaldo Cruz e a contribuição de F C Hoehne” (ZAHER; COSTA, 2016, p.121), onde consta como

Anexo um quadro com as “Espécies originalmente cultivadas na área do Horto Oswaldo Cruz”.

2) Horto do Museu Paulista (diretor de 1923 a 1927) – das 91 espécies, foram localizadas 18 – informação obtida por meio do cruzamento com as espécies do “Índice de nomes científicos” apresentado no fim da publicação “Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências” (HOEHNE, 1925).

3) Jardim Botânico de São Paulo (diretor de 1938 a 1952) – das 91 espécies, foram localizadas 49 espécies – informação obtida por meio dos códigos de identificação que aparecem em algumas espécies no próprio livro Arborização Urbana, que coincide com os códigos das espécies referidas no livro “O Jardim Botânico de São Paulo” (HOEHNE; KUHLMANN; HANDRO, 1941).

Este material foi trabalhado no Capítulo 3 da dissertação.

6ª ETAPA – Verificação sobre a utilização do repertório vegetal indicado por Hoehne na arborização urbana da cidade de São Paulo

No livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a) o autor tece comentários sobre 7 espécies que ele observou sendo utilizadas em São Paulo, como já mencionamos anteriormente. Além do livro, a tese de doutorado de Eliane Guaraldo (2002) foi a principal referência para aferir se o repertório vegetal indicado por Hoehne já se encontrava presente na arborização urbana da capital paulista nas primeiras décadas do século XX. Na sua tese a autora cita 10 das 91 espécies, que podem também ter sido usadas como referência para as indicações de Hoehne. Materiais trabalhados no Capítulo 3 da dissertação.

7ª ETAPA – Fontes secundárias para a revisão bibliográfica sobre a trajetória de Frederico Carlos Hoehne

Esta etapa foi desenvolvida desde o início desta pesquisa, paralelamente a sistematização das fontes primárias e organização dos dados. Grande parte das informações obtidas sobre a carreira e a produção científica de Hoehne teve como fonte sua autobiografia (HOEHNE, 1951). Os autores José Luiz de Andrade Franco e José Augusto Drummond também foram muito consultados, uma vez que apresentam a maior produção a respeito do botânico. Os autores apresentam Hoehne em uma perspectiva histórica quanto a sua importância para a preservação da natureza. Neste contexto destaca-se o capítulo do livro “Proteção à Natureza e Identidade Nacional do Brasil, anos 1920-1940” (FRANCO; DRUMMOND, 2009) dedicado inteiramente à Hoehne; o artigo “Frederico Carlos Hoehne: a atualidade de um pioneiro no Campo da proteção à natureza

do Brasil” (FRANCO; DRUMMOND, 2005a), e “Frederico Carlos Hoehne: viagem à Araucarilândia” (FRANCO; DRUMMOND, 2005b).

Ainda na área da História das Ciências, uma importante referência foi Dominichi Miranda de Sá, especificamente seus estudos sobre a Comissão Rondon, da qual Hoehne fez parte. Um dos trabalhos consultados foi seu artigo “Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915)” (SÁ *et al.*, 2008), bem como “O País das Amazonas e naturalistas brasileiros: a natureza amazônica nas viagens científicas da Comissão Rondon e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1907-1931)” (SÁ; CASAZZA, 2012). Outros autores também escreveram sobre a Comissão Rondon, mencionando a atuação de Hoehne como membro da mesma, entre eles: Kury e Sá (2017), Nomura (2010), Lima (2011), Siqueira *et al* (2016), Haag (2012), Drummond (2010).

Outras teses, dissertações e artigos, abordando Hoehne no contexto das ciências naturais das primeiras décadas do século XX, foram utilizados. Entre eles: Casazza (2017; 2011), Mello (2012), Cid (2009), Waltman (2008), Dean (1996), Carvalho (2010); Bandeira (2015), Rocha (2001). Também foram consultadas pesquisas cujos temas abrangiam mais especificamente o trabalho do autor, com diferentes recortes e em diferentes áreas do conhecimento. Nas Ciências Biológicas, no tocante às plantas alimentícias, o artigo de Bortolotto (2018); em Agronomia, a respeito da flora medicinal brasileira, a dissertação de Molina (2016), e sobre a contribuição de Hoehne para o pensamento agroambiental, o artigo de Molina (2014); em História, no tocante ao estudo das orquídeas, a tese de Silva (2013); e na área de Língua Portuguesa, uma dissertação de Silva (2010), na qual a autora trabalha “Aspectos da língua em uso nos relatórios do Instituto de Botânica (1940-1955)” que, na época, era dirigido por Hoehne.

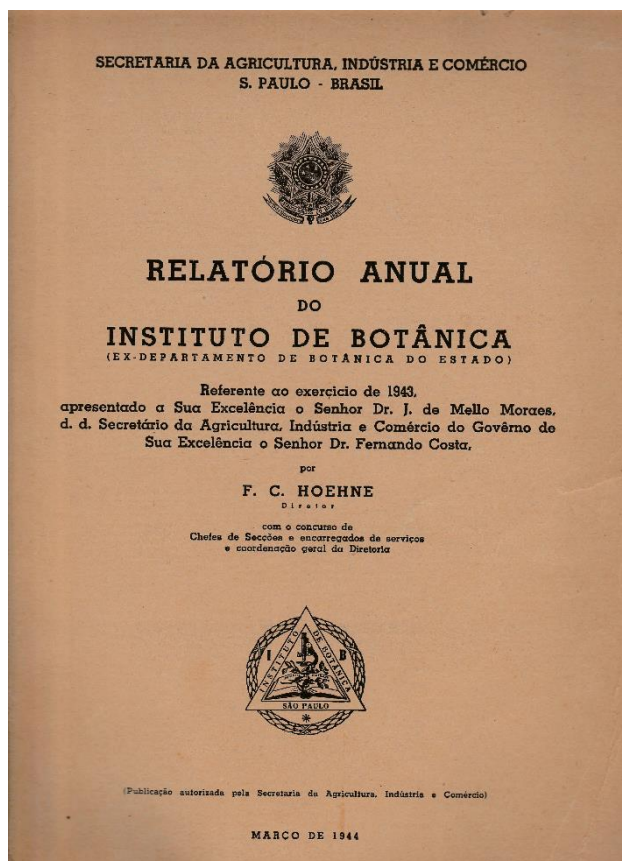
Um trabalho da área de Ciências Biológicas, que se propôs a estudar as “Raízes do Paisagismo no Butantan: o Horto Osvaldo Cruz e a contribuição de F C Hoehne” (ZAHER, 2016) é o que mais se aproxima da presente pesquisa. Em Arquitetura e Urbanismo apenas um trabalho de iniciação científica foi encontrado, o da já citada arquiteta Jéssica Rodrigues Tiseo (TISEO, 2014), orientada pela Professora Doutora Marta Enokibara, que se propôs a sistematizar os dados sobre as espécies do livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a) em fichas e tabelas.

Diante desta busca por referências bibliográficas, nota-se que não há estudos que investiguem a procedência das indicações de Hoehne sobre as espécies nativas indicadas para a arborização urbana, bem como a atualidade dessas indicações, objetivos da presente dissertação.

CAPÍTULO 1. O livro “Arborização Urbana” (1944a) de Frederico Carlos Hoehne

Sendo uma separata do Relatório Anual do Instituto de Botânica, referente ao ano de 1943 (Figura 4 e Figura 5), o livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a) foi editado, em um formato reduzido, em tamanho de bolso, com medidas de 11,5 x 15,3 cm (Figura 3). Contém 215 páginas, 30 clichês ilustrativos e uma lista “com cerca de 426 espécies da nossa flora” (HOEHNE, 1951, p. 118).

Figura 4 – Capa do Relatório Anual do Instituto de Botânica, referente ao ano de 1943



Fonte: HOEHNE, 1944b

Figura 5 – “Arborização Urbana” publicado na página 56 do Relatório Anual de 1943

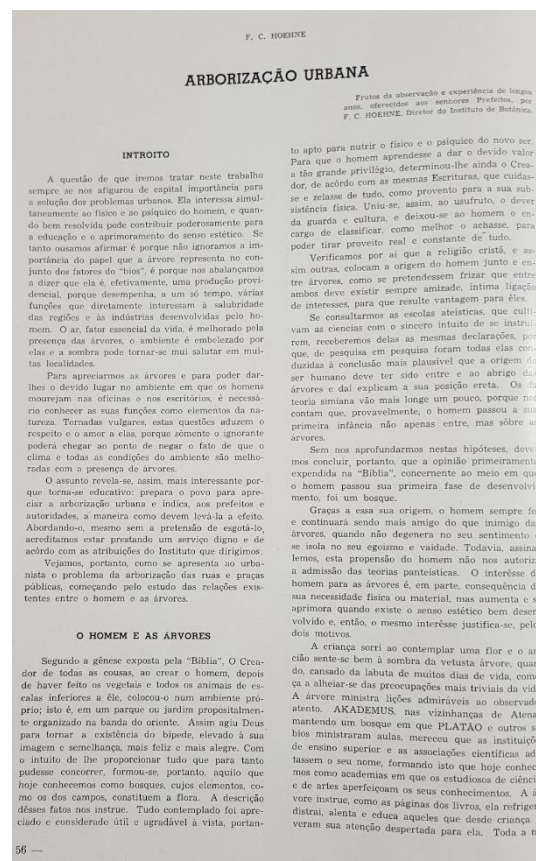
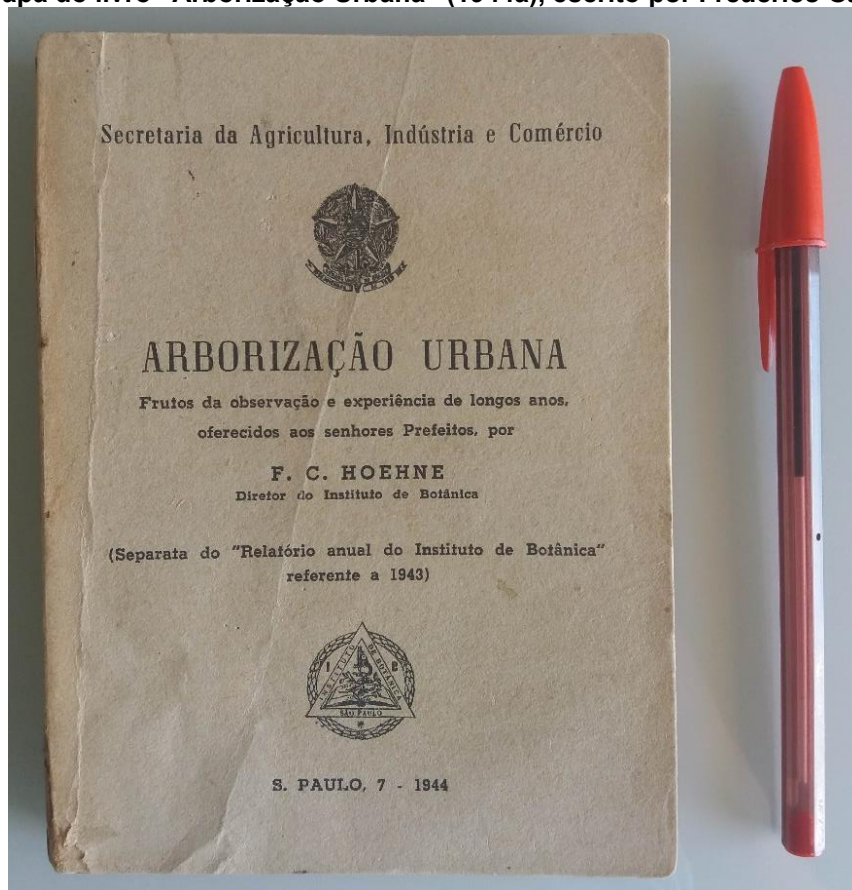


Figura 2 - Capa do livro “Arborização Urbana” (1944a), escrito por Frederico Carlos Hoehne



Fonte: HOEHNE, 1944a

Foto: Da autora, 2019

No relatório de 1943 o trabalho “Arborização Urbana” está incluso no capítulo “Propaganda científica e prática” (HOEHNE, 1944b, p. 55) que tem como “relator” o “Assistente da Diretoria” do Instituto de Botânica, Murillo de Toledo Bittencourt. No “Introito Geral” do Relatório, consta que “a Diretoria, com seus quatro serviços anexos [...] as Seções de Fitoteca, de Jardim Botânico, de Cadastro Florístico e Fitofisionomia e de Administração” (BITTENCOURT, 1944b, p. 5), fornecem material para o relatório. Na página seguinte o assistente apresenta os nomes e cargos de todos os funcionários do Instituto, totalizando 25 funcionários que serviram ao órgão público naquele ano, desde o Diretor até os zeladores e porteiros.

Mesmo com todas as citadas seções e funcionários do Instituto, em “Arborização Urbana” existe uma nota, logo abaixo do título da publicação, como tendo sido escrito apenas “por F. C. Hoehne, Diretor do Instituto de Botânica” (HOEHNE, 1944b, p. 56).

O livro “Arborização Urbana” (1944a) (Figura 1) não apresenta um sumário, apenas capa, com o verso desta em branco, e a primeira página já inicia com um “Introito” seguido de mais dez itens, denominados por Hoehne, em sua autobiografia (HOEHNE, 1951, p. 118), como “capítulos” (Tabela 1). Os temas presentes nos capítulos serão apresentados nos itens 1.1 e 1.2, a seguir.

Inicialmente Hoehne apresenta uma justificativa da publicação, abordando o tema de maneira filosófica, depois segue para assuntos de cunho técnico, e finaliza com a lista de espécies por ele indicadas para a arborização, que por sua vez ocupa a maior parte da publicação.

Tabela 1 - Identificação dos “capítulos” do livro “Arborização Urbana” (1944a)

Nome do capítulo		Página
Introito		3
1	O homem e as árvores	4
2	O ar puro e a boa insolação	12
3	A relação entre ruas e árvores	16
4	Sementeiras e viveiros para as árvores	25
5	Como devem ser plantadas as árvores nas calçadas	37
6	A poda das árvores das ruas	46
7	A arte de plantar as árvores de um parque	53
8	Sucedâneos para árvores	60
9	O revestimento vegetal das barracas e paredões	71
10	Lista alfabética de algumas espécies arbóreas indígenas que podem e deveriam ser experimentadas na arborização urbana, conforme dito mais atrás	75

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1944a)

1.1 Por que arborizar com espécies nativas?

Após anos de trabalho em órgãos públicos e a realização de várias excursões botânicas, com observações *in loco* da flora nativa, Frederico Carlos Hoehne publicou, em 1944a, o livro “Arborização Urbana” como “fruto da observação e experiência de longos anos” (HOEHNE, 1944a, capa). Provavelmente este foi um dos primeiros trabalhos neste âmbito no Brasil, cujo objetivo era apresentar espécies majoritariamente nativas para serem utilizadas na arborização das cidades. Trata-se de um:

[...] trabalho destinado a dar solução ao problema constituído da arborização das ruas e praças públicas das cidades e das estradas de rodagem, visando ao mesmo tempo a estética como a salubridade urbana (HOEHNE, 1951, p. 118).

A importância desta publicação, para Hoehne, é seu enfoque educativo, pois “prepara o povo para apreciar a arborização urbana e indica, aos prefeitos e autoridades, a maneira como devem leva-la a efeito” (HOEHNE, 1944a, p. 4).

Arborizar as cidades, para Hoehne, é “de capital importância para a solução de problemas urbanos. Ela interessa simultaneamente ao físico e ao psíquico do homem” (HOEHNE, 1944a, p. 3). Partindo deste princípio, o autor passa então a apresentar no livro suas ideias, que sustentam essa afirmação.

No primeiro capítulo do livro Hoehne faz uso de muitos argumentos filosóficos para explicar a relação entre **O homem e as árvores**. Segundo o botânico, as árvores proporcionam bem-estar aos seres humanos, isto porque a “origem do ser humano deve ter sido entre e ao abrigo das árvores” (HOEHNE, 1944a, p.6). Além disso, elas despertam e aprimoram o “senso estético” (HOEHNE, 1944a, p. 3).

Em um trabalho anteriormente publicado por Hoehne, intitulado “As plantas ornamentais da flora brasileira e o seu papel como fatores de salubridade pública, da estética urbana e as artes decorativas nacionais” (HOEHNE, 1930) o autor afirma que o “senso estético” enriquece o espírito e o intelecto, “eleva a alma e o coração humano” (HOEHNE, 1930, p. 14). Para Hoehne, segundo Franco e Drummond (2005, p.13), um “sentimento de unidade e harmonia era proporcionado, sobretudo, pelo convívio com a natureza que, como modelo maior de perfeição, devia guiar e conduzir a humanidade no prazer e na alegria”.

Hoehne demonstra sua pretensão de promover a estética urbana por meio da presença de plantas na cidade, uma vez que para ele:

Fazer e criar estética urbana é harmonizar elementos componentes de uma cidade, a ponto de torna-los simultaneamente admiráveis e belos. E, se isso se quiser conseguir, necessário será dar atenção, não somente às casas e ruas, mas também aos parques e jardins [...] (HOEHNE, 1930, p. 24).

Por meio da estética Hoehne (1930, p. 23) pretendia “educar o espírito e aperfeiçoar a moral” dos homens. Além do senso estético, que seria despertado pela presença das árvores na cidade, para ele também “a árvore instrui, como as páginas dos livros [...] educa aqueles que desde criança tiveram sua atenção despertada para ela” (HOEHNE, 1944a, p. 7). Segundo Hoehne:

As almas bem formadas percebem a importância de todos estes elementos e vêm, em cada árvore, alguma coisa do belo e, por isto mesmo, respeitam-na, só a derrubam por absoluta necessidade, jamais por motivo menos ponderoso (HOEHNE, 1944a, p. 7).

Disseminar o conhecimento era um ponto chave para a preservação da flora nativa, pois para Hoehne

[...] a devastação da natureza no Brasil como resultado da ignorância, da má-fé e do egoísmo dos que só tinham olhos para o lucro imediato. Era necessário, portanto, disponibilizar as informações sobre a conservação da natureza e dos seus recursos para um público amplo [...] (FRANCO; DRUMMOND, 2009, p. 170).

Em suas publicações fica claro seu engajamento em conhecer e divulgar o conhecimento em prol da preservação natureza do nosso país. Hoehne escreve que as árvores são de grande importância para os seres humanos uma vez que nos proporciona “frutos, fibras, madeira, sombra e abrigo” (HOEHNE, 1944a, p. 8). Deste modo, nosso interesse por elas é também consequência da nossa “necessidade física ou material” (HOEHNE, 1944a, p.6).

O autor considera que a “arborização racional e científica” das cidades (HOEHNE, 1944a, p.11) se justifica pela lógica dos educadores e higienistas que voltavam sua atenção “para o papel que as árvores desempenham no equilíbrio do clima” (HOEHNE, 1944a, p. 10). As árvores possuem funções que interessam à “salubridade das regiões e às indústrias desenvolvidas pelo homem” (HOEHNE, 1944a, p. 3). Segundo o autor:

Este papel é desconhecido da maioria dos homens, mas é de todos o mais importante, aquele justamente que nos explica a razão por que o homem se sente bem em companhia das árvores. Onde fumegam locomotivas, onde das altas chaminés se evolvam ondas de fumaça, a porcentagem do gás carbônico aumenta rapidamente [...]. Em lugares onde mais se acentua a formação desse gás, as plantas tornam-se mais necessárias, porque elas são redutoras, por utilizarem-no na sua estrutura durante o dia enquanto em ação a fotossíntese (HOEHNE, 1944a, p. 8).

O assunto já vinha sendo discutido pelo autor em publicações anteriores, quando escreve que o ar puro, saturado de oxigênio, e os raios de sol são fatores indispensáveis ao homem, bem como a água e o alimento (HOEHNE, 1930). Por isso ele atenta aos higienistas que a presença de árvores é o fator mais importante da saúde pública, uma vez que “a saúde física é a única que pode criar a sanidade moral e mental – condições indispensáveis para tornar uma nação forte e respeitada” (HOEHNE, 1930, p. 60).

O botânico afirma ainda que:

Esta verdade precisa ser incutida na mente das crianças, deve ser aprendida pelos adultos, ensinada nas escolas, ministrada nos lares, nas fábricas, nas oficinas, nos escritórios e nas ruas, todas as vezes que quisermos ter gente sadia, raça vigorosa, dócil e todavia disposta para grandes realizações em todos os ramos das atividades humanas (HOEHNE, 1944a, p. 9).

Tão importante é esse assunto que o autor dedica o segundo capítulo específico para aborda-lo, e organiza suas ideias sobre o tema em **O ar puro e a boa insolação**, usando de argumentos científicos a respeito da qualidade do ar e da água, dentro da lógica higienista, e sobre o papel que as árvores desempenham no equilíbrio climático (HOEHNE, 1944a).

No capítulo **A relação entre ruas e árvores**, Hoehne aponta a importância da utilização de espécies nativas para arborização urbana, que até o momento não eram tão valorizadas, tendo destaque as espécies exóticas nas ruas da capital paulista e demais cidades do estado. O autor evidencia, porém, que um trabalho de aclimação e ensaio das espécies “indígenas” se faz necessário, e que depois de já aclimatadas “comportar-se-ão cada vez melhor e baterão, dentro de poucas gerações, qualquer outra exótica com foros de árvore civilizada” (HOEHNE, 1944a, p. 17).

1.2 Como arborizar

Ainda no terceiro capítulo (**A relação entre ruas e árvores**), Hoehne afirma que a escolha das espécies deve levar em consideração alguns fatores, visando a que estas se desenvolvam de maneira satisfatória, como: a largura e a direção das avenidas e ruas; a proporção das áreas ocupadas por praças; a superfície da área habitada; a altura dos prédios; o movimento de veículos e sua natureza; o calçamento, os fios aéreos de iluminação, telégrafo, telefone, e tração elétrica. Em seguida o botânico dá orientações mais detalhadas sobre o plantio, considerando que, de acordo com a largura das ruas, estas deverão - ou não - ser arborizadas e como arborizar. Sistematizando as informações em forma de tabela (Tabela 2) foi possível observar as instruções técnicas e sua proximidade com os manuais de arborização atuais.

Tabela 2 - Sobre a largura de ruas que devem ou não ser arborizadas, de acordo com o livro “Arborização Urbana” (1944a)

Largura da rua	Recuo	Arborizar
Ruas < 16 m	Prédios sem recuo uniforme	Não arborizar
Ruas 16 – 20 m	Prédios com recuo uniforme de 3-4 m	Espécies caducas e raiz pivotante
Avenidas > 40 m	Prédios com recuo de 3 m e calçadas de 3-4m	Árvores de porte maior Ex: <i>Holocalys glaziovii</i> (Alecrim), <i>Ocotea pretiosa</i> (Sassafrasinho), <i>Tipuana tipu</i> (Tipú) e <i>Ficus benjamina</i> (Ficus)
Avenidas > 40 m Com canteiro central	Prédios com recuo de 3 m e calçadas de 3-4m	Calçadas livres de arborização; Árvores de pequeno porte ou palmeiras

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1944a)

Quanto à diversidade de espécies o autor recomenda que “se plantem espécies diferentes em cada uma das ruas ou avenidas arborizadas” (HOEHNE, 1944a, p. 21). Mas faz também orientações importantes quanto à disposição das mesmas, nas ruas e avenidas, como é possível observar na sistematização das informações na Tabela 3 a seguir.

Tabela 3 - Espécies que devem ser usadas de acordo com a quantidade de fileiras de árvores na rua

Filas de árvores na rua	Como arborizar
Rua com 2 filas de árvores	Arborizar com uma só espécie
Rua com 3-4 filas de árvores	Arborizar com uma espécie para os lados e outra espécie do centro. Dicotiledona para calçadas dos lados e palmeira para a faixa central.

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1944a).

O livro segue com o quarto capítulo **Sementeiras e viveiros para as árvores**. Neste capítulo o autor explica que muito antes de cogitar a presença de árvores nas avenidas e ruas, é necessário cuidar das sementeiras e viveiros de plantas, e que esse trabalho cabe ao diretor do serviço de arborização da cidade. No âmbito do tratamento das sementes e viveiros, o botânico escreve que não é possível dar instruções específicas nem muito aprofundadas, uma vez que

[...] ainda não existem experiências nem observações registradas para todas as espécies que mencionaremos mais adiante. O campo é virgem. Tudo está para ser feito e só o poderá ser, se cada pessoa interessada deitar mãos à obra para entregar-se a experiências (HOEHNE, 1944a, p. 28).

Observa-se uma aguçada percepção e um profundo conhecimento empírico sobre a flora nativa, uma vez que, ao perceber o potencial das espécies que poderiam arborizar as cidades, indica-as aos prefeitos, mesmo que muitas ainda não estivessem ensaiadas. Diante disso, Hoehne (1944a) escreve sobre a necessidade de viveiros para ensaio das árvores nativas.

Informações de caráter mais técnico continuam sendo trabalhadas nos demais capítulos do livro. Ao escrever sobre **Como devem ser plantadas as árvores nas calçadas**, o botânico instrui que o lugar mais adequado para plantar árvores seria o “canteiro que ocupa o centro das ruas e avenidas” (HOEHNE, 1944a, p. 38).

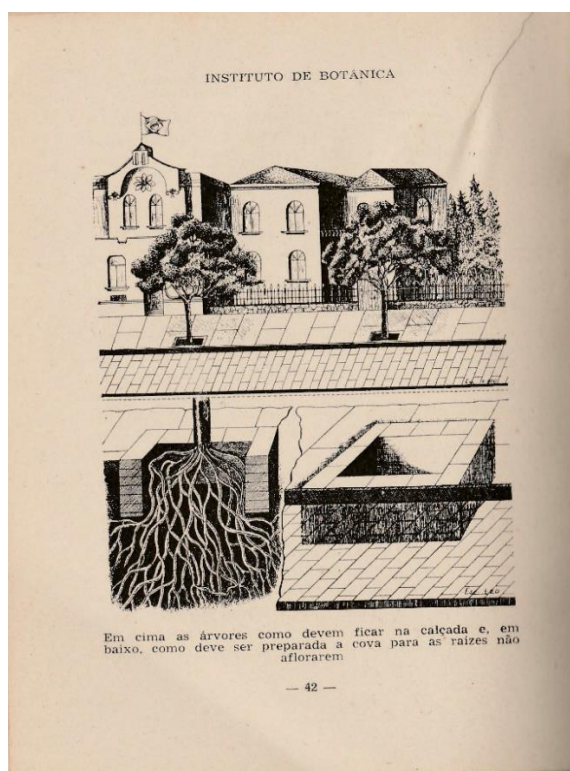
Segundo ele “o primeiro cuidado deve residir na escolha das espécies que correspondam ao espaço disponível nas calçadas”, uma vez que, “Graças aos erros

cometidos neste detalhe e à má plantação, as árvores das ruas sofrem muitas incriminações injustas” (HOEHNE, 1944a, p. 39). Por isso dá as instruções:

Num canteiro gramado, de três metros de largura, poderão ser colocadas duas carreiras de árvores, desde que se tenha o cuidado de intercala-las em zigue-zague, de modo que as copas tenham, na distância, a largura que lhes falta na posição transversal da rua. Em tais condições as plantas poderão ser colocadas em covas bem profundas e largas, cheias de mistura de adubo e terra de superfície, se correrem o perigo de ocasionarem qualquer desastre, uma vez que se tenha o prévio cuidado de afofar todo o terreno profundamente antes de grama-lo. Para que possam desenvolver-se aí e produzir todo o benefício que delas se espera, deverão, todavia, ser escolhidas de acordo com os requisitos da via pública (HOEHNE, 1944a, p. 38).

De acordo com Hoehne, o procedimento deve ser realizado para evitar o afloramento das raízes das árvores, que é um problema bastante significativo no tocante à arborização urbana. O autor escreve as instruções juntamente com uma imagem elucidativa (Figura 7).

Figura 3 - Exemplo do procedimento a realizar para evitar o afloramento das raízes das árvores nas calçadas



Fonte: HOEHNE, 1944a

Seguindo essas instruções, segundo Hoehne, desaparecerão

[...] todas as dificuldades que as árvores trazem para a conservação do pavimento das calçadas e cessarão [...] os desastres ocasionados pelo tombamento delas, porque assim poderão firmar-se e terão sempre estabilidade nas raízes (HOEHNE, 1944a, p. 45).

O botânico trata no sexto capítulo do livro sobre **A poda das árvores das ruas**. Abordar a necessidade de estudar o desenvolvimento de cada árvore antes de colocá-la nas ruas, uma vez que a “rua não é lugar para fazer reflorestamento” e a escolha das mesmas deve ser feita consciente do “porte máximo que atingem” (HOEHNE, 1944a, p. 51). Neste contexto a poda é indicada para o aprimoramento do porte das árvores, porém “quando se pratica a poda das árvores plantadas nas ruas, não se deve esquecer que elas foram alí colocadas por vontade e resolução do homem” e, deste modo, “se erros foram cometidos, plantando-se árvores de crescimento exagerado em ruas estreitas, é mais recomendável corrigi-los pela substituição das árvores do que pretender concerta-las pela poda exagerada” (HOEHNE, 1944a, p. 50). É por este motivo que segundo o autor, na lista das espécies ele indica “mais ou menos o porte das diferentes árvores da nossa flora” (HOEHNE, 1944a, p. 51).

No capítulo sete, **A arte de plantar as árvores de um parque**, Hoehne afirma que tanto as árvores nas ruas quanto as “dos parques, largos, jardins e mesmo as dos quintais, são igualmente elementos que concorrem para a solução do problema que se visa resolver com a arborização” (HOEHNE, 1944a, p. 53), e que

Como brasileiro, que muito se interessa pela elevação da arte nacional e da exibição das coisas da nossa terra, nos sentimos, porém, no dever de apontar a natureza como melhor inspiradora de um estilo para os nossos parques e jardins [...] Em outras palavras: somos sempre, como temos ido até hoje, grande apologista do jardim estilo indígena (HOEHNE, 1944a, p. 54).

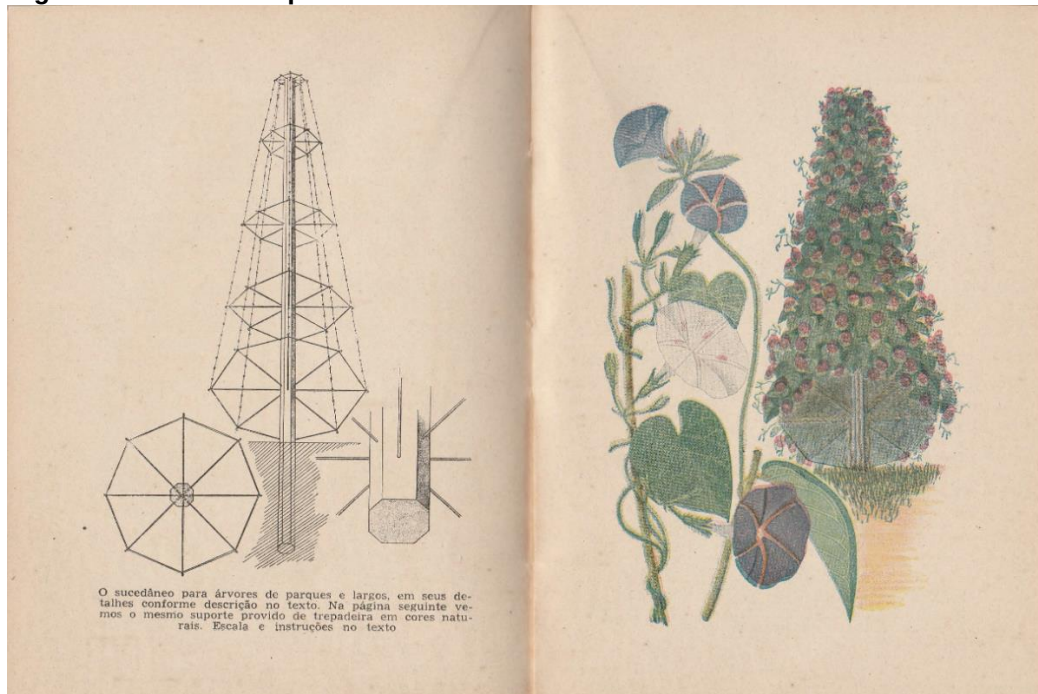
Ainda segundo o autor:

Um jardim assim copiado da nossa natureza é ao nosso ver, o melhor modelo que um paisagista brasileiro, que ama a sua Pátria e que deseja vê-la subir pelo espírito da originalidade, pode conceber. O Artífice Supremo deixou, aliás, na natureza de cada país, aquilo que melhor condiz com o clima e a natureza do ser humano que o habita (HOEHNE, 1944a, p. 55).

No capítulo seguinte, **Sucedâneos para árvores**, ainda tratando de instruções técnicas referentes ao tema central do livro, o botânico ilustra com imagens e explica o que é e como utilizar estes sucedâneos. Trata-se de “uma armação feita de coluna de cimento

armado ou madeira, com cruzetas e arames farpados estendidos nas extremidades destas cruzetas em sentido perpendicular e horizontal” (HOEHNE, 1944a, p. 62).

Figura 4 - Sucedâneo para árvore



Fonte: HOEHNE, 1944a

No nono capítulo, **O revestimento vegetal das barrancas e paredões**, o autor apresenta uma alternativa para embelezamento e salubridade das cidades que, em decorrência dos terrenos acidentados ou da proximidade com morros e encostas, necessitam da presença de paredões e muralhas de pedra que sustentem o terreno. Nestes casos, Hoehne indica espécies de plantas nativas com boa fixação e belas flores que poderiam ser usadas para revestir esses grandes muros.

Por fim, o décimo e último capítulo do livro se refere à **Lista alfabética de algumas espécies arbóreas indígenas que podem e deveriam ser experimentadas na arborização urbana, conforme dito mais atrás** (HOEHNE, 1944a, p. 75). Hoehne o inicia justificando a lista, que apresenta como sugestão de espécies para arborização urbana, uma vez que, segundo ele, sempre que o assunto é tratado surge a seguinte questão: “mas tem a flora indígena alguma árvore digna de ser utilizada na arborização?”. Em resposta ele justifica que na flora lenhosa do país existem árvores que não só rivalizam mas superam muitas das exóticas introduzidas, no que diz respeito à beleza e utilidade na arborização (HOEHNE, 1944a).

Além da lista de espécies, o autor se propõe a apresentar alguns “comentários elucidativos sempre que isto se recomendar” (HOEHNE, 1944a, p. 79), fazendo-os para algumas espécies.

O primeiro desafio, para que algumas das espécies que Hoehne irá indicar sejam realmente utilizadas na arborização urbana, é a aclimação e ensaio das mesmas, o que percebemos quando o mesmo escreve que:

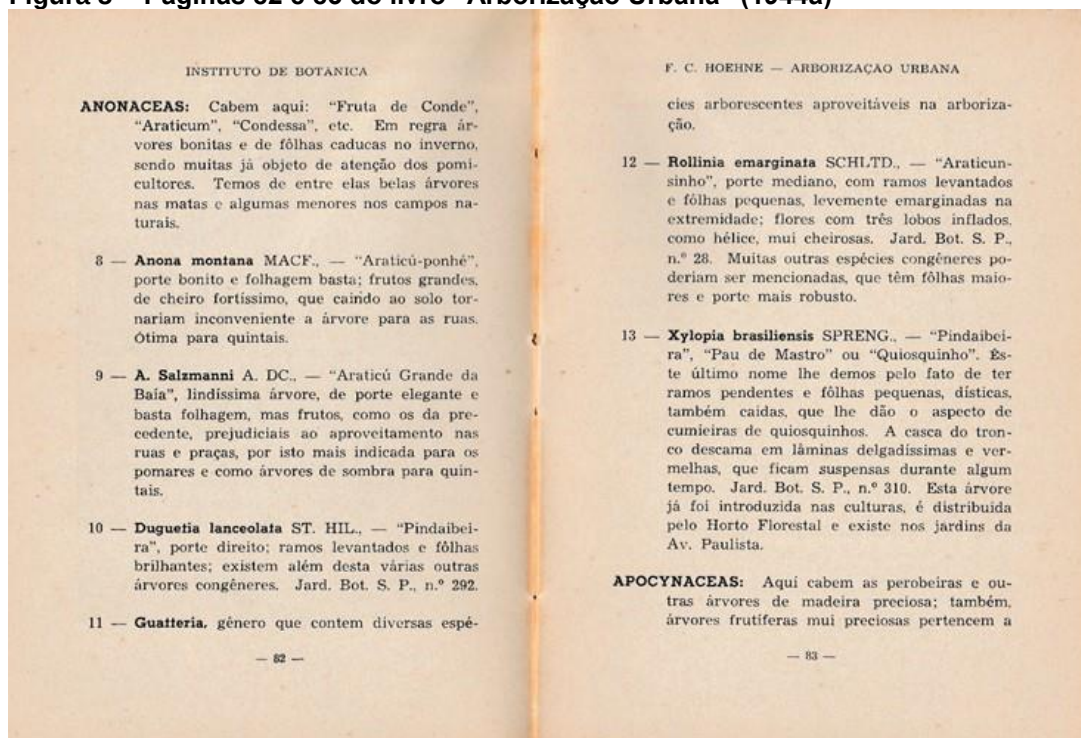
Um viveiro para ensaio de árvores da nossa flora, para a arborização urbana, precisará ter espaço e condições diversas. A relação das espécies, que mais adiante apresentaremos, demonstra este fato. Para ensaiarmos com destas mais bonitas árvores precisaremos terreno e material, além de pessoal e recursos para cestas e tinas ou caixas. Mas aclimatadas, estas com árvores poderão proporcionar ao nosso País a prioridade de uma conquista no campo da estética urbana, que lhe aduzirá a admiração de quantos visitarem as cidades onde essas árvores forem exibidas. Uma vez aclimatadas, mais fácil tornar-se-á, depois, a sua multiplicação e distribuição (HOEHNE, 1944a, p. 37).

Contudo, e apesar de suas intenções, Hoehne não tinha certeza se assim aconteceria, se suas indicações seriam consideradas, propagadas e realmente efetivadas no ambiente urbano. Esta é uma informação que a presente pesquisa pretende responder.

1.3 Sistematização dos dados sobre as espécies indicadas

As espécies indicadas no capítulo “Lista alfabética de algumas espécies arbóreas indígenas que podem e deveriam ser experimentadas na arborização urbana, conforme dito mais atrás” (HOEHNE, 1944a, p. 75) se apresentam enumeradas de 1 a 426, conforme se observa na Figura 9. No intuito de facilitar aos interessados a escolha das espécies, o autor enumera-as “na ordem alfabética das famílias, gêneros e espécies, dando de cada uma o respectivo nome científico, vulgar e aduzindo alguns comentários referentes às vantagens ou desvantagens que possam oferecer” (HOEHNE, 1944a, p. 78).

Figura 5 - Páginas 82 e 83 do livro “Arborização Urbana” (1944a)



Fonte: HOEHNE, 1944a

Apesar de já se apresentarem organizadas “para maior facilidade dos interessados na escolha das espécies” (HOEHNE, 1944a, p. 78), a lista não se configura de maneira que a consulta se torne prática ao fim a que se destina, conforme é possível observar na Figura 9. O livro é dedicado aos prefeitos, pessoas com pouco ou nenhum conhecimento de espécies vegetais. Não havendo um índice, apenas folheando as 137 páginas de nomes científicos organizados em ordem alfabética, não é possível extrair facilmente informações como, por exemplo o porte da árvore ou ainda a situação da espécie (se está sendo cultivada, se já foi introduzida em alguma cidade do Brasil, etc.). Deste modo, surgiu a necessidade de sistematizar os dados referentes a cada uma delas em forma de tabela *Excel*, sendo possível observar padrões e selecionar informações específicas, como consta no Apêndice I.

Uma tabela já havia sido organizada em um projeto de Iniciação Científica, de Jéssica Rodrigues Tiseo (TISEO, 2014). No presente trabalho, a tabela foi revista e ampliada, levando em consideração as 419 espécies realmente indicadas pelo livro, além de outras informações.

1.3.1 Tabela com informações sobre as 419 espécies

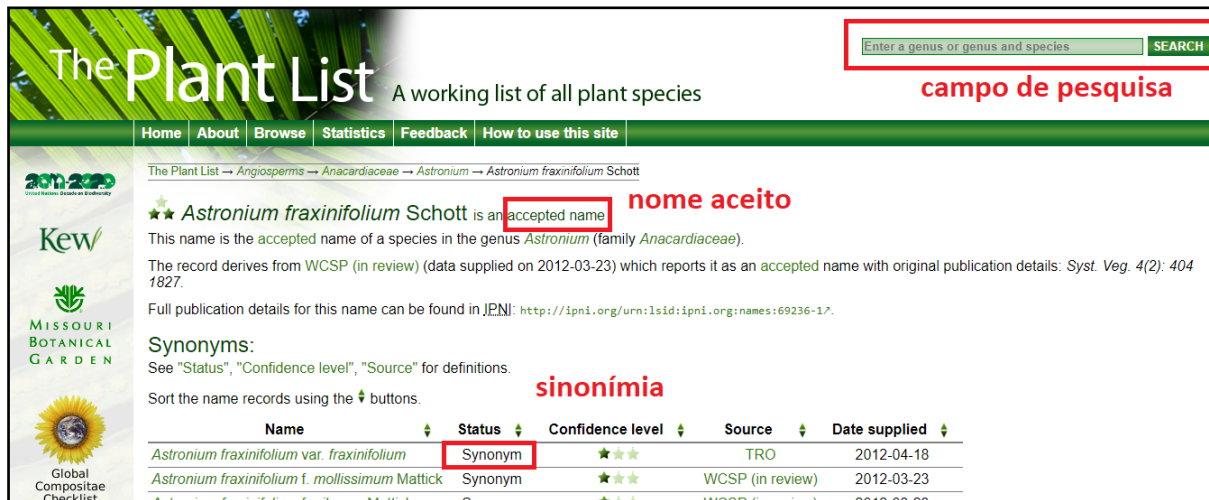
Com o intuito de facilitar a pesquisa para quem quiser consultar informações sobre as 419 espécies indicadas, a tabela foi organizada em 14 colunas (Apêndice I):

- 1^a - numeração de 1 a 419;
- 2^a - número de acordo com a enumeração dada por Hoehne para as espécies no livro *Arborização Urbana* – de 1 a 426;
- 3^a - Número da página do livro onde está aparece a espécie;
- 4^a - Família;
- 5^a - Nome científico como consta no livro;
- 6^a – Nome científico atualmente aceito, de acordo com o site *The plant list*;
- 7^a - Nome popular;
- 8^a - Porte da árvore;
- 9^a - Utilização (informações que Hoehne fornece sobre como utilizar ou se já vem sendo utilizada no meio urbano);
- 10^a - Ocorrência (informações sobre localização das espécies. O autor não especifica se são nativas ou se apenas podem ser encontradas nos locais mencionados);
- 11^a – Origem (pelo fato de Hoehne mencionar essa informação para poucas espécies, foi pesquisado no site “Flora do Brasil 2020” a origem das mesmas, se são nativas ou exóticas);
- 12^a Número atribuído à espécie no Jardim Botânico de São Paulo (código de identificação da espécie já em ensaio no Jardim Botânico);
- 13^a - Situação (se já havia sido ensaiada, introduzida e/ou cultivada e onde);
- 14^a - Outras observações (dizem respeito às características morfológicas das espécies, ou sobre seu desenvolvimento).

Pelo fato de a nomenclatura botânica mudar com o passar dos anos, foi necessária a atualização dos nomes das espécies para conhecimento do nome atual daquelas indicadas por Hoehne em 1944a. A atualização foi realizada por meio de consulta à base de dados *online*, *The plant list* (2010 onwards) (Figura 10) que, segundo os biólogos Murilo Cruciol Barbosa e André Luiz Giles de Oliveira, seria a fonte mais indicada para este fim. As 419 espécies foram digitadas individualmente no campo de busca do *site*, que indica se a nomenclatura é um nome aceito ou uma sinonímia², apresentando então o nome atualmente aceito para a espécie.

² De acordo com o site *The plant list* (2010 onwards) *Accepted Name* (nome aceito) “*is the name which should be used to refer to the species*”. *Synonym* (sinonímia) “*is an alternative name which has been used to refer to a species (or to a subspecies, variety or forma) but which The Plant List does not consider to be the currently Accepted name*”. Fonte: <http://www.theplantlist.org/>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Figura 6- Página da base de dados online - *The Plant List*



The Plant List A working list of all plant species

Home About Browse Statistics Feedback How to use this site

The Plant List → Angiosperms → Anacardiaceae → Astronium → *Astronium fraxinifolium* Schott

☆☆ *Astronium fraxinifolium* Schott is an **accepted name** **nome aceito**

This name is the accepted name of a species in the genus *Astronium* (family *Anacardiaceae*).

The record derives from WCSP (in review) (data supplied on 2012-03-23) which reports it as an **accepted name** with original publication details: Syst. Veg. 4(2): 404 1827.

Full publication details for this name can be found in J[ENI]: <http://ipni.org/urn:lsid:ipni.org:names:69236-1?>.

Synonyms:
See "Status", "Confidence level", "Source" for definitions.

Sort the name records using the ↑ buttons.

sinonímia

Name	Status	Confidence level	Source	Date supplied
<i>Astronium fraxinifolium</i> var. <i>fraxinifolium</i>	Synonym	☆☆☆	TRO	2012-04-18
<i>Astronium fraxinifolium</i> f. <i>mollissimum</i> Mattick	Synonym	☆☆☆	WCSP (in review)	2012-03-23
<i>Astronium fraxinifolium</i> f. <i>oblongum</i> Mattick	Synonym	☆☆☆	WCSP (in review)	2012-03-23

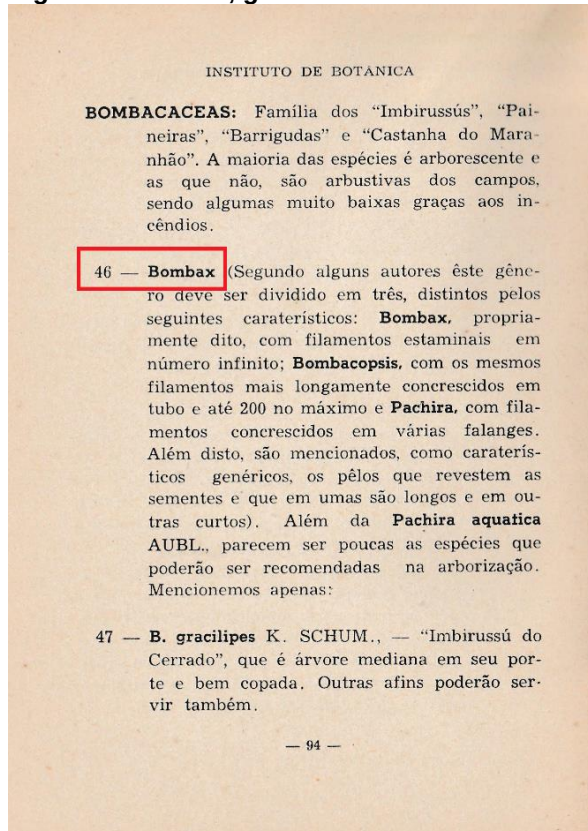
Fonte: <http://www.theplantlist.org>. Acesso em: 07 fev. 2019 (grifo nosso)

Alguns erros de digitação foram detectados nos nomes científicos de algumas espécies (letras trocadas, por exemplo) e corrigidos. Outros 11 nomes científicos informados por Hoehne não foram encontradas na base de dados *The Plant List* (assinalados com * na sexta coluna da tabela apresentada no Apêndice I), de modo que o nome original foi mantido para a organização das informações.

No que diz respeito a quantidade de espécies apresentadas na lista, foi possível verificar, por meio da tabela, que alguns itens (números) são compostos por mais de uma espécie; como exemplo, a espécie presente no número 236 (Figura 12). Na contagem de Hoehne aparece como apenas uma espécie, mas contém mais duas, no mesmo item. Assim como neste caso, ocorrem mais quatro referentes aos números 64, 65, 416 e 426 da numeração apresentada por Hoehne.

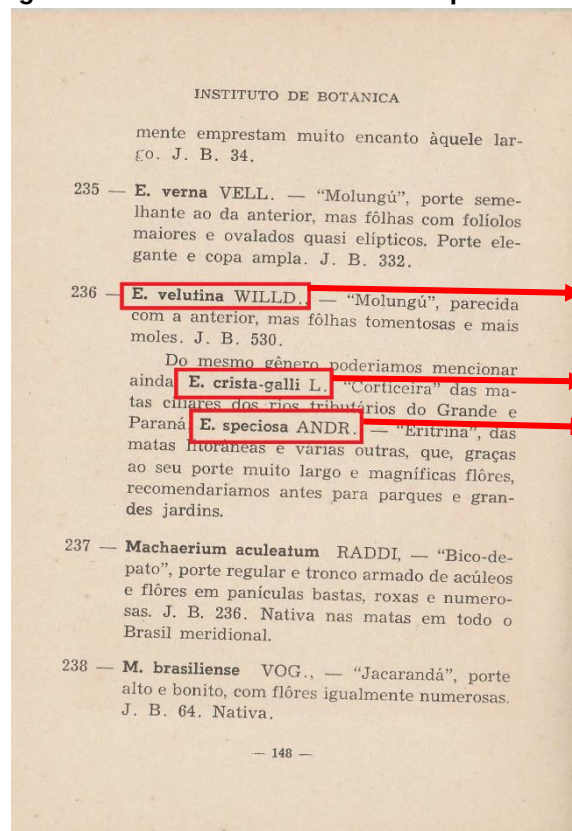
O botânico as numera de 1 a 426, como já mencionado anteriormente, mas, levando em consideração os itens com mais de uma espécie, e subtraindo 16 itens que correspondem a gêneros (Figura 11), e um que diz respeito a uma família (família Palmae (HOENE, 1944a, p. 180), (Figura 13, e item 322 da Figura 14).

Figura 7 - Item 46, gênero *Bombax*



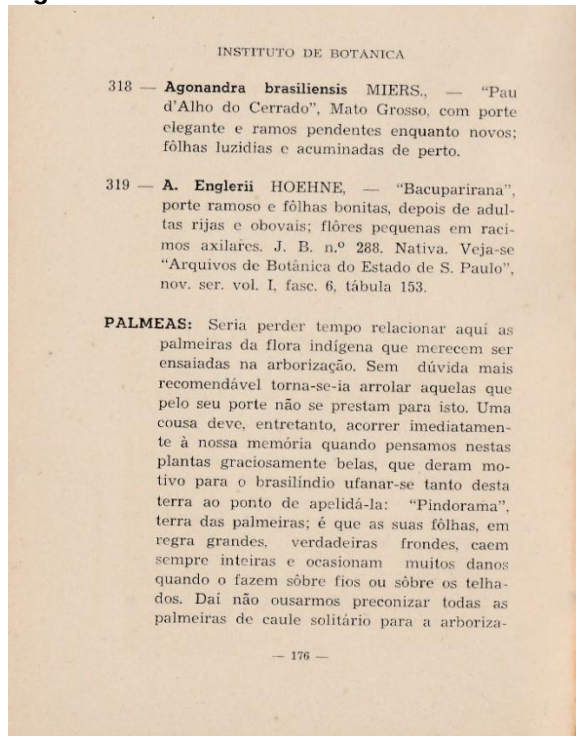
Fonte: HOEHNE, 1944a (grifo nosso)

Figura 8 - Item 236 contendo três espécies



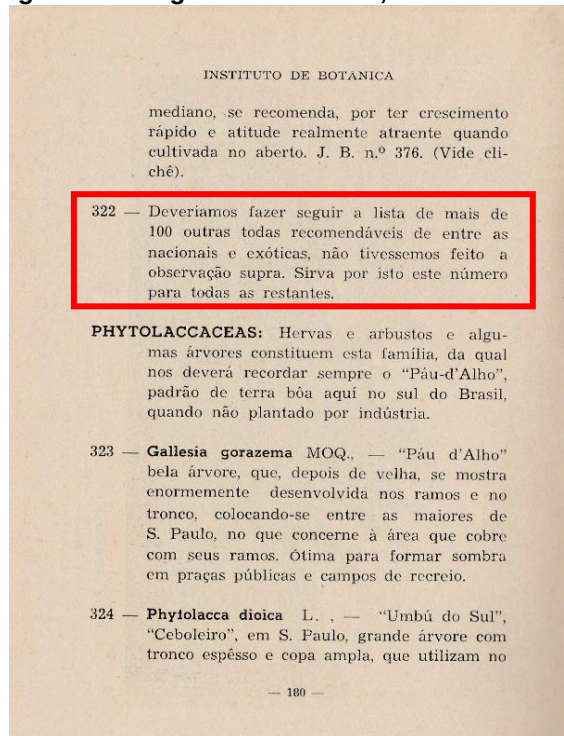
Fonte: HOEHNE, 1944a (grifo nosso)

Figura 9 - Família *Palmae*



Fonte: HOEHNE, 1944a

Figura 10 - Página 180 do livro, item 322



Fonte: HOEHNE, 1944a (grifo nosso)

Deste modo foi possível concluir que existe um total de 419 espécies indicadas por Hoehne no livro “Arborização Urbana” (1944a).

1.3.2 Dados extraídos a partir da tabela

Outras informações importantes foram possíveis de ser extraídas com a análise da publicação, por meio da tabela. Por exemplo, as espécies que Hoehne indica e que já estavam sendo observadas por ele como ocorrendo no meio urbano - na rua, em hortos ou em jardins botânicos. O autor afirma já ter observado em áreas urbanas 28 das 419 espécies, como é possível verificar para a espécie 26, em destaque na Figura 15, apresentada a seguir.

Figura 11 - *Ilex paraguariensis* A.St.-Hil.³ já observada na cidade de Curitiba, Paraná

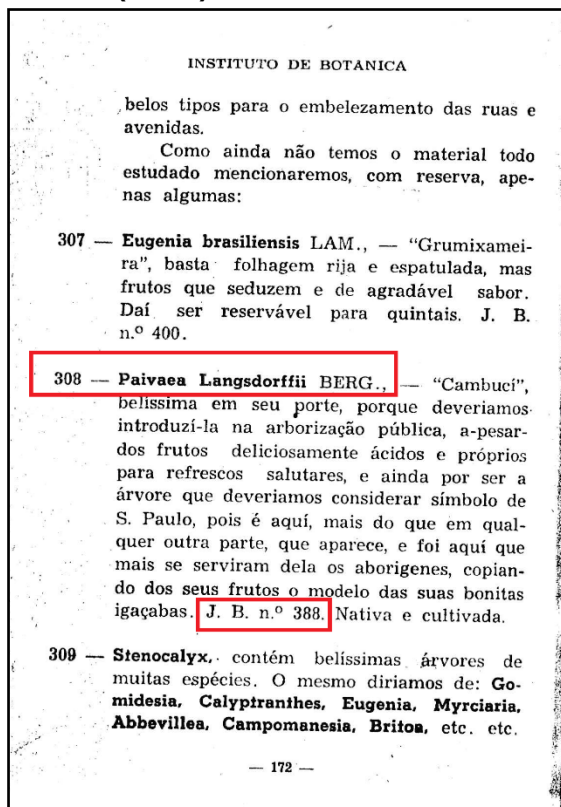
F. C. HOEHNE — ARBORIZAÇÃO URBANA	
24 —	<i>Ilex brevicuspis</i> REISS., — “Mate”, árvore regular e de crescimento rápido, que temos no Jard. Bot. S. P. sob o n.º 193.
25 —	<i>I. buxifolia</i> GARDN., — “Buxinho da Mata”, árvore pequena, com folhas meudas e bastas, semelhantes às do “Buxo”. Encontrada nas florestas da Serra do Mar.
26 —	<i>I. paraguariensis</i> ST. HIL., — “Herva Mate”, a principal de entre as que são exploradas para a produção do “Mate”. Nativa desde o Paraguai e sul de Mato-Grosso até ao Estado do Rio de Janeiro e S. Paulo. No Jard. Bot. S. P. n.º 153. Ali temos várias outras espécies do gênero nativas nas matas e em outros lugares poderemos assinalar mais de 60 espécies que, quasi sem exceção, poderíamos preconizar para a arborização pública. Esta espécie é, aliás, <u>empregada na Rua 15 de Novembro, na cidade de Curitiba, Paraná.</u>
ARALIACEAS: Cabem aqui as “Mandioqueiras” ou “Tamanqueiras”, que fornecem madeira leve e estopenta, também árvore de lenho mais firme e folhagem muito característica, por serem as folhas geralmente constituídas de vários folíolos, como as da “Mandioca”.	
— 87 —	

Fonte: HOEHNE, 1944a (grifo nosso)

Também foi possível extrair a informação de que das 419 espécies indicadas no livro, 130 já estavam sendo ensaiadas no Jardim Botânico de São Paulo (apresentadas pelo código de identificação de cada espécie na instituição. Vide Figuras 11 e 13. Estas são comparadas com as espécies do livro “O Jardim Botânico de São Paulo” (HOEHNE, F. C.; KUHLMAN, M.; HANDRO, 1941) que apresentam o mesmo código, como pode ser observado na Figura 12.

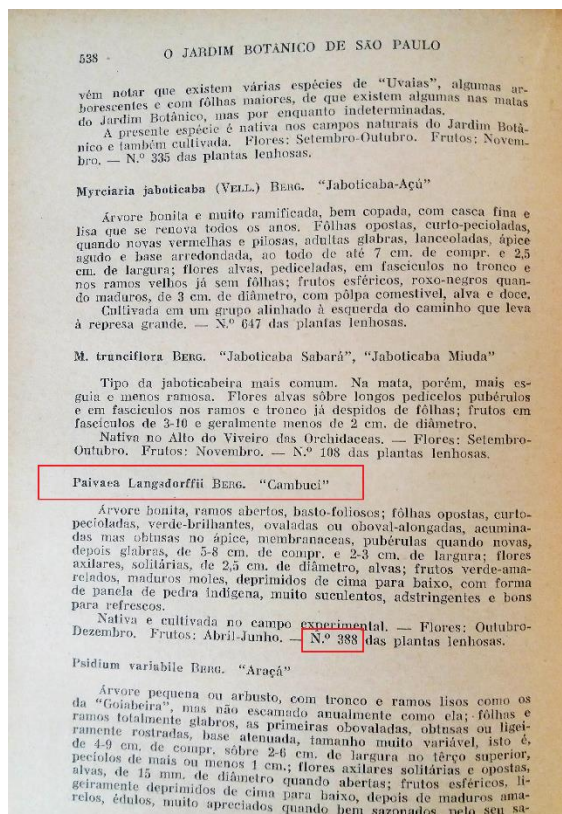
³ Nome da espécie atualmente aceito

Figura 16 - Número da espécie *Campomanesia phaea* (O.Berg) Landrum. no livro (1944a)



Fonte: HOEHNE, 1944a (grifo nosso).

Figura 17 - Espécie no livro o “Jardim Botânico de São Paulo” (1941)



Fonte: HOEHNE, F. C.; KUHLMAN, M.; HANDRO, 1941 (grifo nosso).

Figura 12 - Espécies presentes no Jardim Botânico de São Paulo



Fonte: HOEHNE, 1944

No que diz respeito à origem das espécies, nem todas apresentam tal informação fornecida pelo autor. Deste modo, foi realizado o trabalho de busca desta informação utilizando-se para isso o banco de dados *online* Flora do Brasil 2020⁴. Digitando o nome de cada espécie, foram encontradas as informações que podem ser observadas na Tabela 4 a seguir:

Tabela 4 - Origem das espécies do livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a) segundo a base de dados online Flora do Brasil 2020 em construção

Origem das espécies	Quantidade
Nativa	365
Naturalizada	05
Cultivada	06
Não ocorre no Brasil	02
Nenhum registro encontrado	41

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do site “Flora do Brasil 2020 em construção” (2019)

Por meio das informações da tabela acima é possível concluir que Hoehne apresenta espécies majoritariamente nativas, uma vez que em uma lista de 419, 365 (87% das espécies indicadas) são certamente nativas. O *site* ainda está sendo alimentado com informações sobre espécies da nossa flora, presentes nos herbários de todo o país e do mundo. Possivelmente, pelo fato do banco de dados estar ainda “em construção”, para algumas das espécies pesquisadas o *status* foi “nenhum registro encontrado”.

As espécies naturalizadas são “espécies exóticas que conseguem se reproduzir de modo consistente no local onde foram introduzidas [...] sem a necessidade da intervenção humana direta” (MORO, 2012, 993). Dentre as indicadas no livro, estas seriam: *Terminalia catappa* L., *Mammea americana* L., *Caesalpinia pulcherrima* (L.) Sw.⁵, *Melia azedarach* L., *Theobroma cacao* L.

Já a espécie cultivada, “também denominada de espécie domesticada é a espécie cujo processo de evolução foi influenciado pelo homem” (ORMOND, 2006, p. 117). As citadas no livro são: *Crescentia cujete* L., *Senna spectabilis* var. *excelsa* (Schrad.) H.S.Irwin & Barneby.⁶, *Cassia fistula* L., *Prosopis juliflora* (Sw.) DC., *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze. e *Mimusops balata* (Aubl.) C.F.Gaertn.

⁴ <http://floradobrasil.jbrj.gov.br>

⁵ Nome científico atualizado, que na lista de Hoehne (1944a) corresponde à sinonímia *Poinciana pulcherrima* L.

⁶ Nome científico atualizado, que na lista de Hoehne (1944a) corresponde à sinonímia *Cassia excelsa* Schrad.

As espécies que, segundo o banco de dados, não ocorre no Brasil são: *Spondias purpurea* L. e *Aralia excelsa* (Griseb.) J.Wen. Esta última Hoehne escreve ser “natural da América Central e norte do Brasil” (HOEHNE, 1944, p. 88).

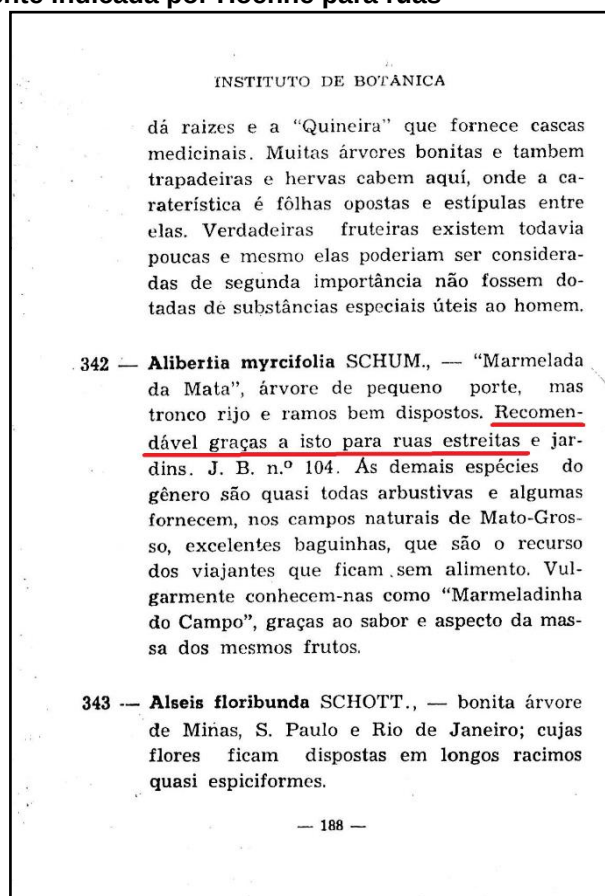
Figura 13 - Página inicial do site “Flora do Brasil 2020 em construção”

Fonte: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br>. Acesso em: 07 fev. 2019 (grifo nosso)

No que concerne ao tipo de informação sobre as espécies apresentadas, Hoehne destaca que serão encontradas muitas que não são indicadas para serem cultivadas nas ruas, porém, segundo o autor, não se pode esquecer que “também as árvores dos jardins e das praças públicas, bem como dos quintais particulares, concorrem, de modo eficiente, para a redução do dióxido de carbono do ar das cidades, e contribuem para a salubridade e a estética urbana” (HOEHNE, 1944a p. 78). Deste modo, o autor faz uma ressalva de que não devemos estranhar, uma vez que “elas aparecem aqui porque poderão ser escolhidas pelas pessoas que no quintal ou no seu jardim têm espaço para cultiva-las” (HOEHNE, 1944a p. 78). As espécies que ele expressamente indica para ruas e calçadas são: *Aiouea laevis* (Nees ex Mart.) Kosterm., *Bowdichia virgilioides* Kunth., *Terminalia catappa* L. e *Cordia myrciifolia* (K.Schum.) Perss. & Delprete.⁷ (Figura 20).

⁷ Nome científico atualizado, que na lista de Hoehne, no livro “Arborização Urbana” (1944a) corresponde à sinônimo *Alibertia myrciifolia* Schum.

Figura 14 - *Alibertia myrcifolia* Schum., atual *Cordia myrciifolia* (K.Schum.) Perss. & Delprete. expressamente indicada por Hoehne para ruas



Fonte: HOEHNE, 1944a (grifo nosso)

Sobre os comentários que o autor redigiu a respeito de cada espécie não há um padrão, e Hoehne deixa isso claro quando escreve que serão apresentados "comentários elucidativos sempre que isto se recomendar" (HOEHNE, 1944, p. 79). Por vezes o botânico menciona o local de ocorrência da espécie como sendo um estado brasileiro, uma região ou até mesmo um bioma, e apresenta informações desta natureza para 237 das 419 espécies.

Por meio da organização da tabela contendo as espécies indicadas por Hoehne no livro "Arborização Urbana" (1944a) foi possível extrair informações gerais sobre elas como, por exemplo, a quantidade exata de espécies indicadas, buscar informações quanto à origem (quantas delas são nativas) e sobre onde Hoehne já as havia observado – ruas e Jardim Botânico de São Paulo, principalmente. Seria agora relevante descobrir se essas inúmeras espécies indicadas por Hoehne na década de 1940, como fruto de suas observações e experiências, estão sendo indicadas para a arborização urbana até os dias atuais. É este o foco da análise desenvolvida no Capítulo 2 desta dissertação, com intuito de buscar responder a essa questão.

CAPÍTULO 2. O livro Arborização Urbana (1944a) e o Manual Técnico de Arborização Urbana de São Paulo (2015)

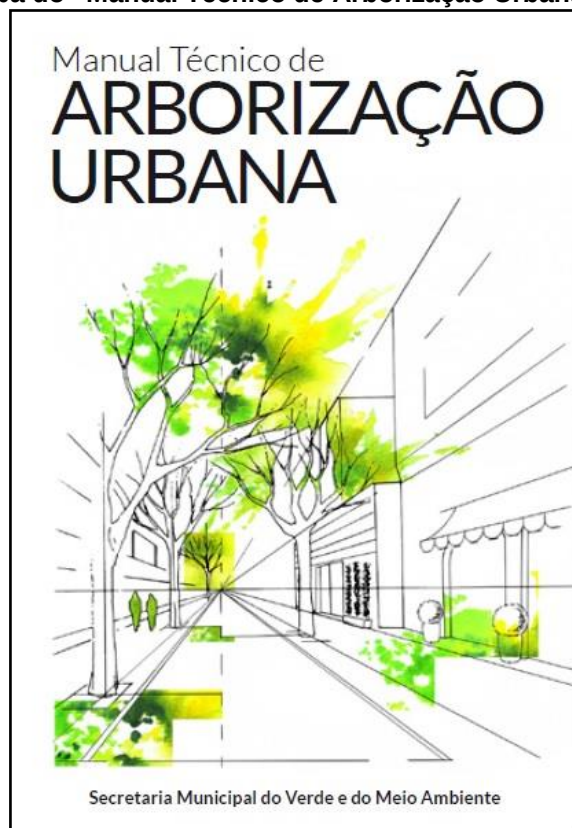
Até o presente momento estavam sendo abordadas as 419 espécies indicadas por Hoehne no livro “Arborização Urbana” (1944a). Buscando responder a respeito das espécies que ainda estariam sendo indicadas para arborização urbana nos dias atuais, foi realizado o cruzamento das espécies presentes na lista indicada por Hoehne com as espécies indicadas pelo mais atual manual de arborização urbana da cidade de São Paulo. Pode-se, assim, chegar as espécies comuns que serão trabalhadas no presente capítulo.

2.1. O Manual Técnico de Arborização Urbana (2015) e a sistematização de dados sobre as espécies indicadas

O “Manual Técnico de Arborização Urbana” (SÃO PAULO, 2015), doravante apenas referido como “Manual” (2015), foi organizado pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente da Prefeitura de São Paulo, e publicado em 2015, correspondendo à 3ª edição revisada e atualizada do mesmo. O Manual (Figura 21), disponível para *download*⁸ no *site* da Prefeitura daquele município, resultou do trabalho de uma equipe técnica constituída de duas biólogas e 17 engenheiros agrônomos, sob a coordenação técnica de dois engenheiros agrônomos, com a colaboração de dois arquitetos, cinco biólogos e três engenheiros, conforme consta na ficha técnica do Manual (SÃO PAULO, 2015).

⁸ https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/publicacoes_svma/index.php?p=188452

Figura 15 - Capa do “Manual Técnico de Arborização Urbana de São Paulo”



Fonte: SÃO PAULO, 2015

O Manual (2015) apresenta informações técnicas sobre como planejar a arborização urbana, bem como sobre técnicas de plantio e manejo de árvores no ambiente urbano. Como anexos, nele são apresentadas três listas de árvores:

- I – Espécies indicadas para arborização de calçada (SÃO PAULO, 2015, p. 67);
- II – Espécies indicadas para a arborização de área interna (SÃO PAULO, 2015, p. 79);
- III – Espécies inadequadas na arborização urbana (SÃO PAULO, 2015, p. 121).

As espécies indicadas nas listas I e II já estavam organizadas em tabela, porém, em formato PDF. Visando compará-las com as plantas do livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a), aquelas foram transferidas para o *software* Excel tornando possível o manejo e seleção de dados específicos. A tabela de “Espécies indicadas para arborização de calçada” apresenta espécies especificamente indicadas para calçadas, bem como a de “Espécies indicadas para a arborização de área interna”, que apresenta espécies indicadas apenas para este fim (arborizar quintais, praças, parques, etc.). Uma vez que o Manual (2015) considera ambas como espécies indicadas para arborização urbana, estas foram somadas, dando origem a uma terceira tabela, totalizando as 254 espécies indicadas por este manual (Apêndice II).

2.2. As espécies comuns entre o livro *Arborização Urbana* (1944a) e o Manual (2015)

Diante da lista de 254 espécies do Manual (2015) e da lista de 419 espécies indicadas por Hoehne (1944a), com a nomenclatura científica já devidamente atualizada, foi possível realizar o cruzamento das informações existentes em ambas. Como resultado deste cruzamento foi gerada uma terceira tabela, apresentada a seguir (Tabela 5), contendo informações sobre 91 espécies encontradas em comum, que serão objeto de estudo deste trabalho, buscando aferir a atualidade da indicação de espécies de Frederico Carlos Hoehne.

Na primeira coluna da tabela é apresentada a contagem sequencial das espécies, de 1 a 91; na segunda e terceira colunas constam, respectivamente, o número e o nome científico da espécie, de acordo com a publicação do botânico (HOEHNE, 1944a); a quarta coluna apresenta os nomes científicos atualizados, de acordo com a base de dados *The Plant List* (2010 onwards), em ordem alfabética; a quinta e a sexta colunas apresentam, respectivamente, o nome popular das espécies, de acordo com o livro de Hoehne (1944a) e o nome popular das mesmas, de acordo com o Manual (2015); finalmente, a sétima coluna apresenta a origem da espécie (nativa ou exótica)⁹, com base nas informações do Manual (2015). As três últimas colunas, representadas pelos números 1, 2, e 3, são relativas a: 1 - as espécies já observadas por Hoehne (1944a) no meio urbano; 2 - a presença dessa mesma espécie no Jardim Botânico de São Paulo; 3 - se as espécies são indicadas para plantio em calçadas pelo Manual (2015).

Tabela 5 - Espécies indicadas por Hoehne no livro “Arborização Urbana” de 1944a e presentes no “Manual Técnico de Arborização Urbana” de 2015

Colunas à direita:

1 - Espécie já observada por Hoehne (1944a) no meio urbano

2 - Espécie presente no Jardim Botânico de São Paulo

3 - Espécie indicada para plantio em calçadas pelo Manual (2015)

	Nº	Nome científico (1944a)	Nome aceito (2018)	Nome popular (1944a)	Nome popular (2015)	Origem (2015)	1	2	3
1	362	<i>Allophylus edulis</i> Radlk.	<i>Allophylus edulis</i> (A.St.-Hil., A.Juss. & Cambess.) Radlk.	Fruta do Paraó	Chal-chal	Nativa		X	X
2	222	<i>Andira anthelminthica</i> Benth.	<i>Andira fraxinifolia</i> Benth.	Angelim	Angelim-doce	Nativa		X	
3	8	<i>Annona montana</i> Macf.	<i>Annona montana</i> Macfad.	Araticú-ponhé	Araticum açu	Nativa			
4	16	<i>Aspidospermum parvifolium</i> A.DC.	<i>Aspidosperma parvifolium</i> A.DC.	Perobeira	Guatambu-oliva	Nativa			X
5	17	<i>Aspidospermum peroba</i> Fr. Allem.	<i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll.Arg.	Peroba-Rósea	Peroba-rosa	Nativa			X

⁹ Informações deste cunho não são apresentadas por Hoehne para todas as espécies, e por meio da busca no site Flora do Brasil 2020 muitas ainda não possuem informações disponíveis, pois o banco de dados se apresenta “em construção”. A maioria das informações obtidas, principalmente o que diz respeito às espécies nativas, estão condizentes com as informações do Manual (2015).

6	2	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott.	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	Aroeira-vermelha	Aroeira-vermelha	Nativa		X
7	3	<i>Astronium graveolens</i> Jacq.	<i>Astronium graveolens</i> Jacq.	Gonçalo Alves	Guaritá	Nativa		X
8	353	<i>Balfourodendron riedelianum</i> Engl.	<i>Balfourodendron riedelianum</i> (Engl.) Engl.	Pau Marfim	Pau-marfim	Nativa	X	X
9	223	<i>Bowdichia virgilioides</i> H. B. K.	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira do Cerrado	Sucupira preta	Nativa		X
10	151	<i>Brownea macrophylla</i> Linden	<i>Brownea macrophylla</i> Linden	Sol da Bolívia ou Braunia	Rosa da mata	Exótica		
11	293	<i>Cabralea laevis</i> DC.	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	Cajarana	Canjarana	Nativa	X	X
12	153	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau Brasil	Pau Brasil	Nativa	X	
13	154	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	<i>Caesalpinia ferrea</i> C.Mart.	Pau Ferro	Pau-ferro	Nativa	X	
14	188	<i>Poinciana pulcherrima</i> L.	<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw.	Barbas de Barata	Flamboyant de jardim	Exótica		
15	111	<i>Calophyllum brasiliense</i> Camb.	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	Jacareuba ou Olandi	Guanandi	Nativa		X
16	344	<i>Calycophyllum spruceanum</i> Griseb.	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook.f. ex K.Schum.	Pau Mulato	Pau-mulato	Nativa	X	X
17	308	<i>Paivaea Langsdorffii</i> Berg.	<i>Campomanesia phaea</i> (O.Berg) Landrum	Cambucí	Cambuci	Nativa	X	X
18	140	<i>Cariniana excelsa</i> Casar.	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	Jequitibá Branco	Jequitibá-branco	Nativa	X	X
19	139	<i>Cariniana brasiliensis</i> Casar.	<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze	Jequitibá Varmelho	Jequitibá-rosa	Nativa	X	X
20	106 (*)	<i>Casearia parvifolia</i> Willd. <i>Casearia sylvestris</i> Sw	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Guassatunga-Falsa	Guaçatonga	Nativa	X	X
21	158	<i>Cassia ferruginea</i> Schrad.	<i>Cassia ferruginea</i> (Schrad.) DC.	Canafístula	Chuva de ouro	Nativa	X	
22	160	<i>Cassia grandis</i> L.	<i>Cassia grandis</i> L.f.	Cassia Imperial ou Chuva de Ouro	Cássia grande	Nativa	X	
23	159	<i>Cassia fistula</i> L.	<i>Cassia fistula</i> L.	Cássia grande	Chuva de ouro	Exótica	X	
24	161	<i>Cassia leptophylla</i> Vog.	<i>Cassia leptophylla</i> Vogel	Barbatimão Falso ou Canafístula de Legumes quadrangulares	Falso barbatimão	Nativa	X	X
25	50	<i>Chorisia speciosa</i> St. Hil.	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	Paineira Branca	Paineira	Nativa	X	X
26	164	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaibeira	Óleo de Copaíba	Nativa	X	X
27	56	<i>Patagonula americana</i> L.	<i>Cordia americana</i> (L.) Gottschling & J.S.Mill.	Guaraiúva	Guajuvira	Nativa		X
28	55	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell) Arrab.	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Peterebi, Cascudinho	Louro pardo	Nativa		
29	364	<i>Cupania vernalis</i> Camb.	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Pau de Cantil ou Camboatã	Camboatã	Nativa	X	X
30	33	<i>Cybistax antisyphiliticum</i> Mart.	<i>Cybistax antisyphilitica</i> (Mart.) Mart.	Cinco Folhas, Ipê de Flor Verde	Ipê-verde	Nativa	X	X
31	231	<i>Dalbergia nigra</i> (Fr. Allem.) Benth.	<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Benth.	Cabiuna ou Caviuna	Jacarandá da Bahia	Nativa		X
32	365	<i>Diatenopteryx sorbifolia</i> Radlk.	<i>Diatenopteryx sorbifolia</i> Radlk.	Maria Preta ou Quepê	Correieira	Nativa		X
33	354	<i>Dictyoloma incanexcens</i> Dc.	<i>Dictyoloma vandellianum</i> A.Juss.	Barbasco Negro	Tingui-preto	Nativa		X
34	233	<i>Dipteryx alata</i> Vog.	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Cumbarú	Baru	Nativa		

35	202	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Orelha de Negro ou Tamboril	Tamboril	Nativa	X		
36	326	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	Pinheiro	Crista de galo	Nativa			
37	236	<i>Erythrina speciosa</i> Andr.	<i>Erythrina speciosa</i> Andrews	Sapatinho de Judeu ou Suinã	Eritrina candelabro	Nativa	X		
38	234	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	Eritrina candelabro	Eritrina falcata	Nativa	X	X	X
39	235	<i>Erythrina verna</i> Vell.	<i>Erythrina verna</i> Vell.	Molungú	Suinã	Nativa	X	X	
40	357	<i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl.	<i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl.	Guarantã	Guarantã	Nativa	X	X	
41	307	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	Grumixameira	Grumixama	Nativa	X	X	
42	321	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Jussara	Juçara	Nativa	X		
43	347	<i>Genipa americana</i> L.	<i>Genipa americana</i> L.	Genipapo	Jenipapo	Nativa			
44	296	<i>Guarea trichiloides</i> L.	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	Carrapateira ou Camboatã	Marinheiro	Nativa			X
45	390	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Guaxima-macho ou Mutamba	Mutambo	Nativa			
46	36	<i>Tecoma alba</i> Cham.	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	Ipê Tabaco	Ipê amarelo da serra	Nativa	X		X
47	38	<i>Tecoma chrysothricha</i> Mart.	<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Ipê Amarelo do Campo	Ipê-amarelo	Nativa		X	X
48 (*)	39 41	<i>Tecoma eximia</i> Miq. <i>Tecoma lpe</i> Mart.	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	Ipê-Preto	Ipê-rosa-anão	Nativa		X	X
49	40	<i>Tecoma impetiginosa</i> Mart.	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Ipê-Roxo	Ipê-roxo-de-bola	Nativa	X		X
50	44	<i>Tecoma ochracea</i> Cham	<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos	Pau d'Arco, Paiúva do Cerrado	Ipê do cerrado	Nativa			X
51	45	<i>Tecoma umbellata</i> Sond.	<i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos	Ipê Amarelo do Brejo	Ipê-amarelo-do-brejo	Nativa		X	X
52	335	<i>Hirtella hebeclada</i> Moric.	<i>Hirtella hebeclada</i> Moric. ex DC.	Comandatuba	Macucurana	Nativa	X		
53	175	<i>Holocalyx glaziovii</i> Taub.	<i>Holocalyx balansae</i> Micheli	Alecrim	Alecrim-de-campinas	Nativa	X	X	X
54	177	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Jatobá	Nativa			X
55	26	<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hil.	<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	Herva Mate	Erva mate	Nativa	X	X	
56	96	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	Andauassú	Andá assu	Nativa	X	X	
57	264	<i>Lafoensia glyptocarpa</i> Hoehne	<i>Lafoensia glyptocarpa</i> Koehne	Pacari-Mirim	Mirindiba	Nativa	X		X
58	265	<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil.	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Dedaleira ou Pacari Verdadeiro	Dedaleiro	Nativa		X	X
59	263	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	Estremosa	Resedá	Exótica	X	X	X
60	339	<i>Moquilea tomentosa</i> Benth.	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch.	Oitiseiro	Oiti	Nativa	X		X
61	271	<i>Lophanthera lactescens</i> L. pendula Ducke	<i>Lophanthera lactescens</i> Ducke	-	Lofãntera da Amazonia	Nativa	X		X
62	414	<i>Luehea grandiflora</i> Mart. & Zucc.	<i>Luehea grandiflora</i> Mart.	Açoita Cavalo	Açoita-cavalo graúdo	Nativa		X	X
63	247	<i>Machaerium nictitans</i> (Vell.) Benth.	<i>Machaerium nyctitans</i> (Vell.) Benth.	Bico de pato ou Guaxumbé	Bico de pato	Nativa			

64	250	<i>Machaerium stipitatum</i> (Dc.) Vog.	<i>Machaerium stipitatum</i> (DC.) Vogel	Pau de malho	Sapuva	Nativa		X
65	252	<i>Machaerium villosum</i> Vog.	<i>Machaerium villosum</i> Vogel	Jacarandá do cerradão	Jacarandá-paulista	Nativa	X	X
66	269	<i>Talauma ovata</i> St. Hil.	<i>Magnolia ovata</i> (A.St.-Hil.) Spreng.	Pinha do Brejo	Pinha do brejo	Nativa		
67	275	<i>Miconia cabuçu</i> Hoehne	<i>Miconia cabussu</i> Hoehne	Cabuçu ou Carvão Vermelho	Pixiricão	Nativa	X	
68	207	<i>Mimosa bracaatinga</i> Hoehne	<i>Mimosa scabrella</i> Benth.	Bracaatinga	Bracatinga	Nativa	X	
69	134	<i>Ocotea pretiosa</i> (Neers) Mez	<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	Sassafrasinho ou Canela Sassafrás	Canela-sassafrás	Nativa	X	X
70	187	<i>Peltophorum vogelianum</i> Benth.	<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.	Ibirapuitá ou Canafístula	Canafístula	Nativa		X
71	100 (*)	<i>Pera glabrata</i> Baill. <i>Pera obovata</i> Baill.	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.	Tamanqueira ou Sapateiro	Tobocuva	Nativa	X	
72	267	<i>Physocalimma scaberrimum</i> Pohl.	<i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl	Pau Rosa ou Cega-Machado	Pau de rosas	Nativa		
73	324	<i>Phytolacca dioica</i> L.	<i>Phytolacca dioica</i> L.	Umbú do Sul ou Cebileiro	Cebileiro	Nativa		
74	255	<i>Platycyamus Regenellii</i> Benth.	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	Pau Pereira	Pau pereira	Nativa	X	
75	257	<i>Platymiscium floribundum</i> Vog.	<i>Platymiscium floribundum</i> Vogel	Sacambú	Sacambu	Nativa	X	
76	256	<i>Platypodium elegans</i> Vog.	<i>Platypodium elegans</i> Vogel	Amendoim do Cerrado	Jacarandá do campo	Nativa		X
77	58	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Almecegueira	Almecegueira	Nativa	X	
78	258	<i>Pterocarpus violaceus</i> Vog.	<i>Pterocarpus violaceus</i> Vogel	Caviuna Falsa ou Jacarandáran a	Aldrago	Nativa		
79	259	<i>Pterodon pubescens</i> Benth.	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	Sucupira ou Faveira	Sucupira	Nativa		X
80	370	<i>Sapindus saponaria</i> L.	<i>Sapindus saponaria</i> L.	Saboneteira ou Sabão de Soldado	Sabão-de-soldado	Nativa	X	X X
81	190	<i>Schizolobium excelsum</i> Vog.	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) S.F.Blake	Guapuruvú ou Fava Divina	Guapuruvu	Nativa		
82	162	<i>Cassia speciosa</i> Schrad.	<i>Senna macranthera</i> (Nees) H.S.Irwin & Barneby	Aleluia	Manduirana	Nativa	X	
83	393	<i>Sterculia foetida</i> L.	<i>Sterculia foetida</i> L.	Mnadobi de Pau ou Xixá	Chichá fedorento	Exótica	X	
84	193	<i>Swartzia langsdorffii</i> Raddi	<i>Swartzia langsdorffii</i> Raddi	Coroanha de árvore	Pacova de macaco	Nativa		X
85	320	<i>Arecastrum romanzoffianum</i> (Cham.) Becc.	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	Gerivá ou Baba de Boi	Jerivá	Nativa	X	
86	5	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Peito de Pomba ou Pau-Pombo	Peito de pombo	Nativa	X	
87	284	<i>Tibouchina granulosa</i> Cogn.	<i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.	Quaresmeira do Rio	Quaresmeira	Nativa	X	X X
88	285	<i>Tibouchina mutabilis</i> Cogn.	<i>Tibouchina mutabilis</i> (Vell.) Cogn.	Quaresmeira da Paulicéia	Manacá da serra	Nativa	X	
89	260	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) O. Kuntze	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze	Tipú ou Tipuana	Tipuana	Exótica		
90	425	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	Pau de Tucano, Vinheiro ou Caixeta do Interior	Pau-de-tucano	Nativa		X

91	13	<i>Xylopia brasiliensis</i>	<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	Pindaideira, Pau de Mastro ou Quiosquinho	Pindaíba	Nativa	X	X
----	----	-----------------------------	--	---	----------	--------	---	---

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1944a) e do Manual (2015)

Os dados que serão apresentados nos itens seguintes deste trabalho têm como base as 91 espécies comuns entre o livro “Arborização Urbana” (1944a) e o Manual (2015), apresentadas na tabela anterior (Tabela 5)¹⁰.

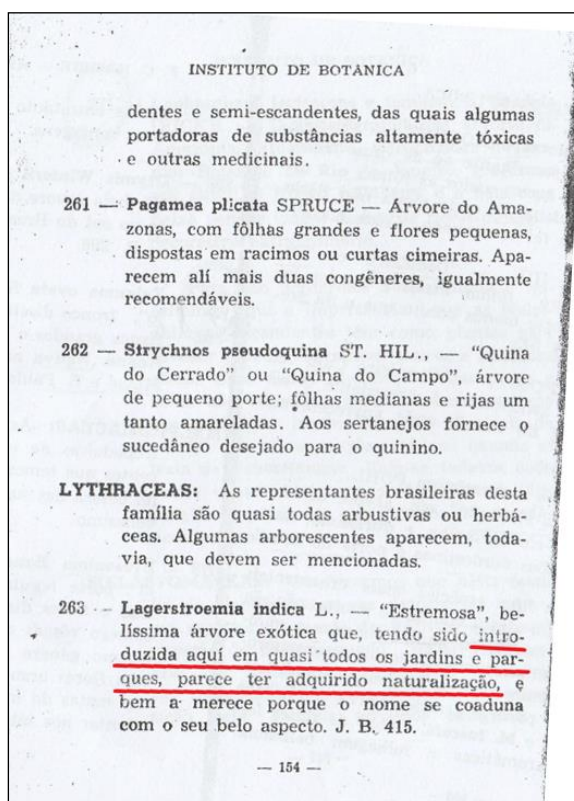
2.2.1 Origem e ocorrência das espécies

Uma vez que o livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a) não apresenta informações sobre a origem de todas as espécies indicadas, e que o mesmo se dá no *site* “Flora do Brasil 2020”, onde ainda não existem informações para muitas delas, já que o banco de dados se apresenta “em construção”, tomamos como base as informações do Manual Técnico de Arborização Urbana de São Paulo (SÃO PAULO, 2015), onde consta que das 91 espécies em questão, 85 são nativas e apenas 6 são exóticas, sendo estas: *Brownea macrophylla* Linden. (rosa da mata), *Caesalpinia pulcherrima* (L.) Sw. (flamboyant de jardim), *Cassia fistula* L. (chuva de ouro), *Lagerstroemia indica* L. (rededá), *Sterculia foetida* L. (chichá fedorento) e *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze (tipuana).

A respeito da espécie *Lagerstroemia indica* L., espécie exótica mais conhecida como resedá, Hoehne observa que já vinha sendo utilizada na arborização de parques e jardins da cidade de São Paulo (HOEHNE, 1944a), como é possível verificar na Figura 22 a seguir. A espécie *Sterculia foetida* L., de acordo com Hoehne, seria “segundo parece, originária de Goiás” e também já havia sido introduzida na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente na Quinta da Boa Vista (HOEHNE, 1944, p. 203), porém, é apontada como exótica pelo Manual (2015). A espécie *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze, originária do Norte da Argentina e Bolívia (GUARALDO, 2002), é considerada por Hoehne (1944, p. 153) como “a Leguminosa mais vulgarizada na arborização”, uma vez que fora significativamente utilizada no início do século XX. Essa espécie é ainda muito presente na arborização de Buenos Aires e, segundo Guaraldo (2002), foi lá introduzida por Jules Charles Thays (1849 – 1934). No Brasil, “sua introdução pode ter ocorrido diretamente” do país vizinho por profissionais paisagistas responsáveis por propostas de parques e espaços livres (GUARALDO, 2002, p. 56).

¹⁰ Tabela com dados apresentados no II Simpósio Brasileiro Online de Gestão Urbana realizado em 2018, (<https://www.amigosdanatureza.org.br/eventos/eventos/paginas/evento/15/pagina/181/ii-sibogu-simposio-brasileiro-online-de-gestao-urbana/sobre-o-evento>) e publicado na Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades, v.6, n.43, p.25 - 40, sob o título “Arborização Urbana” (1944): A atualidade do livro de Frederico Carlos Hoehne (CARVALHO; ENOKIBARA, 2018).

Figura 16 - Observações sobre a espécie *Lagerstroemia indica* L., no livro Arborização Urbana (1944a)



Fonte: HOEHNE, 1944a (grifo nosso)

No âmbito das nativas, *Joannesia princeps* (andassu) foi descrita e nomeada em homenagem à D. João VI, e integrou a coleção de plantas cultivadas no Campo de Santana e no Passeio Público do Rio de Janeiro, em 1885 (GUARALDO, 2002). Em São Paulo tal espécie é observada em 1896, arborizando a avenida Tiradentes (GUARALDO, 2002). A espécie *Calycophyllum spruceanum* (pau-mulato) está presente na arborização urbana do Rio de Janeiro desde o início do século XX, sendo encontrada em forma de aleia no Jardim Botânico da capital fluminense. De acordo com a placa informativa observada por esta autora em uma visita realizada a este Jardim em 2016, a aleia foi plantada em 1º de janeiro de 1932.

Vale ressaltar que, dentre essas espécies, *Miconia cabussu* Hoehne. (pixiricão) e *Mimosa scabrella* Benth. (bracatinga) (Figura 48 presente no Capítulo 3, página 76) foram descobertas, descritas e publicadas por Frederico Carlos Hoehne e constam na “Relação dos novos gêneros e novas espécies descobertas, descritas e publicadas por F.C. Hoehne [...]” em sua autobiografia (HOEHNE, 1951, p.120).

No livro “Arborização Urbana” (1944a) Hoehne não indica a região e o bioma de todas as espécies. As que ele expressamente indica, entre as 91 espécies em questão, conforme demonstra a tabela a seguir, predominam na região Sudeste do Brasil (Tabela 6), mais especificamente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, sendo os três primeiros os principais destinos das excursões botânicas de

Hoehne. Quanto ao bioma, Hoehne indica expressamente quatro espécies da Amazônia (*Brownea macrophylla* Linden., *Calophyllum brasiliense* Cambess., *Hymenaea courbaril* L., *Lophanthera lactescens* Ducke.), e duas da Mata Atlântica (*Magnolia ovata* (A.St.-Hil.) Spreng. e *Miconia cabussu* Hoehne.)

Tabela 6 - Espécies indicadas por Hoehne de acordo com as regiões do Brasil (IBGE, 2004)

Região do Brasil	Espécies	Total
Norte	<i>Brownea macrophylla</i> Linden., <i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess., <i>Dipteryx alata</i> Vogel., <i>Hymenaea courbaril</i> L., <i>Lophanthera lactescens</i> Ducke., <i>Luehea grandiflora</i> Mart., <i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl., <i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand.	8
Nordeste	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam., <i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl.	2
Centro-oeste	<i>Dipteryx alata</i> Vogel., <i>Erythrina crista-galli</i> L., <i>Genipa americana</i> L., <i>Sterculia foetida</i> L.	4
Sudeste	<i>Aspidosperma parvifolium</i> A.DC., <i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll.Arg., <i>Astronium graveolens</i> Jacq., <i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess., <i>Cassia ferruginea</i> (Schrad.) DC., <i>Cordia americana</i> (L.) Gottschling & J.S.Mill., <i>Cupania vernalis</i> Cambess., <i>Erythrina falcata</i> Benth., <i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos., <i>Machaerium stipitatum</i> (DC.) Vogel., <i>Machaerium villosum</i> Vogel., <i>Magnolia ovata</i> (A.St.-Hil.) Spreng., <i>Phytolacca dioica</i> L., <i>Senna macranthera</i> (Nees) H.S.Irwin & Barneby.	14
Sul	<i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll.Arg., <i>Astronium graveolens</i> Jacq., <i>Cassia leptophylla</i> Vogel., <i>Copaifera langsdorffii</i> Desf., <i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Benth., <i>Euterpe edulis</i> Mart., <i>Luehea grandiflora</i> Mart., <i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand., <i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze.	9

Fonte: Elaboração própria com dados extraídos de Hoehne (1944a).

O Manual Técnico de Arborização Urbana (2015) classifica a origem das espécies em 3 categorias: as “Nativas do município de São Paulo”, as “Nativas de outros biomas brasileiros” que não a Floresta ombrófila densa paulistana (também conhecida como Mata Atlântica de interior) e as “Espécies de fora do Brasil” (ou exóticas). Quando tomamos este documento como referência, chegamos a um total de 53 espécies nativas do município de São Paulo (Apêndice III - Tabela 1), ou seja, presentes na região sudeste e pertencentes ao bioma da Mata Atlântica, das quais 10 já haviam sido mencionadas por Hoehne, em seu livro, como tendo sido vistas na mesma região (Tabela 6). Isso mostra a maior atuação de Hoehne com espécies deste bioma, dominantes nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, onde o botânico trabalhou durante o maior tempo de sua carreira. Outras 32 espécies pertencem a outros biomas brasileiros (Apêndice III – Tabela 2), totalizando 85 nativas e 6 exóticas (Apêndice III – Tabela 3).

Quando comparadas as informações do Manual atual (2015) com as informações obtidas sobre a origem das espécies, por meio do site “Flora do Brasil 2020”, foram encontradas, dentre as 91 espécies, 85 também nativas. Entre as 6 exóticas, uma aparece como naturalizada (*Caesalpinia pulcherrima* (L.) Sw.), duas como cultivadas (*Cassia fistula* L., *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze.) e 3 (*Brownea macrophylla* Linden., *Lagerstroemia indica* L., *Sterculia foetida* L.) com o status de “nenhum registro encontrado”, segundo aquela base de dados.

2.2.2 Locais indicados para plantio

Das 91 espécies em comum, entre o livro “Arborização Urbana” (1944a) de Hoehne e o Manual (2015), 50 são indicadas para plantio em calçadas, de acordo com este último, (assinaladas na coluna 3 da Tabela 5), e apenas uma (*Bowdichia virgilioides* Kunth.) é expressamente indicada por Hoehne em seu livro (HOEHNE, 1944, p. 144).

Quando Hoehne menciona espécies para a arborização urbana, não se refere somente às calçadas, mas “também as árvores dos jardins e das praças públicas, e bem assim dos quintais particulares”; pois todas “concorrem, de modo eficiente, para a redução do dióxido de carbono no ar das cidades” (HOEHNE, 1944a p. 78) e resolvem “ao mesmo tempo a estética como a salubridade urbana” (HOEHNE, 1951, p. 118).

O Manual (2015) coloca duas listas diferentes de espécies: a primeira contendo indicações de árvores para calçadas e a outra, de árvores para “áreas internas de lotes e glebas, públicas ou privadas”, na qual todas as 91 espécies se enquadram. De acordo com as observações de Hoehne, no livro Arborização Urbana (1944a), apenas duas das 91 espécies são expressamente indicadas para quintais (considerado como “área interna”), sendo estas: *Annona montana* Macfad. e *Eugenia brasiliensis* Lam. (HOEHNE, 1944a, p. 82).

2.2.3 Espécies observadas por Hoehne no ambiente urbano

Dentre as 91 espécies comuns ao livro Arborização Urbana (HOEHNE, 1944a) e no Manual (2015), 19 já haviam sido observadas por Hoehne ocorrendo no meio urbano, fosse na rua, em hortos ou jardins botânicos, em diferentes cidades do Brasil (espécies assinaladas na coluna representada pelo número 1, da Tabela 5), com observações presentes na Tabela 7 a seguir, organizada por ordem alfabética do nome aceito das espécies.

Tabela 7 - Comentários de Hoehne a respeito das espécies que observara em ambiente urbano

Nº	Nome científico 1944	Nome aceito 2018	Comentário no livro de Hoehne (1944a)
1 344	<i>Calycophyllum spruceanum</i> Griseb.	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook.f. ex K.Schum.	Introduzida por A. DUCKE, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro
2 308	<i>Paivaea Langsdorffii</i> Berg.	<i>Campomanesia phaea</i> (O.Berg) Landrum.	Nativa e cultivada
3 159	<i>Cassia fistula</i> L.	<i>Cassia fistula</i> L.	Cultivada no Rio de Janeiro e climas quentes. Rara em S. Paulo
4 160	<i>Cassia grandis</i> L.	<i>Cassia grandis</i> L.f.	Cultivada no Rio de Janeiro
5 50	<i>Chorisia speciosa</i> St. Hil	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna.	Av. Brasil, que atravessa o Ibirapuera, nos fundos do Instituto Biológico
6 364	<i>Cupania vernalis</i> Camb.	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	No livro O Jardim Botânico de São Paulo, estão registradas algumas entre as árvores nativas na mesma dependência do Instituto de Botânica
7 234	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	Cercanias de São Paulo/ demonstramos no Butantã/ No Piques, na Capital, temos exemplares no largo
8 36	<i>Tecoma alba</i> Cham.	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos.	Já introduzida nas culturas
9 40	<i>Tecoma impetiginosa</i> Mart.	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos.	Já ensaiada na Av. Paulista. S. Paulo
10 175	<i>Holocalyx glaziovii</i> Taub.	<i>Holocalyx balansae</i> Micheli.	Têm sido introduzidas na arborização de S. Paulo e Rio de Janeiro
11 26	<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hil.	<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	Empregada na Rua 15 de Novembro, na cidade de Curitiba, Paraná
12 96	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	Já ensaiada em S. Paulo e outras cidades na arborização pública
13 263	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	Introduzida aqui em quase todos os jardins e parques, parece ter adquirido naturalização
14 339	<i>Moquilea tomentosa</i> Benth.	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch.	Já sobejamente ensaiada no Rio de Janeiro
15 271	<i>Lophanthera lactescens</i> L. pendula Ducke	<i>Lophanthera lactescens</i> Ducke.	Da Amazônia, atualmente introduzidas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro
16 370	<i>Sapindus saponaria</i> L.	<i>Sapindus saponaria</i> L.	Já muito usada como sombra e arborização
17 393	<i>Sterculia foetida</i> L.	<i>Sterculia foetida</i> L.	Originária de Goiás e introduzida na Quinta da Boa-Vista, no Rio e Janeiro
18 284	<i>Tibouchina granulosa</i> Cogn.	<i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.	Introduzida
19 13	<i>Xylopia brasiliensis</i>	<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	Introduzida nas culturas, é distribuída pelo Horto Florestal e existe nos jardins da Av. Paulista

Fonte: Elaborada pela autora com dados extraídos de Hoehne (1944a).

A Quaresmeira (*Tibouchina granulosa* (Desr.) Cogn.) pode ser tomada como exemplo, uma vez que em uma publicação do Instituto Butantã, no ano de 1922 (HOEHNE, 1922, p. 6), o botânico escreve já tê-las observado na cidade de São Paulo, ratificando o fato de estar registrando o que já estava sendo utilizado na arborização urbana da capital paulista para, posteriormente, indicar em seu livro.

No ano da publicação do livro (1944a), do grupo das 91 espécies, 48 já estavam sendo cultivadas no Jardim Botânico de São Paulo, fundado em 1938 por Hoehne. Essa informação pode ser constatada, pois o código de identificação que aparece em algumas espécies do livro “Arborização Urbana” (vide Figura 16) coincide com os códigos referidos no livro “O Jardim Botânico de São Paulo” (HOEHNE; KUHLMANN; HANDRO, 1941). Na Tabela 5, apresentada anteriormente, constam todas estas espécies indicadas na coluna representada pelo número 2. Estas, somadas àquelas observadas por Hoehne em outras áreas urbanas, totalizam 57 espécies, uma vez que 10 delas estiveram presentes tanto no Jardim Botânico quanto no meio urbano.

Acredita-se que as 34 demais espécies possam ser fruto de observações durante expedições realizadas por Hoehne nos diferentes estados e biomas brasileiros, bem como de suas experiências nos hortos que fundou e/ou dirigiu.

CAPÍTULO 3. Investigação sobre a procedência das espécies indicadas por Hoehne no livro “Arborização Urbana” comuns ao Manual (2015)

Levanta-se a hipótese de que as 91 espécies comuns entre o livro “Arborização Urbana” (1944) e o Manual (2015) tenham estado presentes ao longo da trajetória profissional do botânico, antes deste fazer a publicação, assim sustentando as suas indicações. Para a comprovação desta hipótese, foi investigada a presença das 91 espécies nos hortos em que Hoehne trabalhou, ajudou a fundar ou dirigiu, bem como as que tenha observado durante as viagens que realizou e em outras referências.

3.1. Nos hortos botânicos

Conforme é possível observar na Tabela I a seguir, Hoehne passou por 5 instituições durante sua carreira como funcionário público.

Tabela 8 - Instituições onde Hoehne atuou e lista de espécies presentes em cada instituição

Instituição	Período de atuação	Referência das fontes bibliográficas nas quais constam as espécies da instituição
Museu Nacional, Rio de Janeiro	1907-1917	HOEHNE, F.C.; KUHLMANN, J.B. Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon ou Comissão de linhas telegráficas, estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, de 1908 até 1923. São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1951.
Instituto Butantan – Horto Oswaldo Cruz, São Paulo	1917-1923	HOEHNE, F.C. Melastomáceas dos Hervários: Horto "Oswaldo Cruz", Museu Paulista, Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, etc. Anexos das Memórias do Instituto de Butantan. Seção de Botânica. São Paulo: Comp. Editora Melhoramentos, vol. I, Fasc. V, 1922a. ZAHER, E. H.; COSTA, L. T. Raízes do Paisagismo no Butantan: o Horto Oswaldo Cruz e a contribuição de F C Hoehne. In: ENOKIBARA, Marta; GHIRARDELLO, Nilson; SALCEDO, Rosío Fernández Baca (Orgs). Patrimônio, Paisagem e Cidade. Tupã: ANAP, p. 101-127, 2016.
Museu Paulista, São Paulo	1923-1927	HOEHNE, F. C. Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências. São Paulo: Editora Livraria Liberdade, 1925.
Instituto Biológico, São Paulo	1928-1938	-
Jardim Botânico de São Paulo - Departamento de Botânica/ Instituto de Botânica	1939-1951	HOEHNE, F. C. Arborização urbana: fruto da observação e experiência de longos anos, oferecidos aos senhores Prefeitos. Separata do Relatório Anual do Instituto de Botânica referente a 1943. São Paulo: Instituto de Botânica, 1944. HOEHNE, F. C.; KUHLMANN, M.; HANDRO, O. O Jardim Botânico de São Paulo. Precedido de Prólogo Histórico e Notas Bio-bibliográficas de Naturalistas Botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da Flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Departamento de Botânica, 1941.

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1951)

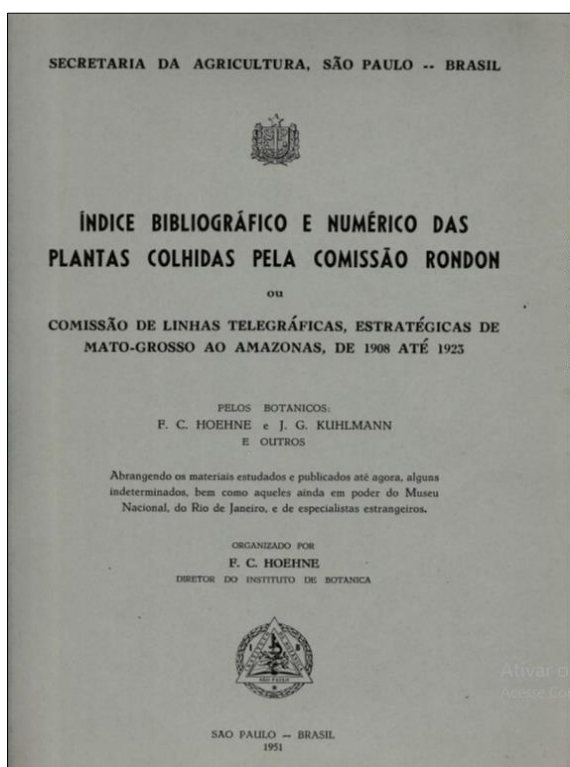
As listas de espécies que constavam, na época, nos hortos das instituições nas quais Hoehne trabalhou, foram cruzadas com as 91 espécies indicadas pelo botânico em seu livro (HOEHNE, 1944) e também presentes no Manual (2015), buscando pelas que se apresentassem comuns.

Museu Nacional – Rio de Janeiro (1907-1917)

Hoehne inicia sua carreira no Museu Nacional no ano de 1907, trabalhando como Jardineiro-Chefe na Quinta da Boa Vista, na então capital do país, a cidade do Rio de Janeiro. No ano seguinte à sua contratação, partiu em sua primeira viagem junto à Comissão Rondon, ao lado do Secretário do Museu Alípio Miranda Ribeiro, o geólogo Cícero de Campos e outros naturalistas (HOEHNE, 1951). No período em que trabalhou no Museu Nacional, participou de mais duas viagens. Quando regressava destas viagens, estudava parte do material que organizava, bem como expedia duplicatas a outros museus, entre eles o Museu Nacional de Dahlem, em Berlim (HOEHNE, 1951).

Neste período Hoehne descreveu, comentou e ilustrou muitas espécies. Os resultados botânicos das viagens realizadas ao Mato Grosso foram publicados no “Índice bibliográfico das plantas colhidas pela Comissão Rondon, nos anos de 1908-1923” (HOEHNE, 1951, p. 109) (Figura 23).

Figura 23 - Capa da publicação de reúne os resultados botânicos das viagens realizadas por Hoehne junto à Comissão Rondon



Fonte: HOEHNE; KUHLMANN, 1951

Figura 24 - Ilustração botânica de orquídea colhida por Hoehne durante a Expedição Rondon



Fonte: HOEHNE, 1912

Dentre as espécies mencionadas no Índice (HOEHNE; KUHLMANN, 1951), 7 estão entre as 91 espécies indicadas por Hoehne no livro “Arborização Urbana” (1944a) comuns ao Manual de Arborização Urbana de São Paulo (2015), e estão apresentadas no quadro a seguir, em ordem alfabética pelo nome científico atualizado:

Tabela 9 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944a) comuns ao Manual atual (2015), presentes no “Índice bibliográfico das plantas colhidas pela Comissão Rondon, nos anos de 1908-1923” (HOEHNE; KUHLMANN, 1951)

Nº	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular (1944)	Nome popular (2015)	Origem (2015)	Local e ano da coleta (1951)	Pág. (1951)
1 223	<i>Bowdichia virgilioides</i> H. B. K.	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira do Cerrado	Sucupira preta	Nativa	Cáceres, MT - 1909 e 1911	230
2 164	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaibeira	Óleo de Copaíba	Nativa	Cáceres, MT - 1914	226
3 267	<i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl.	<i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl	Pau Rosa ou Cega-Machado	Pau de rosas	Nativa	Tapirapoan, MT - 1909	297
4 58	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Almecegueira	Almecegueira	Nativa	Cáceres, MT - 1908	248
5 370	<i>Sapindus saponaria</i> L.	<i>Sapindus saponaria</i> L.	Saboneteira ou Sabão de Soldado	Sabão-de-soldado	Nativa	Corumbá, MT - 1911	270
6 5	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Peito de Pomba ou Pau-Pombo	Peito de pombo	Nativa	Porto do Campo, Rio Sepotuba, MT - 1914	267
7 425	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	Pau de Tucano, Vinheiro ou Caixeta do Interior	Pau-de-tucano	Nativa	Lagoa Santa, MG - 1915	259

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1951)¹¹

Instituto Butantan - Horto Oswaldo Cruz – São Paulo (1917-1923)

Na “Linha do tempo” presente no site do Instituto Butantan¹², no ano de 1917 consta a criação do Horto Oswaldo Cruz, quando

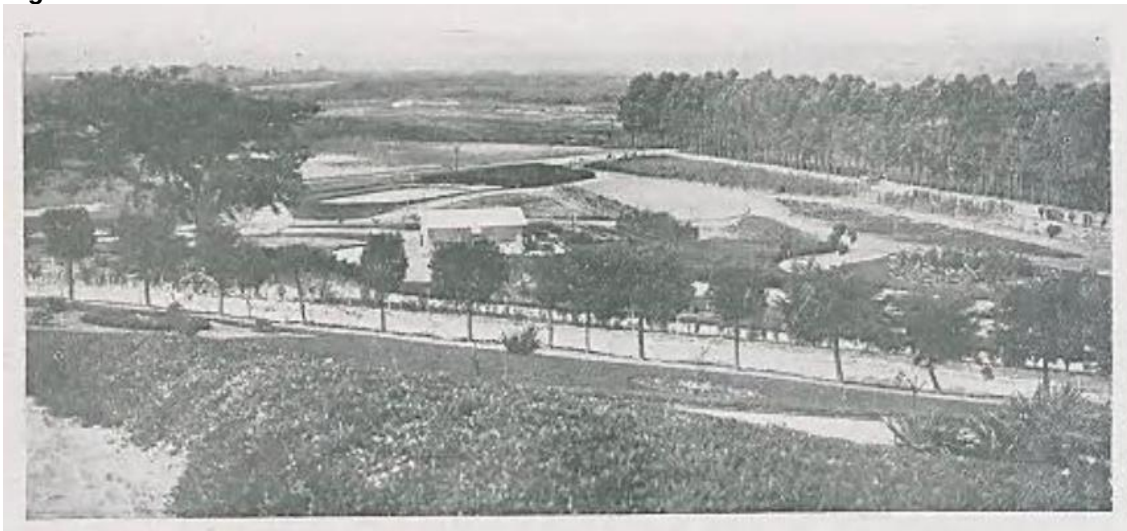
Hoehne é convidado pelo Butantan para organizar um horto botânico a convite do Diretor do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, Arthur Neiva. O horto batizado como Horto Oswaldo Cruz tinha o objetivo de cultivar e aclimatar plantas tóxicas e medicinais para o desenvolvimento de futuros medicamentos (INSTITUTO BUTANTAN, 2019).

¹¹ Tendo como base a Tabela 5, que contém as espécies indicadas por Hoehne no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns às indicadas pelo Manual Técnico de Arborização Urbana (2015).

¹² <http://linhatempo.butantan.gov.br/>

O trabalho do botânico no instituto foi de grande importância, uma vez que “o início do trabalho de Hoehne acontece com a criação de um herbário para a organização e identificação das diferentes espécies de plantas” (INSTITUTO BUTANTAN, 2019) no local.

Figura 17 - Vista do Horto Oswaldo Cruz no ano de 1918



Fonte: HOEHNE, 1925

As espécies lá originalmente cultivadas foram publicadas em um quadro apresentado como anexo no artigo “Raízes do Paisagismo no Butantan: o Horto Oswaldo Cruz e a contribuição de F. C. Hoehne” (ZAHER; COSTA, 2016), presente no livro “Patrimônio, Paisagem e Cidade” (ENOKIBARA; GHIRARDELLO; SALCEDO, 2016). As autoras (ZAHER; COSTA, 2016) extraíram a lista de espécies do “Catálogo do Herbário e das espécies cultivadas no Horto Oswaldo Cruz” (HOEHNE, 1919) e apresentaram-nas com nomenclatura botânica atualizada.

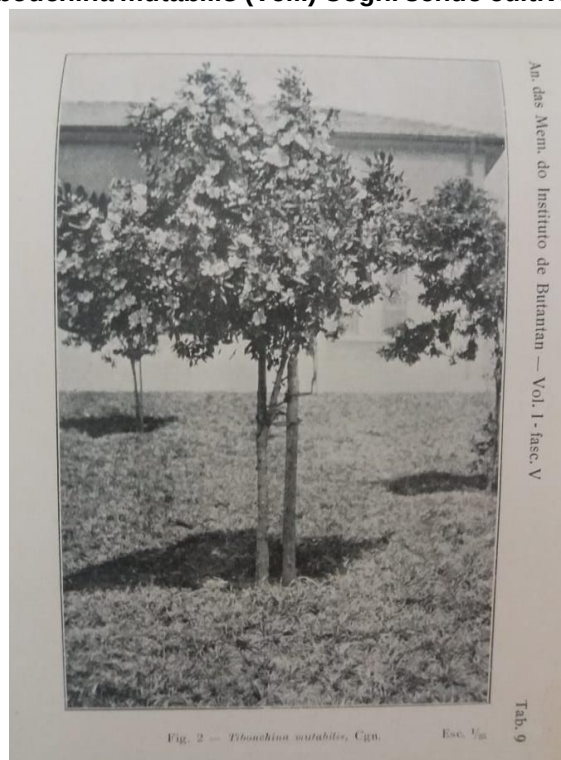
Do total de 162 espécies apresentadas pelo artigo, que estavam sendo cultivadas no Horto, 11 estão entre as 91 espécies comuns entre o livro “Arborização Urbana” (1944) e o Manual atual (2015), as quais serão apresentadas na Tabela 10 a seguir, em ordem alfabética do nome científico atualmente aceito.

Outro documento que apresenta informações sobre as espécies com as quais Hoehne teve contato durante o período em que trabalhou no Horto Oswaldo Cruz é o Fascículo V do volume I dos “Anexos das Memórias do Instituto de Butantan”, publicado em 1922. O documento apresenta as “Melastomáceas dos Hervários: Horto ‘Oswaldo Cruz’, Museu Paulista, Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, etc.” (HOEHNE, 1922a), onde são encontradas 3 espécies (*Handroanthus umbellatus* (Sond.) Mattos.¹³, *Tibouchina granulosa* (Desr.) Cogn. e *Tibouchina mutabilis* (Vell.) Cogn.) referentes ao Horto Oswaldo

¹³ Nome científico atualizado, que na lista de Hoehne (1944) corresponde à sinonímia *Tecoma umbellata* Sond.

Cruz, das quais apenas uma (*Handroanthus umbellatus* (Sond.) consta também no artigo de Zaher e Costa (2016), totalizando 13 espécies.

Figura 18 - A espécie *Tibouchina mutabilis* (Vell.) Cogn. sendo cultivada no Instituto Butantan



Fonte: HOEHNE, 1922

Na tabela a seguir são apresentadas as 13 espécies do Horto Oswaldo Cruz presentes na lista das 91 espécies comuns entre o livro “Arborização Urbana” (1944a) e o Manual (2015), apresentadas em ordem alfabética pelo nome científico atualizado (as demais tabelas seguirão o mesmo padrão de apresentação dos dados).

Tabela 10 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944a) comuns ao Manual (2015), presentes no Horto Oswaldo Cruz, no período que foi administrado por Hoehne

	Nº	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular (1944)	Nome popular (2015)	Origem (2015)	Página artigo (2016)
1	362	<i>Allophylus edulis</i> Radlk.	<i>Allophylus edulis</i> (A. St.-Hil., A. Juss. & Cambess.) Radlk.	Fruta do Paraó	Chal-chal	Nativa	128
2	222	<i>Andira anthelminthica</i> Benth.	<i>Andira fraxinifolia</i> Benth.	Angelim	Angelim-doce	Nativa	125
3	107	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Guassatunga-Falsa	Guaçatonga	Nativa	128
4	33	<i>Cybistax antisiphiliticum</i> Mart.	<i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	Cinco Folhas, Ipê de Flor Verde	Ipê-verde	Nativa	124
5	234	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	Sapatinho de Judeu ou Suinã	Eritrina falcata	Nativa	126
6	45	<i>Tecoma umbellata</i> Sond.	<i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos.	Ipê Amarelo do Brejo	Ipê-amarelo-do-brejo	Nativa	124

7	96	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	Andauassú	Andá assu	Nativa	126
8	265	<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil.	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Dedaleira ou Pacari Verdadeiro	Dedaleiro	Nativa	126
9	190	<i>Schizolobium excelsum</i> Vog.	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) S.F.Blake.	Guapuruvú ou Fava Divina	Guapuruvu	Nativa	127
10	162	<i>Cassia speciosa</i> Schrad.	<i>Senna macranthera</i> (Nees) H.S.Irwin & Barneby.	Aleluia	Manduirana	Nativa	126
11	284	<i>Tibouchina granulosa</i> Cogn.	<i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.	Quaresmeira do Rio	Quaresmeira	Nativa	75 (1922)
12	285	<i>Tibouchina mutabilis</i> Cogn.	<i>Tibouchina mutabilis</i> (Vell.) Cogn.	Quaresmeira da Paulicéia	Manacá da serra	Nativa	66 (1922)
13	260	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) O. Kuntze	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze.	Tipú ou Tipuana	Tipuana	Exótica	126

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Zaher e Costa (2016) e Hoehne (1922)

Museu Paulista – São Paulo (1923-1927)

No dia 12 de dezembro de 1922 a Seção Botânica, até então anexada ao Instituto Butantan e dirigida por Hoehne, passou para a administração do Museu Paulista. Essa transferência ocorreu sem que a Seção Botânica sofresse “qualquer modificação ou reforma na sua organização e funcionamento [...]. Sua sede [continuou] em um pequeno pavilhão do [...] Instituto de Medicamentos Officiaes do Estado” (HOEHNE, 1925, p. 25).

As espécies que estavam sendo cultivadas no Horto do Museu Paulista foram encontradas na publicação de Hoehne (1925) “Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências” (Figura 27). Neste documento constam 18 das 91 espécies indicadas no Hoehne (1944a) em seu livro e comuns com o Manual (2015), que serão apresentadas na Tabela 11 a seguir.

Figura 19 - Capa do livro “Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências” (HOEHNE, 1925) e o índice de nomes científicos das espécies contidas na publicação



Fonte: HOEHNE, 1925

Tabela 11 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944a) comuns ao Manual atual (2015), presentes no Horto do Museu Paulista

Nº	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular (1944)	Nome popular (2015)	Origem (2015)	Página Álbum (1925)
1	362	<i>Allophylus edulis</i> Radlk.	<i>Allophylus edulis</i> (A.St.-Hil., A.Juss. & Cambess.) Radlk.	Fruta do Paraó	Chal-chal	Nativa 60
2	153	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau Brasil	Pau Brasil	Nativa 132
3	154	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	<i>Caesalpinia ferrea</i> C.Mart.	Pau Ferro	Pau-ferro	Nativa 133
4	106	<i>Casearia parvifolia</i> Willd. /	<i>Casearia</i>	Guassatunga-Falsa	Guaçatonga	Nativa 60, 129, 131
	107	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	<i>sylvestris</i> Sw.			60, 129, 132
5	164	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaibeira	Óleo de Copaíba	Nativa 60
6	33	<i>Cybistax antisyphiliticum</i> Mart.	<i>Cybistax antisyphilitica</i> (Mart.) Mart.	Cinco Folhas, Ipê de Flor Verde	Ipê-verde	Nativa 59, 175
7	326	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	Pinheiro	Crista de galo	Nativa 131
8	234	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	Sapatinho de Judeu ou Suinã	Eritrina falcata	Nativa 55, 57
9	307	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	Grumixameira	Grumixama	Nativa 138
10	321	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Jussara	Juçara	Nativa 5, 107, 132, 134

11	38	<i>Tecoma chrysothricha</i> Mart.	<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos.	Ipê Amarelo do Campo	Ipê-amarelo	Nativa	59
12	45	<i>Tecoma umbellata</i> Sond.	<i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos.	Ipê Amarelo do Brejo	Ipê- amarelo-do-brejo	Nativa	59
13	26	<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hil.	<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	Herva Mate	Erva mate	Nativa	138
14	265	<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil.	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Dedaleira ou Pacari Verdadeiro	Dedaleiro	Nativa	60
15	58	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand.	Almecegueira	Almecegueira	Nativa	60
16	190	<i>Schizolobium excelsum</i> Vog.	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) S.F.Blake.	Guapuruvú ou Fava Divina	Guapuruvu	Nativa	132
17	162	<i>Cassia speciosa</i> Schrad.	<i>Senna macranthera</i> (Nees) H.S.Irwin & Barneby.	Aleluia	Manduirana	Nativa	59
18	285	<i>Tibouchina mutabilis</i> Cogn.	<i>Tibouchina mutabilis</i> (Vell.) Cogn.	Quaresmeira da Paulicéia	Manacá da serra	Nativa	68

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1925).

Instituto Biológico, São Paulo (1928-1938)

No ano de 1928 a Seção Botânica é transferida para o Instituto Biológico (Figura 28). Como não havia um Horto Botânico, não há uma lista de espécies presentes nesta instituição.

Figura 20 - Fachada do Instituto Biológico no ano de 1928



Fonte: SÃO PAULO, 2013

Jardim Botânico de São Paulo – Departamento de Botânica (1939-1942) e Instituto de Botânica (1939-1951)

A ideia da construção de um Jardim Botânico para a cidade de São Paulo data de muito antes de sua inauguração. Em 1928 o então Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, Fernando Costa, chamou Hoehne “ao seu gabinete [para] assentar planos para a organização de um horto botânico, que deveria começar pela cultura e exposição das plantas ornamentais mais interessantes da flora indígena” (HOEHNE, 1941, p. 14). Já em 1929 foi criado um orquidário, que em “sua instalação provisória [...] começou merecendo a visita do público” (HOEHNE, 1941, p. 14) (Figura 29). Com o passar dos anos houve a evolução “daquilo que hoje apresentamos como Jardim Botânico de S. Paulo” (HOEHNE, 1941, p. 14).

Em novembro do ano de 1938 “com a criação do Departamento de Botânica, [foi] reconhecido e oficializado o Jardim Botânico” (HOEHNE, 1941, p. 13), podendo desempenhar seu papel na “educação e instrução do povo” (HOEHNE, 1941, p. 13) tendo Frederico Carlos Hoehne como “Diretor-Superintendente” (HOEHNE, 1951, p. 74).

Figura 21 - Fotografia tirada em 1929. Fernando Costa à esquerda e Hoehne à direita do primeiro grupo de orquídeas que chegou ao local onde viria a ser o Jardim Botânico de São Paulo.



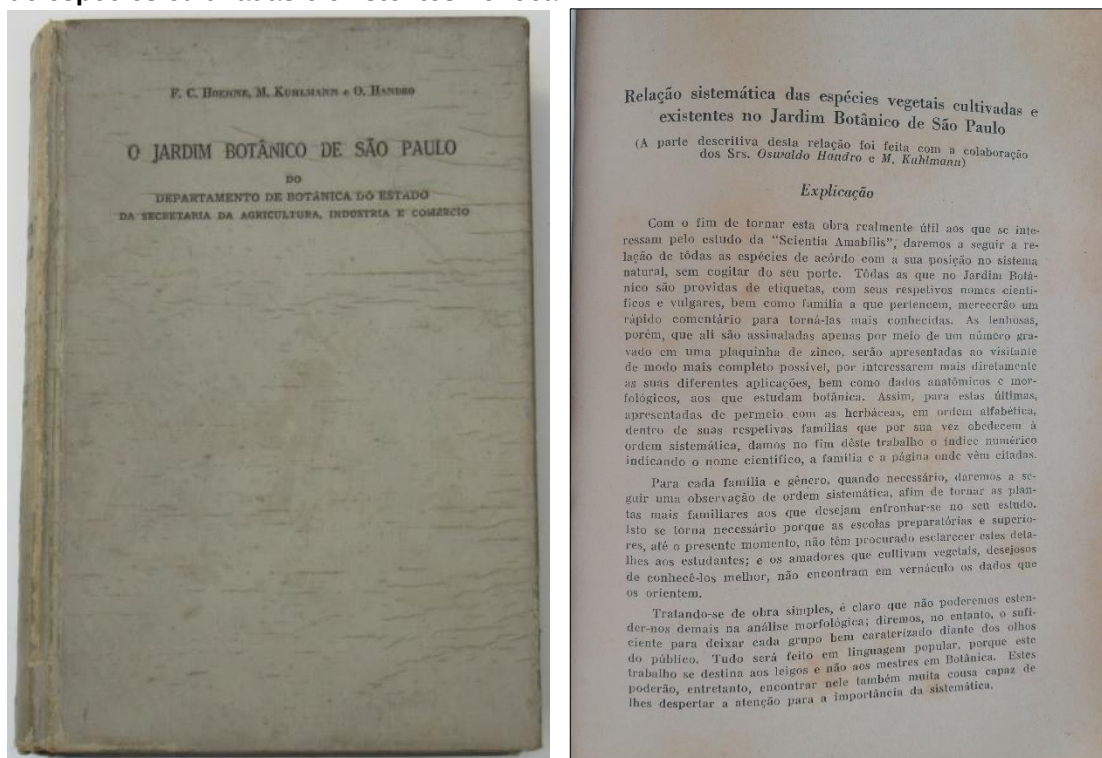
Fonte: HOEHNE, 1943

Figura 22 - Fotografia tirada no orquidário do Jardim Botânico de São Paulo, em 1948, durante a visita do Prof. Dr. Harold Norman Moldenke, do New York Botanical Garden. Da esquerda para a direita: Alma Lance Moldenke, a filha de Hoehne Laelia Hoehne, Prof. Dr. Harold Norman Moldenke, Frederico Carlos Hoehne, e em sua frente a neta Lilian Kuhn



Fonte: HOEHNE, 1949

No livro “O Jardim Botânico de São Paulo” (HOEHNE; KUHLMANN e HANDRO, 1941) (Figura 31), consta a “Relação sistemática das espécies vegetais cultivadas e existentes no Jardim Botânico de São Paulo” (HOEHNE; KUHLMANN e HANDRO, 1941, p. 247). Neste livro foram encontradas 48 das 91 espécies indicadas por Hoehne no livro “Arborização Urbana” (1944) e comuns com o Manual (2015). As espécies estão apresentadas a seguir na Tabela 12.

Figura 23 - Capa do livro “O Jardim Botânico de São Paulo” e página onde inicia a relação de espécies cultivadas e existentes no local

Fonte: HOEHNE; KUHLMANN; HANDRO, 1941

Tabela 12 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual atual (2015) e presentes no Jardim Botânico de São Paulo

	Nº	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular (1944)	Nome popular (2015)	Origem (2015)	Página livro (1941)
1	362	<i>Allophylus edulis</i> Radlk.	<i>Allophylus edulis</i> (A.St.-Hil., A.Juss. & Cambess.) Radlk.	Fruta do Paraó	Chal-chal	Nativa	304
2	222	<i>Andira anthelminthica</i> Benth.	<i>Andira fraxinifolia</i> Benth.	Angelim	Angelim-doce	Nativa	92
3	353	<i>Balfourodendron riedelianum</i> Engl.	<i>Balfourodendron riedelianum</i> (Engl.) Engl.	Pau Marfim	Pau-marfim	Nativa	391
4	293	<i>Cabralea laevis</i> DC.	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	Cajarana	Canjarana	Nativa	88
5	153	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau Brasil	Pau Brasil	Nativa	617
6	154	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	<i>Caesalpinia ferrea</i> C.Mart.	Pau Ferro	Pau-ferro	Nativa	23
7	308	<i>Paivaea Langsdorffii</i> Berg.	<i>Campomanesia phaea</i> (O.Berg) Landrum.	Cambucí	Cambuci	Nativa	388
8	140	<i>Cariniana excelsa</i> Casar.	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze.	Jequitibá Branco	Jequitibá-branco	Nativa	81
9	139	<i>Cariniana brasiliensis</i> Casar.	<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze.	Jequitibá Varmelho	Jequitibá-rosa	Nativa	551
10	106	<i>Casearia parvifolia</i> Willd. /	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Guassatunga-Falsa	Guaçatonga	Nativa	66

107		<i>Casearia sylvestris</i> Sw.					70
11	158	<i>Cassia ferruginea</i> Schrad.	<i>Cassia ferruginea</i> (Schrad.) DC.	Canafístula	Chuva de ouro	Nativa	171
12	161	<i>Cassia leptophylla</i> Vog.	<i>Cassia leptophylla</i> Vogel.	Barbatimão Falso ou Canafístula de Legumes quadrangulares	Falso barbatimão	Nativa	528
13	50	<i>Chorisia speciosa</i> St. Hil	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna.	Paineira Branca	Paineira	Nativa	228
14	164	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaibeira	Óleo de Copaíba	Nativa	49
15	364	<i>Cupania vernalis</i> Camb.	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Pau de Cantil ou Camboatã	Camboatã	Nativa	116
16	33	<i>Cybistax antisyphiliticum</i> Mart.	<i>Cybistax antisyphilitica</i> (Mart.) Mart.	Cinco Folhas, Ipê de Flor Verde	Ipê-verde	Nativa	543
17	202	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong.	Orelha de Negro ou Tamboril	Tamboril	Nativa	470
18	234	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	Sapatinho de Judeu ou Suinã	Eritrina falcata	Nativa	34
19	236	<i>Erythrina speciosa</i> Andr.	<i>Erythrina speciosa</i> Andrews.	Eritrina candelabro	Eritrina	Nativa	530
20	235	<i>Erythrina verna</i> Vell.	<i>Erythrina verna</i> Vell.	Molungú	Suinã	Nativa	332
21	357	<i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl.	<i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl.	Guarantã	Guarantã	Nativa	395
22	307	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	Grumixameira	Grumixama	Nativa	400
23	321	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Jussara	Juçara	Nativa	376
24	38	<i>Tecoma chrysothricha</i> Mart.	<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos.	Ipê Amarelo do Campo	Ipê-amarelo	Nativa	63
25	41	<i>Tecoma lpe</i> Mart.	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos.	Ipê-Preto	Ipê-rosa-anão	Nativa	222
26	45	<i>Tecoma umbellata</i> Sond.	<i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos.	Ipê Amarelo do Brejo	Ipê- amarelo-do-brejo	Nativa	33
27	335	<i>Hirtella hebeclada</i> Moric.	<i>Hirtella hebeclada</i> Moric. ex DC.	Comandatuba	Macucurana	Nativa	211
28	175	<i>Holocalyx glaziovii</i> Taub.	<i>Holocalyx balansae</i> Micheli.	Alecrim	Alecrim-de-campinas	Nativa	409
29	26	<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hil.	<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	Herva Mate	Erva mate	Nativa	153
30	96	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	Andauassú	Andá assu	Nativa	550
31	265	<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil.	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Dedaleira ou Pacari Verdadeiro	Dedaleiro	Nativa	343
32	263	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	Estremosa	Resedá	Exótica	415
33	414	<i>Luehea grandiflora</i> Mart. & Zucc.	<i>Luehea grandiflora</i> Mart.	Açoita Cavalo	Açoita-cavalo graúdo	Nativa	46
34	252	<i>Machaerium villosum</i> Vog.	<i>Machaerium villosum</i> Vogel.	Jacarandá do cerradão	Jacarandá-paulista	Nativa	165

35	275	<i>Miconia cabuçu</i> Hoehne	<i>Miconia cabussu</i> Hoehne.	Cabuçu ou Carvão Vermelho	Pixiricão	Nativa	55
36	207	<i>Mimosa bracaatinga</i> Hoehne	<i>Mimosa scabrella</i> Benth.	Bracaatinga	Bracatinga	Nativa	325
37	134	<i>Ocotea pretiosa</i> (Neers) Mez	<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer.	Sassafrasinho ou Canela Sassafrás	Canela- sassafrás	Nativa	359
38	101	<i>Pera obovata</i> Baill.	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.	Tamanqueira ou Sapateiro	Tobocuva	Nativa	183
39	255	<i>Platycyamus Regenellii</i> Benth.	<i>Platycyamus regenellii</i> Benth.	Pau Pereira	Pau pereira	Nativa	630
40	257	<i>Platymiscium floribundum</i> Vog.	<i>Platymiscium floribundum</i> Vogel.	Sacambú	Sacambu	Nativa	295
41	58	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand.	Almecegueira	Almecegueira	Nativa	109
42	370	<i>Sapindus saponaria</i> L.	<i>Sapindus saponaria</i> L.	Saboneteira ou Sabão de Soldado	Sabão-de- soldado	Nativa	479
43	162	<i>Cassia speciosa</i> Schrud.	<i>Senna macranthera</i> (Nees) H.S.Irwin & Barneby.	Aleluia	Manduirana	Nativa	219
44	320	<i>Arecastrum romanzoffianum</i> (Cham.) Becc.	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman.	Gerivá ou Baba de Boi	Jerivá	Nativa	42
45	5	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Peito de Pomba ou Pau-Pombo	Peito de pombo	Nativa	122
46	284	<i>Tibouchina granulosa</i> Cogn.	<i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.	Quaresmeira do Rio	Quaresmeira	Nativa	244
47	285	<i>Tibouchina mutabilis</i> Cogn.	<i>Tibouchina mutabilis</i> (Vell.) Cogn.	Quaresmeira da Paulicéia	Manacá da serra	Nativa	10
48	13	<i>Xylopia brasiliensis</i>	<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	Pindaideira, Pau de Mastro ou Quiosquinho	Pindaíba	Nativa	310

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne, Kuhlmann e Handro (1941)

Juntamente com a informação dos nomes científicos, populares e famílias das espécies, os autores apresentam breves comentários com a intenção de “torna-las mais conhecidas” (HOEHNE; KUHLMANN; HANDRO, 1941, p. 247). Também são apresentadas nesta publicação algumas fotografias de ruas e edificações nas dependências do Jardim, bem como de espécies lá cultivadas (Figura 32).

Figura 24 - *Erythrina falcata* Benth.



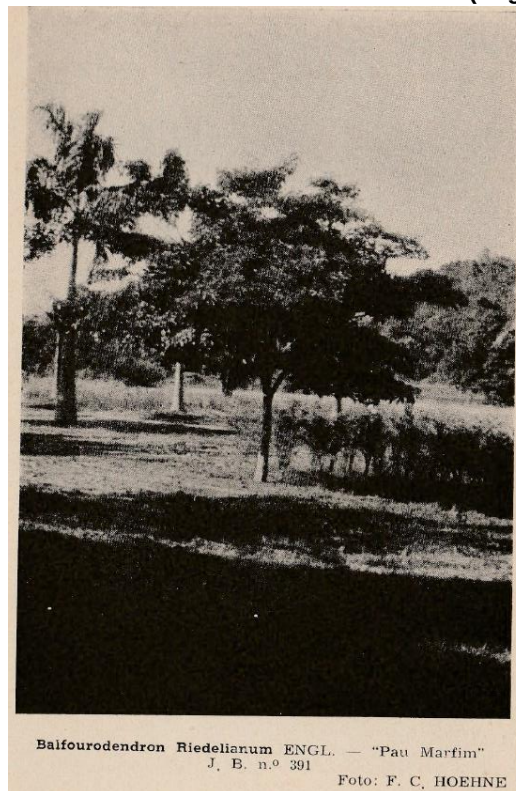
Fonte: HOEHNE; KUHLMANN; HANDRO, 1941

Algumas fotografias das espécies que na época estavam sendo cultivadas no Jardim Botânico estão presentes inclusive no próprio livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a), como é possível observar na Figura 33 e Figura 34 a seguir:

Figura 25 - *Tibouchina mutabilis* Cogn. Figura 26 - *Balfourodendron riedelianum* (Engl.) Engl.



Fonte: HOEHNE, 1944



3.2. Nas viagens

Ao longo de sua trajetória profissional, passando pelas diversas instituições abordadas anteriormente, Hoehne realizou diversas excursões botânicas, chamadas por ele de “viagens” em sua autobiografia (HOEHNE, 1951). Nesta mesma publicação o autor lista 15 “Viagens feitas pelo interior e litoral do Brasil e regiões confinantes de 1908 até 1948” (HOEHNE, 1951, p. 74) e, para cada uma delas, apresenta informações como: o destino, a data e o itinerário da viagem. Depois da 15ª viagem Hoehne afirma ter realizado outras, porém “sendo a demora das mesmas, em regra, de menos de três dias consecutivos, sua menção discriminada não precisava ser feita” (HOEHNE, 1951, p. 77). Hoehne ainda escreve que os relatos sobre essas viagens podem ser encontrados nos “Relatórios Anuais publicados depois de 1939 pelo Instituto de Botânica” (HOEHNE, 1951, p. 77).

De posse dessas informações sobre as viagens, e com o intuito de investigar as espécies por ele observadas até o ano de 1943 (ano em que o livro “Arborização Urbana” foi redigido), os documentos nos quais constam os relatos das viagens foram analisados, e os resultados são apresentados na Tabela 13 a seguir:

Tabela 13 - Viagens realizadas por Hoehne até o ano de 1943, documentos onde foram publicados e onde constam as respectivas listas de espécies

Viagem	Ano	Destino (UF)	Onde foi publicado, segundo a Autobiografia (1951)	Onde foram encontradas relações de espécies
MUSEU NACIONAL - Rio de Janeiro (1907-1917)				
1ª	1908-1909	MT	Não mencionado	HOEHNE, F.C.; KUHLMANN, J.B. Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon ou Comissão de linhas telegráficas, estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, de 1908 até 1923. São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1951.
2ª	1910-1912	MT	Não mencionado	HOEHNE, F.C.; KUHLMANN, J.B. Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon ou Comissão de linhas telegráficas, estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, de 1908 até 1923. São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1951.
3ª	1913-1914	MT	“Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon nos anos de 1908 até 1923, editado em 1951” (p. 75)	HOEHNE, F.C.; KUHLMANN, J.B. Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon ou Comissão de linhas telegráficas, estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, de 1908 até 1923. São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1951.
4ª	1915-1916	MG	Não mencionado	HOEHNE, F.C.; KUHLMANN, J.B. Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon ou Comissão de linhas telegráficas, estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, de 1908 até 1923. São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1951.

INSTITUTO BUTANTAN (1917-1923)				
5 ^a	1918	SP	Não mencionado	HOEHNE, F. C. Melastomáceas dos Hervários: Horto "Oswaldo Cruz", Museu Paulista, Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, etc. Anexos das Memórias do Instituto de Butantan. Seção de Botânica. São Paulo: Comp. Editora Melhoramentos, vol. I, Fasc. V, 1922.
6 ^a	1918	RJ	Não mencionado	HOEHNE, F. C. Melastomáceas dos Hervários: Horto "Oswaldo Cruz", Museu Paulista, Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, etc. Anexos das Memórias do Instituto de Butantan. Seção de Botânica. São Paulo: Comp. Editora Melhoramentos, vol. I, Fasc. V, 1922.
7 ^a	1919	SP, MG	Não mencionado	HOEHNE, F. C. Melastomáceas dos Hervários: Horto "Oswaldo Cruz", Museu Paulista, Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, etc. Anexos das Memórias do Instituto de Butantan. Seção de Botânica. São Paulo: Comp. Editora Melhoramentos, vol. I, Fasc. V, 1922.
8 ^a	1920	SP, MG	Não mencionado	HOEHNE, F. C. Melastomáceas dos Hervários: Horto "Oswaldo Cruz", Museu Paulista, Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, etc. Anexos das Memórias do Instituto de Butantan. Seção de Botânica. São Paulo: Comp. Editora Melhoramentos, vol. I, Fasc. V, 1922.
9 ^a	1921	MG	"O Estado de São Paulo' 29 fev. e 2 mar. de 1924" (p. 76).	HOEHNE, F. C. Uma excursão botânica às serras de Minas Gerais I. As Excursões Botânicas. O Estado de São Paulo, São Paulo, 29, fev., 1924, p.02.
				HOEHNE, F. C. Uma excursão botânica às serras de Minas Gerais II. A viagem. O Estado de São Paulo, São Paulo, 01, mar., 1924, p.02.
				HOEHNE, F. C. Uma excursão botânica às serras de Minas Gerais III. A Serra do Caraça. O Estado de São Paulo, São Paulo, 02, mar., 1924, p.03.
MUSEU PAULISTA (1923-1927)				
10 ^a	1923	SP, MG	"Campos do Jordão, seu clima e phytophysionomia', publicado em Março de 1924" (p. 76).	HOEHNE, F. C. Campos do Jordão - seu clima e fitofisionomia. São Paulo: Museu Paulista, 1924.
11 ^a	1926	SP, RJ, MG	"capítulo das publicações, série: 'Contribuições para o Estudo da flora e fitofisionomia do Brasil', fasc. I" (p. 76).	HOEHNE, F. C. Uma excursão botânica ao norte do Estado de São Paulo e regiões limítrofes dos Estados de Minas e Rio de Janeiro, realizada de 12 de abril a 5 de Maio de 1926. In: Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil, v. I, fasc. I. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, 1942.
12 ^a	1927	MG, SP	"Observações gerais e contribuições para o estudo da flora e fitofisionomia do Brasil', fasc. III" (p. 76).	HOEHNE, F. C. Excursão botânica feita pelo Sul do Estado de Minas Gerais e as regiões limítrofes do Estado de São Paulo, de 12 de Abril a 9 de Junho de 1927, precedida de referências a outras anteriores, nas serras do Interior. In: Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil, v. I, fasc. III. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, 1942.

13 ^a	1928	PR, SC	“na mesma série sob o título ‘Araucarilândia’, que compreende o fasc. II” (p. 76).	HOEHNE, F. C. Araucarilândia. In: Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil, v. I, fasc. II. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, 1942.
INSTITUTO BIOLÓGICO (1928-1938)				
14 ^a	1929	SP, PR, SC	“série ‘Observ. gerais e contr. est. flora e fitofisionomia do Brasil’, fasc. IV” (p. 77).	HOEHNE, F. C. O Litoral do Brasil Meridional - Excursão botânica realizada de 16-9 a 26-10-1929, pela Zona Litorânea, desde Santos até Laguna. In: Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil, v. I, fasc. IV. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, 1942.
15 ^a	1936	SP, MT	“Flora Brasílica’, fasc. 2 (vol. XXV, II; 122), publicado pelo Departamento de Botânica do Estado, em 1940” (p. 77).	Não encontrado
Jardim Botânico de São Paulo - DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA (1939-1942)				
16 ^a	1940	SP	Não mencionado	HOEHNE, F. C. Relatório anual do Departamento de Botânica do Estado: exercício de 1940. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941.
17 ^a	1941	SP	Não mencionado	HOEHNE, F. C. Relatório anual do Departamento de Botânica do Estado: exercício de 1941. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1942.
Jardim Botânico de São Paulo - INSTITUTO DE BOTÂNICA (1942-1951)				
18 ^a	1942	SP	Não mencionado	HOEHNE, F. C. Relatório Anual do Instituto de Botânica Estado: exercício de 1942. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1943
19 ^a	1943	SP	Não mencionado	HOEHNE, F. C. Relatório Anual do Instituto de Botânica do Estado: exercício de 1943. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1944.

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1951)

MUSEU NACIONAL - Rio de Janeiro (1907-1917)

No período em que Hoehne trabalhou no Museu Nacional participou de 4 viagens¹⁴. Em sua autobiografia o botânico menciona que os resultados destas viagens foram organizados e publicados no “Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon nos anos de 1908 até 1923” (HOEHNE; KUHLMANN, 1951). Neste

¹⁴Apesar de serem apresentadas como as primeiras viagens realizadas por Hoehne, segundo sua Autobiografia (1951) o autor expõe que “[...] muito antes de iniciar sua carreira de funcionário público, o biografado levou a efeito pequenas excursões botânicas para coletar Orchidaceas e outras plantas que cultivava [...]. Assim, levou a efeito excursões de Juiz de Fora ao interior do Estado de Minas Gerais, ao Estado do Rio de Janeiro, tendo oportunidade para estudar as Serras de Tiradentes e de S. João d’Elrei, Piedade e Curral d’Elrei. Depois que ingressou na Comissão Rondon, teve, entretanto, oportunidades muitas para conhecer o interior do país e também da Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia” (HOEHNE, 1951, p. 74).

documento foram encontradas 7 das 91 espécies indicadas por Hoehne em seu livro “Arborização Urbana” (1944) comuns com o Manual atual (2015), conforme informado na Tabela 9 (p. 51), anteriormente apresentada.

Nem todo o material colhido em suas viagens chegou até o Rio de Janeiro para ser estudado. Hoehne narra duas situações em que muito material que havia sido colhido durante a sua segunda viagem tenha se perdido:

Infelizmente, mais de 2000 exemplares de herbário coletados [...] perderam-se por haverem sido entregues os caixotes a tropeiro que, de regresso [...] os devia levar para Tapirapoan para de lá serem embarcados para o Rio de Janeiro. Ele os esqueceu num acampamento, num rancho, ao qual depois os aborígenes puseram fogo destruindo tudo. Também no desastre sofrido com o naufrágio de suas canoas [...] perdeu-se muito material, chapas fotográficas, munições, armas e viveres, tendo-se de fazer o resto da viagem contando com palmito de Anajás e uma ou outra caça e castanha do Pará apanhada ao pé das gigantes árvores (HOEHNE, 1951, p. 75).

Figura 27 - Frederico Carlos Hoehne, de roupa branca, à direita da imagem, durante uma de suas viagens junto a Comissão Rondon

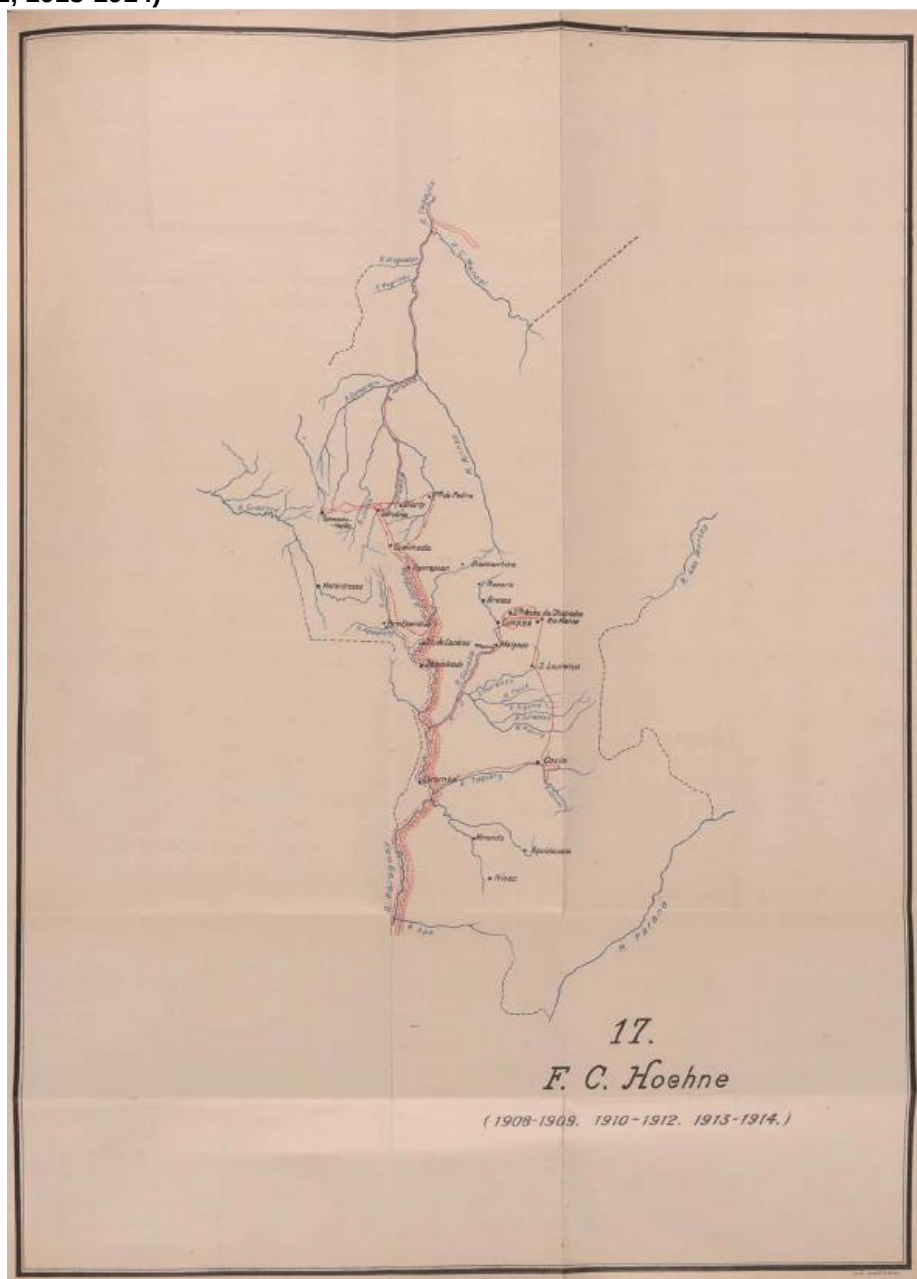


Fonte: KURY; SÁ, 2017

Em uma publicação de Sampaio (1916), intitulada “A flora do Mato Grosso. Memória em homenagem aos trabalhos botânicos da Comissão Rondon” o autor divulga 10 mapas, sendo um deles referente à trajetória percorrida pelo botânico Frederico Carlos Hoehne. Este mapa, apesar de não possuir uma legenda, apresenta as datas das três viagens que Hoehne realizou junto à Comissão Rondon (Figura 36). Conforme é possível observar na

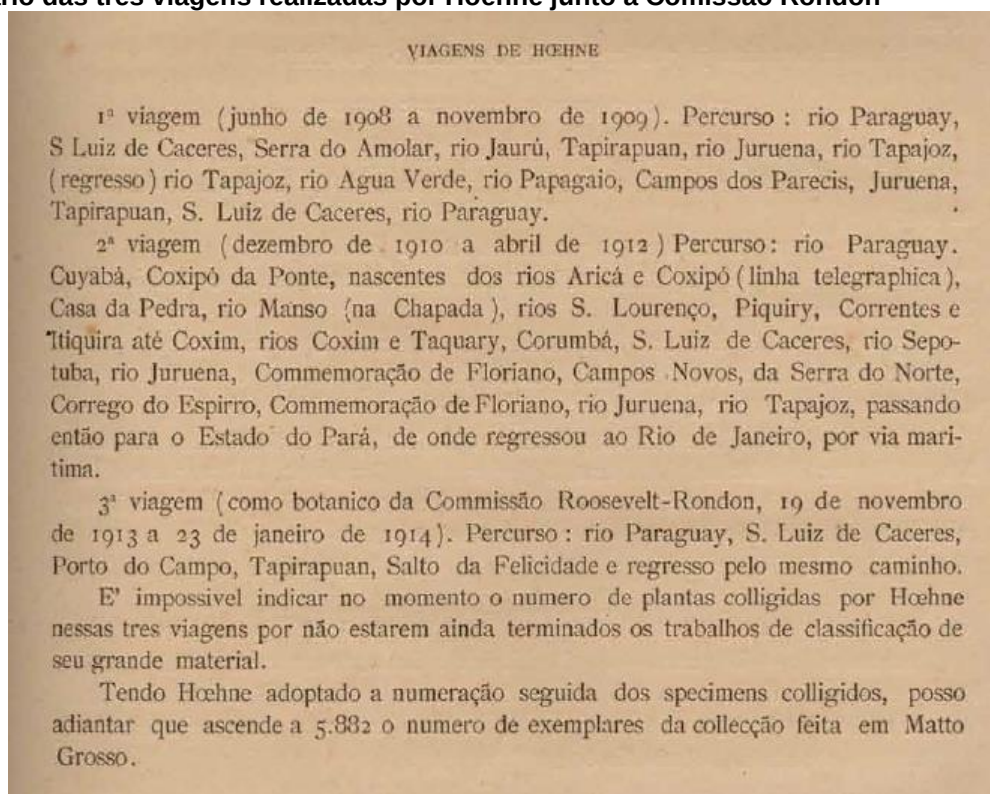
Figura 36, a primeira viagem foi realizada de 1908 a 1909, a segunda de 1910 a 1912 e a terceira de 1913 a 1914, todas tendo o estado do Mato Grosso como destino. O percurso das mesmas vem descrito na página 68 desta publicação (Figura 37).

Figura 28 - Trajeto realizado por Hoehne em suas três viagens ao Mato Grosso (1908-1909, 1910-1912, 1913-1914)



Fonte: SAMPAIO, 1916

Figura 29 - Um recorte da publicação de Sampaio (1916, p. 19) no qual consta a descrição do itinerário das três viagens realizadas por Hoehne junto a Comissão Rondon



Fonte: SAMPAIO, 1916

INSTITUTO BUTANTAN (1917-1923) – São Paulo

Em 1917, “a convite do Diretor do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, Arthur Neiva” (INSTITUTO BUTANTAN, 2019) Frederico Carlos Hoehne se muda para a cidade de São Paulo com o objetivo de “criar nos terrenos no Butantã o Horto Oswaldo Cruz, destinado ao cultivo e estudo de plantas medicinais e tóxicas” (HOEHNE, 1951, p. 73).

Para o botânico, o herbário lá criado era a base para suas ações, uma vez que “nele eram arquivadas amostras vegetais que chegavam para identificação coletadas em expedições e nos arredores do Butantan” (INSTITUTO BUTANTAN, 2019). Da 5ª até a 9ª viagem realizada por Hoehne, o botânico se encontrava vinculado à supracitada instituição.

No ano seguinte de sua contratação, Hoehne fez a sua 1ª viagem, com destino ao Vale do Ribeira de Iguape e Juquiá. Esta viagem merece destaque, uma vez que foi acompanhado pelo doutor Arthur Neiva, Salles Gomes e Monteiro Lobato. O botânico não menciona onde foi publicado o relatório dessa viagem, o que também acontece com suas viagens seguintes, realizadas nos estados do Rio de Janeiro e no interior de São Paulo. Foge à regra, porém, uma viagem por ele realizada no ano de 1920, com destino à Minas Gerais. O botânico escreve ter publicado os “resultados dessa viagem e as observações feitas, no jornal “O Estado de São Paulo”, nos dias 29 de Fevereiro a 2 de março de 1924” (HOEHNE, 1951, p. 76), os quais foram encontrados nos arquivos *online* do citado jornal (Figuras 38, 39 e 40).

Figura 38 - Recorte da página do Jornal "O Estado de São Paulo" do dia 29 de fevereiro de 1924, na qual foi publicada a parte I dos registros da 9ª viagem de Hoehne, com destino a Minas Gerais



Fonte: HOEHNE, 1924a

Figura 39 - Recorte da página do Jornal "O Estado de São Paulo" do dia 01 de março de 1924, na qual foi publicada a parte II dos registros da 9ª viagem de Hoehne, com destino a Minas Gerais



Fonte: HOEHNE, 1924b

Figura 30 - Recorte da página do Jornal "O Estado de São Paulo" do dia 02 de março de 1924, na qual foi publicada a parte III dos registros da 9ª viagem de Hoehne



Fonte: HOEHNE, 1924c

O objetivo da viagem à Minas Gerais, segundo Hoehne, era a de

[...] estudar flora de algumas serras mais altas de Minas Gerais e recolher cotipos de espécies ali descobertas pelos botânicos estrangeiros: MARTIUS, A. DE ST. HILAIRE, F. SELLOW, POHL, SCHWACKE e E. ULE, bem como pelos fitologistas patrícios: ALVARO DA SILVEIRA, L. DAMAZIO, MAGALHÃES e outros [...] (HOEHNE, 1951, p. 76),

Nos registros de suas viagens, contidos no Jornal, não são apresentados os nomes das espécies coletadas, mas apenas a quantidade por família, por isso não foi possível listar as espécies com as quais o botânico teve contato durante essa viagem.

MUSEU PAULISTA (1923-1927)

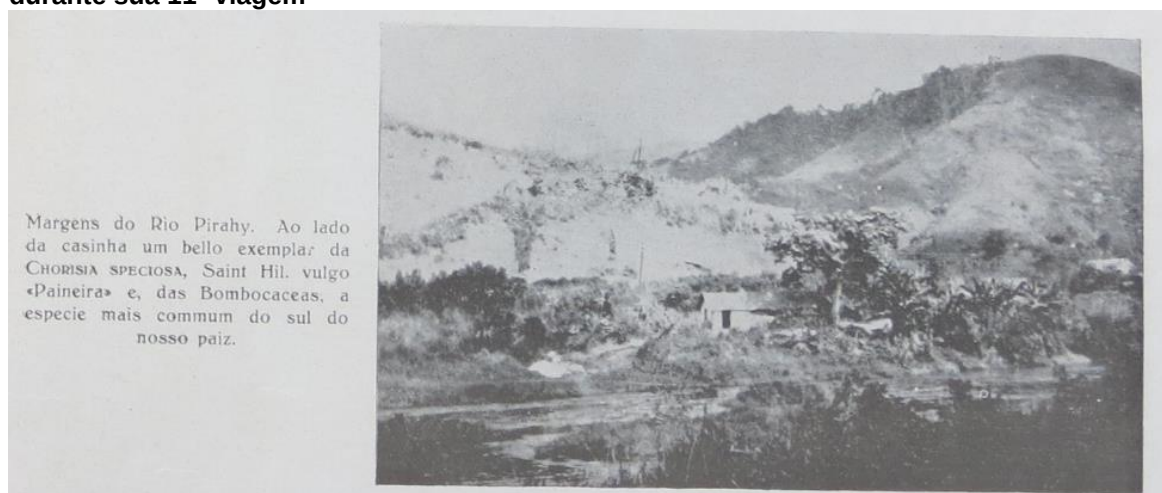
No período em que Hoehne trabalhou vinculado ao Museu Paulista realizou quatro viagens. A primeira (10ª viagem, de acordo com sua Autobiografia, publicada em 1951), ocorreu logo no ano de 1923, para Campos do Jordão, no interior de São Paulo. A viagem deu origem à publicação “Campos do Jordão – seu clima e fitofisionomia” (HOEHNE, 1924d), na qual Hoehne descreve as paisagens por onde passou, algumas espécies que observou pelo caminho, porém, não foi encontrado o relato de nenhuma das 91 espécies indicadas em seu livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944) comuns com o Manual (2015).

As outras três viagens (11ª, 12ª e 13ª, de acordo com sua Autobiografia) foram publicadas em diferentes fascículos de “Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil” (HOEHNE, 1942). A 11ª está contida no fascículo I da publicação, intitulado “Uma excursão botânica ao norte do Estado de São Paulo e regiões limítrofes dos Estados de Minas e Rio de Janeiro, realizada de 12 de abril a 5 de maio de 1926” (HOEHNE, 1942a), onde foram encontradas 4 das 91 espécies (Tabela 1). A 12ª está presente no fascículo III, intitulado “Excursão botânica feita pelo Sul do Estado de Minas Gerais e as regiões limítrofes do Estado de São Paulo, de 12 de Abril a 9 de Junho de 1927, precedida de referências a outras anteriores, nas serras do Interior” (HOEHNE, 1942c), onde foram encontradas 11 espécies (Tabela 2). A 13ª viagem está presente no fascículo II da publicação, intitulado “Araucarilândia” (HOEHNE, 1942b), onde foram encontradas 5 espécies (Tabela 3).

Tabela 14 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual atual (2015) e observadas por Hoehne em sua 11ª viagem tendo como destino os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro

Nº	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular (1944)	Nome popular (2015)	Origem (2015)	Local onde foi observada (1942a)
1 50	<i>Chorisia speciosa</i> St. Hil	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna.	Paineira Branca	Paineira	Nativa	Barra do Pirahy, RJ
2 164	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaibeira	Óleo de Copaíba	Nativa	Turvo, MG
3 321	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Jussara	Juçara	Nativa	Turvo, MG
4 260	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) O. Kuntze	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze	Tipú ou Tipuana	Tipuana	Exótica	Barra do Pirahy, RJ

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1942a)

Figura 31 - *Ceiba speciosa* (A.St.-Hil.) Ravenna. vista por Hoehne em Barra do Pirahy – RJ, durante sua 11ª viagem

Fonte: HOEHNE, 1942a

Tabela 15 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual atual (2015) e observadas por Hoehne em sua 12ª viagem com destino aos estados de Minas Gerais e São Paulo

Nº	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular (1944)	Nome popular (2015)	Origem (2015)	Local onde foi observada (1942b)
1 50	<i>Chorisia speciosa</i> St. Hil	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	Paineira Branca	Paineira	Nativa	Lindoia – Serra Negra, SP
2 164	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaibeira	Óleo de Copaíba	Nativa	Pouso Alegre, MG
3 55	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell) Arrab.	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Peterebi, Cascudinho	Louro pardo	Nativa	Sul de Minas Gerais
4 326	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	Pinheiro	Crista de galo	Nativa	São Bento do Sapucaí, SP
5 296	<i>Guarea trichiloides</i> L.	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	Carrapateira ou Camboatá	Marinheiro	Nativa	Itapira, SP
6 36	<i>Tecoma alba</i> Cham.	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	Ipê Tabaco	Ipê amarelo da serra	Nativa	Lamenta não ver no urbano

7	45	<i>Tecoma umbellata</i> Sond.	<i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos	Ipê Amarelo do Brejo	Ipê-amarelo-do-brejo	Nativa	Lamenta não ver no urbano
8	134	<i>Ocotea pretiosa</i> (Neers) Mez	<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	Sassafrasinho ou Canela Sassafrás	Canela-sassafrás	Nativa	Sul de Minas Gerais
9	320	<i>Arecastrum romanzoffianum</i> (Cham.) Becc.	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman.	Gerivá ou Baba de Boi	Jerivá	Nativa	Itapira, SP
10	285	<i>Tibouchina mutabilis</i> Cogn.	<i>Tibouchina mutabilis</i> (Vell.) Cogn.	Quaresmeira da Paulicéia	Manacá da serra	Nativa	Lamenta não ver no urbano
11	425	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	Pau de Tucano, Vinheiro ou Caixeta do Interior	Pau-de-tucano	Nativa	Pouso Alegre, MG

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1942c)

Figura 42 - *Guarea guidonia* (L.) Sleumer. vista por Hoehne na área rural do município de Itapira, SP



Fonte: HOEHNE, 1942c

Figura 43 - *Ocotea odorifera* (Vell.) Rohwer., em Pouso Alegre, MG



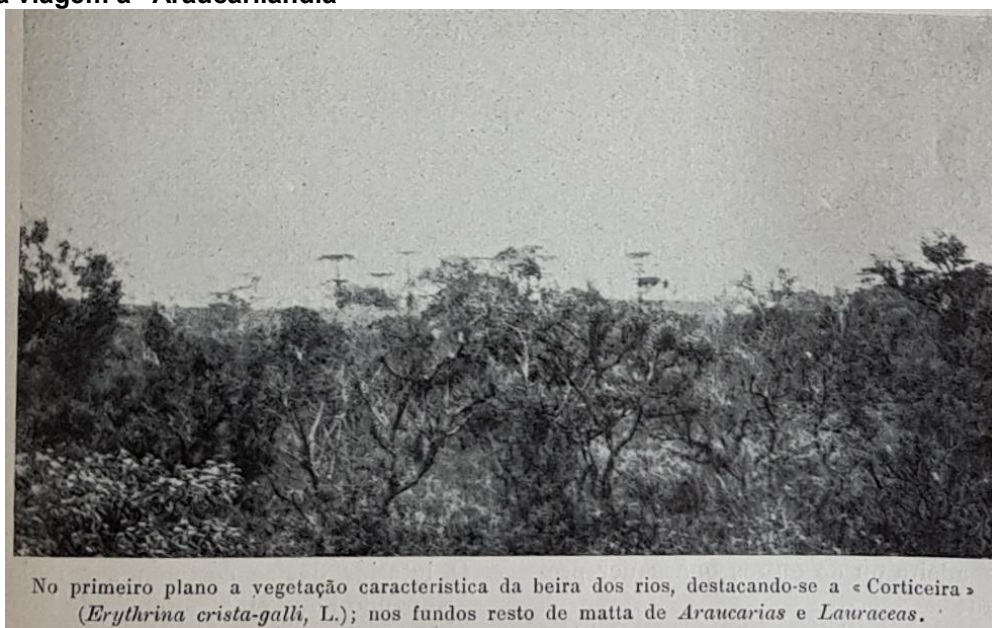
Fonte: HOEHNE, 1942c

Tabela 16 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944a) observadas por Hoehne em sua 13ª viagem aos estados da região Sul do país

Nº		Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular (1944)	Nome popular (2015)	Origem (2015)	Local onde foi observada
1	164	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaibeira	Óleo de Copaíba	Nativa	Vila Velha – Ponta Grossa, PR
2	326	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	Pinheiro	Crista de galo	Nativa	Porto Amazonas – Palmeira, PR
3	321	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Jussara	Juçara	Nativa	Paraty, SC
4	26	<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hil.	<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	Herva Mate	Erva mate	Nativa	Mafra – Rio Negro, PR
5	207	<i>Mimosa bracaatinga</i> Hoehne	<i>Mimosa scabrella</i> Benth.	Bracaatinga	Bracatinga	Nativa	Porto Amazonas – Palmeira, PR e Mafra – Rio Negro, PR

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1942b)

Figura 32 - conjunto de árvores da espécie *Erythrina crista-galli* L., observadas por Hoehne em sua viagem à “Araucarilândia”



Fonte: HOEHNE, 1942b

Figura 33 - Foto da espécie *Copaifera langsdorffii* Desf. presente nos relatos de Hoehne em sua 11ª viagem presente no fascículo I de “Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil” (HOEHNE, 1942)



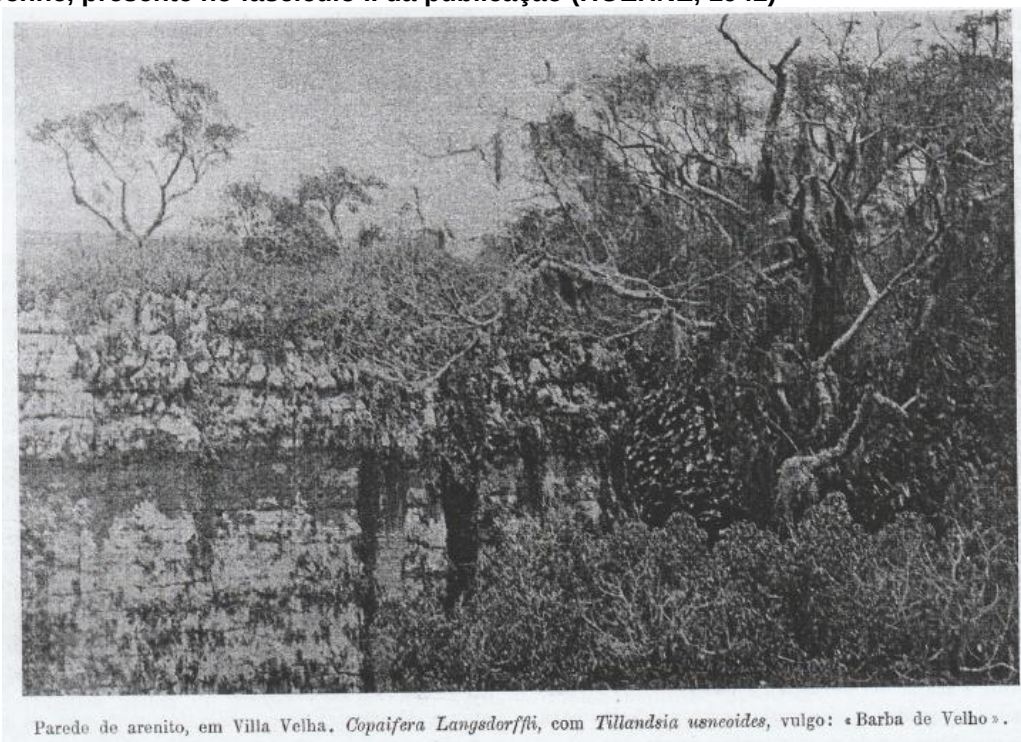
Fonte: HOEHNE, 1942a

Figura 34 - *Copaifera langsdorffii* Desf., presente nos relatos da 12ª viagem de Hoehne publicados no fascículo III de “Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil” (HOEHNE, 1942)



Fonte: HOEHNE, 1942c

Figura 35 - A mesma espécie, *Copaifera langsdorffii* Desf., agora nos relatos da 13ª viagem de Hoehne, presente no fascículo II da publicação (HOEHNE, 1942)



Fonte: HOEHNE, 1942b

INSTITUTO BIOLÓGICO (1928-1938)

Hoehne realizou sua 14ª viagem quando o Departamento de Botânica do Estado passou a pertencer ao Instituto Biológico. A viagem ao “O Litoral do Brasil Meridional – Excursão Botânica realizada de 16-9 a 26-10-1929, pela Zona Litorânea, desde Santos até Laguna” foi publicada em “Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil” (HOEHNE, 1942), como sendo o quarto fascículo desta.

Nesta viagem, na qual Hoehne retorna à região Sul do Brasil, ele menciona o contato com mais 6 espécies, dentre as 91 comuns ao livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944) e ao Manual (2015), conforme mostra a Tabela 17 a seguir:

Tabela 17 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual atual (2015) e observadas por Hoehne em sua 14ª viagem pelo litoral brasileiro, de São Paulo até Santa Catarina

Nº	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular (1944)	Nome popular (2015)	Origem (2015)	Local onde foi observada (1942d)
1 326	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	Orelha de Negro ou Tamboril	Crista de galo	Nativa	Iguape, SP
2 234	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	Sapatinho de Judeu ou Suinã	Eritrina falcata	Nativa	Juquiá – Iguape, SP e Xiririca, SP
3 321	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Jussara	Juçara	Nativa	Iguape, SP e Xiririca, SP
4 207	<i>Mimosa bracaatinga</i> Hoehne	<i>Mimosa scabrella</i> Benth.	Bracaatinga	Bracatinga	Nativa	Curitiba - PR
5 320	<i>Arecastrum romanzoffianum</i> (Cham.) Becc.	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	Gerivá ou Baba de Boi	Jerivá	Nativa	Iguape, SP
6 285	<i>Tibouchina mutabilis</i> Cogn.	<i>Tibouchina mutabilis</i> (Vell.) Cogn.	Tipú ou Tipuana	Manacá da serra	Nativa	Apenas compara o tamanho da flor

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1942d)

Figura 36 - Uma plantação de Bracaatinga (*Mimosa scabrella* Benth.) – observada por Hoehne na área rural do município de Curitiba, Paraná



Fonte: HOEHNE, 1942d

No ano de 1936 Hoehne realiza mais uma viagem, a última registrada por ele na lista de viagens de sua Autobiografia (HOEHNE, 1951). O botânico segue com destino ao “Oeste de São Paulo até Campo Grande de Mato Grosso, de 25 de Julho até 10 de agosto de 1936” (HOEHNE, 1951, p. 77) com o objetivo de “estudar casos de intoxicação de gado bovino na Fazenda da Guanabara, [...] e coletar material do gênero *Arachis* em Mato Grosso” (HOEHNE, 1951, p. 77). O botânico escreve o itinerário da viagem e o seguinte comentário: “Veja-se ‘Flora Brasílica’, fasc. 2 (vol. XXV, II; 122), publicado pelo Departamento de Botânica do Estado, em 1940” (HOEHNE, 1951, p. 77). Porém, nenhum relato sobre a viagem foi encontrado na publicação, assim como nenhuma espécie das comuns entre o livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944) e o Manual atual (2015).

Jardim Botânico de São Paulo - DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA (1939-1942) e INSTITUTO DE BOTÂNICA (1942-1951)

No ano de 1938 a Seção Botânica, chefiada por Hoehne, foi transferida para o então recém inaugurado Jardim Botânico de São Paulo. De 1938 até 1943 (ano em que o botânico escreveu o “Arborização Urbana”, publicado em 1944a) mais 4 viagens foram realizadas, de acordo com os Relatórios Anuais, porém, Hoehne participa de apenas uma.

A partir da 16ª viagem Hoehne não faz mais descrições em sua Autobiografia (1951) o itinerário e informações importante, como fez com as anteriores, e escreve que tratou

sobre elas nos “Relatórios Anuais publicados depois de 1939 pelo Instituto de Botânica” (HOEHNE, 1951, p. 77).

A última viagem realizada por Hoehne aconteceu no ano de 1940 e foi publicada no Relatório Anual do Departamento de Botânica no Estado de 1941. Neste constam as seguintes “Excursões Científicas” (HOEHNE, 1941, p. 41) realizadas naquele ano: dia 27 de maio – Excursão a Ubatuba; dia 11 de junho – excursão a Bertioga; dia 19 de setembro – excursão a Paiol do Meio; e dias 24 a 26 de setembro – excursão a Itirapina (HOEHNE, 1941). O botânico participou apenas das duas primeiras (Ubatuba e Bertioga) e narra o itinerário das mesmas e suas impressões sobre a região, além de mencionar algumas espécies que observa no caminho.

Dentre as espécies que Hoehne menciona nas viagens de 1940, quatro estão presentes entre as 91 espécies comuns entre o livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944) e o Manual (2015), conforme mostra a Tabela 18 a seguir.

Tabela 18 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual atual (2015) e observadas por Hoehne em sua 16ª viagem a Ubatuba e Bertioga, no litoral paulista

Nº	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular (1944)	Nome popular (2015)	Local onde foi observada (1942e)
1 321	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Jussara	Juçara	Bertioga – Santos, SP
2 347	<i>Genipa americana</i> L.	<i>Genipa americana</i> L.	Genipapo	Jenipapo	Ubatuba, SP
3 36	<i>Tecoma alba</i> Cham.	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	Ipê Tabaco	Ipê amarelo da serra	Ubatuba, SP
4 320	<i>Arecastrum romanzoffianum</i> (Cham.) Becc.	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	Gerivá ou Baba de Boi	Jerivá	Bertioga – Santos, SP

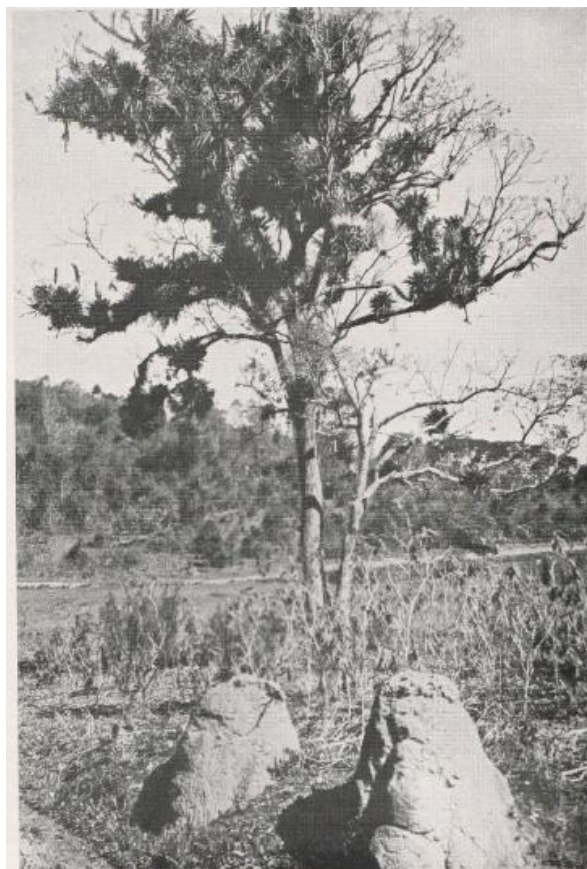
Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1942e)

Figura 37 - Conjunto de *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman. Popularmente chamado por Hoehne de “Jerivá” em Bertioga - SP – “palmeira que abunda em todo o Brasil meridional” (HOEHNE, 1941, p. 60)



Fonte: HOEHNE, 1941

Figura 38 - *Handroanthus albus* (Cham.) Mattos. Observada por Hoehne na estrada para Ubatuba, SP



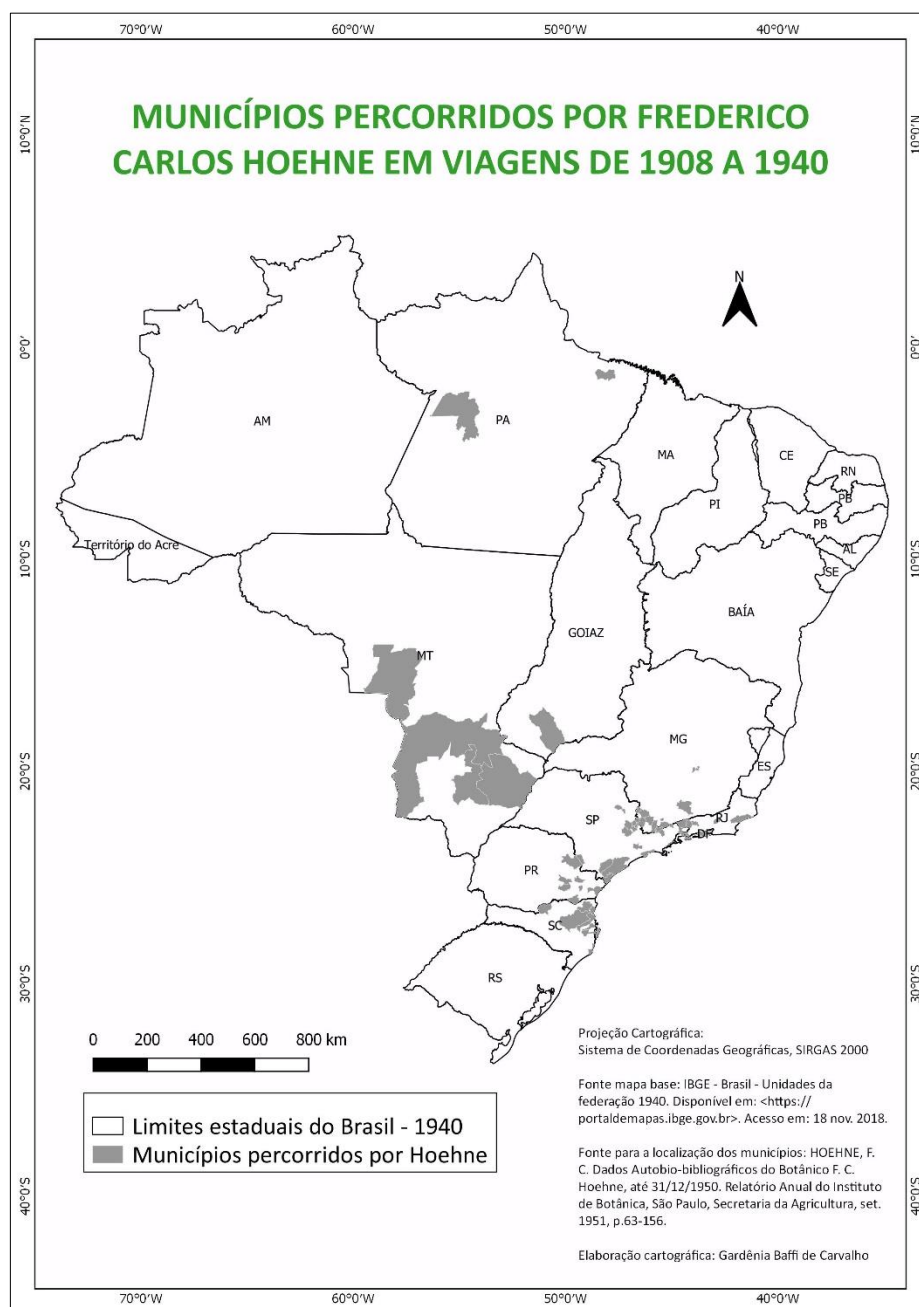
Fonte: HOEHNE, 1941

3.2.1 As viagens nos mapas

Como já mencionado, Hoehne participou de 16 viagens até a data da publicação do livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a). Descrições sobre a 1ª até a 15ª viagem são feitas por Hoehne em sua Autobiografia (HOEHNE, 1951), incluindo os itinerários das mesmas, mencionando os municípios e locais por onde passou. Conforme apresentado no Anexo IV, nem todos os locais mencionados por Hoehne foram encontrados na malha municipal disponibilizada pelo IBGE¹⁵, uma vez que o botânico apresenta locais com nomes popularmente conhecidos, como por exemplo: “Maloca do Chiquinho” (HOEHNE, 1951, p. 75), ou “Encosta da Serra da Bocaina e do Viveiro” (HOEHNE, 1951, p. 76). Deste modo, dos itinerários das 16 viagens foi possível localizar, no mapa, 63 municípios em 8 diferentes estados brasileiros (de acordo com os limites estaduais do Brasil de 1940) percorridos pelo botânico, de 1908 a 1940.

¹⁵ <https://portaldemapas.ibge.gov.br>

Figura 39 - Mapa dos municípios percorridos por Hoehne em 16 viagens realizadas de 1908 a 1940.



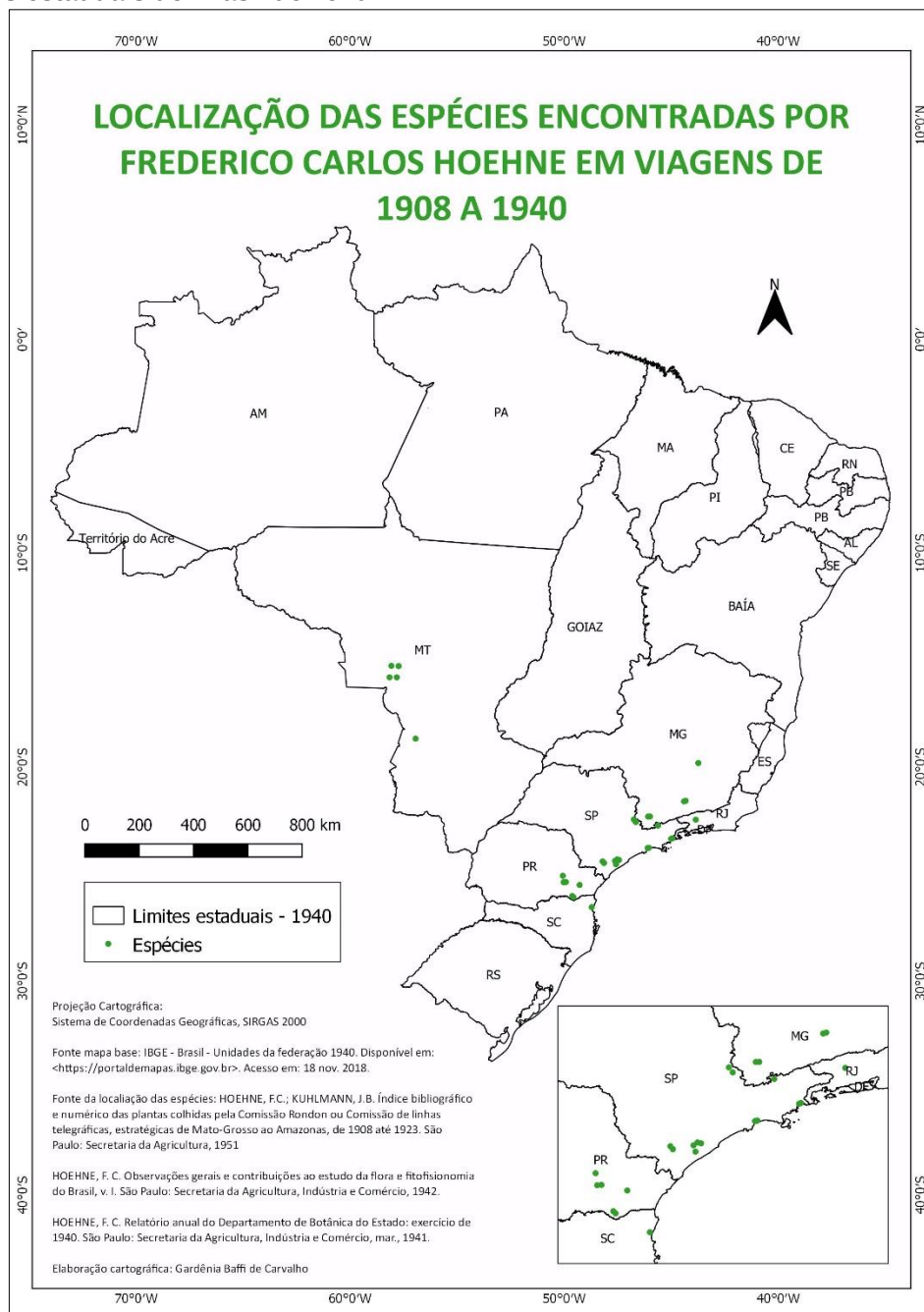
Das 91 espécies de árvores comuns ao livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944) e ao Manual atual (SÃO PAULO, 2015), 17 foram encontradas e localizadas entre os municípios por ele percorridos. São 17 espécies, mencionadas em 31 diferentes localizações, no limite de 19 municípios. Na tabela a seguir são apresentadas as espécies, em ordem alfabética dos nomes científicos atualizados, seguidos das viagens nas quais foram observadas por Hoehne e, ainda, do ano em que a viagem foi realizada e dos municípios onde foram registradas:

Tabela 19 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual (2015) e observadas por Hoehne de sua 1ª à 16ª viagem

	Nº	Nome aceito (2018)	Viagens	Ano	Municípios
1	223	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	1ª e 2ª	1908 a 1909 e 1910 a 1912	São Luiz de Cáceres - MT
2	50	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	12ª	1927	Lindoia - Serra Negra - SP
3	164	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	3ª, 11ª, 12ª e 13ª	1913 a 1914, 1926, 1927 e 1928	São Luiz de Cáceres - MT, Turvo - MG, Pouso Alegre - MG, Vila Velha - Ponta Grossa - PR
4	326	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	12ª, 13ª e 14ª	1927, 1928 e 1929	São Bento do Sapucaí - SP, Porto Amazonas - Palmeira - PR, Iguape - SP
5	234	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	14ª	1929	Juquiá - Iguape - SP, Xiririca - SP
6	321	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	11ª, 13ª, 14ª e 16ª	1926, 1928, 1929 e 1940	Turvo - MG, Paratí - SC, Iguape - SP e Xiririca - SP, Bertioga - Santos - SP
7	347	<i>Genipa americana</i> L.	16ª	1940	Ubatuba - SP
8	296	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	12ª	1927	Itapira - SP
9	36	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	16ª	1940	Ubatuba - SP
10	26	<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	13ª	1928	Mafra - Rio Negro - PR
11	207	<i>Mimosa scabrella</i> Benth.	13ª e 14ª	1928 e 1929	Mafra - Rio Negro - PR, Porto Amazonas - Palmeira - PR e Curitiba, PR
12	58	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	1ª	1908 a 1909	São Luiz de Cáceres - MT
13	370	<i>Sapindus saponaria</i> L.	2ª	1910 a 1912	Corumbá - MT
14	320	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman.	14ª e 16ª	1929 e 1940	Juquiá - Iguape - SP, Bertioga - Santos - SP
15	5	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	3ª	1913 a 1914	Porto do Campo - São Luiz de Cáceres - MT
16	260	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze	11ª	1926	Barra do Piraí - RJ
17	425	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	4ª e 12ª	1915 a 1916 e 1927	Lagoa Santa - Sabará - MG, Pouso Alegre - MG

Fonte: Elaborado pela autora com informações de Hoehne (1951)

Figura 40 - Mapa das espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns com o Manual (2015) encontradas por Hoehne em suas viagens, localizadas por município, sobre os limites estaduais do Brasil de 1940



Além das espécies contidas na Tabela 19, outras duas foram mencionadas como tendo sido observadas por Hoehne em sua 12ª viagem, na região do Sul de Minas Gerais. No entanto, como não é citada a localização exata, na região, tais espécies não foram pontuadas no mapa anterior. São elas: *Cordia trichotoma* (Vell) Arrab. e *Ocotea pretiosa* (Neers) Mez.

Sobrepondo-se o mapa com as espécies foi sobreposto ao mapa dos biomas do Brasil, sendo possível analisar a abrangência do trabalho do botânico quando visualizamos a qual bioma cada uma das espécies foi encontrada (Tabela 20). Com exceção da *Tipuana*

tipu (Benth.) Kuntze., que é um espécie exótica (apesar de ser nativa da América do Sul), as demais são nativas dos respectivos biomas.

Figura 41 - Mapa das espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual (2015) e observadas por Hoehne em suas viagens e os biomas do Brasil

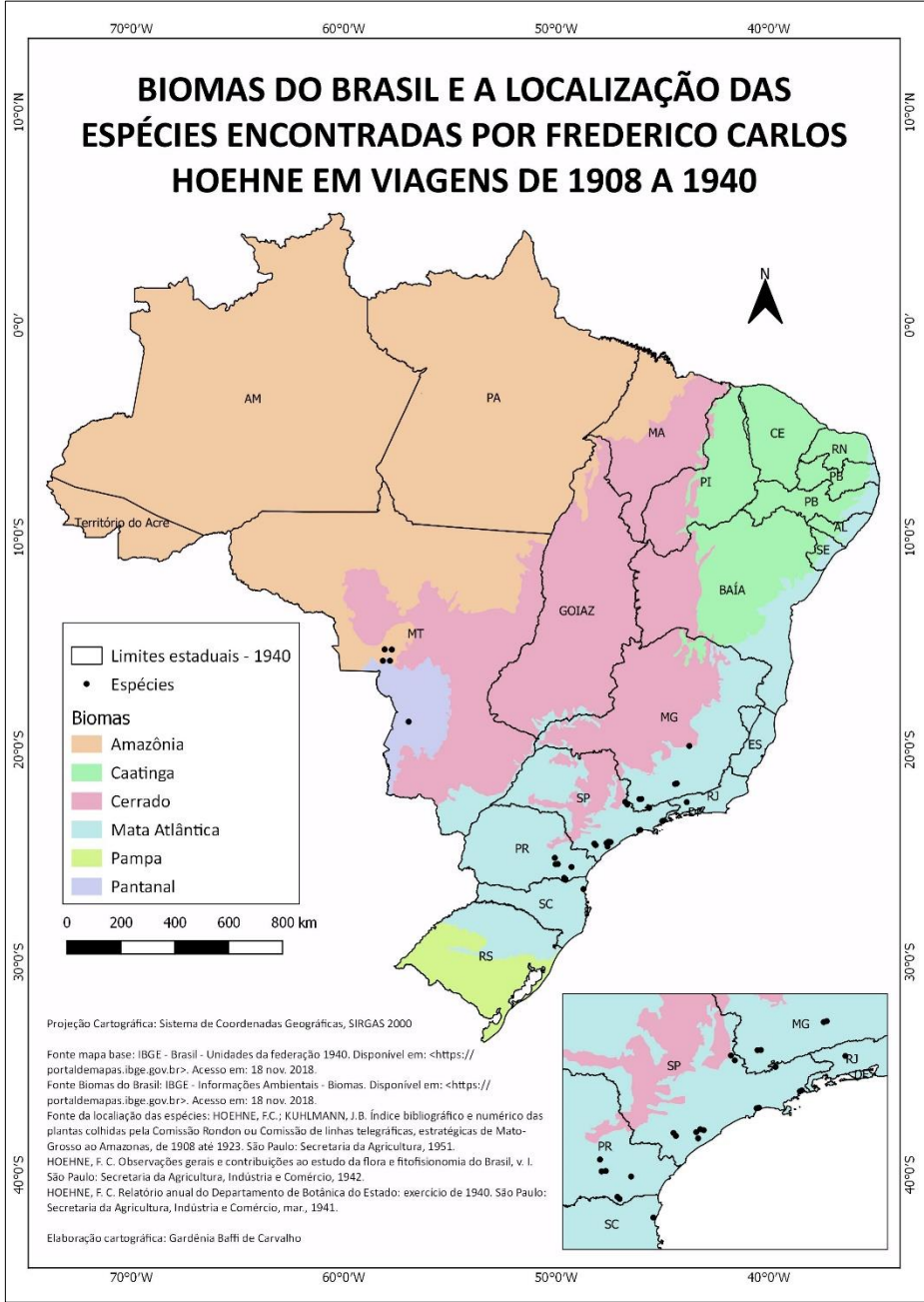


Tabela 20 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns com o Manual (2015) vistas por Hoehne de sua 1ª à 16ª viagem e os biomas a que pertencem

	Nº	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular (1944)	Nome popular (2015)	Origem (2015)	Biomas
1	320	<i>Arecastrum romanzoffianum</i> (Cham.) Becc.	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman.	Gerivá ou Baba de Boi	Jerivá	Nativa	Mata Atlântica
2	223	<i>Bowdichia virgilioides</i> H. B. K.	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	Sucupira do Cerrado	Sucupira preta	Nativa	Pantanal/ Amazônia

3	50	<i>Chorisia speciosa</i> St. Hil	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	Paineira Branca	Paineira	Nativa	Mata Atlântica
4	164	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaibeira	Óleo de Copaíba	Nativa	Amazônia /Mata Atlântica
5	326	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	Pinheiro	Crista de galo	Nativa	Mata Atlântica
6	234	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	Sapatinho de Judeu ou Suinã	Eritrina falcata	Nativa	Mata Atlântica
7	321	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Jussara	Juçara	Nativa	Mata Atlântica/ Cerrado
8	296	<i>Guarea trichiloides</i> L.	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	Marinheiro	Marinheiro	Nativa	Mata Atlântica/ Cerrado
9	26	<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hil.	<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	Herva Mate	Erva mate	Nativa	Mata Atlântica
10	207	<i>Mimosa bracaatinga</i> Hoehne	<i>Mimosa scabrella</i> Benth.	Bracaatinga	Bracatinga	Nativa	Mata Atlântica
11	58	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Almecegueira	Almecegueira	Nativa	Amazônia
12	370	<i>Sapindus saponaria</i> L.	<i>Sapindus saponaria</i> L.	Saboneteira ou Sabão de Soldado	Sabão-de-soldado	Nativa	Pantanal
13	5	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Peito de Pomba ou Pau-Pombo	Peito de pombo	Nativa	Pantanal/ Amazônia
14	260	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) O. Kuntze	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze	Tipú ou Tipuana	Tipuana	Exótica	Mata Atlântica (cultivada)
15	425	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	Pau de Tucano, Vinheiro ou Caixeta do Interior	Pau-de-tucano	Nativa	Cerrado/ Mata Atlântica
16	347	<i>Genipa americana</i> L.	<i>Genipa americana</i> L.	Genipapo	Jenipapo	Nativa	Mata Atlântica
17	36	<i>Tecoma alba</i> Cham.	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	Ipê Tabaco	Ipê amarelo da serra	Nativa	Mata Atlântica

Fonte: Elaborado pela autora

3.3. Outras referências

Além dos documentos oficiais e registros de viagens, Hoehne publicou parte do conhecimento científico produzido também em forma de artigos em jornais e revistas. O botânico destaca, antes de apresentar a relação de suas atividades bibliográficas na Autobiografia (HOEHNE, 1951), que foram “40 anos durante os quais agiu como naturalista na categoria de funcionário do Estado, ou ainda 30 durante os quais publicou artigos e trabalhos diversos” (HOEHNE, 1951, p. 78). Concluimos que a lista de trabalhos é grande, e por isso, apresentar “uma relação impecável se torna utopia” (HOEHNE, 1951, p. 78). Ainda assim, Hoehne apresenta de forma sistematizada uma produção bibliográfica bastante vasta.

Na lista de “Artigos publicados em jornais e revistas, destinados à difusão de conhecimento de botânica e orientação das autoridades” (HOEHNE, 1951, p. 79) totalizam-se 478 trabalhos que abordam “quase exclusivamente de questões referentes à natureza e muito especialmente do reino vegetal” (HOEHNE, 1951, p. 78). Uma análise geral, realizada a partir dos títulos dos artigos, nos permitiu encontrar 8 trabalhos nos quais são feitas menções a espécies presentes na lista das 91 comuns entre o livro “Arborização Urbana” e o Manual (2015). A Tabela 21 apresenta as seguintes informações, nas três últimas colunas, respectivamente: o título do artigo, onde o artigo foi publicado e o número a que corresponde o artigo na lista apresentada por Hoehne em sua Autobiografia (1951).

Tabela 21 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual (2015) e abordadas em artigos publicados por Hoehne em jornais e revistas

2015) e abordadas em artigos publicados por ocasião em jornais e revistas							
Nº	Nome aceito (2018)	Nome popular (1944)	Nome popular (2015)	Título do artigo	Onde foi publicado	Nº (1951)	
1	8	<i>Annona montana</i> Macfad.	Araticú-ponhé	Araticum açu	O Araticúm Ponhé	Data e local desconhecidos	239
2	139	<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze.	Jequitibá Varmelho	Jequitibá-rosa	O Jequitibá	O Estado de São Paulo – 02/04/1930	143
3	50	<i>Ceiba 85peciose</i> (A.St.-Hil.) Ravenna.	Paineira Branca	Paineira	As Paineiras, uma indústria extrativa inexplorada no Brasil	Diário da Noite (data desconhecida)	68
4	321	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Jussara	Juçara	O Palmito	O Estado de São Paulo – 04/12/1935	198
5	347	<i>Genipa americana</i> L.	Genipapo	Jenipapo	A Genipa americana	data e local desconhecidos	227
6	263	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	Estremosa	Resedá	O Resedá	data e local desconhecidos	211
7	252	<i>Machaerium villosum</i> Vogel.	Jacarandá do cerradão	Jacarandá-paulista	O Jacarandá e a Vaviúva	O Estado de São Paulo – 15/11/1936	234
8	284	<i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.	Quaresmeira do Rio	Quaresmeira	As Quaresmeiras	Diário da Noite – 03/05/1926	85

Fonte: Elaborado pela autora com informações de Hoehne (1951)

3.4. Repertório vegetal utilizado em São Paulo no início do Século XX

Desde que Hoehne chega em São Paulo no ano de 1917, Hoehne observa as espécies de árvores nativas que já estavam sendo utilizadas para arborizar a cidade. Este fato é percebido quando em seu livro “Arborização Urbana” (1944) o botânico tece comentários sobre algumas espécies que observa, conforme mostra a tabela a seguir:

Tabela 22 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944) comuns ao Manual (2015) que apresentam comentários de Hoehne sobre a sua presença na arborização urbana de São Paulo

Nº	Nome científico 1944	Nome aceito 2018	Comentário no livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944)
----	----------------------	------------------	---

1	50	<i>Chorisia speciosa</i> St. Hil	<i>Ceiba 86peciose</i> (A.St.-Hil.) Ravenna.	Av. Brasil, que atravessa o Ibirapuera, nos fundos do Instituto Biológico
2	234	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	Cercanias de São Paulo/ demonstramos no Butantã/ Nos Piques, na Capital, temos exemplares no largo
3	40	<i>Tecoma impetiginosa</i> Mart.	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos.	Já ensaiada na Av. Paulista. S. Paulo
4	175	<i>Holocalyx glaziovii</i> Taub.	<i>Holocalyx balansae</i> Micheli.	Têm sido introduzidas na arborização de S. Paulo e Rio de Janeiro
5	26	<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hil.	<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	Empregada na Rua 15 de Novembro, na cidade de Curitiba, Paraná
6	96	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	Já ensaiada em S. Paulo e outras cidades na arborização pública
7	13	<i>Xylopia brasiliensis</i>	<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	Introduzida nas culturas, é distribuída pelo Horto Florestal e existe nos jardins da Av. Paulista

Fonte: Elaborado pela autora com informações de Hoehne (1944)

Além das informações oferecidas pelo botânico, Guaraldo (2002) em sua tese intitulada “Repertório e Identidade. Espaços Públicos em São Paulo, 1890-1930” apresenta o repertório vegetal da arborização urbana de São Paulo do final do século XIX até o começo do século XX. A autora divide sua análise em 3 períodos: o primeiro que vai de 1899 até 1911, o segundo período de 1912 até 1918 e o terceiro de 1919 até 1927. Guaraldo traduziu o repertório vegetal utilizado em cada período como “um elemento por si capaz de refletir uma identidade” (GUARALDO 2002, p. 15), de modo que ao longo da história os “critérios de escolha e valorização” (GUARALDO 2002, p. 15) se transformaram refletindo assim nas diferentes espécies utilizadas na arborização da capital paulista.

No primeiro período (1899 até 1911) havia uma forte preocupação em sanear e embelezar a cidade por meio de árvores que davam alinhamento, e sob a forte influência europeia havia o predomínio de espécies exóticas (GUARALDO, 2002). Neste contexto a paisagem ficou marcada pela presença de espécies como o Plátano (*Platanus orientalis* L.) e o Alfeneiro (*Ligustrum japonicum* Thunb.). O segundo período (1912 até 1918) aponta o início da valorização das espécies nativas, uma vez que começam a surgir “motivações e estímulos convergindo em direção ao nativismo” (GUARALDO, 2002, p. 50). As espécies exóticas do período anterior continuam presentes, juntamente com a Tipuana (*Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze.) e o Jacarandá mimoso (*Jacaranda acutifolia* Bonpl.), que ganham destaque neste segundo período. Mesmo que ainda pontualmente, no período em questão foram detectadas, ainda, espécies como a Quaresmeira (*Tibouchina* sp.) e a Canelinha (*Ocotea* sp.) (GUARALDO, 2002).

No terceiro período, que vai de 1919 a 1927, as atenções municipais e da sociedade se voltaram para o Centenário da Independência do Brasil, por isso a valorização do “nacional” e do “paulista” foi promovida em todos os setores da vida e da cultura urbana (GUARALDO, 2002). Neste contexto, as espécies de árvores nativas para arborização ganham força. Guaraldo (2002, p. 68) destaca a presença principalmente de duas

espécies: o Alecrim de campinas (*Holocalyx glasiowii* Tamber) e a Quaresmeira (*Tibouchina* sp.).

Com relação à utilização de espécies nativas para arborização urbana, Frederico Carlos Hoehne, como um grande defensor da causa escreveu em 1922, que deveríamos ser mais patriotas e “fazer propaganda das nossas plantas decorativas indígenas [que] em pouco tempo verificaremos que o nosso quintal é tão ou mais bonito que o do vizinho” (HOEHNE, 1922 apud GUARALDO, 2002, p. 132).

Com base no repertório vegetal apresentado por Guaraldo (2002), que era utilizado nas ruas de São Paulo no início do século XX, conclui-se que algumas espécies já eram familiares para Hoehne na época. Cerca de 20 anos depois, o botânico publica o livro “Arborização Urbana” (1944a) indicando mais de 400 espécies nativas para este fim. Das 91 comuns ao Manual de 2015, 10 já estavam nas ruas da capital paulista, conforme mostra a Tabela 23 a seguir.

Tabela 23 - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” (1944a) comuns ao Manual (2015) e presentes no repertório vegetal da arborização da cidade de São Paulo no início do século XX

	Nº	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular (1944)	Nome popular (2015)	Origem (2015)	Período (2002)
1	36	<i>Tecoma alba</i> Cham.	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos.	Ipê Tabaco	Ipê amarelo da serra	Nativa	1919 a 1927
2	38	<i>Tecoma chrysotricha</i> Mart.	<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos.	Ipê Amarelo do Campo	Ipê-amarelo	Nativa	1919 a 1927
3	39	<i>Tecoma eximia</i> Miq.	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos.	Ipê-Preto	Ipê-rosa-anão	Nativa	1919 a 1927
	41	<i>Tecoma lpe</i> Mart.					1919 a 1927
4	40	<i>Tecoma impetiginosa</i> Mart.	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos.	Ipê-Roxo	Ipê-roxo-de-bola	Nativa	1919 a 1927
5	44	<i>Tecoma ochracea</i> Cham.	<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos.	Pau d'Arco, Paiúva do Cerrado	Ipê do cerrado	Nativa	1919 a 1927
6	45	<i>Tecoma umbellata</i> Sond.	<i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos.	Ipê Amarelo do Brejo	Ipê-amarelo-do-brejo	Nativa	1919 a 1927
7	134	<i>Ocotea pretiosa</i> (Neers) Mez	<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer.	Sassafrasinho ou Canela Sassafrás	Canela-sassafrás	Nativa	1919 a 1927
8	284	<i>Tibouchina granulosa</i> Cogn.	<i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.	Quaresmeira do Rio	Quaresmeira	Nativa	1919 a 1927
9	285	<i>Tibouchina mutabilis</i> Cogn.	<i>Tibouchina mutabilis</i> (Vell.) Cogn.	Quaresmeira da Paulicéia	Manacá da serra	Nativa	1919 a 1927
10	260	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) O. Kuntze	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze.	Tipú ou Tipuana	Tipuana	Exótica	1912 - 1918

Fonte: Elaborado pela autora com informações de Guaraldo (2002)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frederico Carlos Hoehne foi um dos principais botânicos do início do século XX e trouxe grandes contribuições para o campo da botânica e também do paisagismo no Brasil. Além das publicações científicas, objetivando que o conhecimento sobre as espécies vegetais brasileiras chegasse a todos, Hoehne publicou também em jornais, revistas e até em forma de livros infantis, com o intuito de despertar o interesse e a admiração de todos pela flora nativa. Nesse conjunto de publicações está o livro “Arborização Urbana” (HOEHNE, 1944a), foco de estudo na presente dissertação, que Hoehne dedica “aos senhores Prefeitos”. A intenção do autor era colaborar para a difusão de espécies nativas que poderiam ser utilizadas para arborizar as cidades brasileiras.

Trata-se de uma vida dedicada à preservação e à valorização da flora nativa, principalmente da flora paulista. Em relação às espécies indicadas pelo mais recente Manual Técnico de Arborização Urbana da cidade de São Paulo (2015), 91 das 254, ou seja, 35,8% das espécies indicadas neste último já haviam sido indicadas por Hoehne em seu livro, no ano de 1944, revelando assim sua atualidade. O trabalho de Frederico Carlos Hoehne foi de fundamental importância para a estruturação de um repertório vegetal para a arborização das cidades. Este resultado foi obtido por meio do cruzamento de dados realizados pela presente pesquisa, tendo como produto final tabelas que organizam dados possíveis de subsidiar trabalhos futuros.

A sistematização das informações sobre as espécies comuns entre o livro de Hoehne (1944a) e o Manual atual (2015) permitiu extrair algumas chaves de leitura sobre um repertório vegetal constituído por 85 espécies nativas e 6 exóticas. Com o intuito de verificar a procedência das indicações de Hoehne, constatou-se, por meio da pesquisa em diversos documentos oficiais e artigos, que parte destas espécies já estavam sendo cultivadas nos jardins e hortos botânicos que Hoehne ajudou a fundar e/ou dirigir no início do século XX, como o Horto Oswaldo Cruz do Instituto Butantan, o Horto do Museu Paulista e o Jardim Botânico de São Paulo.

Algumas espécies também já haviam sido observadas pelo botânico durante as 16 viagens que ele realizou para “coleta de plantas”, durante os anos que antecederam a publicação do livro. Nessas viagens Hoehne passou por áreas rurais e também urbanas, segundo informações obtidas por meio dos relatos das viagens publicadas em artigos de jornais e em outros documentos de instituições públicas onde o botânico trabalhou, publicados por meio da Secretaria da Agricultura do Estado.

Ao ir para campo, nas diversas viagens que realizou, Hoehne levou da mata para os herbários e também para as ruas das cidades, espécies nativas. Com o mapeamento dos municípios percorridos por ele, dando origem aos produtos cartográficos apresentado no presente trabalho, foi possível visualizar a abrangência geográfica do trabalho do

botânico, no que diz respeito aos municípios brasileiros e também aos biomas percorridos em suas viagens e coletas. Foram 63 municípios localizados, em 8 estados brasileiros e quatro diferentes biomas percorridos ao longo de seus quase 40 anos de carreira.

A análise dos mapas cartográficos elaborados permitiu verificar que atuação de Hoehne foi predominante no bioma da Mata Atlântica. Este é hoje o bioma mais degradado de todo o Brasil, restando apenas 12,4% de sua área original (SOS MATA ATLÂNTICA, 2019). Das 91 espécies indicadas por Hoehne e presentes no Manual, 53 são nativas do bioma em questão.

Deste modo, podemos concluir que ao menos 91 espécies, das quais 85 são nativas, tiveram a contribuição de Frederico Carlos Hoehne para hoje se apresentarem difundidas no meio urbano. Muitas delas reconhecemos facilmente na arborização de nossas calçadas, nos dias atuais, como os ipês (*Handroanthus* sp.), a quaresmeira (*Tibouchina granulosa* (Desr.) Cogn.), o pau-ferro (*Caesalpinia ferrea* C.Mart.) e o oiti (*Licania tomentosa* (Benth.) Fritsch.), ou ainda o pau-de-tucano (*Vochysia tucanorum* Mart.), que embora não incorporada na arborização urbana, se faz muito presente nos fragmentos de mata no interior, e ao redor do Campus da Unesp-Bauru (Figura 54). Muitas também continuam até hoje presentes no Jardim Botânico de São Paulo, como mostram as Figuras 55, 56, 57 e 58, a seguir.

Figura 42 - *Vochysia tucanorum* Mart. conhecida popularmente por Hoehne como Quaresmeira do Rio e atualmente como Pau-de-tucano.



Foto: ENOKIBARA, 2019

Figura 43- *Tibouchina granulosa* (Desr.) Cogn., a quaresmeira, localizada próximo à Diretoria do Jardim Botânico de São Paulo



Fonte: <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/jardimbotanico/2017/04/arvores-floridas-na-primavera.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019

Figura 44 - *Erythrina crista-galli* L., conhecida popularmente como crista de galo ou corticeira, localizada atrás das estufas e próximo ao Museu Botânico do Jardim Botânico de São Paulo



Fonte: <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/jardimbotanico/2017/04/arvores-floridas-na-primavera.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019

Figura 45 - O manacá-da-serra, *Tibouchina mutabilis* Cogn., localizada na entrada do Jardim Botânico de São Paulo, próxima à portaria



Fonte: <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/jardimbotanico/2017/04/arvores-floridas-na-primavera.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019

Figura 46 - *Eugenia brasiliensis* Lam., a grumixama, localizada atrás da diretoria do Jardim Botânico de São Paulo, próxima à portaria



Fonte: <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/jardimbotanico/2017/04/arvores-floridas-na-primavera.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes documentais

BITTENCOURT, M. T. Introito Geral. In: HOEHNE, F. C. **Relatório Anual do Instituto de Botânica do Estado: exercício de 1943**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar. 1944b.

HOEHNE, F. C. **Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne, até 31/12/1950**. Relatório Anual do Instituto de Botânica, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set. 1951, p.63-156.

_____. **Relatório Anual do Instituto de Botânica do Estado: exercício de 1948**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, dez. 1949.

_____. **Arborização urbana: fruto da observação e experiência de longos anos, oferecidos aos senhores Prefeitos**. Separata do Relatório Anual do Instituto de Botânica referente a 1943. São Paulo: Instituto de Botânica, 1944a.

_____. **Relatório Anual do Instituto de Botânica do Estado: exercício de 1943**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar. 1944b.

_____. **Relatório Anual do Instituto de Botânica Estado: exercício de 1942**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar. 1943.

_____. Uma excursão botânica ao norte do Estado de São Paulo e regiões limítrofes dos Estados de Minas e Rio de Janeiro, realizada de 12 de abril a 5 de Maio de 1926. In: **Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil**, v. I, fasc. I. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, 1942a.

_____. Araucarilândia. In: **Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil**, v. I, fasc. II. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, 1942b.

_____. Excursão botânica feita pelo Sul do Estado de Minas Gerais e as regiões limítrofes do Estado de São Paulo, de 12 de Abril a 9 de Junho de 1927, precedida de referências a outras anteriores, nas serras do Interior. In: **Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil**, v. I, fasc. III. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, 1942c.

_____. O Litoral do Brasil Meridional - Excursão botânica realizada de 16-9 a 26-10-1929, pela Zona Litorânea, desde Santos até Laguna. In: **Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil**, v. I, fasc. IV. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, 1942d.

_____. **Relatório anual do Departamento de Botânica do Estado: exercício de 1941**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1942e.

_____. **Relatório anual do Departamento de Botânica do Estado: exercício de 1940**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941.

_____. **Resenha Histórica para a comemoração do vigésimo aniversário da Seção de Botânica e Agronomia anexa ao Instituto de Botânica de São Paulo**. São Paulo: Diretoria de Publicidade Agrícola, 1937.

_____. **As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira e seu papel como fatores da salubridade pública, da estética urbana e artes decorativas nacionais.** São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, v. II, 1936.

_____. **As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira e seu papel como fatores da salubridade pública, da estética urbana e artes decorativas nacionais.** São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, v. I, 1930.

_____. **Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências.** São Paulo: Editora Livraria Liberdade, 1925.

_____. **Uma excursão botânica às serras de Minas Gerais I.** As Excursões Botânicas. O Estado de São Paulo, São Paulo, 29, fev., 1924a, p.02.

_____. **Uma excursão botânica às serras de Minas Gerais II.** A viagem. O Estado de São Paulo, São Paulo, 01, mar., 1924b, p.02.

_____. **Uma excursão botânica às serras de Minas Gerais III.** A Serra do Caraça. O Estado de São Paulo, São Paulo, 02, mar., 1924c, p.03.

_____. **Campos do Jordão - seu clima e fitofisionomia.** São Paulo: Museu Paulista, 1924d.

_____. **Melastomáceas dos Hervários: Horto "Oswaldo Cruz", Museu Paulista, Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, etc.** Anexos das Memórias do Instituto de Butantan. Seção de Botânica. São Paulo: Comp. Editora Melhoramentos, vol. I, Fasc. V, 1922a.

_____. A Flora do Brasil. In: **Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920.** Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 1922b.

_____. **História Natural Botânica Parte III.** Rio de Janeiro: Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, 1912.

HOEHNE, F.C.; KUHLMANN, J.B. **Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon ou Comissão de linhas telegráficas, estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, de 1908 até 1923.** São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1951.

HOEHNE, F. C.; KUHLMANN, M.; HANDRO, O. **O Jardim Botânico de São Paulo. Precedido de Prólogo Histórico e Notas Bio-bibliográficas de Naturalistas Botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da Flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo.** São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Departamento de Botânica, 1941.

SAMPAIO, A. J. A flora do Mato Grosso. Memória em homenagem aos trabalhos botânicos da Comissão Rondon. In: RIO DE JANEIRO. **Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, v. XIX, 1916.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. **Manual Técnico de Arborização Urbana.** 3 ed., São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/publicacoes_svma/index.php?p=188452>. Acesso em: 29 jan. 2018.

Fontes bibliográficas

ACOSTA, S.; MARQUES, C. C. A.; ALVES, O. S. F. A.; IBAÑEZ, N. **Frederico Carlos Hoehne e o Instituto Butantan: estratégias de vulgarização científica em botânica médica (1916-1923)**. In: Orgs: VÁSQUEZ, M. F., CAPONI, S., SILVA, M. R. B. Anais do 15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Ciência, 2016. Disponível em: <https://www.15snhct.sbhc.org.br/resources/anais/12/1473894146_ARQUIVO_111HohneButantan.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2019.

AMARAL, A. **Artes plásticas na Semana de 22**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

BANDEIRA, C. M. S. **Expedição pelo riacho do Ipiranga: história, ciência e ambiente na educação**. 2015. 285 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2015.

BORTOLOTO, I. M.; DAMASCENO-JUNIOR, G. A.; POTT, A. **Lista preliminar das plantas alimentícias nativas de Mato Grosso do Sul, Brasil**. Iheringia, Série Botânica, v. 73, n. 1, p. 101-116, 2018. Disponível em: <<https://isb.emnuvens.com.br/iheringia/article/view/683/393>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

CARVALHO, G. B.; ENOKIBARA, M. **“Arborização Urbana” (1944): A atualidade do livro de Frederico Carlos Hoehne**. REVISTA NACIONAL DE GERENCIAMENTO DE CIDADES, v.6, n.43, p.25 - 40, 2018.

CARVALHO, M. M. X. **Uma grande empresa em meio à floresta a história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970)**. 2010. 300 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93507>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

CASAZZA, I. F. **Proteção do patrimônio natural brasileiro: ciência, política e conservacionismo na trajetória do botânico Paulo Campos Porto (1914-1961)**. 2017. 219 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/24027>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

_____. **O Jardim Botânico do Rio de Janeiro: um lugar de ciência (1915-1931)**. 2011. 121 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2011. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/19764>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

CID, M. R. L. **Miranda Ribeiro: um zoólogo evolucionista nos primeiros anos da República (1894-1938)**. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009. 230 f. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/15963>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

DEAN, W. **A ferro e fogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DRUMMOND, J. A. **Roosevelt e Rondon desvendam um rio amazônico**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 17, n. 3, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000300019&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 15 nov. 2018.

ENOKIBARA, M. As Ciências naturais e a arte dos jardins no Brasil (século XIX). In: FONTES, M.S.G.C.; FARIA, O.B.; SALCEDO, R.F.B.. (Org.). **Pesquisa em arquitetura e**

urbanismo: Fundamentação teórica e métodos. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 01, p. 87-106, 2016.

ENOKIBARA, M.; GHIRARDELLO, N.; SALCEDO, R. F. B. (Orgs.). **Patrimônio, paisagem e cidade.** Tupã: ANAP, 2016.

FIORAVANTI, C. **Observador das cidades.** Pesquisa Fapesp Ed. 187. São Paulo: FAPESP, 2011, p. 8-9. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2011/09/008-009-187.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

FRANCO, J. L. A. **A primeira conferência brasileira de proteção à natureza e a questão da identidade nacional.** Revista Varia História, v. 26, p. 77-96, 2002. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572b559e4c2f8564c3833e40/1462457759369/05_Franco%2C+Jose+Luiz+de+Andrade.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2019.

FRANCO, J. L. A.; DRUMMOND, J. A. **Frederico Carlos Hoehne: a atualidade de um pioneiro no Campo da proteção à natureza do Brasil.** Ambiente & Sociedade, v. 8, n. 1, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v8n1/a09v08n1>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

_____. **Frederico Carlos Hoehne: viagem à Araucariândia.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 11-12, p. 11-21, jan./dez. 2005. Curitiba: Editora UFPR. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/7814/5521>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

_____. **Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920 – 1940.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. 267 pp.

GUARALDO, E. **Repertório e Identidade. Espaços Públicos em São Paulo, 1890-1930.** Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2002.

HAAG, C. **Ciência para criar uma nação.** Pesquisa FAPESP, São Paulo, n. 195, 2012, p. 74-79. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2012/05/11/ciencia-para-criar-uma-nacao/>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

INSTITUTO BUTANTAN. **1917 Criação do Horto Oswaldo Cruz.** Disponível em: <<http://linhatempo.butantan.gov.br/>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

KURY, L.; SÁ, M. R. (Orgs.). **Rondon: inventários do Brasil, 1900-1930.** Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2017.

LIMA, N. T.; SÁ, D. M. **Science and Territory in Brazil: The Brazilian army and the case of the Strategic Telegraph Commission of Mato Grosso to Amazonas (1907-1915).** Revista Historia e Espacio, Cali, n. 36, p. 1-15, 2011. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/24162>>. Acesso em: 18 nov. 2018 .

MARTINS, G. I. **Conservação da natureza e formação territorial: conjuntura política-histórica e o Código Florestal brasileiro de 1934.** Caminhos de Geografia, v. 15, n. 50, p. 18-35, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/24396>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

MELLO, V. P. S. **O " agricultor progressista ": ciência e proteção à natureza nas revistas do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (1897-1932).** 2012. 173 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 201. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/20472>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

MOLINA, A. A. **Frederico Carlos Hoehne (1882-1959) e a flora medicinal brasileira: a pesquisa botânica na cidade de São Paulo no início do século XX.** 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências Agrônômicas, Botucatu, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/143864>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

MOLINA, A. A.; NORDER, L. A. C. **A contribuição de F. C. Hoehne (1882-1959) para o pensamento agroambiental brasileiro.** Revista Brasileira de História da Ciência. v. 7, n. 1, Rio de Janeiro, p. 70-80, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/11449/143864/3/molina_aa_me_bot.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.

MORO, M F. *et al.* **Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia?**. Acta Botanica Brasilica, v. 26, n. 4, p. 991-999, 2012.

NOMURA, H. **Centenário da fundação da Comissão Rondon (1907-2007) – Personagens, descobertas e produção bibliográfica.** Cadernos de História da Ciência, São Paulo, v.6, n.1, p. 79-105, jan.-jul. 2010.

OLIVEIRA, A. D. de; MENDONÇA, R. S. de; PUORTO, G. **Horto Oswaldo Cruz: histórico e projetos futuros.** Cadernos de História da Ciência, São Paulo, v.1, n.1, p. 82-90, 2005.

ORMOND, José Geraldo Pacheco. **Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais.** Rio de Janeiro: BNDES, 2006.

ROCHA, Y. T.; CAVALHEIRO, F. **Aspectos históricos do Jardim Botânico de São Paulo.** Revista Brasileira de Botânica, v. 24, n. 4, p. 577-586, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbb/v24n4s0/9480.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2018

SÁ, D. M.; CASAZZA, I. F. **O País das Amazonas e naturalistas brasileiros: a natureza amazônica nas viagens científicas da Comissão Rondon e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1907-1931).** Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 5, suplemento, p. 95-109, 2012. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/23962>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SÁ, D. M.; SÁ, M. R.; LIMA, N. T. **Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915).** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p. 779-810, jul.-set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000300011&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 16 abr. 2017.

SÃO PAULO. **Álbum Histórico do Instituto Biológico. 86 Anos de Ciência em Sanidade Animal e Vegetal.** São Paulo: Narrativa Um, 2013. Disponível em: <http://www.biológico.sp.gov.br/uploads/files/pdf/album_historico/86anos_IB.pdf> Acesso em: 13 fev. 2019.

SILVA, C. N. L. **Aspectos da língua em uso nos relatórios do Instituto de Botânica (1940-1955): uma reflexão à luz da historiografia linguística.** 2010. 170 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/14636>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

SILVA, V. M. **EDUCANDO HOMENS PARA EDUCAR PLANTAS: orquidofilia e ciência no Brasil (1937-1949)**. 2013. 215 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte Minas Gerais, 2013. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9EFMAZ/historia_valeriamarasilva_tese.pdf?sequence=1> . Acesso em: 14 mai. 2017.

SIQUEIRA, E. M.; MACHADO, F. Q.; ÁVILA, L. P. **O Brasil pelos brasileiros: relatórios científicos da Comissão Rondon**. Cuiabá-MT: Carlini Caniato Editorial, 2016.

TISEO, J. R. **Análise dos manuais de arborização urbana na cidade de São Paulo**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, São Paulo, 2014.

USTERI, A. **Guia botânico da Praça da República e do Jardim da Luz**. 1919.

WELTMAN, W. L. **A educação do Jeca: ciência, divulgação científica e agropecuária na Revista Chácaras e Quintais (1909-1948)**. 2008. 243 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/19776>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

ZAHER, E. H.; COSTA, L. T. Raízes do Paisagismo no Butantan: o Horto Osvaldo Cruz e a contribuição de F C Hoehne. In: ENOKIBARA, Marta; GHIRARDELLO, Nilson; SALCEDO, Rosío Fernández Baca (Orgs). **Patrimônio, Paisagem e Cidade**. Tupã: ANAP, p. 101-127, 2016.

Bases de dados online

Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> >. Acesso em: 11 nov. 2017.

IBGE. **Mapa de Biomas e de Vegetação**, 2004. Disponível em: <<https://www2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomashtml.shtm>>. Acesso em: 26 set. 2018.

JARDIM BOTÂNICO DE SÃO PAULO. **Árvores floridas na primavera**. Disponível em: < <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/jardimbotanico/2017/04/arvores-floridas-na-primavera.pdf> >. Acesso em: 05 jun. 2019.

SOS MATA ATLÂNTICA. **Dados mais recentes**. Disponível em: <<https://www.sosma.org.br/projeto/atlas-da-mata-atlantica/dados-mais-recentes/>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

THE PLANT LIST, *2010 onwards*. Disponível em: < <http://www.theplantlist.org/> >. Acesso em: 10 nov. 2017.

APÊNDICES

Tabelas e informações adicionadas como apêndice da dissertação, sendo elas:

APÊNDICE I - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” de Frederico Carlos Hoehne (1944a)	99
APÊNDICE II - Espécies indicadas para arborização urbana pelo Manual Técnico de Arborização Urbana de São Paulo (2015)	158
APÊNDICE III - Origem das 91 espécies em comum entre o livro “Arborização Urbana” (1944a) e o Manual de Arborização Urbana de São Paulo (2015)	164
Tabela 1: Espécies nativas do município de São Paulo, segundo Manual Técnico de Arborização Urbana (SÃO PAULO, 2015)	165
Tabela 2: Espécies nativas de outros biomas do Brasil, segundo Manual Técnico de Arborização Urbana (SÃO PAULO, 2015)	166
Tabela 3: Espécies exóticas, segundo Manual Técnico de Arborização Urbana (SÃO PAULO, 2015)	167
APÊNDICE IV - Itinerários das 16 viagens realizadas por Frederico Carlos Hoehne de 1908 a 1940	168

APÊNDICE I - Espécies indicadas no livro “Arborização Urbana” de Frederico Carlos Hoehne (1944a)

Tabela contendo informações sobre as 419 espécies do livro “Arborização Urbana” organizadas em 14 colunas, sendo elas:

- 1ª - Numeração de 1 a 419;
- 2ª - Número de acordo com a enumeração dada por Hoehne para as espécies no livro – de 1 a 426;
- 3ª - Número da página do livro onde está aparece a espécie;
- 4ª - Família;
- 5ª - Nome científico como consta no livro;
- 6ª - Nome científico atualmente aceito, de acordo com o site *The plant list*;
- 7ª - Nome popular;
- 8ª - Porte da árvore;
- 9ª - Utilização (informações que Hoehne fornece sobre como utilizar ou se já vem sendo utilizada no meio urbano);
- 10ª - Ocorrência (informações sobre localização das espécies. O autor não especifica se são nativas ou apenas podem ser encontradas nos locais mencionados);
- 11ª - Origem (pelo fato de Hoehne mencionar essa informação para poucas espécies, foi pesquisado no site “Flora do Brasil 2020” a origem das mesmas, se são nativas ou exóticas);
- 12ª - Número no Jardim Botânico de São Paulo (código de identificação da espécie já em ensaio no Jardim Botânico);
- 13ª - Situação (se já havia sido ensaiada, introduzida e/ou cultivada e onde);
- 14ª - Outras observações (dizem respeito às características morfológicas das espécies, ou sobre seu desenvolvimento).

APÊNDICE I - Espécies indicadas no livro Arborização Urbana de Frederico Carlos Hoehne (1944)

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
1	1	79	Anarcadiaceas	<i>Anacardium giganteum</i> Hance	<i>Anacardium giganteum</i> Hancock. ex Engl.	Cajueiro Gigante	grande e bonito	-	Amazônia	Nativa	-	-	pedunculos menores que o do cajueiro do litoral
2	2	79	Anarcadiaceas	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott.	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott.	Aroeira Vermelha	mediano	importante para carpintaria e marcenaria	-	Nativa	-	-	-
3	3	79	Anarcadiaceas	<i>Astronium graveolens</i> Jacq.	<i>Astronium graveolens</i> Jacq.	Gonçalo Alves	-	-	Oeste de SP e Brasil Meridional	Nativa	-	-	lenho rico de óleo essencial aromático
4	4	80	Anarcadiaceas	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Fr. Allem.	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão.	Urundiuva ou Aroeira Preta	-	-	-	Nativa	-	-	ampla copa formada de ramos flácidos
5	5	80	Anarcadiaceas	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Peito de Pomba ou Pau Pombo	elegante	-	-	Nativa	122	-	desenvolviment o precoce
6	6	80	Anarcadiaceas	<i>Spondias purpurea</i> L.	<i>Spondias purpurea</i> L.	Cajá-Mirim	grande	-	-	Não ocorre no Brasil	-	-	crescimento relativamente rápido
7	7	80	Anarcadiaceas	<i>Spondias venulosa</i> Mart.	<i>Spondias venulosa</i> (Engl.) Engl.	Cajá-Amarelo ou Mombim	grande	árvore dos pomares	São Paulo, Campinas	Nativa	556	-	-
8	8	82	Anonaceas	<i>Annona montana</i> Macf.	<i>Annona montana</i> Macfad.	Araticú-ponhé	bonito	inconvenientes para ruas, ideias para quintais (fruto)	-	Nativa	-	-	-
9	9	82	Anonaceas	<i>Annona Salzmanni</i> A. DC.	<i>Annona salzmannii</i> A. DC.	Araticú Grande da Baía	elegante	prejudiciais para ruas e praças, pomares e árvores de sombra para quintais	-	Nativa	-	-	-
10	10	82	Anonaceas	<i>Duguetia lanceolata</i> St. Hil.	<i>Duguetia lanceolata</i> A. St.-Hil.	Pindaibeira	direito	-	-	Nativa	292	-	-
11	12	83	Anonaceas	<i>Rollinia emarginata</i> Schltd.	<i>Rollinia emarginata</i> Schltdl.	Araticun-sinho	mediano	-	-	Nativa	28	-	outras espécies congêneres, com folhas maiores e porte mais robusto

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
12	13	83	Anonaceas	<i>Xylopia brasiliensis</i>	<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	Pindaibeira, Pau de Mastro ou Quiosquinho	-	-	-	Nativa	310	árvore introduzida nas culturas, distribuída pelo Horto Florestal	-
13	14	84	Apocynaceas	<i>Aspidospermum australe</i> Meull.-Arg.	<i>Aspidosperma australe</i> Müll.Arg.	Perobeira do Mato Grosso ou Guatambu	bonito	-	Rio Grande do Sul e Mato Grosso	Nativa	-	-	-
14	15	84	Apocynaceas	<i>Aspidospermum olivaceum</i> Meull.-Arg.	<i>Aspidosperma olivaceum</i> Müll.Arg.	Guatambú	-	-	Minas, S. Paulo e Rio e Janeiro	Nativa	138	-	de crescimento relativamente rápido no começo e mais tarde lento;
15	16	84	Apocynaceas	<i>Aspidospermum parvifolium</i> A.DC.	<i>Aspidosperma parvifolium</i> A.DC.	Perobeira	altaneiro depois de adulta	-	Minas, Goiás e S. Paulo	Nativa	-	-	de crescimento lento
16	17	84	Apocynaceas	<i>Aspidospermum peroba</i> Fr. Allem.	<i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll.Arg.	Peroba-Rósea	altaneiro depois de adulta	-	Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas e Paraná	Nativa	-	-	-
17	18	85	Apocynaceas	<i>Couma utilis</i> Meull.-Arg.	<i>Couma utilis</i> (Mart.) Müll.Arg.	Mucugê ou Sorva	grande	-	florestas da Amazônia e Baía	Nativa	-	-	-
18	19	85	Apocynaceas	<i>Geissospermum Vellozii</i> Fr. Allem.	<i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers	Quina-Quina ou Quinarana	gigantesca	cortex empregado como sucedâneo da Quinta	Arredores do Rio de Janeiro e S. Paulo	Nativa	-	-	-
19	20	85	Apocynaceas	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes.	Mangabeira	pequena	educável como árvore ornamental. Produz borracha.	Cerrado	Nativa	-	-	muito ramificada,
20	21	85	Apocynaceas	<i>Macoubea guianensis</i> Aubl.	<i>Macoubea guianensis</i> Aubl.	Pequeá ou Sorveira	alta	-	Guianas e Baía	Nativa	-	-	bem copada
21	22	86	Apocynaceas	<i>Tabernaemontana fuchsiaefolia</i> A.DC.	<i>Tabernaemontana hystrix</i> Steud.	Jasmim do Cerrado	pequeno	-	-	Nativa	459	-	bem formada
22	23	86	Apocynaceas	<i>Tabernaemontana Hilariana</i> Meull.-Arg.	<i>Tabernaemontana catharinensis</i> A.DC.	Flor de Hélice	pequeno	outras para adornos de parques e jardins grandes	cerrado de S. Paulo e Minas	Nativa	-	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
23	24	87	Aquifoliaceas	<i>Ilex brevicuspis</i> Reiss.	<i>Ilex brevicuspis</i> Reissek.	Mate	regular	-	-	Nativa	193	-	crescimento rápido
24	25	87	Aquifoliaceas	<i>Ilex buxifolia</i> Gardn.	<i>Ilex buxifolia</i> Gardner.	Buxinho da Mata	pequeno	-	florestas da Serra do Mar	Nativa	-	-	folhas semelhantes às do Buxo
25	26	87	Aquifoliaceas	<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hil.	<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	Herva-Mate	-	empregada na rua 15 de Novembro, Curitiba.	desde o Paraguai e sul do Mato-Grosso até o Estado do rio de Janeiro e S. Paulo.	Nativa	153	-	-
26	27	88	Araliaceas	<i>Didymopanax macrocarpum</i> Seem.	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin.	Mandioqueira do campo	mediano e bonito	-	cerrados e florestas	Nativa	-	-	ainda outras 8 espécies; experiência
27	28	88	Araliaceas	<i>Oreopanax fulvum</i> E. March.	<i>Oreopanax fulvum</i> Marchal.	Tamanqueira	mediano	-	Minas e S. Paulo	Nativa	-	-	-
28	29	88	Araliaceas	<i>Sciadodendron excelsum</i> Griseb.	<i>Aralia excelsa</i> (Griseb.) J.Wen.	Carobão	regular	-	Am. Central e norte do Brasil, até S. Paulo.	Não ocorre no Brasil	646	introduzida	-
29	30	88	Berberidaceas	<i>Berberis laurina</i> Billb.	<i>Berberis laurina</i> Billb.	Berberis	mediano	"defesa natural" (epinhos)	natural como a B. Spinulosa	Nativa	-	-	fortemente ramificada
30	31	90	Bignoniaceas	<i>Couralia toxophora</i> Benth. & Hook.	<i>Handroanthus barbatus</i> (E.Mey.) Mattos.	Guarapariba ou Pau-de-Arco	-	-	matas do Norte do Brasil	Nativa	-	-	-
31	32	90	Bignoniaceas	<i>Crescentia cujete</i> L.	<i>Crescentia cujete</i> L.	Cuitezeuri ou Cabaceira	-	cultura de Orchidaceas (processo natural); cabaças muito utilizadas como vasilhas pelos brasileiros	clima quente	Cultivada	-	-	ramifica bastante,
32	33	91	Bignoniaceas	<i>Cybistas antisyphiliticum</i> Mart.	<i>Cybistax antisyphilitica</i> (Mart.) Mart.	Cinco Folhas ou Ipê de Flor Verde	mediano	-	-	Nativa	543	-	tronco linheiro e ramos em verticilos bem pendentes

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
33	34	91	Bignoniaceas	<i>Jacaranda acutifolia</i> H. B. K.	<i>Jacaranda acutifolia</i> Bonpl.	Jacarandá mimoso	-	árvore já bastante usada	matas da Serra do Mar e interior;	Nenhum Registro Encontrado	544	-	exige substituição J. semicerrata também é cultivado no Jard. Bot. S.P. - folhas maiores - (CHAM.)
34	35	91	Bignoniaceas	<i>Sparattosperma vernicosum</i> Bur. & K. Schum.	<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K.Schum.	Ipê Branco	grande	-	Rio de Janeiro, Mlnas, etc.	Nativa	-	-	há outras espécies semelhantes em Minas
35	36	92	Bignoniaceas	<i>Tecoma alba</i> Cham.	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos.	Ipê-Tabaco	-	-	-	Nativa	-	introduzida nas culturas	-
36	37	92	Bignoniaceas	<i>Tecoma caraiba</i> Mart.	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore.	Paratudo ou Piúva	-	-	Cerrados do interior ou Cerradões	Nativa	-	-	belíssima árvore
37	38	92	Bignoniaceas	<i>Tecoma chrysothricha</i> Mart.	<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos.	Ipê Amarelo do Campo	regular	-	São Paulo e Minas, etc.	Nativa	63	-	bonita árvore
38	39	92	Bignoniaceas	<i>Tecoma eximia</i> Miq.	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos.	Ipê-Preto	-	-	-	Nativa	-	-	-
39	40	92	Bignoniaceas	<i>Tecoma impetiginosa</i> Mart.	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos.	Ipê -Roxo	grande	-	-	Nativa	-	já ensaiada na Av. Paulista, São Paulo	-
40	41	92	Bignoniaceas	<i>Tecoma lpe</i> Mart.	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos.	Ipê-Róseo ou Ipê-Roxo	-	valor ornamental	-	Nativa	222	-	-
41	42	93	Bignoniaceas	<i>Tecoma lapacho</i> Schum	<i>Handroanthus lapacho</i> (K.Schum.) S.O.Grose.	Lapacho	belíssimo	-	árvore do cerrado; norte d Argentina e Mato-Grosso e Goiaz	Nenhum Registro Encontrado	-	-	-
42	43	93	Bignoniaceas	<i>Tecoma leucoxylon</i> Mart.	<i>Tecoma leucoxylon</i> Mart. ex DC.	Ipê-Branco	-	-	-	Nenhum Registro Encontrado	-	introduzida no Jardim botânico do sul de Mato-Grosso.	Maravilhosa (flores)

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
43	44	93	Bignoniaceas	<i>Tecoma ochracea</i> Cham	<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos.	Pau d'Arco ou Piúva do Cerrado	mediano e muito elegante	-	-	Nativa	-	-	-
44	45	93	Bignoniaceas	<i>Tecoma umbellata</i> Sond.	<i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos.	Ipê-Amarelo do Brejo	mediano	-	-	Nativa	33	-	crescimento lento
45	47	94	Bombacaceas	<i>Bombax gracilipes</i> K. Schum	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K.Schum.) A.Robyns.	Imbirussú do Cerrado	mediana em seu porte	outras afins poderão servir	Cerrado	Nativa	-	-	-
46	48	95	Bombacaceas	<i>Cavanillesia arborea</i> K. Schum	<i>Cavanillesia arborea</i> (Willd.) K.Schum.	Sumauma ou Barriguda	grande árvore	-	-	Nativa	-	-	-
47	49	95	Bombacaceas	<i>Ceiba sumauma</i> K. Schum	<i>Ceiba samauma</i> (Mart. & Zucc.) K.Schum.	Sumauma	-	fornece madeira leve; (produtoras de Paina e não como árvores para ruas ou praças)	natural da Amazônia e explorado no Ceará	Nativa	-	-	outras espécies semelhantes, existem nos cerrados e caatingas do nordeste e interior
48	50	95	Bombacaceas	<i>Chorisia speciosa</i> St. Hil	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna.	Paineira Branca	-	-	-	Nativa	228	implantada na Av. Brasil (São Paulo-SP), que atravessa o Ibirapuera, os fundos do Instituto Biológico. Sob a iniciativa de Sr. Manuel Lopes de Oliveira	crescimento muito rápido
49	51	96	Bombacaceas	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke.	Árvore do Dr. Huber	-	arborização	Amazonas	Nativa	-	-	há outra espécie do mesmo gênero recomendada também
50	52	96	Bombacaceas	<i>Matisia oblongifolia</i> Poepp & Endl.	<i>Matisia oblongifolia</i> Poepp. & Endl.	Cupuassurana	-	-	-	Nenhum Registro Encontrado	-	No Amazonas ainda há outras duas congêneres	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
51	53	96	Bombacaceas	<i>Scleronema Spruceanum</i> Benth	<i>Scleronema spruceana</i> Benth.	-	mediano	-	Amazônia e caatingas	Nativa	-	-	belo aspecto.
52	54	97	Borraginaceas	<i>Cordia insignis</i> Cham	<i>Cordia insignis</i> Cham.	Claraíba	-	-	Minas Gerais e Mato-Grosso	Nativa	-	-	-
53	55	97	Borraginaceas	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arrab.	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Peterebi ou Cascudinho	belo porte	-	-	Nativa	-	-	do mesmo grupo, outras que deveriam ser ensaiadas na arborização
54	56	97	Borraginaceas	<i>Patagonula americana</i> L.	<i>Cordia americana</i> (L.) Gottschling & J.S.Mill.	Guaraíúva	mediano	-	do Rio de Janeiro até a Argentina	Nativa	-	-	-
55	57	98	Burseraceas	<i>Bursera leptophloeos</i> (DC.) Engl.	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B.Gillett.	Umburana	-	-	natural das caatingas do nordeste e matas ciliares dos rios desta região	Nativa	-	-	-
56	58	98	Burseraceas	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand.	Almecegueira	porte em condições naturais deixa a desejar, mas em viveiros adquire forma mais bonita	-	-	Nativa	109	-	presença torna-se vantajosa pelo cheiro agradável da resina que exsuda do tronco. Existem outras mais do norte e sul do país.
57	59	98	Canellaceas	<i>Capsicodendron Dinizii</i> (Schwacke) Ochione	<i>Cinnamodendron dinizii</i> Schwacke.	Pimenteira	mediano até grande	-	-	Nativa	51	-	-
58	60	99	Canellaceas	<i>Cinnamodendron axillare</i> (Nees. & Mart.) Endl	<i>Cinnamodendron axillare</i> (Nees) Endl. ex Walp.	Herva Moira do Sertão ou Canela Alba	menos elegante que a precedent e	-	-	Nativa	-	-	-
59	61	99	Capparidaceas	<i>Capparis cynophallophora</i> L.	<i>Quadrella cynophallophora</i> (L.) Hutch.	Alcaparreira	frondosa	-	Brasil meridional e ocidental	Nenhum Registro Encontrado	-	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
60	62	99	Capparidaceas	<i>Capparis yco</i> Mart. & Eichl	<i>Colicodendron yco</i> (Mart.) Mart.	Icó	-	-	natural das caatingas do nordeste	Nativa	-	-	deveria mencionar mais umas dez espécies que se assemelham no porte
61	63	99	Capparidaceas	<i>Crataeva tapia</i> L.*	<i>Crataeva tapia</i> L.	Pau d'alho ou Tapiá	-	planta desifetante (forte cheiro de alho)	interior do Brasil	Nenhum Registro Encontrado	-	-	-
62	64	101	Caricaceas	<i>Jaracatia dodecaphylla</i> A. DC.	<i>Jaracatia dodecaphylla</i> A.DC.	Jaracatiá	-	é semalhante J. heptaphylla A. DC. (J B S P n 3)	-	Nenhum Registro Encontrado	366	-	-
63	64	101	Caricaceas	<i>Carica quercifolia</i> SOLMS.	<i>Carica quercifolia</i> (A.St.Hil.) Hieron.	-	-	-	das matas naturais de Botucatu	Nativa	601	-	-
64	65	102	Caryocaraceas	<i>Caryocar crenatum</i> Willm.	<i>Caryocar edule</i> Casar.	Piqui	altaneiro e mui copada	-	natural das mats do Rio de Janeiro e Baía	Nativa	-	se recomendam muito para aborização	-
65	65	102	Caryocaraceas	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	<i>Caryocar brasiliense</i> A.St.-Hil.	-	muito aberto	praça larga	-	Nativa	-	-	-
66	66	102	Celastraceas	<i>Elaeodendron quadangulatum</i> Reiss.	<i>Cassine quadrangulata</i> (Reissek) Kuntze.	Mate-Negro	-	-	Brasil meridional	Nenhum Registro Encontrado	-	-	-
67	67	103	Celastraceas	<i>Maytenus alaternoides</i> Reiss	<i>Maytenus alaternoides</i> Reissek.	Cafesinho	-	-	-	Nativa	19 e uma variedade e nº 111	-	belo aspecto
68	68	103	Celastraceas	<i>Maytenus distichophylla</i> Reiss.	<i>Maytenus distichophylla</i> Mart.	Mate-Falso	-	-	Baía	Nativa	-	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
69	69	103	Celastraceas	<i>Maytenus evonymoides</i> Reiss.	<i>Maytenus evonymoides</i> Reissek.	Cafesinho Bravo	mediano	-	Rio de Janeiro S. Paulo etc;	Nativa	56	-	-
70	70	103	Celastraceas	<i>Maytenus ligustrina</i> Reiss.	<i>Maytenus ligustrina</i> Reissek.	Mate-Falso	regular	-	-	Nativa	-	-	parecida no aspecto com a "alfeneiro"
71	71	103	Celastraceas	<i>Maytenus pulviniflora</i> Reiss.	<i>Maytenus pulviniflora</i> Reissek.	Mate-Falso	-	-	Rio de Janeiro e São Paulo	Nativa	-	-	-
72	72	103	Celastraceas	<i>Maytenus rigida</i> Mart.	<i>Maytenus rigida</i> Mart.	Pau de Colher	árvore pequena	-	Minas e Rio de Janeiro	Nativa	-	-	-
73	73	104	Celastraceas	<i>Maytenus samydidiformis</i> Reissek	<i>Maytenus samydidiformis</i> Reissek.*	Mate-Falso	porte mediano	-	Rio de Janeiro e S. Paulo	Nativa	-	-	-
74	74	104	Celastraceas	<i>Plenckia populnea</i> Reiss.	<i>Plenckia populnea</i> Reissek.	Marmeleiro do Campo	porte semelhante e á <i>Hovenia dulcis</i>	-	cerrado	Nativa	385	-	-
75	75	104	Combretaceas	<i>Terminalia argentea</i> Mart. & Zucc.	<i>Terminalia argentea</i> Mart.	-	-	Não possuem inconvenientes para a arborização pública	natural de Minas Geras e para o norte do Brasil	Nativa	-	-	-
76	76	104	Combretaceas	<i>Terminalia Brasiliensis</i> Camb.	<i>Terminalia brasiliensis</i> (Cambess. ex A. St.-Hil.) Eichler.	Amarelinho	-	Não possuem inconvenientes para a arborização pública	interior de São Paulo e Minas, cerrados e capoeiões	Nativa	-	-	-
77	77	105	Combretaceas	<i>Terminalia catapa</i> L.	<i>Terminalia catappa</i> L.	Amendoeira ou Guarda-Sol	porte cônico (ramificação em verticilos superpostos)	Não possuem inconvenientes para a arborização pública	-	Naturalizada	-	na arborização de ruas das praias; bem ensaiada	-
78	78	105	Combretaceas	<i>Terminalia januariensis</i> DC.	<i>Terminalia januarensis</i> DC.	Merindiba	porte grande	Não possuem inconvenientes para a arborização pública	-	Nativa	406	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
79	79	105	Combretaceas	<i>Terminalia tanibouca</i> Smith.	<i>Terminalia tanibouca</i> Rich.	Tanibouca	-	Não possuem inconvenientes para a arborização pública; bela de aspecto	norte do Brasil e Guianas	Nativa	-	-	-
80	80	105	Connaraceas	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	Cabelo de Negro ou Araribá do Campo	porte mediano	existem mais 5-6 espécies de aspecto pouco diferente	-	Nativa	-	-	-
81	81	106	Cunoniaceas	<i>Belangeria tomentosa</i> Camb.	<i>Belangeria tomentosa</i> Cambess.	Salgueiro do Mato	porte bonito	flores decorativas pela abundância em que aparecem	Minas e s. Paulo, árvore dos cerrados e matas ralas	Nenhum Registro Encontrado	-	-	possui crescimento rápido; 2-3 espécies que equivalem no porte
82	82	106	Cunoniaceas	<i>Weinmannia hirta</i> SW.	<i>Weinmannia pinnata</i> L.	Copiúva	pequeno	-	matas da Serra do Mar;	Nativa	149	-	-
83	84	107	Ebenaeas	<i>Diospyros brasiliensis</i> Mart.	<i>Diospyros brasiliensis</i> Mart. ex Miq.	Olho de Boi	porte mediano	-	-	Nativa	-	-	-
84	85	107	Ebenaeas	<i>Diospyros mattogrossensis</i> Hoehne	<i>Diospyros mattogrossensis</i> Hoehne.	Piriquiteira	porte de mais ou menos 10m de altura	-	Mato Grosso	Nativa	-	-	-
85	86	108	Elaeocarpaceas	<i>Muntingia calabura</i> L.	<i>Muntingia calabura</i> L.	Chitotó ou Calabura	grande porte	da entrecasca preparam fibra para cordoaria e tecidos	selvas do Amazonas, Pará e Guianas	Nativa	-	-	madeira equivalente a da Açoita Cavalo
86	87	108	Elaeocarpaceas	<i>Sloanea alnifolia</i> Mart.	<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth.	Urucurana ou Ouriço	altaneiro	-	Rio de Janeiro e etc	Nativa	-	-	-
87	88	108	Elaeocarpaceas	<i>Sloanea Fernando-Costae</i> Hoehne	<i>Sloanea obtusifolia</i> (Moric.) K.Schum.	Sapopemba ou Oriceiro	uma das maiores árvores das cercanias de S. Paulo	Com grande vantagem obter madeiras preciosas para coronhas de armas e móveis domésticos, etc.	descoberta no parque Trianon em São Paulo	Nativa	324	-	pelo menos outras 20 do mesmo gênero poderiam ser ensaiadas

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
88	89	110	Euphorbiaceas	<i>Alchornia sidaefolia</i> Muell. Arg.	<i>Alchornea sidifolia</i> Müll.Arg.	Tapiá ou Urucurana	porte bonito, mas um pouco grande demais	-	nativa nas matas de S. Paulo, Minas e Paraná	Nativa	-	-	há outras espécies do mesmo gênero há outras bonitas
89	90	110	Euphorbiaceas	<i>Alchorniopsis floribunda</i> Muell. Arg.	<i>Alchorneopsis floribunda</i> (Benth.) Müll.Arg.	Vava-naton	árvore grande	-	Guianas e matas do Amazonas e Pará	Nativa	-	-	-
90	91	110	Euphorbiaceas	<i>Euphorbia Tirucalli</i> L.	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Avelós	-	possui látex caustico que empregam para limpar úlceras fagedências	Aparece nas zonas litorâneas de Pernambuco até Santos, mas acredita-se ter sido importada da África	Nenhum Registro Encontrado	-	-	Assemelhan-se a Rhipsalis das Cactaceas
91	92	111	Euphorbiaceas	<i>Gonatogyne brasiliensis</i> Muell. Arg.	<i>Gonatogyne brasiliensis</i> (Baill.) Müll.Arg.	Cabo de Foice ou Pereira Brava	-	-	nas matas de S. Paulo;	Nativa	277	-	belíssima árvore que aparece em dois sexos distintos
92	94	111	Euphorbiaceas	<i>Hieronyma alchornioides</i> Fr. Allem.	<i>Hieronyma alchorneoides</i> Allemão.	Urucurana	-	-	matas do Rio de Janeiro	Nativa	-	-	-
93	95	111	Euphorbiaceas	<i>Hura crepitans</i> L.	<i>Hura crepitans</i> L.	Uassacú ou SandBox Tree	-	liber antileprótico	árvore do Amazonas, só climas quentes	Nativa	-	-	-
94	96	112	Euphorbiaceas	<i>Johannesia princeps</i> Vell.	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	Andauassú	porte robusto	-	-	Nativa	-	já ensaiada em S. Paulo e outras cidades na arborização pública	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
95	97	112	Euphorbiaceas	<i>Mabea fistulifera</i> Mart.	<i>Mabea fistulifera</i> Mart.	Canudo ou canudo de Pito	regular	não se recomenda onde se deseja muito sombra, mas alguma árvore para embelezamento/ regiões campestres do interior	regiões campestres do interior	Nativa	-	-	-
96	98	112	Euphorbiaceas	<i>Manihot Glaziovii</i> Muell. Arg.	<i>Manihot carthaginensis</i> (Müll.Arg.) Allem.	Maniçobeira	-	fornece goma elástica	caatingas da Baía e Ceará	Nenhum Registro Encontrado	-	-	do mesmo gênero poderíamos mencionar mais outras 10 espécies pouco diferentes
97	99	112	Euphorbiaceas	<i>Micrandra elata</i> Muell. Arg.	<i>Micrandra elata</i> (Didr.) Müll.Arg.	Mamona do mato	regular	-	Minas e S. Paulo	Nativa	-	-	-
98	100	113	Euphorbiaceas	<i>Pera glabrata</i> Baill.	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.	Tamanqueira ou Sapateiro	bonito	-	-	Nativa	-	-	-
99	101	113	Euphorbiaceas	<i>Pera obovata</i> Baill.	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.	Tamanqueira ou Sapateiro	pouco diferente da P. glabrata	-	-	Nativa	183	-	-
100	102	113	Euphorbiaceas	<i>Phyllanthus nobilis</i> Muell. Arg.	<i>Margaritaria nobilis</i> L.f.	Pérola vegetal ou Avencão	-	-	Natural de S. Paulo até Baía	Nativa	-	-	-
101	103	113	Euphorbiaceas	<i>Sebastiania ypanemensis</i> Muell. Arg.	<i>Sebastiania ypanemensis</i> (Müll.Arg.) Müll.Arg.	Assucará	porte pequeno	-	-	Nenhum Registro Encontrado	-	-	crescimento lento; congêneres, possuímos muitas nas matas ribeirinhas do Brasil.

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
102	104	114	Flacourtiaceas	<i>Carpotroche brasiliensis</i> Engl.	<i>Carpotroche brasiliensis</i> (Raddi) A.Gray.	Sapucainha ou Canudo de Pito	-	-	sul do Brasil a até Minas e Rio de Janeiro. Outras congêneres aparecem mais no norte, especialment e Amazona e Pará	Nativa	-	-	-
103	105	114	Flacourtiaceas	<i>Casearia inaequilatera</i> Camb.	<i>Casearia obliqua</i> Spreng.	Guassatung a Verdadeira	porte mais esparso que o da C. sylvestris	-	-	Nativa	218	-	-
104	106	114	Flacourtiaceas	<i>Casearia parvifolia</i> Willd.	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Guassatung a-Falsa	-	-	-	Nativa	66	-	-
105	107	114	Flacourtiaceas	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Guassatung a ou Café o Diabo	porte como cafeeiro	-	-	Nativa	70	-	-
106	108	115	Flacourtiaceas	<i>Laetia procera</i> (Poepp. & Endl.) Eichl.	<i>Laetia procera</i> (Poepp.) Eichler.	Muirapocú	-	-	Amazonas e Pará	Nativa	-	-	outras equivalentes, congêneres
107	109	115	Flacourtiaceas	<i>Xylosma Salzmanni</i> (Clos.) Eichl.	<i>Xylosma prockia</i> (Turcz.) Turcz.	Sapicuxava ou Espinho de Judeu	bonito	-	-	Nativa	444	-	-
108	110	115	Flacourtiaceas	<i>Xylosma ciliatifolium</i> (Clos.) Eichl.	<i>Xylosma ciliatifolia</i> (Clos) Eichler.	Assucá ou Espinheiro	bonito	-	frequenteme nte nas florestas ciliares dos rios tributários do Grande;	Nativa	47	-	-
109	111	115	Guttiferas	<i>Calophyllum brasiliense</i> Camb.	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	Jacareuba ou Olandi	árvore de 20-50m de alt. Depois de adulta; enquanto nova muito bem formada e de porte atraente	-	Natural das matas da Amazônia, mas assinalada também para arredores do Rio de Janeiro	Nativa	-	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
110	112	116	Guttíferas	<i>Clusia parviflora</i> (Saldanha) Engl.	<i>Clusia parviflora</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	Criúba	pequeno	dignas de serem aproveitadas na arborização.	Rio de Janeiro, etc	Nenhum Registro Encontrado	-	-	Deste gênero poderíamos referir mais de 20 espécies. Muitas delas recordam o porte da <i>Magnolia grandiflora</i> , mas têm flores menores, algumas lindas.
111	113	116	Guttíferas	<i>Mammea americana</i> L.	<i>Mammea americana</i> L.	Abricoteiro	-	-	encontrada no Rio de Janeiro e norte do Brasil	Naturalizada	-	-	Talvez introduzida das Índias Ocidentais
112	114	116	Guttíferas	<i>Platonia insignis</i> Mart.	<i>Platonia insignis</i> Mart.	Bacuri ou Bacupari	grande e belo	-	Nativa do Amazonas e Pará	Nativa	-	-	-
113	115	116	Guttíferas	<i>Rheedia brasiliensis</i> (Mart.) Planch.	<i>Garcinia brasiliensis</i> Mart.	Bacupari	mediano	frutífera de valor econômico	-	Nativa	-	-	Do mesmo gênero temos mais espécies. No Jard. Bot. S. P. nº 143, a R. Gardneriana Planch. e outras.
114	116	116	Guttíferas	<i>Symphonia globulifera</i> L. F.	<i>Symphonia globulifera</i> L.f.	Oanani	árvore mediana	-	Nativa das matas desde o Rio de Janeiro até á América Central	Nativa	-	-	-
115	117	117	Guttíferas	<i>Tavomitia bahiensis</i> Engl.	<i>Tovomitia bahiensis</i> Engl.	Sangue de Touro	porte grande	-	Natural da Baía	Nativa	-	-	Do mesmo gênero existem várias outras árvores bem formadas nas matas do Brasil
116	118	117	Guttíferas	<i>Tavomitopsis paniculata</i> (Spreng.) Planch.	<i>Tovomitopsis paniculata</i> Planch. & Triana	Azedinho	árvore regular	-	matas do Rio de Janeiro	Nativa	-	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
117	119	117	Guttíferas	<i>Vismia brasiliensis</i> Choisy.	<i>Vismia brasiliensis</i> Choisy.	Pau de Lacre	-	-	-	Nativa	198	-	-
118	120	117	Guttíferas	<i>Vismia micrantha</i> Mart.	<i>Vismia micrantha</i> Mart. ex A. St.-Hil.	Capa-Rosa	porte semelhante à <i>Vismia brasiliensis</i>	-	Minas Gerais, Baía, etc	Nativa	-	-	No norte e interior do Brasil existem mais umas 10 a 12 outras espécies deste mesmo gênero
119	121	118	Icacináceas	<i>Emmotum nitens</i> (Benth.) Miers.	<i>Emmotum nitens</i> (Benth.) Miers.	Muirachimbé	pequena árvore	-	dos cerrados e cerradões mais secos	Nativa	-	-	-
120	122	118	Icacináceas	<i>Poraqueiba guianensis</i> Aubl.	<i>Poraqueiba guianensis</i> Aubl.	Umarí	-	-	norte do Brasil e Guianas	Nativa	-	-	árvore de formato menos atraente
121	123	118	Icacináceas	<i>Villaresia dichotoma</i> Miers.	<i>Villaresia dichotoma</i> Miers.	Congonheira	porte mediano	-	-	Nenhum Registro Encontrado	-	já ensaiada na arborização do Horto Oswaldo Cruz, em Butantã, no ano de 1919	-
122	124	118	Icacináceas	<i>Villaresia megaphylla</i> Miers.	<i>Citronella paniculata</i> (Mart.) R.A.Howard	Congonheira Vedadeira	-	-	matas naturais do Jardim Botânico de S. Paulo nº 279	Nativa	280	-	-
123	125	120	Lauráceas	<i>Aiouea brasiliensis</i> Meisn.	<i>Aiouea laevis</i> (Nees ex Mart.) Kosterm.	Canela	árvore regular	ornamentação de ruas e praças	natural da Baía	Nativa	-	-	-
124	126	120	Lauráceas	<i>Aiouea elliptica</i> Meisn.	<i>Aiouea saligna</i> Meisn.	Ajuba	-	-	árvores das matas da Serra do Mar, onde aparecem outras congêneres	Nativa	-	-	-
125	127	120	Lauráceas	<i>Aiouea saligna</i> Meisn.	<i>Aiouea saligna</i> Meisn.	Canela Anhuiva	-	-	igualmente da Serra do mar	Nativa	-	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
126	128	120	Lauraceas	<i>Aniba rosaeodora</i> Ducke	<i>Aniba rosaeodora</i> Ducke.	Pau-Rosa	-	-	do Pará e Amazonas	Nativa	-	-	Do mesmo gênero ocorrem ali outras espécies que mereceriam ser ensaiadas
127	129	120	Lauraceas	<i>Cryptocarya mandiocana</i> Meissn.	<i>Cryptocarya mandiocana</i> Meissn.	Batalha ou Canela Batalha	-	-	-	Nativa	398	-	(vide "Observ. Gerais" fasc. III (1940) p. 64)
128	130	120	Lauraceas	<i>Cryptocarya moschata</i> Mez	<i>Cryptocarya moschata</i> Nees & Mart.	Canela	porte mais elevado que a <i>Cryptocarya</i> a mandioca na	-	-	Nativa	85	-	-
129	131	121	Lauraceas	<i>Dicypellium caryophyllatum</i> Neers	<i>Dicypellium caryophyllatum</i> (Mart.) Nees.	Craveiro da Terra	-	-	Natural do norte e interior do Brasil	Nativa	-	-	madeira recendendo a cravo da Índia.
130	132	121	Lauraceas	<i>Nectandra grandiflora</i> Neers & Mart.	<i>Nectandra grandiflora</i> Nees & Mart.	Canela Amarela	porte regular	-	-	Nativa	-	-	-
131	133	121	Lauraceas	<i>Nectandra puberula</i> Neers	<i>Nectandra puberula</i> (Schott) Nees.	Canela Preta	porte bonito	-	-	Nativa	79	-	crescimento rápido; Do mesmo gênero deveríamos referir mais outras vinte e tantas espécies, todas bonitas.
132	134	121	Lauraceas	<i>Ocotea pretiosa</i> (Neers) Mez	<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer.	Sassafrasinho ou Canela Sassafrás	-	-	-	Nativa	359	-	-
133	135	122	Lauraceas	<i>Ocotea pulchella</i> Mart.	<i>Ocotea pulchella</i> (Nees & Mart.) Mez.	Canelinha	regular	-	-	Nativa	205	-	-
134	136	122	Lauraceas	<i>Ocotea variabilis</i> Mart.	<i>Ocotea variabilis</i> (Nees) Mez.	Canela	porte regular	-	-	Nativa	54	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
135	137	122	Lauraceas	<i>Phoebe porosa</i> Mez	<i>Ocotea porosa</i> (Nees & Mart.) Barroso.	Imbuia	-	-	-	Nativa	30	introduzida do Paraná em 1934	de crescimento relativamente rápido até chegar ao tamanho conveniente e depois desenvolvimento mui lento; do gênero existem outras árvores bonitas
136	138	122	Lauraceas	<i>Silvia navalium</i> Fr. Allem	<i>Mezilaurea navalium</i> (Allem.) Taub. ex Mez.	Tapinhoã	porte grande	fornece madeira preciosa	-	Nativa	-	-	Hoje pretendem subordiná-la ao gênero Mazilaurea, que compreende várias outras espécies
137	139	123	Lecythidaceas	<i>Cariniana brasiliensis</i> Casar.	<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze.	Jequitibá Vermelho	magestoso	-	-	Nativa	551	-	ápice obtuso-rostrado
138	140	123	Lecythidaceas	<i>Cariniana excelsa</i> Casar.	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze.	Jequitibá Branco	árvore excelsa e bonita	e prestam muito para a arborização pública, pelo elegante porte e bonita folhagem	-	Nativa	81	-	do mesmo gênero existem mais algumas árvores que, na sua primeira idade,
139	141	123	Lecythidaceas	<i>Bertholletia excelsa</i> Humb. & Bonpl.	<i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	Castanheiro do Prá	altaneiro	-	cultiváveis apenas nos climas mais cálidos	Nativa	-	-	-
140	142	123	Lecythidaceas	<i>Couratari glabra</i> Camb. E C. rufescens Camb.	<i>Eschweilera compressa</i> (Vell.) Miers.	Jequitibá Vermelho	árvores gigantes	-	matas da Serra do Mar, acima de Angra dos Reis, etc.	Nativa	-	-	-
141	143	124	Lecythidaceas	<i>Couroupita surinamensis</i> Mart.	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	Cuia de Macaco	-	-	natural da Amazônia	Nativa	-	-	mais outras congêneres como belas árvores das matas alagadiças

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
142	144	124	Lecythidaceas	<i>Eschweilera ovata</i> Mart.	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Mart. ex Miers.	Ateribá	maravilhoso	-	natural das matas do Rio Doce e das cercanias de Rio de Janeiro	Nativa	-	-	-
143	145	124	Lecythidaceas	<i>Gustavia augusta</i> L.	<i>Gustavia augusta</i> L.	China-Pavana	porte grande e belíssimo	-	natural do norte de Brasil e Guianas	Nativa	-	-	mais 4 outras congêneres he disputam a primazia com as suas bonitas flores
144	146	124	Lecythidaceas	<i>Lecythis Pisonis</i> Camb.	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	Sapucaieira	maravilhoso e de efeito deslumbrante quando com novas folhas ou com flores	-	natural do Espírito Santo	Nativa	-	introduzida no Rio de Janeiro e S. Paulo	Do memso gênero poderão ser escolhidas mais dez espécies do mesmo porte e com pixídios semelhantes a até maiores. Os inconvenientes destes pixídios para a população que anda sob as árvores, poderão ser remediados pelo colheita antecipada
145	148	125	Leguminosas	<i>Alexa bauhiniaeflora</i> Ducke.	<i>Alexa bauhiniiflora</i> Ducke.	Alexa	regular	-	natural do norte do Brasil, onde aparecem congêneres	Nativa	-	-	-
146	149	126	Leguminosas	<i>Apuleia praecox</i> Mart.	<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F.Macbr.	Garapa, Mulateira ou Grapiapunha	-	madeira preciosíssima para obras expostas	-	Nativa	454	introduzida	-
147	150	126	Leguminosas	<i>Batesia floribunda</i> Benth.	<i>Batesia floribunda</i> Benth.	Acapú ou Acapurana	-	-	norte do Brasil	Nativa	-	-	muito parecida com a Árvore do Tento - Ormosia

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
148	151	126	Leguminosas	<i>Brownea macrophylla</i> Linden.	<i>Brownea macrophylla</i> Linden.	Sol da Bolívia ou Braunia	-	-	Bolívia e Amazonas	Nenhum Registro Encontrado	-	-	-
149	152	126	Leguminosas	<i>Caesalpinia bracteata</i> Tul.	<i>Caesalpinia bracteata</i> Germish.	-	porte mediano, rijo	-	-	Nenhum Registro Encontrado	-	-	-
150	153	126	Leguminosas	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau Brasil	bonita de porte	-	apenas cultivável em clima quente;	Nativa	617	Hoje dada com Guilandinae m; outrora abundante em Pernambuco e na Baía, e hoje é tão rara que se contam os exemplares pelos dedos.	-
151	154	128	Leguminosas	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	<i>Caesalpinia ferrea</i> C.Mart.	Pau Ferro	-	-	-	Nativa	23	-	de crescimento relativamente rápido
152	155	128	Leguminosas	<i>Caesalpinia peltophoroides</i> Benth.	<i>Caesalpinia pluviosa</i> (Benth.) G.P.Lewis.	Sebipiruna ou Falso Pau Brasil	-	-	-	Nativa	634	já ensaiada	-
153	156	128	Leguminosas	<i>Campsiandra surinamensis</i> Kleinh.	<i>Campsiandra comosa</i> Benth.	Comandá ou Acapurana	bonito	-	nativa nas florestas da Amazônia onde aparecem outras congêneres	Nativa	-	-	-
154	157	128	Leguminosas	<i>Cassia excelsa</i> Schrad.	<i>Senna spectabilis</i> var. <i>excelsa</i> (Schrad.) H.S.Irwin & Barneby.	Aleluia de Caldas	-	-	-	Cultivada	-	-	árvore parecida á C. multijuga
155	158	129	Leguminosas	<i>Cassia ferruginea</i> Schrad.	<i>Cassia ferruginea</i> (Schrad.) DC.	Canafístula	-	-	Frequente em S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro;	Nativa	-	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
156	159	129	Leguminosas	<i>Cassia fistula</i> L.	<i>Cassia fistula</i> L.	Cassia Imperial ou Chuva de Ouro	porte mediano	-	Cultivada no Rio de Janeiro e climas quentes. Raras em São Paulo	Cultivada	-	-	-
157	160	129	Leguminosas	<i>Cassia grandis</i> L.	<i>Cassia grandis</i> L.f.	Canafistula	árvore grande e forte	-	Cultivada no Rio de Janeiro	Nativa	-	-	-
158	161	129	Leguminosas	<i>Cassia leptophylla</i> Vog.	<i>Cassia leptophylla</i> Vogel.	Barbatimão Falso ou Canafistula de Legumes quadrangulares	bonita árvore	-	sul do Brasil;	Nativa	528	-	-
159	162	129	Leguminosas	<i>Cassia speciosa</i> Schrad.	<i>Senna macranthera</i> (Nees) H.S.Irwin & Barneby.	Aleluia de Caldas	alta e forte no seu conjunto	-	Nativa nos arredores de S. Paulo;	Nativa	219	-	floresce com 2 anos
160	163	130	Leguminosas	<i>Cenostigma gardnerianum</i> Tul.	<i>Cenostigma gardnerianum</i> Tul.	Cascudo ou Carvão Vermelho	porte mediano	-	própria dos campos dos cerrados do interior	Nativa	-	-	-
161	164	130	Leguminosas	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaibeira	bela árvore	-	sul do Brasil	Nativa	49	-	serviu de capa do 2º fasc. Dos Arq. De Bot. Do Est. de S. Paulo. Do mesmo gênero possuímos, porém, várias outras árvores igualmente maravilhosas e especialmente quando educadas em viveiros
162	165	130	Leguminosas	<i>Crudya amazonica</i> Spruce	<i>Crudia amazonica</i> Benth.	Jatairana ou Faveiro do Igapó	-	-	natural das matas do Amazonas, Pará e Mato-Grosso	Nativa	-	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
163	166	130	Leguminosas	<i>Cynometra bauhiniæfolia</i> Benth.	<i>Cynometra bauhiniifolia</i> Benth.	Guarabú-Amarelo ou Jatairana	árvore de mediana altura	-	nativa dos cerrados do interior e norte de nosso País	Nativa	-	-	temos ai ainda várias congêneres, igualmente recomendáveis
164	167	131	Leguminosas	<i>Dialium divaricatum</i> Vahl.	<i>Dialium guianense</i> (Aubl.) Sandwith.	Jataípeva	porte regular	-	natural do norte e interior do Brasil	Nativa	-	-	-
165	168	131	Leguminosas	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	Faveiro do Cerrado ou Barbatimão Falso	porte regular e bonita	-	-	Nativa	-	-	Além desta temos a <i>D. gardneriana</i> Tul. E outras congêneres que se recomendam igualmente
166	169	131	Leguminosas	<i>Dinizia excelsa</i> Ducke	<i>Dinizia excelsa</i> Ducke.	Faveiro do Grande	porte majestoso depois de velha	-	norte do Brasil	Nativa	-	-	de crescimento lento
167	170	131	Leguminosas	<i>Diptychandra aurantiaca</i> Tul	<i>Diptychandra aurantiaca</i> Tul.	Carvão vermelho	porte mediano	-	natural dos cerrados	Nativa	-	-	Outras duas afins deveriam ser mencionadas com mais três congêneres igualmente bonitas
168	171	131	Leguminosas	<i>Elizabetha macrostachya</i> Benth.	<i>Elizabetha macrostachya</i> Benth.	Ararapari	porte grande	-	nas matas da Amazônia	Nativa	-	-	mais 11 espécies congêneres, todas interessantes
169	172	131	Leguminosas	<i>Eperua bijuga</i> Mart.	<i>Eperua bijuga</i> Benth.	Copaibaran a	-	lenho rico em resina	norte do Brasil	Nativa	-	-	-
170	174	133	Leguminosas	<i>Heterostemon mimosoides</i> Desf.	<i>Heterostemon mimosoides</i> Desf.	Hervão	porte grande	-	norte do Brasil	Nativa	-	-	-
171	175	133	Leguminosas	<i>Holocalyx glaziovii</i> Taub.	<i>Holocalyx balansae</i> Micheli.	Alecrim	-	-	-	Nativa	409	introduzida na arborização de S. Paulo e Rio de Janeiro	das mais bonitas árvores introduzidas na arborização de S. Paulo e Rio de Janeiro
172	176	133	Leguminosas	<i>Hymenaea capanemae</i> Ducke	<i>Hymenaea capanemae</i> Ducke.*	Jatí ou Jatobá	alta e rija	até aos 10-20 anos própria para arborização e muito recomendável	-	Nenhum Registro Encontrado	170	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
173	177	133	Leguminosas	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	altaneira	-	mais frequente no norte do nosso País	Nativa	-	-	além destas duas mencionadas poderíamos citar mais 6 outras todas bonitas no seu porte
174	178	134	Leguminosas	<i>Luetzelburgia praecox</i> (Harms.) Malme.	<i>Luetzelburgia praecox</i> (Harms.) Harms.	Amendoim	linda árvore de pequeno porte	-	aparece nos cerrados do norte e interior do Brasil	Nativa	-	-	-
175	179	134	Leguminosas	<i>Luetzelburgia pterocarpoides</i> harms.	<i>Luetzelburgia auriculata</i> (Allemão) Ducke.	Guaritá	mais alta que a precedent e	-	frequente interior de S. Paulo	Nativa	-	Já introduzida no Jard. Bot.	mais comum nas matas rals e cerradões, nos lugares descampados degenerada e arbsutiforme
176	180	134	Leguminosas	<i>Macrolobium bifolium</i> (Aubl.) Pers.	<i>Macrolobium bifolium</i> (Aubl.) Pers.	Ararapari da Varzea	bela no seu porte	-	natural do norte do Brasil	Nativa	-	-	-
177	181	134	Leguminosas	<i>Macrolobium Rondonianum</i> Hoehne	<i>Macrolobium suaveolens</i> (Hoehne) Cowan.	-	bela árvore de porte mediano	-	no interior do Mato Grosso	Nativa	-	-	existem várias outras congêneres aproveitáveis
178	182	134	Leguminosas	<i>Martiodendron parvifolia</i> (Benth.) Gleason.	<i>Martiodendron mediterraneum</i> (Benth.) R.C.Koeppen.	Árvore de Martius	porte pequeno	aconselhável para lugares inhóspitos	natural das caatingas do nordeste e norte	Nativa	-	-	Na Mart. Fl. Br. Figura como <i>Martia parvifolia</i> Benth. Mais alta e melhor é <i>Martiodendron excelsa</i> (Benth.) Gleason. do Amazona e Pará.
179	183	135	Leguminosas	<i>Moldenhaueria floribunda</i> Schrad.	<i>Moldenhaueria floribunda</i> Schrad.*	Guaracáí	porte mediano	-	-	Nenhum Registro Encontrado	-	-	crescimento relativamento rápido. Mais duas espécies do gênero poderíamos citar como equivalentes

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
180	184	135	Leguminosas	<i>Melanoxylon braunia</i> Schott.	<i>Melanoxylon brauna</i> Schott.	Baraúna ou Braúna	porte altaneiro	-	sul do Brasil até a Baía	Nativa	-	-	bonito como o ébano; crescimento moroso
181	185	135	Leguminosas	<i>Mora excelsa</i> Benth.	<i>Mora excelsa</i> Benth.	Pracauba ou Pracuuba	alta no porte	-	Matas das Guianas, Amazonas e Pará	Nativa	-	-	de crescimento não muito diferente daquele das <i>Dimorphandra</i> .
182	186	135	Leguminosas	<i>Peltogyne confertiflora</i> Benth.	<i>Peltogyne confertiflora</i> (Hayne) Benth.	Guarabú ou Pau-Roxo	árvore bonita	lenho preciosíssimo para obras de resistência	-	Nativa	-	-	de crescimento lento; existe mais meia dúzia de outras congêneres equivalentes
183	187	136	Leguminosas	<i>Peltophorum vogelianum</i> Benth.	<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.	Ibirapuitá ou Canafístula	porte alto	-	-	Nativa	-	-	-
184	188	136	Leguminosas	<i>Poinciana pulcherrima</i> L.	<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw.	Barbas de Barata	porte pequeno	mais indicada como planta de parques (flores)	-	Naturalizada	-	-	-
185	189	136	Leguminosas	<i>Pterogyne nitens</i> Tul.	<i>Pterogyne nitens</i> Tul.	Jacutinga ou Amendoim	-	-	própria para climas quentes, mui resistentes	Nativa	-	-	belíssima árvore
186	190	136	Leguminosas	<i>Schizolobium excelsum</i> Vog.	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) S.F.Blake.	Guapuruvú ou Fava Divina	porte altaneiro	própria para grandes parques onde não possa prejudicar habitações	-	Nativa	-	-	de crescimento muito rápido. Observe-se que a espécie é atualmente classificada como <i>Schizolobium parahybum</i> (Vell.) Blake. Mas não sabemos se isto poderá justificar-se, porque a verdadeira pátria desta altaneira árvore é o Vale do Ribeira de

Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações	
												Iguape, onde vimos sobreviventes nas matas de 40m de altura.	
187	191	137	Leguminosas	<i>Sclerolobium denudatum</i> Vog.	<i>Sclerolobium denudatum</i> Vogel.	Passuaré	porte grande	ótima para quebra-vento, reflorestamento, etc, por fornecer boa lenha.	-	Nenhum Registro Encontrado	119	-	crescimento rápido
188	192	137	Leguminosas	<i>Sclerolobium paniculatum</i> Vog.	<i>Sclerolobium paniculatum</i> Vogel.	Carvão	lindo porte	-	cerrao e cerradão do interior	Nenhum Registro Encontrado	-	-	-
189	193	137	Leguminosas	<i>Swartzia langsdorffii</i> Raddi	<i>Swartzia langsdorffii</i> Raddi.	Coroanha de árvore	porte belo	-	-	Nativa	-	-	Do memso gênero temos mais 53 espécies, de entre as quais muitas árvores maravilhosas.
190	194	137	Leguminosas	<i>Sweetia elegans</i> Benth.	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Benth.) Yakovlev.	Perobinha do Campo	estatura mediana	-	frequente nos cerrados do interior	Nativa	-	-	algumas congêneres menores
191	195	138	Leguminosas	<i>Tachygalia multijuga</i> Benth.	<i>Tachigali multijuga</i> Benth.	-	-	-	Matas do Rio de Janeiro	Nativa	-	-	bonita árvore; três congêneres
192	196	138	Leguminosas	<i>Zollernia ilicifolia</i> Vog.	<i>Zollernia ilicifolia</i> (Brongn.) Vogel.	Mossetaiba	-	-	-	Nativa	-	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
193	197	138	Leguminosaeae	<i>Abarema avaremotemo</i> (Mart.) Britton	<i>Abarema avaremotemo</i> (Mart.) Britton.*	Tento-Verde ou Abaremotemo	porte bonito e interessante	-	aparece com outras no Rio de Janeiro, etc.	Nenhum Registro Encontrado	-	-	-
194	198	139	Leguminosaeae	<i>Abarema jupunba</i> (Willd.) Britton	<i>Abarema jupunba</i> (Willd.) Britton & Killip.	Tento Azul e Branco	-	-	excelente para lugares quentes	Nativa	-	-	Antes conhecida como <i>Pithecolobium trapezifolium</i> Benth.)
195	199	139	Leguminosaeae	<i>Abarema langsdorffii</i> (Benth.) Britton	<i>Abarema langsdorffii</i> (Benth.) Barneby & J.W. Grimes.	Raposeira	bela árvore de porte regular	-	-	Nativa	-	-	-
196	200	139	Leguminosaeae	<i>Calliandra trinervia</i> Benth.	<i>Calliandra trinervia</i> Benth.	Diadema	arbusto mediano	-	-	Nativa	-	-	temos mais umas 5-6 outras
197	201	139	Leguminosaeae	<i>Chloroleucon vinhatico</i> Record	<i>Chloroleucon dumosum</i> (Benth.) G.P.Lewis.	Vinhático de Espinho	-	-	natural de Pernambuco e recomendáveis para climas mais quentes	Nativa	-	-	Antes subordinada ao gênero <i>Platymenia</i>
198	202	139	Leguminosaeae	<i>Enterolobium contorquisiliquum</i> (Vell.) Morong	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong.	Orelha de Negro ou Tamboril	-	-	-	Nativa	470	-	antes registrada como <i>E. timbouva</i>)
199	203	139	Leguminosaeae	<i>Enterolobium ellipticum</i> Benth.	<i>Enterolobium ellipticum</i> Benth.	Vinhático do Campo	árvore de mediana estatura	-	aparece nos cerrados do interior	Nativa	-	-	se apresenta sempre bonita quando não é judiada pelos incêndios
200	204	140	Leguminosaeae	<i>Inga marginata</i> Willd.	<i>Inga semialata</i> (Vell.) C.Mart.	Inga Dedo ou Ingá Mirim	-	-	natural no sul do Brasil e até S. Paulo	Nativa	-	já utilizada no Paraná e St. Catarina com bom resultado	-

Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações	
201	205	140	Leguminosaeae	<i>Inga sellowiana</i> Benth.	<i>Inga sellowiana</i> Benth.	Ingá Mirim	-	-	-	Nativa	144	-	pouco diferente da <i>Inga marginata</i> Willd.. Semelhantes temos 10 outras todas belíssimas. Outras 30 pertencem a uma divisão do gênero de folhas maiores e de tronco menos ereto. J. B. 144
202	206	140	Leguminosaeae	<i>Marmoroxylon racemosum</i> (Ducke) Killip.	<i>Marmoroxylon racemosum</i> (Ducke) Killip.*	Argelim Rajado ou Urubuzeiro	-	-	Amazonas e Pará	Nenhum Registro Encontrado	-	-	confundível com <i>Pithecolobium</i>
203	207	140	Leguminosaeae	<i>Mimosa bracaatinga</i> Hoehne	<i>Mimosa scabrella</i> Benth.	Bracaatinga	-	ótima para formar tapumes e quebra-ventos	-	Nativa	325	-	crescimento muito rápido, embora bonita de pouca duração e pequena resistência
204	208	140	Leguminosaeae	<i>Niopa peregrina</i> (L.) Britton & Rose	<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg.	Angico Vermelho ou Niopa	porte mui elegante	-	-	Nativa	59	-	-
205	209	141	Leguminosaeae	<i>Parkia pendula</i> Benth.	<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Walp.	Ararapitiú	grande	-	muito recomendável para climas mais quentes graças às suas flores;	Nativa	-	-	Existem mais algumas congêneres nas matas do Amazona e Pará
206	210	141	Leguminosaeae	<i>Pentaclethra macroloba</i> (Willd.) O. Kuntze	<i>Pentaclethra macroloba</i> (Willd.) Kuntze.	Pracaxi ou Paraná-Caxi	porte regular	-	Norte do Brasil	Nativa	-	-	-
207	211	141	Leguminosaeae	<i>Piptadenia paniculata</i> Benth.	<i>Piptadenia paniculata</i> Benth.	Angico	aconselha vel graças ao seu bonito porte	-	-	Nativa	-	-	ignoramos no momento se foi mudada de gênero

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
208	212	141	Leguminosaeae	<i>Piptadenia rigida</i> Benth.	<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan	Angico Vermelho	-	-	-	Nativa	-	-	-
209	215	142	Leguminosaeae	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	Vinhático do Campo	porte mediano	-	Interior do Brasil, S. Paulo, etc	Nativa	-	-	bela árvore
210	216	142	Leguminosaeae	<i>Prosopis juliflora</i> Dc.	<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC.	Alfarrobeira da Argentina	porte elegante	-	aparece também no sul do Brasil em alguns lugares	Cultivada	-	-	merece atenção por fornecer alimento nas suas bainhas
211	217	142	Leguminosaeae	<i>Samanea pedicellaria</i> (Dc.) Killip	<i>Albizia pedicellaris</i> (Dc.) L.Rico.	Pau-Pagode	-	-	norte do Brasil e adjacências	Nativa	-	-	crescimento rápido e aprecido com o Tamboril
212	218	143	Leguminosaeae	<i>Samanea saman</i> (Jacq.) Merrill	<i>Albizia saman</i> (Jacq.) Merr.	Ingarana	belíssima no seu porte	-	norte do Brasil e até América Central	Nativa	-	-	-
213	219	143	Leguminosaeae	<i>Stryphnodendron barbatimão</i> Mart.	<i>Stryphnodendron obovatum</i> Benth.	Barbatimão (verdadeiro)	-	-	campos cerrados, em todo Brasil meridional	Nativa	-	-	Mereceria ser aproveitada
214	220	143	Leguminosaeae	<i>Stryphnodendron coriaceum</i> Benth.	<i>Stryphnodendron coriaceum</i> Benth.	-	-	-	com os mesmos nomes populares, esta e outras espécies do gênero, todas bem formadas na estrutura geral	Nativa	-	-	-
215	221	144	Leguminosaeae	<i>Amburana cearensis</i> (Fr. Allem.) A. C. Smith	<i>Amburana cearensis</i> (Allemao) A.C.Sm.	Umburana, Amburana ou Cumarú do Cheiro	-	-	em todo o Brasil nordestino e interior	Nativa	-	-	é árvore bonita e útil; existem congêneres igualmente recomendáveis
216	222	144	Leguminosaeae	<i>Andira anthelminthica</i> Benth.	<i>Andira fraxinifolia</i> Benth.	Angelim	pouco interessante em seu porte	-	-	Nativa	92	-	altamente interessante quando

Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações	
												desbrocham suas flores	
217	223	144	Leguminosaeae	<i>Bowdichia virgilioides</i> H. B. K.	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	Sucupira do Cerrado	em condições naturais, o porte é aberto e baixo, mas educada no viveiro tronar-se-á mais elegante e realmente digna de figurar numa rua	-	-	Nativa	-	-	
218	224	145	Leguminosaeae	<i>Clitoria amazonum</i> Mart.	<i>Clitoria amazonum</i> Benth.	Sombreiro	-	inadmissível numa rua (superfície que ocupa), mas num largo gramado de parque, especialmente num destes destinados à permanência de crianças, é verdadeiramente providencial	árvores do norte e do interior do Brasil;	Nativa	392	-	-
219	225	145	Leguminosaeae	<i>Cyclolobium Vecchii</i> A. Samp.	<i>Cyclolobium vecchii</i> Hoehne.	Louveira	-	-	-	Nativa	-	-	bela árvore de crscimento lento. Do mesmo gênero temos, no interior de S. Paulo e Minas, outras árvores smelhantes; paraelas recomendamos o exame do que foi dito na Flora Brasília fasc. 4

Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações	
												(XXV, III; 126-127) p. 35.	
220	226	146	Leguminosaeae	<i>Dahlstedtia pinnata</i> (Benth.) Malme	<i>Dahlstedtia pinnata</i> (Benth.) Malme.	Guaraná-Timbó	porte geralmente e esguio	-	nas matas da Serra do Mar	Nativa	-	-	
221	227	146	Leguminosaeae	<i>Dalbergia brasiliensis</i> Vog.	<i>Dalbergia brasiliensis</i> Vogel.	Jacarandá ou Caviuna	-	-	-	Nativa	199	-	Nativa
222	228	146	Leguminosaeae	<i>Dalbergia cearensis</i> Ducke.	<i>Dalbergia cearensis</i> Ducke.	Pau-Rosa	-	-	norte do Brasil	Nativa	-	-	-
223	229	146	Leguminosaeae	<i>Dalbergia foliosa</i> Benth.	<i>Dalbergia foliosa</i> (Benth.) A.M.Carvalho.	Embira de Sapo	porte elegante	-	-	Nativa	-	-	-
224	230	146	Leguminosaeae	<i>Dalbergia myriantha</i> (Mart.) Benth.	<i>Dalbergia myriantha</i> Meisn.	Sapuuva	-	-	-	Nenhum Registro Encontrado	240	-	Nativa
225	231	147	Leguminosaeae	<i>Dalbergia nigra</i> (Fr. Allem.) Benth.	<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Benth.	Cabiuna ou Caviuna	-	madeira negra e muitíssimo durável podendo ser revistada em obras de duzentos e até trezentos anos, em formas de vigas que suportam paredes, sem mostrar o mínimo indício de deterioramento	Sul do Brasil	Nativa	-	-	crescimento lentíssimo depois de certa altura

Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
226	232	147	Leguminosaeae	<i>Dalbergia villosa</i> Benth.	<i>Dalbergia villosa</i> (Benth.) Benth.	Jacarandá ou Heliotropo	bonita no porte	-	-	Nativa	-	já introduzida em parques públicos e particulares de S.Paulo, graças ao seu belo efeito
227	233	147	Leguminosaeae	<i>Dipteryx alata</i> Vog.	<i>Dipteryx alata</i> Vogel.	Cumbarú	-	servem comumente de abrigo e sombra para o gado que devora as drupas para, naruminação, despulpá-las e libertar as amêndoas com a sua rijíssima casca.	própria dos cerrados do interior e norte do Brasil	Nativa	-	-
228	234	147	Leguminosaeae	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	Sapatinho de Judeu ou Suinã	porte bonito	pode ser utilizada em forma de estacas, como demonstramos em Butantã.	natural das cercanias de São Paulo.	Nativa	34	introduzida em Butantã e Piques (Capital)
229	235	148	Leguminosaeae	<i>Erythrina verna</i> Vell.	<i>Erythrina verna</i> Vell.	Molungú	porte semelhante ao da <i>Erythrina falcata</i> Benth., elegante	-	-	Nativa	332	-
230	236	148	Leguminosaeae	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Molungú	-	-	-	Nativa	530	-
231	236	148	Leguminosaeae	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	Corticeira	-	-	-	Nativa	-	-
232	236	148	Leguminosaeae	<i>Erythrina speciosa</i> Andr.	<i>Erythrina speciosa</i> Andrews.	Eritrina	-	recomendaríamos antes para parques e grandes jardins	-	Nativa	-	das matas litorâneas e várias outras, que, graças ao seu porte muito largo e magníficas flores

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
233	237	148	Leguminosaeae	<i>Machaerium aculeatum</i> Raddi	<i>Machaerium aculeatum</i> Raddi.	Bico-de-pato	porte regular	-	-	Nativa	236	-	nativa nas matas em todo o Brasil Meridional
234	238	148	Leguminosaeae	<i>Machaerium brasiliense</i> Vog.	<i>Machaerium brasiliense</i> Vogel.	Jacarandá	porte alto e bonito	-	-	Nativa	64	-	Nativa
235	239	150	Leguminosaeae	<i>Machaerium capote</i> Triana	<i>Machaerium capote</i> Dugand.	Capote ou Siete Cueros	-	-	Natural da Venezuela	Nenhum Registro Encontrado	-	introduzida no Jard. Bot. Onde figura sob nº não indicado no guia	-
236	240	150	Leguminosaeae	<i>Machaerium firme</i> Benth.	<i>Machaerium firmum</i> (Vell.) Benth.	Jacarandá-Piranga ou Jacarandá-Róseo	-	-	-	Nativa	-	-	crescimento lento
237	241	150	Leguminosaeae	<i>Machaerium foliosum</i> Rusby	<i>Machaerium foliosum</i> Rusby.	Jacarandá	porte elegante	-	Norte do Brasil e adjascencias	Nenhum Registro Encontrado	-	-	-
238	242	150	Leguminosaeae	<i>Machaerium glabrum</i> Vog.	<i>Machaerium glabrum</i> Vogel.	Farinha Sêca	-	-	árvore do Brasil meridional, especialment e Rio Grande do Sul	Nativa	-	-	pouco diversa do M. stipitatum Vog. Que aparece em S. Paulo.
239	243	150	Leguminosaeae	<i>Machaerium incorruptibile</i> Fr. Allem	<i>Machaerium incorruptibile</i> (Vell.) Benth.	Jacarandá-atan, Caviuna ou Jacarandá-roxo, etc	-	uma das melhores madeiras do Brasil meridional	-	Nativa	-	-	crescimento lento
240	244	150	Leguminosaeae	<i>Machaerium lanatum</i> Tul.	<i>Machaerium lanatum</i> Tul.	Jacarandá-Preto	-	-	-	Nativa	-	-	pouco diferente no seu aspecto do M. nigrum Vog..
241	245	151	Leguminosaeae	<i>Machaerium legale</i> (Vell.) Benth.	<i>Machaerium legale</i> (Vell.) Benth.	Jacarandá-Preto ou Caviuna	-	-	Brasil meridional	Nativa	-	-	crescimento lento
242	246	151	Leguminosaeae	<i>Machaerium leucopteru</i> Vog.	<i>Machaerium leucopterum</i> Vogel.	Jacarandá de Espinho	fortíssima e bela no sue porte	-	-	Nativa	-	-	-
243	247	151	Leguminosaeae	<i>Machaerium nictitans</i> (Vell.) Benth.	<i>Machaerium nyctitans</i> (Vell.) Benth.	Bico de pato ou Guaxumbé	-	-	-	Nativa	-	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
244	248	151	Leguminosaeae	<i>Machaerium nigrum</i> Vog.	<i>Machaerium nigrum</i> Vogel.	Jacarandá-Preto	-	-	-	Nativa	-	-	veja-se o referido sob nº 244
245	249	151	Leguminosaeae	<i>Machaerium scleroxylon</i> Tul.	<i>Machaerium scleroxylon</i> Tul.	Cabiuna ou Jacarandá	-	-	Sul do Brasil e centro	Nativa	-	-	-
246	250	151	Leguminosaeae	<i>Machaerium stipitatum</i> (Dc.) Vog.	<i>Machaerium stipitatum</i> (DC.) Vogel.	Pau de malho	muito bonita no seu porte	-	-	Nativa	-	-	veja nota de 242
247	251	151	Leguminosaeae	<i>Machaerium vestitum</i> Vog.	<i>Machaerium vestitum</i> Vogel.	Sapuvussú	porte bonito	-	Brasil meridional	Nativa	-	-	-
248	252	152	Leguminosaeae	<i>Machaerium villosum</i> Vog.	<i>Machaerium villosum</i> Vogel.	Jacarandá do cerrado	porte menos elegante, mas educável nos viveiros	-	Comum no Estado de S. Paulo e Minas;	Nativa	165	-	-
249	253	152	Leguminosaeae	<i>Machaerium violaceum</i> Vog.	<i>Machaerium violaceum</i> Vogel.	Embira de Sapo ou Sapuva	muito bonita no porte	-	-	Nativa	-	-	de crescimento mais rápido
250	254	152	Leguminosaeae	<i>Myroxylon toluiferum</i> H. B. K.	<i>Myroxylon balsamum</i> (L.) Harms.	Cabreúva, Óleo-Vermelho ou Bálsamo	porte mui belo	uma das plantas mais úteis do Brasil no que concerne madeira e vantagens terapêuticas devidas ao seu óleo	-	Nativa	547	-	crescimento, até certa altura, rápido, depois lento
251	255	152	Leguminosaeae	<i>Platycyamus Regenellii</i> Benth.	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	Pau Pereira	porte bonito e grande	-	-	Nativa	630	-	-
252	256	153	Leguminosaeae	<i>Platypodium elegans</i> Vog.	<i>Platypodium elegans</i> Vogel.	Amendoim do Cerrado	belo porte	-	-	Nativa	-	-	Existem muitas outras congêneres.
253	257	153	Leguminosaeae	<i>Platymiscium floribundum</i> Vog.	<i>Platymiscium floribundum</i> Vogel.	Sacambú	-	-	-	Nativa	295	-	-
254	258	153	Leguminosaeae	<i>Pterocarpus violaceus</i> Vog.	<i>Pterocarpus violaceus</i> Vogel.	Caviuna Falsa ou Jacarandára na	porte bonito	-	-	Nativa	-	-	Existem algumas congêneres equivalentes
255	259	153	Leguminosaeae	<i>Pterodon pubescens</i> Benth.	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel.	Sucupira ou Faveira	-	-	-	Nativa	-	-	Existem outras congêneres de madeira

Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações	
												preciosa e porte bonito.	
256	260	153	Leguminosaeae	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) O. Kuntze	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze.	Tipú ou Tipuana	-	uma das Leguminosas mais vulgarizadas na arborização, por ser árvore realmente bonita, embora de crescimento rápido demais e imprópria para ruas de menos do que 20 metros.	do sul do Brasil e Argentina	Cultivada	-	-	-
257	261	154	Loganiaceas	<i>Pagamea plicata</i> Spruce	<i>Pagamea plicata</i> Spruce ex Benth.	-	-	-	árvore do Amazonas	Nativa	-	-	Aparecem ali mais duas congêneres, igualmente recomendáveis
258	262	154	Loganiaceas	<i>Strychnos pseudoquina</i> St. Hil.	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Quina do Cerrado ou Quina do Campo	árvore de pequeno porte	Aos sertanejos fornece o sucedâneo desejado ara o quinino	-	Nativa	-	-	-
259	263	154	Lythraceas	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	Estremosa	-	-	-	Nenhum Registro Encontrado	415	-	belíssima árvore exótica que, tendo sido introduzida aqui em quase todos os jardins e parques, parece ter adquirido naturalização, e bem a merece porque o nome se coaduna com o seu belo aspecto.

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
260	264	156	Lythraceas	<i>Lafoensia glyptocarpa</i> Hoehne	<i>Lafoensia glyptocarpa</i> Koehne.	Pacari-Mirim	porte semelhante e ao de uma Jaboticabeira	-	J. B. onde ainda não floriu e por isto não foi confirmada	Nativa	-	-	-
261	265	156	Lythraceas	<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil.	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Dedaleira ou Pacari Verdadeiro	porte menos bonito que o da <i>Lafoensia glyptocarpa</i> Hoehne	-	-	Nativa	343	-	-
262	266	156	Lythraceas	<i>Lafoensia replicata</i> Pohl.	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schldl.	Candieiro Cajú ou Dedaleira	-	-	comum ao sul do Brasil	Nativa	-	-	semelhante á L. pacari St. Hill
263	267	156	Lythraceas	<i>Physocalimma scaberrimum</i> Pohl.	<i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl.	Pau Rosa, Cega-Machado, etc.	-	-	natural das regiões nordestinas e norte do Brasil	Nativa	-	-	-
264	268	157	Magnoliaceas	<i>Drymis Winterii</i> Forst.	<i>Drymis Winterii</i> Forst.*	Casca de Anta	bela árvore de pequeno porte	-	aparece no sul do Brasil em numerosas variedades;	Nenhum Registro Encontrado	206	-	-
265	269	157	Magnoliaceas	<i>Talauma ovata</i> St. Hil.	<i>Magnolia ovata</i> (A.St.-Hil.) Spreng.	Pinha do Brejo	-	-	Nativa das matas do Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo	Nativa	-	-	-
266	270	157	Malpighiaceas	<i>Byrsonima ligustrifolia</i> Kunth.	<i>Byrsonima ligustrifolia</i> Mart.	Moricí	porte regular e bonito	-	-	Nativa	-	-	Do mesmo gênero deveríamos mencionar outras flores brancas e amarelas, que aparecem nas matas do interior

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
267	271	158	Malpighiaceas	<i>Lophanthera lactescens</i> L. pendula Ducke	<i>Lophanthera lactescens</i> Ducke.	-	-	-	árvores da amônia	Nativa	-	atualmente introduzidas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro	-
268	272	159	Melastomaceas	<i>Huberia semiserrata</i> DC.	<i>Huberia semiserrata</i> DC.	Quaresmeira Branca ou Q. do Brejo	porte relativamente baixo	-	J. B. 305	Nativa	305	-	-
269	273	159	Melastomaceas	<i>Huberia ovalifolia</i> DC.	<i>Huberia ovalifolia</i> DC.	Quaresmeira Branca da Serra	porte semelhante ao da precedente	-	natural das matas dos arredores do Rio de Janeiro	Nativa	-	-	-
270	274	159	Melastomaceas	<i>Meriania glabra</i> Triana	<i>Meriania glabra</i> (DC.) Triana.	Quaresmeira Branca ou Jacatirão	porte maior que as anteriores	-	natural da Serra do Órgãos	Nativa	-	-	-
271	275	159	Melastomaceas	<i>Miconia cabuçu</i> Hoehne	<i>Miconia cabussu</i> Hoehne.	Cabuçu, Carvão Vermelho	árvore grande e de porte elegante	-	nas matas da Serra do Mar	Nativa	55	Nativa	com o movimento estas folhas proporcionam um espetáculo singular
272	276	160	Melastomaceas	<i>Miconia candolleana</i> Triana	<i>Miconia candolleana</i> Triana.	Vassoura	-	-	-	Nativa	-	-	-
273	277	160	Melastomaceas	<i>Miconia ligustroides</i> Naud.	<i>Miconia ligustroides</i> (DC.) Naudin.	vassoura ou Vassoura Preta	porte como a anterior	-	Matas do Brasil meridional	Nativa	-	-	-
274	278	160	Melastomaceas	<i>Miconia sellowiana</i> Naud.	<i>Miconia sellowiana</i> Naudin.	Jacatirão ou Jacatirão Mirim	porte ainda parecido com as duas últimas	-		Nativa	68	Nativa	-
275	279	160	Melastomaceas	<i>Miconia theazans</i> Cogn.	<i>Miconia theizans</i> (Bonpl.) Cogn.	Jacatirão de Chá	-	-	Todo o Brasil meridional e central	Nativa	-	-	possui inúmeras variedades e formas distinguidas pelo tamanho e formato
276	280	161	Melastomaceas	<i>Mouriria chamissoana</i> Cogn.	<i>Mouriri chamissoana</i> Cogn.	Coroa de Frade ou Mandapuá	-	-	J. B. 298	Nativa	298	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
277	281	161	Melastomaceas	<i>Mouriria grandiflora</i> Dc.	<i>Mouriri grandiflora</i> DC.	Jaboticaba do Cerrado ou Mandapuça	porte muito bonito	-	natural do cerrado e cerrado	Nativa	-	-	-
278	282	161	Melastomaceas	<i>Mouriria pusa</i> Gardn.	<i>Mouriri pusa</i> Gardner ex Gardner.	-	porte maravilhos o	-	mesma área de dispersão geográfica. Do gênero temos ainda muitas outras árvores	Nativa	-	-	-
279	283	161	Melastomaceas	<i>Tibouchina arborea</i> Cogn.	<i>Tibouchina arborea</i> Cogn.	Quaresmeir a da Grande	árvore de 10-15m de alt.	-	Natural d Rio de Janiero, região das serras. Própria para lugares por natureza frescos.	Nativa	-	-	-
280	284	163	Melastomaceas	<i>Tibouchina granulosa</i> Cogn.	<i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.	Quaresmeir oa do Rio	porte regular	-	J. B. nº 244	Nativa	244	Introduzida	conformação irregular; muito sujeita a broca quando cultivada, por isto, de duração efêmera.
281	285	163	Melastomaceas	<i>Tibouchina mutabilis</i> Cogn.	<i>Tibouchina mutabilis</i> (Vell.) Cogn.	Quaresmeir a da Paulicéia	porte pouco elevado	-		Nativa	10	Nativa	-
282	286	163	Melastomaceas	<i>Tibouchina papyrifera</i> Cogn.	<i>Tibouchina papyrifera</i> Cogn.	Árvore do Papel ou Tibouchina de Papel	-	só recomendada para jardins	Apenas no estado de Goiaz	Nenhum Registro Encontrado	-	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
283	287	163	Melastomaceas	<i>Tibouchina pulchra</i> Cogn.	<i>Tibouchina pulchra</i> (Cham.) Cogn.	Quaresmão	a maior de todas no que concerne altura de árvore	-	frequentes vezes registrada nas matas ao sopé da Serra de Cubatão e outras regiões de idêntica altitude sôbre o mar	Nativa	-	-	-
284	288	164	Melastomaceas	<i>Tibouchina scaberrima</i> Cogn.	<i>Tibouchina scaberrima</i> Cogn.	Quaresmeira da Pequena ou Q. da Serra	-	-	natural das mata higrófilas da Serra do Mar. Frequente na Estação Biológica do alto da Serra	Nativa	-	-	-
285	289	164	Melastomaceas	<i>Tibouchina sellowiana</i> Cogn.	<i>Tibouchina sellowiana</i> Cogn.	Quaresmeira da Serra	-	-	-	Nativa	-	-	mais durável que a <i>T. mutabilis</i> Cogn.
286	290	164	Melastomaceas	<i>Tibouchina stenocarpa</i> Cogn.	<i>Tibouchina stenocarpa</i> (DC.) Cogn.	Quaresmeira do Interior	bom tamanho	-	-	Nativa	-	-	-
287	292	165	Meliaceas	<i>Cabralea cangerana</i> Saldanha	<i>Cabralea cangerana</i> Saldanha.	Cangerana ou melhor Cajarana	-	-	natural das florestas de Paraíba do Sul	Nenhum Registro Encontrado	-	-	-
288	293	165	Meliaceas	<i>Cabralea laevis</i> DC.	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	Cajarana	porte menos alto	poderíamos recomendar a título de experiência e que indicariamos também para o reflorestamento, associando-as com o Cedro mencionado mais em baixo		Nativa	88	Nativa	Do mesmo gênero existem diversas outras

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
289	294	166	Meliaceas	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Camaçari ou Nhandiroba	porte grande	-	natural do Amazonas, Pará e até Baía	Nativa	-	-	madeira boa
290	295	166	Meliaceas	<i>Guarea rosea</i> C. DC.	<i>Guarea macrophylla</i> (C.DC.) T.D.Penn.	Calcanhar de Cotia	porte grande	-	Baía e norte do Brasil	Nativa	-	-	-
291	296	166	Meliaceas	<i>Guarea trichiloides</i> L.	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer.	Carrapeteira ou Camboatá	porte grande	-	-	Nativa	-	-	Veja-se Obs. Ger. Vol. I, fasc. III (1940) p. 70
292	297	166	Meliaceas	<i>Melia Azedarach</i> L.	<i>Melia azedarach</i> L.	Cinamomo	-	-	-	Naturalizada	-	-	árvore exótica, já adaptada à terra brasileira, asselvajou-se aqui e acolá. Bonita apenas temporariamente
293	298	166	Meliaceas	<i>Trichilia pauloensis</i> Hoehne	<i>Trichilia pauloensis</i> Hoehne.	Catinguá	porte mediano	-	nativa nas matas dos arredores de S. Paulo	Nenhum Registro Encontrado	107	-	belíssima árvore
294	299	167	Meliaceas	<i>Trichilia Riedelli</i> C. DC.	<i>Trichilia pallida</i> Sw.	Catinguá Comum	porte regular	-	natural das matas da Serra do Mar e do interior	Nativa	-	-	-

Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações	
295	300	167	Meliaceas	<i>Trichilia sylvatica</i> C. DC.	<i>Trichilia silvatica</i> C. DC.	Catinguá	menor que as outras de mesmo gênero	-	-	Nativa	-	-	aspecto menos atraente, mas certamente educável nos viveiros. Deixamos de referir os Cedros, de que possuímos belíssimas árvores, por serem grandes demais para as avenidas e ruas, embora os encontremos nas avenidas de Petrópolis e outras cidades. A sua presença na via púplica acarreta perigos, por serem, em regra mui atacados pelos Cerambycidios, bezouros cortadores de ramos que constituem sem dúvida alguma, o maior empecilho para o reflorestamento com estas preciosas assências florestais, de tão rápido crescimento e de tão magnífica madeira para

Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações	
												obras de marcenaria	
296	302	169	Moraceas	<i>Ficus Luschnathiana</i> Miq.	<i>Ficus luschnathiana</i> (Miq.) Miq.	Figueira Vermelha	porte mediano	-	-	Nativa	467	-	Do mesmo gênero poderíamos citar mais umas 20 espécies todas ornamentais e que se recomendam mais por serem multiplicáveis por meio de estacas, que brotando dão-lhes ramificação mais uniforme

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
297	303	169	Moraceas	<i>Sorocea ilicifolia</i> Miq.	<i>Sorocea hilarii</i> Gaudich.	Canxim ou Cabo de Foice	porte pequeno	-	.	Nativa	110	Nativa	-
298	304	170	Myristicaceas	<i>Virola sebifera</i> Aubl.	<i>Virola sebifera</i> Aubl.	Uucuúba ou Bicuiba	-	-	árvore de grande dispersão geográfica, por ter sido, pelo brasilíndio, considerada sempre a mais útil de entre todas as plantas vulnerárias e cicatrizantes	Nativa	-	no parque Trianon, temos alguns bonitos exemplares quase junto à entrada e no centro	veja-se o que ficou por nós referido, a seu respeito, no livro: História da Botânica e agricultura do Brasil, no século XVI. Série "Brasiliana" (1937) vol. 75, sob o nome de Myristica que vigorava.
299	305	171	Myrsinaceas	<i>Rapanea ferruginea</i> (Ruiz & Pav.) Mez	<i>Myrsine coriacea</i> (Sw.) R.Br. ex Roem. & Schult.	Caapororoca-Mirim	-	-	-	Nativa	279	-	Veja-se também na publicação: Jardim Botânico de S. Paulo.
300	306	171	Myrsinaceas	<i>Rapanea umbellata</i> (Mart.) Mez.	<i>Myrsine umbellata</i> Mart.	Caapororoca	porte largo	-	-	Nativa	282	-	-
301	307	172	Myrtaceas	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	Grumixameira	-	reservável para quintais	-	Nativa	400	-	-
302	308	172	Myrtaceas	<i>Paivaea Langsdorffii</i> Berg.	<i>Campomanesia phaea</i> (O.Berg) Landrum.	Cambucí	belíssima em seu porte	árvore que deveríamos considerar símbolo de S. Paulo, pois é aqui, mais do que em qualquer outra parte, que aparece, e foi aqui que mais se serviram dela os aborígenes, copiando dos seus frutos o modelo das suas bonitas igaçabas.	S. Paulo;	Nativa	388	Nativa e Cultivada	deveríamos introduzi-la na arborização pública (porte)

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
303	310	173	Nyctaginaceas	<i>Neea theifera</i> Oerstd.	<i>Neea theifera</i> Oerst.	Capa-Rosa do Campo	mediano	folhas utilizáveis para infusos sucedâneos do chá da Índia	Todos os campos do Brasil Meridional	Nativa	-	-	-
304	311	173	Nyctaginaceas	<i>Torrubia offersiana</i> (Link. Otto & Klein) Standl.	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz.	Carne de Vaca	-	-	-	Nativa	69	Nativa	lenho de coloração vermelha quando cortado de fresco
305	312	174	Nyctaginaceas	<i>Torrubia Schmidtiana</i> (Heimerl.) Standl.	<i>Torrubia Schmidtiana</i> (Heimerl.) Standl.*	Capa-Rosa ou Carne de Vaca	porte belíssimo	-	Nativa nas matas da Serra do Mar;	Nenhum Registro Encontrado	141	-	-
306	314	174	Ochnaceas	<i>Ouratea semiserrata</i> (Mart. & Ness.) Engl.	<i>Ouratea semiserrata</i> (Mart. & Nees) Engl.	Cajú Bravo	porte pequeno	-	-	Nativa	1	-	-
307	315	174	Ochnaceas	<i>Ouratea castaneaefolia</i> (Dc.) Engl.	<i>Ouratea castaneifolia</i> (DC.) Engl.	Farinha Sêca, Castanheiro do Cerrado ou Amarelo	porte mediano	-	-	Nativa	-	-	Do mesmo gênero deveríamos relacionar muitas outras, mas é indispensável cercar este desejo e considerar, além do mais, que estas belas árvores não se aclimam facilmente nas culturas. Suas raízes são pouco ramificadas e profundas.
308	316	175	Olacaceas	<i>Heisteria silvani</i> Schwacke	<i>Heisteria silvianii</i> Schwacke.	Estrela Vermelha	-	-	-	Nativa	404	Nativa	-
309	318	176	Opiliaceas	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers.	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth.	Pau d'Alho do Cerrado	porte elegante	-	Mato Grosso	Nativa	-	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
310	319	176	Opiliaceas	<i>Agonandra englerii</i> Hoehne	<i>Agonandra excelsa</i> Griseb.	Bacuparirana	porte ramoso	-	-	Nativa	288	Nativa	Veja-se Arquivos de Botânica do Estado de S. Paulo, nov. ser. vol. I, fasc. 6, tábula 153
311	320	178	Palmeas	<i>Arecastrum romanzoffianum</i> (Cham.) Becc.	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman.	Gerivá ou Baba de Boi	-	-	-	Nativa	42	-	sem dúvida alguma a mais comum e a mais bonita que poderíamos recomendar aqui em S. Paulo; J. B. nº 42
312	321	178	Palmeas	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Jussara	porte mediano	-	filha das matas do sul;	Nativa	376	-	se recomenda por ter crescimento rápido e atitude realmene atraente quando cultivada no aberto
313	323	180	Phytolaccaceas	<i>Gallesia gorazema</i> Moq.	<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms.	Páu d'Alho	coloca-se entre as maiores de S. Paulo, no que concerne á área que cobre com seus ramos	ótima para formar sombra em praças públicas e campos de recreio	-	Nativa	-	-	-
314	324	180	Phytolaccaceas	<i>Phytolacca dioica</i> L.	<i>Phytolacca dioica</i> L.	Umbú do Sul, Ceboleiro	grande árvore	utilizam no sul para sombra nos campos e pastos	S. Paulo	Nativa	-	-	-
315	325	182	Phytolaccaceas	<i>Seguieria floribunda</i> Benth.	<i>Seguieria americana</i> L.	Laranjeira ou Páu d'Alho de Espinho	-	-	comum no Rio de Janeiro e interior de S. Paulo e Minas.	Nativa	-	-	As retantes árvores que se filiam a esta família, deverão ser procuradas nos três

Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações	
												gêneros aqui mencionados	
316	326	182	Podocarpaceas	<i>Podocarpus lamberti</i> Klotzsch	<i>Podocarpus lambertii</i> Klotzsch ex Endl.	Pinheiro	-	madeira excelente para lápis e pequenos trabalhos de torno	Natural das Serras Mantiqueira e outras mais altas do Brasil Meridional	Nenhum Registro Encontrado	-	-	-
317	327	183	Podocarpaceas	<i>Podocarpus Sellowii</i> Klotzsch	<i>Podocarpus sellowii</i> Klotzsch ex Endl.	Pinheiro Bravo ou Pinheirinho	-	-	serra do Mar, em regiões mais úmidas;	Nenhum Registro Encontrado	258	Nativa	-
318	328	183	Proteaceas	<i>Andripetalum multiflorum</i> Schott.	<i>Andripetalum multiflorum</i> Schott.*	-	porte regular	utilizáveis na arborização e no reflorestamento	Serras do Rio de Janeiro, etc.	Nenhum Registro Encontrado	-	-	Outras espécies congêneres existem igualmente
319	329	183	Proteaceas	<i>Euplassa organensis</i> (Endl.) M. Jonst.	<i>Euplassa organensis</i> (Gardner) I.M.Johnst.	Cuticacém	belo porte	-	-	Nativa	408	-	Do mesmo gênero existem muitas outras árvores aproveitáveis para o fim em apreço. Procurá-las também no gênero <i>Adenostephanus</i> , será aconselhável
320	330	184	Proteaceas	<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch	<i>Roupala montana</i> (Huber) K.S. Edwards.	Caxicaém ou Carvalho-Bravo	porte alto	-	-	Nativa	5 e uma variedade nº 207	é muito provável que estas plantas não se adaptem bem à arborização, por serem plantas de matas fechadas	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
321	331	184	Rhamnaceas	<i>Colubrina rufa</i> Reiss.	<i>Colubrina rufa</i> (Vell.) Reissek.	Sobragi, Saraguagí ou Sobrasil	porte médio	-	Rio de Janeiro, S.Paulo até o Mato Grosso	Nativa	-	-	-
322	332	184	Rhamnaceas	<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.	<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.*	Joá ou Joazeiro da Caatingaa	-	muito apreciada por fornecer sombra aos viajantes e ao gado proporcionar frutas para mitigar a sede.	apreciada árvore das regiões nordestinas	Nenhum Registro Encontrado	-	um exemplar conhecido na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro	Da mesma família existem muitas outras árvores, que não ousamos mencionar aqui por nos serem pouco conhecidas
323	333	185	Rosaceas	<i>Couepia chrysocalyx</i> Benth	<i>Couepia chrysocalyx</i> (Poepp.) Benth. ex Hook.f.	Parinarí	5 - 10 m de alt.	gênero que poderíamos e deveramos ensaiar na arborização pública.	Norte do Brasil	Nativa	-	-	Alí existem ainda 15 outras espécies arborecentes deste mesmo
324	334	186	Rosaceas	<i>Hirtella brachystachya</i> Spruce	<i>Hirtella brachystachys</i> Spruce ex Hook.f.	-	-	-	Nativa do Amazonas e Pará	Nativa	-	-	árvore de bonito formato e completamente glabra, resistente ao sol e aos ventos
325	335	186	Rosaceas	<i>Hirtella hebeclada</i> Moric.	<i>Hirtella hebeclada</i> Moric. ex DC.	Comandatu ba	-	-	-	Nativa	211	-	Deste mesmo gênero temos diversas outras no interior do Brasil qe se recomendam muito
326	336	186	Rosaceas	<i>Licania orbicularis</i> Spruce	<i>Licania orbicularis</i> Spruce ex Hook.f.	Macucú	porte regular	-	Natural do norte do Brasil	Nativa	-	-	desenvolviment o lento; Do mesmo gênero muitas árvores do interior e sul, como orte de nosso país oferecem vantagens para o fim que nos ocupa a atenção.
327	337	186	Rosaceas	<i>Moquilea floribunda</i> Benth.	<i>Licania apetala</i> (E.Mey.) Fritsch.	Oitiseiro do Amazonas	porte grande	-	-	Nativa	-	-	crescimento lento

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
328	338	186	Rosaceas	<i>Moquilea salzmanni</i> Hook.	<i>Licania salzmannii</i> (Hook.f.) Fritsch.	Oitiseiro da Baía	porte magestoso	-	somente cultivável em climas quentes.	Nativa	-	No J. Bot. Nº 607, sucumbiu com a geada de 1942.	-
329	339	187	Rosaceas	<i>Moquilea tomentosa</i> Benth.	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch.	Oitiseiro	-	recomendada para cidades de climas mais quentes, por proporcionar muita sombra	-	Nativa	-	ensaiada no Rio de Janeiro e outras cidades de clima mais quentes	Outras muitas contêm o gênero igualmente aproveitáveis
330	341	187	Rosaceas	<i>Prunus sphaerocarpa</i> SW.	<i>Prunus brasiliensis</i> (Cham. & Schltdl.) D.Dietr.	Pessegueiro Bravo ou Coração Negro	-	das auas sementes extrai-se o líquido para o preparo de Louro- Cereja, visto formarem com a trituração, o ácido prússico ou cianídrico	-	Nativa	-	foi ensaiada em Butantã no Horto Oswaldo Cruz, onde se revelou bôa para o fim que nos interessa	bonita árvore que, educada em viveiro, poderia resolver o problema da arborização para muitas cidades
331	342	188	Rubiaceas	<i>Alibertia myrcifolia</i> Schum.	<i>Cordia myrciifolia</i> (K.Schum.) Perss. & Delprete.	Marmelada da Mata	árvore de pequeno porte	recomendado para ruas estreitas e jardins	-	Nativa	104	-	As demais espécies do gênero são quase todas são quase todas arbustivas e algumas fornecem, nos campos naturais de Mato-Grosso, excelentes baguinhas, que são o recurso dos viajantes que ficam sem alimento
332	343	188	Rubiaceas	<i>Alseis floribunda</i> Schott.	<i>Alseis floribunda</i> Schott.	-	-	-	Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro	Nativa	-	-	bonita árvore

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
333	344	189	Rubiaceas	<i>Calycophyllum spruceanum</i> Griseb.	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook.f. ex K.Schum.	Páu Mulato	-	-	-	Nativa	-	introduzida por A. Ducke, no Jardim Botânico, do Rio de Janeiro, em cujo Guia poderá ser apreciada	verdadeira maravilha entre as Runiaceas
334	345	189	Rubiaceas	<i>Capirona descorticans</i> Spruce	<i>Capirona decorticans</i> Spruce.	Mulatorana ou Páu Mulato Falso	-	-	Natural do Amazonas ocidental e Perú	Nativa	-	-	aspecto como o da <i>Calycophyllum spruceanum</i> Griseb.
335	346	189	Rubiaceas	<i>Coutarea hexandra</i> Schum.	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	Quina-Quina ou Murta do Mato	porte pequeno e ramosa	-	S. Paulo	Nativa	-	-	educável nos viveiros
336	347	189	Rubiaceas	<i>Genipa americana</i> L.	<i>Genipa americana</i> L.	Genipapo	porte bonito	-	todo o Brasil central	Nativa	-	-	desenvolviment o regular
337	348	190	Rubiaceas	<i>Ixora venulosa</i> Benth.	<i>Ixora venulosa</i> Benth.	Ixora	porte mediano ou antes pequeno	-	-	Nativa	179	Nativa	-
338	349	190	Rubiaceas	<i>Ladenbergia hexandra</i> Klotzsch	<i>Ladenbergia hexandra</i> (Pohl) Klotzsch.	Quina Vermelha ou Quina de Fôlha Larga	porte altaneiro depois de velha	enquanto nova muito bonita e próprias para arborização	Matas das encostas de Caraguatatu ba etc.	Nativa	-	-	Mais duas outras aparecem no Brasil, que têm porte semelhante e as mesmas utilidades
339	350	190	Rubiaceas	<i>Remijia ferruginea</i> (St. Hil.) Dc.	<i>Remijia ferruginea</i> (A.St.-Hil.) DC.	Quina da Serra	árvore grande	-	Brasil meridional: Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro, etc.	Nativa	-	-	-
340	351	190	Rubiaceas	<i>Remijia tenuiflora</i> Benth.	<i>Remijia tenuiflora</i> Benth.	Quina	porte regular	cortex medicinal	Nativa do Amazonas e Pará	Nativa	-	-	Do mesmo gênero existem mais algumas bonitas árvores.
341	352	190	Rubiaceas	<i>Rudgea viburnoides</i> Cham & Schltd.	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	Jangada Falsa	porte regular	-	-	Nativa	187	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
342	353	192	Rutaceas	<i>Balfourodendron riedelianum</i> Engl.	<i>Balfourodendron riedelianum</i> (Engl.) Engl.	Páu Marfim	árvore de bonito porte, mas grande desenvolvimento	-	-	Nativa	391	-	Para a arborização deverá ser cultivada junta nos viveiros e decepada na extremidade antes de ser transportada para a rua.
343	354	192	Rutaceas	<i>Dictyoloma incanexcens</i> Dc.	<i>Dictyoloma vandellianum</i> A.Juss.	Barbasco Negro	porte um pouco regular quando abandona da a si, mas educável em viveiros	-	-	Nativa	-	-	-
344	355	192	Rutaceas	<i>Esenbeckia febrifuga</i> A. Juss.	<i>Esenbeckia febrifuga</i> (A.St.-Hil.) A.Juss. ex Mart.	Laranjeira do mato ou Três Fôlhas	atinge 10m de alt.	-	-	Nativa	347	-	-
345	356	192	Rutaceas	<i>Esenbeckia grandiflora</i> Mart.	<i>Esenbeckia grandiflora</i> Mart.	Guaxupita	porte menor que o das duas espécies e aspecto mais elegante	-	-	Nativa	126	-	Existem outras congêneres aproveitáveis
346	357	194	Rutaceas	<i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl.	<i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl.	Guarantã	-	-	-	Nativa	395	-	bonita árvore, mas difícil de trasnplantar; convindo por isso, passá-la desde pequena para caixas ou cestas e mantê-las assim nos viveiros
347	358	194	Rutaceas	<i>Metrodorea nigra</i> St. Hil.	<i>Metrodorea nigra</i> A. St.-Hil.	Chupa Ferro	porte muito bonito	-	S. Paulo, Minas, etc.	Nativa	649	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
348	359	194	Rutaceas	<i>Metrodorea pubescens</i> St. Hil.	<i>Metrodorea nigra</i> A. St.-Hil.	Quebra Machado	-	-	S. Paulo, Minas, etc	Nativa	-	-	bela árvore que muito se recomenda para o fim que nos interessa.
349	360	194	Salicaceas	<i>Salix humboldtiana</i> Kunth.	<i>Salix humboldtiana</i> Willd.	Sauce (Argentina) e Salgueiro (no sul do Brasil)	-	-	só aparece nas matas ciliares do Paraná	Nativa	-	-	-
350	361	195	Salicaceas	<i>Salix Martiana</i> Leybold	<i>Salix martiana</i> Leyb.	Salgueiro do Rio	porte mais ereto que a <i>Salix humboldtiana</i>	bem recomendada para parques	-	Nativa	331	-	Cultivadas são mais frequentemente: <i>Salix babylonica</i> (J. B. nº 331) e <i>S. viminea</i> , esta para a indústria de moveis.
351	362	195	Sapindaceas	<i>Allophylus edulis</i> Radlk.	<i>Allophylus edulis</i> (A.St.-Hil., A.Juss. & Cambess.) Radlk.	Fruta de Paraó	porte pequeno	-	-	Nativa	304	-	Existem congêneres
352	363	195	Sapindaceas	<i>Cupania tenuivalvis</i> Radlk.	<i>Cupania tenuivalvis</i> Radlk.	Camboatã de Fôlha Meuda	-	-	-	Nativa	-	-	Do mesmo gênero existem diversas outras espécies bonitas de porte.
353	364	195	Sapindaceas	<i>Cupania vernalis</i> Camb.	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Paú de Cantil ou Camboatã	porte mediano	-	-	Nativa	-	-	assim a <i>C. oblongifolia</i> Mart. No livro "o Jardim Botânico de S. Paulo, estão registradas algumas entre as árvores nativas na mesma dependência do Instituto de Botânica nº 116.
354	365	196	Sapindaceas	<i>Diatenopteris sorbifolia</i> Radlk.	<i>Diatenopteris sorbifolia</i> Radlk.	Maria Preta ou Quepé	porte altaneiro	-	interior de S. Paulo e Minas	Nativa	-	-	crescimento lento, bonita enquanto nova

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
							depois de adulta						
355	366	196	Sapindaceas	<i>Magonia pubescens</i> St. Hil.	<i>Magonia pubescens</i> A. St.-Hil.	Timbó do Cerrado	-	-	naturais dos campos cerrados de Mato Grosso e Goiás	Nativa	-	-	-
356	367	196	Sapindaceas	<i>Matayba guianensis</i> Radlk.	<i>Matayba guianensis</i> Aubl.	Jatuá-uba ou Jatuá-iba	porte elegante	-	Todo o Brasil	Nativa	-	-	-
357	368	196	Sapindaceas	<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.	<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.	Páu Pombo	robusta no porte, mas bela enquanto nova	-	-	Nativa	113	-	Veja ilustração cichê V do livro: " O Jardim Bot. De S. Paulo".
358	369	196	Sapindaceas	<i>Melicoca lepidopetala</i> Raldk.	<i>Melicoca lepidopetala</i> Raldk.*	Papa-Mundo	-	cultivada como árvore de sombra	Natural do Paraguai, Mato Grosso e Amazonas.	Nenhum Registro Encontrado	-	-	-
359	370	196	Sapindaceas	<i>Sapindus saponaria</i> L.	<i>Sapindus saponaria</i> L.	Saboneteira ou Sabão de Soldado	-	muito usada como sombra e arborização	-	Nativa	479	-	bonita árvore
360	371	197	Sapindaceas	<i>Talisia esculenta</i> Radlk.	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Pitomba	porte mediano	-	Norte e nordeste do Brasil	Nativa	-	-	-
361	372	197	Sapindaceas	<i>T. olivaeformis</i> Radlk.	<i>Melicoccus oliviformis</i> Kunth.	Mamão de Mico	-	-	Norte do Brasil (T. olivaeformis) e Minas e Espírito Santo (T. intermedia Raldk.)	Nativa	-	-	além destas muitas outras congêneres.

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
362	373	197	Sapindaceas	<i>Toulicia guianensis</i> Aubl.	<i>Toulicia guianensis</i> Aubl.	Pitambainha	árvore mediana	-	Norte do Brasil (Toulicia guianensis) e Rio de Janeiro e S. Paulo (T. laevigata Raldk. e T. stans Radlk.)	Nativa	-	-	-
363	374	197	Sapotaceas	<i>Bumelia obtusifolia</i> Roem & Schultz	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.Penn.	Abiorana	alcança depois de velha, até 30m de alt.	-	-	Nativa	-	-	Existem variedades na Baía de fôlhas menores
364	375	198	Sapotaceas	<i>Bumelia sartorum</i> Mart.	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.Penn.	Rompe Gibão	porte menor	Referida por ser ótima para formar sebes protetoras	-	Nativa	-	-	-
365	376	198	Sapotaceas	<i>Chrysophyllum cuspidatum</i> Hoehne	<i>Diploon cuspidatum</i> (Hoehne) Cronquist.	Guapeva	-	-	-	Nativa	121	Nativa e criada de sementes, junto á casa da administração	-
366	377	198	Sapotaceas	<i>Chrysophyllum ebenaceum</i> Mart.	<i>Chrysophyllum marginatum</i> (Hook. & Arn.) Radlk.	Massarandu barana	alta	-	-	Nativa	233	-	desenvolviment o mais lento que a C. cuspidatum Hoehne
367	378	198	Sapotaceas	<i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart.	<i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart.	Guapeva ou Massarandu ba	-	-	-	Nativa	411	-	Cabem aqui outras árvores bonitas do norte do País, que fornecem balata, uma goma elástica
368	379	198	Sapotaceas	<i>Lacuna torta</i> DC.	Lacuma torta DC.*	Grão de Galo	-	-	-	Nenhum Registro Encontrado	-	-	muito bonita em seu formato
369	380	198	Sapotaceas	<i>Mimusops balata</i> (Aubl.) Gaertn.	<i>Mimusops balata</i> (Aubl.) C.F.Gaertn.	Balateira	-	-	norte do Brasil e Perú	Cultivada	-	-	outras muitas aparecem do mesmo gênero (Perú).

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
370	381	200	Sapotaceas	<i>Pradosia glyciophloea</i> (Casar.) Kuhlms.	<i>Pradosia lactescens</i> (Vell.) Radlk.	Buranhem ou Casca Doce	-	considerada formidável pelos seus efeitos curativos e por ser de casca doce.	matas das serras do Rio de Janeiro	Nativa	-	-	árvore já comentada no século XVI pelo primeiros advindos
371	382	200	Sapotaceas	<i>Sideroxylon gardnerianum</i> A. DC.	<i>Micropholis gardneriana</i> (A.DC.) Pierre.	Gumixabeira	porte é copado	considerada formidável pelos seus efeitos curativos e por ser de casca doce.	matas da Serra do Mar. Existe também na serra da Cantareira, S. Paulo	Nativa	-	-	-
372	383	200	Simarubaceas	<i>Picrasma crenata</i> (Vell.) Engl.	<i>Picrasma crenata</i> Engl. in Engl. & Prantl.	Pau-Tenente	porte elegante	lenho e liber que o reveste empregados na medicina contra diabete	Nativa na serra do Mar, desde o Espírito Santo e até ao Paraná	Nativa	-	-	Tem despertado atenção depois que a identificamos
373	385	201	Solanaceas	<i>Brunfelsia uniflora</i> D. Don.	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D.Don.	Manacá	porte pequeno, quase arbustivo, mas perfeitamente educável, quando submetida à cultura em viveiro, para elevar o fuste.	quando de fuste elevado, pode ser utilizada para jardins marginais e centrais das ruas e nos parques	-	Nativa	26	-	Poucas são as plantas que ornamentam mais, quando floridas, do que esta. Existem outras congêneres que , de flores maiores, talvez dessem melhores em clima úmidos.
374	386	202	Solanaceas	<i>Sessea brasiliensis</i> Toledo	<i>Sessea brasiliensis</i> Toledo.	Peroba d'Água	-	-	Nativa nas matas e cultivada.	Nativa	184	-	-
375	387	202	Solanaceas	<i>Solanum inaequale</i> Vell.	<i>Solanum pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Flor de Noiva ou Quineira	porte altaneiro e bonito	casca medicinal	-	Nativa	78	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
376	388	202	Solanaceas	<i>Solanum praealtum</i> Sendt.	<i>Solanum praealtum</i> Sendtn.	Caapoeira Branca	alta e bem formada	ótimas para reflorestamentos como quebra-vento e proteção do solo	Matas das serras do sul do Brasil	Nativa	-	-	-
377	389	202	Sterculiaceas	<i>Guazuma crinita</i> Mart.	<i>Guazuma crinita</i> Mart.	Mutamba	porte mediano	-	Rio de janeiro e arredores	Nativa	-	-	-
378	390	203	Sterculiaceas	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam	Guaxima-macho ou Mutamba	porte mediano	-	-	Nativa	-	-	Contém muitas variedades menos indicadas para a arborização
379	391	203	Sterculiaceas	<i>Sterculia chica</i> St. Hil.	<i>Sterculia apetala</i> (Jacq.) H.Karst.	Chichá ou Castanha	porte bonito	-	-	Nativa	502	introduzida no interior	-
380	392	203	Sterculiaceas	<i>Sterculia excelsa</i> Mart.	<i>Sterculia excelsa</i> Mart.	Chichá ou Xixá	porte até 30 m de altura	-	Baía e regiões centrais do Brasil	Nativa	-	-	-
381	393	203	Sterculiaceas	<i>Sterculia foetida</i> L.	<i>Sterculia foetida</i> L.	Mandobi de Pau ou Xixá	-	-	originária de Goiás	Nenhum Registro Encontrado	-	introduzida na Quinta da Boa-Vista, no Rio de Janeiro	-
382	394	204	Sterculiaceas	<i>Theobroma cacao</i> L.	<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacaueiro	porte no descampa do bonito	-	própria para climas quentes	Naturalizada	-	-	Existem muitas outras espécies no norte do Brasil que oferecem as mesmas vantagens
383	395	204	Styracaceas	<i>Pamphilia aurea</i> Mart.	<i>Styrax maninul</i> B.Walln.	-	fôlhas relativamente pequenas, oblongadas	-	Natural das florestas do Espírito Santo e Baía	Nativa	-	-	-
384	396	204	Styracaceas	<i>Pamphilia styracifolia</i> A. DC.	<i>Pamphilia styracifolia</i> A.DC.	-	-	-	Natural de Minas Gerais e Goiás	Nativa	-	-	-
385	397	204	Styracaceas	<i>Styrax camporum</i> Pohl.	<i>Styrax camporum</i> Pohl.	Estoraque do Campo	porte muito belo	-	Interior do Brasil	Nativa	-	-	-
386	398	205	Styracaceas	<i>Styrax leprosum</i> Hook & Arn.	<i>Styrax leprosus</i> Hook. & Arn.	Cuia do Brejo ou	porte mediano	-	-	Nativa	180	-	-

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
						Pau de Remo							
387	399	205	Styracaceas	<i>Styrax longifolium</i> A. DC.	<i>Styrax guyanensis</i> A.DC.	Benjoeiro	-	-	Natural dos campos de Minas Gerais e Goiás	Nativa	-	-	Do gênero <i>Styrax</i> poderíamos mencionar muitas outras espécies, mas isto tornaria extensa demais esta lista.
388	400	205	Symplocaceas	<i>Symplocos glanduloso-marginata</i> Hoehne	<i>Symplocos glanduloso-marginata</i> Hoehne.	Canela Falsa	-	-	-	Nativa	297	-	-
389	401	206	Symplocaceas	<i>Symplocos Mosemii</i> Brand.	<i>Symplocos mosenii</i> Brand.	Mate-Falso	porte e aspecto semelhantes aos das caneleiras do gênero <i>Ocotea</i> e <i>Nectandra</i>	muito ornamental	-	Nativa	437	-	-
390	402	206	Symplocaceas	<i>Symplocos nitidiflora</i> Brand.	<i>Symplocos nitidiflora</i> Brand.	Caapororoca-Falsa	semelhante às <i>Rapaneas</i>	As folhas fornecem precioso infuso como sucedâneo do mate	-	Nativa	80	-	-
391	403	206	Symplocaceas	<i>Symplocos tetrandra</i> Mart.	<i>Symplocos tetrandra</i> Mart.	Congonheira Falsa	-	As folhas fornecem precioso infuso como sucedâneo do mate	-	Nativa	278	-	pouco diferente da <i>S. nitidiflora</i> Brand.

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
392	404	206	Symplocaceas	<i>Symplocos uruguensis</i> Brand.	<i>Symplocos uniflora</i> (Pohl) Benth.	Congonha Falsa	indicada para o fornecimento de madeira leve e muito	-	Natural das matas nativas do Jardim Botânico de São Paulo	Nativa	161	-	Existem mais de 300 espécies deste gênero e a maioria é peculiar ao Brasil. Em algumas o tronco excede a 30 metros de altura e a espessura relativa as aproveitáveis. Todas são de crescimento relativamente rápido.
393	405	207	Theaceas	<i>Caraipa fasciculata</i> Camb.	<i>Caraipa densifolia</i> Mart.	Tamacoarí	árvore que atinge 20m de altura	-	norte e nordeste do Brasil	Nativa	-	-	Outras duas congêneres existem alí que deverão ser estudadas
394	406	207	Theaceas	<i>Laplacea semiserrata</i> Camb.	<i>Gordonia fruticosa</i> (Schrad.) H.Keng.	Chaseiro da Terra ou Chaseiro do Brejo	árvore de pequeno porte	-	S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro, avançando até á Colômbia;	Nativa	294 e uma variedade e nº 492	-	-
395	407	208	Theaceas	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart.	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart.	Pau Santo	no cerrado mais bonita e alta de porte	tronco utilizável na indústria frio e para flutuadores	cerrados onde sujeita aos incêndios arbustiforme, nos cerradões	Nativa	-	-	-
396	408	208	Theaceas	<i>Ternstroemia brasiliensis</i> Camb.	<i>Ternstroemia brasiliensis</i> Cambess.	Camélia da Mata	porte grande	-	-	Nativa	-	Nativa nas matas.	-

Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações	
397	409	208	Theaceas	<i>Ternstroemia punctata</i> SW.	<i>Ternstroemia punctata</i> (Aubl.) Sw.	Pau Santo	-	-	do norte do Brasile das Guianas	Nativa	-	-	No interior e sul do Brasil existem porém mais dez outras espécies que do mesmo modo mereceriam nossa atenção como árvores ornamentais, graças às bonitas flores e belo aspecto, quando educadas em viveiros.
398	410	209	Thymelaeaceas	<i>Daphnopsis Beta</i> Taub.	<i>Daphnopsis fasciculata</i> (Meisn.) Nevling.	Embira Branca	porte regular	-	-	Nativa	418	-	Provavelmente adaptável pela cultura em viveiros
399	411	209	Thymelaeaceas	<i>Daphnopsis sellowiana</i> Taub.	<i>Daphnopsis sellowiana</i> Taub.	Embira Branca	porte mais copado que a Daphnopsis Beta Taub. E de pouca altura	-	-	Nativa	-	-	De crescimento lento Do mesmo gênero temos observado muitas outras espécies dignas de nossa atenção como árvores ornamentais
400	412	209	Tiliaceas	<i>Apeiba tibourbon</i> Aubl.	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	Pau de Jangada	-	-	bonita árvore dos cerradões e cerrado do norte e nordeste do Brasil, que também encontramos em minas, Goiás e Mato Grosso.	Nativa	610	-	Seu nome específico já diz: pau que flutua na água. Do mesmo gênero existem outras espécies

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
401	413	211	Tiliaceas	<i>Mollia tomentosa</i> Spruce.	<i>Mollia tomentosa</i> Spruce ex Benth.	Sururú	-	-	natural do Amazonas e das Guianas	Nativa	-	-	Muito parecida com Açoita Cavalo e com os mesmos empregos industriais. Todas as demais espécies do gênero são naturais do nordeste do nosso País.
402	414	211	Tiliaceas	<i>Luehea grandiflora</i> Mart. & Zucc.	<i>Luehea grandiflora</i> Mart.	Açoita Cavalo	-	excelentes árvores decorativas de grande efeito e de ótima madeira para obras de arte e escultura	-	Nativa	46	-	com mais de sete congêneres todas do interior e norte do Brasil até o sul. Veja-se o trabalho " O Açoita Cavalo, do sr. M. Kuhlmann, Chefe da Secção: Cadastro Florístico e Fitofisionomia.
403	415	211	Tiliaceas	<i>Lueheopsis rosea</i> (Ducke) Burret	<i>Lueheopsis rosea</i> (Ducke) Burret	Arapapá	-	-	norte do Brasil e Guianas	Nativa	-	-	Existem outras espécies do mesmo gênero na floresta Amazônica

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
404	416	212	Vochysiaceas	<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	Pau Terra	porte mediano	-	todas dos cerrados e cerradões sendo poucas as nativas das matas mais úmidas, portanto é fácil deduzir que devem prestar-se para climas mais secos	Nativa	-	-	-
405	416	212	Vochysiaceas	<i>Callisthene major</i> Mart.	<i>Callisthene major</i> Mart.	-	-	-	-	Nativa	-	-	-
406	416	212	Vochysiaceas	<i>Callisthene mollissima</i> Warm.	<i>Callisthene mollissima</i> Warm.	-	-	-	-	Nativa	-	-	-
407	416	212	Vochysiaceas	<i>Callisthene minor</i> Mart.	<i>Callisthene minor</i> Mart.	-	-	-	-	Nativa	-	-	-
408	416	212	Vochysiaceas	<i>Callisthene erythroclada</i> Warm.	<i>Callisthene minor</i> Mart.	-	-	-	-	Nativa	-	-	-
409	416	212	Vochysiaceas	<i>Callisthene microphylla</i> Warm.	<i>Callisthene microphylla</i> Warm.	-	-	-	-	Nativa	-	-	-
410	418	212	Vochysiaceas	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Pau Terra ou Uva-puva do Campo	-	-	-	Nativa	-	-	-
411	419	213	Vochysiaceas	<i>Qualea ingens</i> Warm.	<i>Qualea ingens</i> Warm.	Pau Terrado Grande	-	-	Todas dos cerrados do interior	Nativa	-	-	especialmente recomendável. Existem outras que as possuem da mesma cor porém menores.
412	420	213	Vochysiaceas	<i>Qualea multiflora</i> Mart.	<i>Qualea multiflora</i> Mart.	Pau Terra do Amarelo	-	-	-	Nativa	-	-	Outras há de flores amarelas e folhas rijas igualmente aproveitáveis

	Nº	p.	Família	Nome científico (1944)	Nome aceito (2018)	Nome popular	Porte	Utilização	Ocorrência	Origem (Flora do Brasil)	Nº Jardim Botânico	Situação	Observações
413	421	213	Vochysiaceas	Qualea selloi Warm.	Qualea selloi Warm.	Páu Terra da Mata	porte maior que as outras de mesmo gênero aqui citadas	quando não fosse para arborização de ruas pelo menos para adôrno e sombra de parques e jardins ou como tapumes e cêrcas vivas.	-	Nativa	8	Nativa	Do gênero Qualea temos várias outras árvores bonitas que mereceriam ser ensaiadas,
414	422	213	Vochysiaceas	Vochysia bifalcata Warm.	Vochysia bifalcata Warm.	Vinheiro ou Caixeta do Interior	porte magestoso	-	-	Nativa	266	Nativa nas matas	-
415	423	214	Vochysiaceas	Vochysia laurifolia Warm.	Vochysia laurifolia Warm.	Canela Santa	porte mediano	-	Rio de Janeiro e arredores	Nativa	-	-	-
416	424	214	Vochysiaceas	Vochysia pyramidalis Mart.	Vochysia pyramidalis Mart.	Pau-Amarelo	alta e bem conformada no seu porte geral	-	-	Nativa	-	-	-
417	425	214	Vochysiaceas	Vochysia tucanorum Mart.	Vochysia tucanorum Mart.	Pau de Tucano, Vinheiro ou Caixeta do Interior	-	-	-	Nativa	-	-	-
418	426	214	Vochysiaceas	Vochysia verticillata A. Dietr.	Vochysia verticillata D.Dietr.	Moricí	bela no seu porte	-	-	Nenhum Registro Encontrado	-	-	Não olvidemos, todavia, que ainda muitas outras contem este gênero que poderíamos referir.
419	426	214	Vochysiaceas	Salvertia convalariaeodora St. Hill.	Salvertia convallariaeodora A.St.-Hil.	Pau de Colher ou Solivana	-	madeira que se presta para todas as obras de escultura	cerrados do interior	Nativa	-	-	belíssima árvore

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Hoehne (1944).

APÊNDICE II - Espécies indicadas para arborização urbana pelo Manual Técnico de Arborização Urbana de São Paulo (2015)

Tabela com um total de 254 espécies, originada pela junção das espécies apresentadas em duas tabelas do Manual (2015):

I – Espécies indicadas para arborização de calçada (SÃO PAULO, 2015, p. 67);

II – Espécies indicadas para a arborização de área interna (SÃO PAULO, 2015, p. 79)

A tabela deste anexo possui seis colunas, todas contendo informações extraídas do Manual (2015):

1ª - Numeração de 1 a 6;

2ª – Nome científico;

3ª – Nome popular;

4ª – Origem das espécies (nativa, nativa do município de São Paulo ou exótica);

5ª – Assinaladas as espécies indicadas para arborização das calçadas;

6ª – Assinaladas as espécies indicadas para arborização de áreas internas.

APÊNDICE II - Espécies indicadas para arborização urbana pelo Manual Técnico de Arborização Urbana de São Paulo (2015)

	Nome científico	Nome popular	Origem	Calçada	Área Interna
1	<i>Acacia podalyraefolia</i>	Acácia mimosa	Exótica		X
2	<i>Acacia seyal</i>	Árvore de goma arábica	Exótica		X
3	<i>Acer palmatum</i>	Acer japonês	Exótica		X
4	<i>Acrocomia aculeata</i>	Macaúba	Nativa do município		X
5	<i>Agathis robusta</i>	Pinheiro- kauri	Exótica		X
6	<i>Aiphanes aculeata</i>	Cariota de espinho	Nativa		X
7	<i>Albizia niopoides</i>	Farinha seca	Nativa	X	X
8	<i>Alchornea triplinervia</i>	Tapi guaçu	Nativa do município		X
9	<i>Allophilus edulis</i>	Chal-chal	Nativa do município	X	X
10	<i>Anadenanthera colubrina</i>	Angico branco	Nativa		X
11	<i>Andira anthelmia</i>	Angelim- amargoso	Nativa	X	X
12	<i>Andira fraxinifolia</i>	Angelim- doce	Nativa do município	X	X
13	<i>Annona cacans</i>	Araticum cagão	Nativa		X
14	<i>Annona coriacea</i>	Marolo	Nativa		X
15	<i>Annona crassiflora</i>	Araticum cortiça	Nativa		X
16	<i>Annona glabra</i>	Araticum do brejo	Nativa		X
17	<i>Annona montana</i>	Araticum açu	Nativa		X
18	<i>Araucaria angustifolia</i>	Pinheiro do paraná	Nativa do município		X
19	<i>Araucaria columnaris</i>	Araucária excelsa	Exótica		X
20	<i>Aspidosperma cylindrocarpon</i>	Peroba- poca	Nativa do município	X	X
21	<i>Aspidosperma parvifolium</i>	Guatambu- oliva	Nativa do município	X	X
22	<i>Aspidosperma polyneuron</i>	Peroba- rosa	Nativa	X	X
23	<i>Aspidosperma ramiflorum</i>	Guatambu amarelo	Nativa	X	X
24	<i>Aspidosperma riedelii</i>	Guatam-buzinho	Nativa do município	X	X
25	<i>Astronium fraxinifolium</i>	Aroeira- vermelha	Nativa	X	X
26	<i>Astronium graveolens</i>	Guaritá	Nativa do município	X	X
27	<i>Attalea dubia</i>	Indaiá	Nativa		X
28	<i>Balfourodendron riedelianum</i>	Pau- marfim	Nativa	X	X
29	<i>Bauhinia blakeana</i>	Pata de vaca	Exótica	X	X
30	<i>Bauhinia forficata</i>	Pata de vaca	Nativa do município		X
31	<i>Bauhinia longifolia</i>	Unha-de- vaca	Nativa	X	X
32	<i>Bauhinia purpurea</i>	Pata de vaca	Exótica	X	X
33	<i>Bauhinia variegata</i>	Pata de vaca	Exótica	X	X
34	<i>Bombacopsis glabra</i>	Castanha do maranhão	Nativa		X
35	<i>Bombax malabaricum</i>	Paineira vermelha	Exótica		X
36	<i>Bowdichia virgilioides</i>	Sucupira preta	Nativa	X	X
37	<i>Brownea macrophylla</i>	Rosa da mata	Exótica		X
38	<i>Butia eriospatha</i>	Butiá	Nativa		X
39	<i>Bysmarckia nobilis</i>	Palmeira de bismarck	Exótica		X
40	<i>Cabralea canjerana</i>	Canjarana	Nativa do município	X	X
41	<i>Caesalpinia echinata</i>	Pau Brasil	Nativa		X
42	<i>Caesalpinia ferrea</i>	Pau-ferro	Nativa		X
43	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	Patadevaca	Nativa	X	
44	<i>Caesalpinia pulcherrima</i>	Flambo- yantde jardim	Exótica		X
45	<i>Callistemon viminalis</i>	Escova de garrafa	Exótica		X
46	<i>Calophyllum brasiliensis</i>	Guanandi	Nativa	X	X
47	<i>Calycophyllum spruceanum</i>	Pau- mulato	Nativa	X	X

48	<i>Campomanesia eugenioides</i>	Guabi- roba	Nativa		X
49	<i>Campomanesia guazumifolia</i>	Sete capotes	Nativa do município		X
50	<i>Campomanesia phaea</i>	Cambuci	Nativa do município		X
51	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	Guabiroba	Nativa do município	X	X
52	<i>Cariniana estrellensis</i>	Jequitibá- branco	Nativa do município	X	X
53	<i>Cariniana legalis</i>	Jequitibá- rosa	Nativa do município	X	X
54	<i>Casearia sylvestris</i>	Guaça- tonga	Nativa do município	X	X
55	<i>Cassia ferruginea</i>	Chuva de ouro	Nativa do município		X
56	<i>Cassia fistula</i>	Chuva de ouro	Exótica		X
57	<i>Cassia grandis</i>	Cássia grande	Nativa		X
58	<i>Cassia javanica</i>	Cássia javanica	Exótica		X
59	<i>Cassia leptophylla</i>	Falso barba- timão	Nativa do município	X	X
60	<i>Cassia nodosa</i>	Cássia nodosa	Exótica		X
61	<i>Castanea sativa</i>	Castanha portu- guesa	Exótica		X
62	<i>Cecropia glaziovi</i>	Embaúba vermelha	Nativa do município		X
63	<i>Cecropia hololeuca</i>	Embaúba prateada	Nativa do município		X
64	<i>Cecropia pachystachya</i>	Embaúba	Nativa do município		X
65	<i>Cedrela fissilis</i>	Cedro	Nativa do município	X	X
66	<i>Ceiba speciosa</i>	Paineira	Nativa do município		X
67	<i>Centrolobium tomentosum</i>	Araribá	Nativa do município		X
68	<i>Cinnamomum camphora</i>	Canela canpho- reira	Exótica		X
69	<i>Cinnamomum zeylanicum</i>	Canela da Índia	Exótica		X
70	<i>Citharexylum myrianthum</i>	Pau-viola	Nativa do município	X	X
71	<i>Cocos nucifera</i>	Coco	Nativa		X
72	<i>Copaifera langsdorffii</i>	Óleo de Copaíba	Nativa do município	X	X
73	<i>Cordia americana</i>	Guajuvira	Nativa	X	X
74	<i>Cordia ecalyculata</i>	Café de bugre	Nativa do município		X
75	<i>Cordia sellowiana</i>	Louro mole	Nativa do município		X
76	<i>Cordia superba</i>	Babosa Branca	Nativa do município	X	X
77	<i>Cordia trichotoma</i>	Louro pardo	Nativa do município		X
78	<i>Croton urucurana</i>	Sangra d'água	Nativa do município		X
79	<i>Cryptocarya aschersoniana</i>	Canela batalha	Nativa do município		X
80	<i>Cupania vernalis</i>	Camboatã	Nativa do município	X	X
81	<i>Cupressus sempervirens</i> var. <i>stricta</i>	Cipreste italiano	Exótica		X
82	<i>Cybistax antisyphilitica</i>	Ipê-verde	Nativa do município	X	X
83	<i>Dalbergia nigra</i>	Jacarandá da Bahia	Nativa	X	X
84	<i>Delonix regia</i>	Flambo- yant	Exótica		X
85	<i>Diatenopteryx sorbifolia</i>	Correieira	Nativa	X	X
86	<i>Dictyoloma vandellianum</i>	Tingui- preto	Nativa	X	X
87	<i>Dipteryx alata</i>	Baru	Nativa		X
88	<i>Dypsis decaryi</i>	Palmeira triângulo	Exótica		X
89	<i>Dypsis lutescens</i>	Areca bambu	Exótica		X
90	<i>Enterolobium contortisiliquum</i>	Tamboril	Nativa		X
91	<i>Eriotheca candolleana</i>	Catuaba	Nativa		X
92	<i>Erythrina abyssinica</i>	Eritrina da abissínia	Exótica		X
93	<i>Erythrina crista-galli</i>	Crista de galo	Nativa do município		X
94	<i>Erythrina falcata</i>	Eritrina falcata	Nativa do município		X
95	<i>Erythrina indica</i> var. <i>picta</i>	Eritrina variegada	Exótica		X
96	<i>Erythrina speciosa</i>	Eritrina cande- labro	Nativa do município		X
97	<i>Erythrina verna</i>	Suinã	Nativa		X

98	<i>Erythroxylum deciduum</i>	Cocão	Nativa do município	X	X
99	<i>Esenbeckia leiocarpa</i>	Guarantã	Nativa	X	X
100	<i>Eucalyptus cinerea</i>	Eucalipto cinzento	Exótica		X
101	<i>Eucalyptus citriodora</i>	Eucalipto limão	Exótica		X
102	<i>Eucalyptus deglupta</i>	Eucalipto da nova guiné	Exótica		X
103	<i>Eugenia brasiliensis</i>	Grumi- xama	Nativa do município	X	X
104	<i>Eugenia dysenterica</i>	Cagaita	Nativa	X	X
105	<i>Eugenia involucrata</i>	Cereja do Rio Grande	Nativa do município	X	X
106	<i>Eugenia pyriformis</i>	Uvaia	Nativa do município	X	X
107	<i>Eugenia uniflora</i>	Pitan- gueira	Nativa do município	X	X
108	<i>Euplassa cantareirae</i>	Carvalho da serra	Nativa do município		X
109	<i>Euterpe edulis</i>	Juçara	Nativa do município		X
110	<i>Euterpe oleraceae</i>	Açaí	Nativa		X
111	<i>Ficus aspera</i>	Figueira palhaço	Exótica		X
112	<i>Ficus auriculata</i>	Figueira vermelha	Exótica		X
113	<i>Ficus insipida</i>	Figueira do brejo	Nativa do município		X
114	<i>Ficus microcarpa</i>	Figueira lacer- dinha	Exótica		X
115	<i>Fraxinus americana</i>	Freixo	Exótica	X	X
116	<i>Garcinia gardneriana</i>	Bacupari	Nativa do município		X
117	<i>Genipa americana</i>	Jenipapo	Nativa do município		X
118	<i>Gochnatia polymorpha</i>	Cambará	Nativa do município		X
119	<i>Grevillea banksii</i>	Grevilha anã	Exótica		X
120	<i>Grevillea robusta</i>	Grevilha	Exótica		X
121	<i>Guarea guidonia</i>	Mari- nheiro	Nativa do município	X	X
122	<i>Guazuma ulmifolia</i>	Mutambo	Nativa do município		X
123	<i>Handroanthus albus</i>	Ipê amarelo da serra	Nativa	X	X
124	<i>Handroanthus chrysotrichus</i>	Ipê- amarelo	Nativa do município	X	X
125	<i>Handroanthus heptaphyllus</i>	Ipê-roxo- 7-folhas	Nativa do município	X	X
126	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> var. <i>paulensis</i>	Ipê-rosa- anão	Nativa	X	X
127	<i>Handroanthus impetiginosus</i>	Ipê-roxo- de-bola	Nativa do município	X	X
128	<i>Handroanthus ochraceus</i>	Ipê do cerrado	Nativa	X	X
129	<i>Handroanthus umbellatus</i>	Ipê- amarelo- do-brejo	Nativa do município	X	X
130	<i>Handroanthus vellosi</i>	Ipê- cascudo	Nativa do município		X
131	<i>Heliocarpus popayanensis</i>	Algodo- eiro	Nativa do município		X
132	<i>Hirtella hebeclada</i>	Macucu- rana	Nativa do município		X
133	<i>Holocalyx balansae</i>	Alecrim- de- campinas	Nativa	X	X
134	<i>Hymenaea courbaril</i>	Jatobá	Nativa do município	X	X
135	<i>Ilex paraguariensis</i>	Erva mate	Nativa do município		X
136	<i>Inga marginata</i>	Ingá feijão	Nativa		X
137	<i>Inga sessilis</i>	Ingá ferradura	Nativa do município		X
138	<i>Inga vera</i>	Ingá do brejo	Nativa do município		X
139	<i>Jacaranda cuspidifolia</i>	Caroba	Nativa do município	X	X
140	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	Jacarandá mimoso	Exótica	X	X
141	<i>Jacaranda puberula</i>	Caro- binha	Nativa do município	X	X
142	<i>Jacaratia spinosa</i>	Jaracatiá	Nativa do município		X
143	<i>Joannesia princeps</i>	Andá assu	Nativa		X
144	<i>Koelreuteria bipinnata</i>	Árvore da China	Exótica	X	X
145	<i>Lafoensia glyptocarpa</i>	Mirindiba	Nativa do município	X	X
146	<i>Lafoensia pacari</i>	Dedaleiro	Nativa do município	X	X
147	<i>Lagerstroemia indica</i>	Resedá	Exótica	X	X

148	<i>Lagerstroemia speciosa</i>	Resedá flor de rainha	Exótica	X	X
149	<i>Lamanonia ternata</i>	Cangalha	Nativa do município		X
150	<i>Laurus nobilis</i>	Louro	Exótica		X
151	<i>Leucochloron incuriale</i>	Chico pires	Nativa		X
152	<i>Licania tomentosa</i>	Oiti	Nativa	X	X
153	<i>Lonchocarpus cultratus</i>	Ingá- bravo	Nativa	X	X
154	<i>Lonchocarpus muehlbergianus</i>	Embira de sapo	Nativa do município		X
155	<i>Lophantera lactescens</i>	Lofântera da Amazonia	Nativa	X	X
156	<i>Luehea candicans</i>	Açoita- cavalo	Nativa	X	X
157	<i>Luehea divaricata</i>	Açoita- cavalo	Nativa do município	X	X
158	<i>Luehea grandiflora</i>	Açoita- cavalo graúdo	Nativa do município	X	X
159	<i>Machaerium nyctitans</i>	Bico de pato	Nativa		X
160	<i>Machaerium stipitatum</i>	Sapuva	Nativa	X	X
161	<i>Machaerium villosum</i>	Jacarandá- paulista	Nativa do município	X	X
162	<i>Magnolia grandiflora</i>	Magnólia branca	Exótica		X
163	<i>Magnolia ovata</i>	Pinha do brejo	Nativa do município		X
164	<i>Melalaeuca linariifolia</i>	Floco de neve	Exótica		X
165	<i>Melaleuca leucadendron</i>	Melaleuca	Exótica		X
166	<i>Michelia champaca</i>	Magnólia amarela	Exótica	X	X
167	<i>Miconia cabussu</i>	Pixiricão	Nativa do município		X
168	<i>Miconia cinnamomifolia</i>	Jacatirão	Nativa do município		X
169	<i>Mimosa scabrella</i>	Braca- tinga	Nativa do município		X
170	<i>Montezuma speciosissima</i>	Hibisco Monte- zuma	Exótica		X
171	<i>Morus nigra</i>	Amoreira	Exótica		X
172	<i>Myrcia rostrata</i>	Guamirim dafolha fina	Nativa do município	X	X
173	<i>Myrcia tomentosa</i>	Goiaba brava	Nativa do município		X
174	<i>Myrcianthes pungens</i>	Guabiju	Nativa	X	X
175	<i>Myrciaria floribunda</i>	Cambuí	Nativa do município		X
176	<i>Myrocarpus frondosus</i>	Óleo- pardo	Nativa	X	X
177	<i>Myroxylum peruiferum</i>	Cabreúva	Nativa	X	X
178	<i>Nectandra megapotamica</i>	Canelinha	Nativa do município	X	X
179	<i>Nectandra nitidula</i>	Canelaamarela	nativa	X	
180	<i>Nectandra oppositifolia</i>	canela- ferrugem	Nativa do município	X	X
181	<i>Ocotea odorifera</i>	Canela- sassafrás	Nativa do município	X	X
182	<i>Ormosia arborea</i>	Olho-de- cabra	Nativa do município	X	X
183	<i>Pachira aquatica</i>	Monguba	Nativa	X	X
184	<i>Peltophorum dubium</i>	Canafís- tula	Nativa do município	X	X
185	<i>Pera glabrata</i>	Tobocuva	Nativa do município		X
186	<i>Phoenix canariensis</i>	Tamareira das canárias	Exótica		X
187	<i>Phoenix dactylifera</i>	Tamareira	Exótica		X
188	<i>Phoenix roebelenii</i>	Tamareira anã	Exótica		X
189	<i>Physocalymma scaberrimum</i>	Pau de rosas	Nativa	X	X
190	<i>Phytolacca dioica</i>	Cebileiro	Nativa do município		X
191	<i>Pimenta dioica</i>	Pimenta da Jamaica	Exótica	X	X
192	<i>Platanus acerifolia</i>	Plátano	Exótica		X
193	<i>Platycyamus regnellii</i>	Pau pereira	Nativa		X
194	<i>Platymiscium floribundum</i>	Sacambu	Nativa do município		X
195	<i>Platypodium elegans</i>	Jacarandá docampo	Nativa	X	X
196	<i>Plinia edulis</i>	Cambucá	Nativa do município	X	X
197	<i>Plumeria rubra</i>	Jasmim manga	Exótica		X
198	<i>Poecilanthe parviflora</i>	Coração de negro	Nativa	X	X
199	<i>Poincianella pluviosa var. peltophoroides</i>	Sibipiruna	Nativa		X
200	<i>Posoqueria acutifolia</i>	Baga de macaco	Nativa do município		X

201	<i>Pouteria caimito</i>	Abiu	Nativa do município		X
202	<i>Pouteria torta</i>	Abiu	Nativa do município	X	X
203	<i>Protium heptaphyllum</i>	Almece- gueira	Nativa do município		X
204	<i>Prunus campanulata</i>	Cerejeira de Okinawa	Exótica		X
205	<i>Prunus serrulata</i>	Cerejeira do Japão	Exótica		X
206	<i>Pseudobombax grandiflorum</i>	Embiruçu	Nativa do município		X
207	<i>Psidium cattleianum</i>	Araçá	Nativa do município	X	X
208	<i>Psidium guajava</i>	Goiabeira	Nativa do município		X
209	<i>Pterocarpus violaceus</i>	Aldrigo	Nativa do município	X	X
210	<i>Pterodon emarginatus</i>	Sucupira	Nativa	X	X
211	<i>Rapanea ferruginea</i>	Caporo- roca	Nativa do município		X
212	<i>Rollinia mucosa</i>	Biribá	Nativa		X
213	<i>Rollinia sericea</i>	Araticum alvadio	Nativa do município		X
214	<i>Roupala brasiliensis</i>	Carvalho brasileiro	Nativa do município		X
215	<i>Roystonea borinquena</i>	Palmeira coca-cola	Exótica		X
216	<i>Roystonea oleracea</i>	Palmeira imperial	Exótica		X
217	<i>Roystonea regia</i>	Palmeira real	Exótica		X
218	<i>Sabal maritima</i>	Sabal de cuba	Exótica		X
219	<i>Sabal minor</i>	Sabal anão	Exótica		X
220	<i>Samanea tubulosa</i>	Sete- cascas	Nativa	X	X
221	<i>Sapindus saponaria</i>	Sabão-de- soldado	Nativa	X	X
222	<i>Schinus molle</i>	Aroeira salsa	Nativa do município		X
223	<i>Schinus terebinthifolius</i>	Aroeira pimen- teira	Nativa do município		X
224	<i>Schizolobium parahyba</i>	Guapu- ruvu	Nativa do município		X
225	<i>Senna macranthera</i>	Mandui- rana	Nativa do município		X
226	<i>Senna multijuga</i>	Pau cigarra	Nativa do município		X
227	<i>Spathodea nilotica</i>	Espató- dea	Exótica		X
228	<i>Spondias cytherea</i>	Cajá manga	Exótica		X
229	<i>Spondias mombin</i>	Cajá	Nativa		X
230	<i>Stenocarpus sinuatus</i>	Roda de fogo	Exótica		X
231	<i>Sterculia foetida</i>	Chichá fedorento	Exótica		X
232	<i>Swartzia langsdorffii</i>	Pacova de macaco	Nativa do município	X	X
233	<i>Syagrus oleraceae</i>	Palmito amargoso	Nativa		X
234	<i>Syagrus roman- zoffiana</i>	Jerivá	Nativa do município		X
235	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	Ipê de El Salvador	Exótica		X
236	<i>Tabebuia roseo-alba</i>	Ipê- branco	Nativa do município	X	X
237	<i>Tabebuia vellosi</i>	Sabão-de-soldado	nativa	X	
238	<i>Tachigali denudata</i>	Passuaré	Nativa do município	X	X
239	<i>Tamarindus indica</i>	Tamarindo	Exótica		X
240	<i>Tapirira guianensis</i>	Peito de pombo	Nativa do município		X
241	<i>Taxodium mucronatum</i>	Cipreste monte- zuma	Exótica		X
242	<i>Terminalia kuhlmannii</i>	Araçá d' água	Nativa	X	X
243	<i>Tibouchina granulosa</i>	Quares- meira	Nativa do município	X	X
244	<i>Tibouchina mutabilis</i>	Manacá da serra	Nativa do município		X
245	<i>Tipuana tipu</i>	Tipuana	Exótica	X	X
246	<i>Trachycarpus fortunei</i>	Palmeira moinho de vento	Exótica		X
247	<i>Trema micrantha</i>	Crindiúva	Nativa do município		X
248	<i>Vitex polygama</i>	Tarumã do cerrado	Nativa do município	X	X
249	<i>Vochysia magnifica</i>	Pau-de- tucano	Nativa do município	X	X
250	<i>Vochysia tucanorum</i>	Pau-de- tucano	Nativa do município	X	X
251	<i>Washingtonia robusta</i>	Washing- tôniado sul	Exótica		X
252	<i>Xylopia brasiliensis</i>	Pindaíba	Nativa do município		X
253	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i>	Mamica de cadela	Nativa do município		X
254	<i>Zeyheria tuberculosa</i>	Ipê- tabaco	Nativa	X	X

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de São Paulo (2015)

APÊNDICE III - Origem das 91 espécies em comum entre o livro Arborização Urbana (1944a) e o Manual de Arborização Urbana de São Paulo (2015)

Tabela 1: Espécies nativas do município de São Paulo, segundo Manual Técnico de Arborização Urbana (SÃO PAULO, 2015)

1ª - Numeração das espécies listadas;

2ª – Número da espécie de acordo com a enumeração dada por Hoehne no livro “Arborização Urbana” (1944a) – de 1 a 426;

3ª - Nome científico atualmente aceito, de acordo com o site *The plant list*;

4ª – Nome popular de acordo com o Manual (2015).

Tabela 2: Espécies nativas de outros biomas do Brasil, segundo Manual Técnico de Arborização Urbana (SÃO PAULO, 2015)

1ª - Numeração das espécies listadas;

2ª – Número da espécie de acordo com a enumeração dada por Hoehne no livro “Arborização Urbana” (1944a) – de 1 a 426;

3ª - Nome científico atualmente aceito, de acordo com o site *The plant list*;

4ª – Nome popular de acordo com o Manual (2015).

Tabela 3: Espécies exóticas, segundo Manual Técnico de Arborização Urbana (SÃO PAULO, 2015)

1ª - Numeração das espécies listadas;

2ª – Número da espécie de acordo com a enumeração dada por Hoehne no livro “Arborização Urbana” (1944a) – de 1 a 426;

3ª - Nome científico atualmente aceito, de acordo com o site *The plant list*;

4ª – Nome popular de acordo com o Manual (2015).

APÊNDICE III – Origem das 91 espécies em comum entre o livro Arborização Urbana (1944a) e o Manual de Arborização Urbana de São Paulo (2015).

Tabela 1: Espécies nativas do município de São Paulo, segundo Manual Técnico de Arborização Urbana (SÃO PAULO, 2015)

	Nº	Nome aceito 2018	Nome popular (2015)
1	362	<i>Allophylus edulis</i> (A.St.-Hil., A.Juss. & Cambess.) Radlk.	Chal-chal
2	222	<i>Andira fraxinifolia</i> Benth.	Angelim-doce
3	16	<i>Aspidosperma parvifolium</i> A.DC.	Guatambu-oliva
4	3	<i>Astronium graveolens</i> Jacq.	Guaritá
5	293	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	Canjarana
6	308	<i>Campomanesia phaea</i> (O.Berg) Landrum.	Cambuci
7	140	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze.	Jequitibá-branco
8	139	<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze.	Jequitibá-rosa
9	106 107	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Guaçatonga
10	158	<i>Cassia ferruginea</i> (Schrad.) DC.	Chuva de ouro
11	161	<i>Cassia leptophylla</i> Vogel.	Falso barbatimão
12	50	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna.	Paineira
13	164	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Óleo de Copaíba
14	55	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Louro pardo
15	364	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Camboatã
16	33	<i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	Ipê-verde
17	326	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	Crista de galo
18	236	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	Eritrina candelabro
19	234	<i>Erythrina speciosa</i> Andrews.	Eritrina falcata
20	307	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	Grumixama
21	321	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Juçara
22	347	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo
23	296	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer.	Marinheiro
24	390	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutambo
25	38	<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos.	Ipê-amarelo
26	40	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos.	Ipê-roxo-de-bola
27	45	<i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos.	Ipê- amarelo-do-brejo
28	335	<i>Hirtella hebeclada</i> Moric. ex DC.	Macucurana
29	177	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá
30	26	<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	Erva mate
31	264	<i>Lafoensia glyptocarpa</i> Koehne.	Mirindiba
32	265	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Dedaleiro
33	414	<i>Luehea grandiflora</i> Mart.	Açoita-cavalo graúdo
34	252	<i>Machaerium villosum</i> Vogel.	Jacarandá-paulista
35	269	<i>Magnolia ovata</i> (A.St.-Hil.) Spreng.	Pinha do brejo
36	275	<i>Miconia cabussu</i> Hoehne.	Pixiricão

37	207	<i>Mimosa scabrella</i> Benth.	Bracatinga
38	134	<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer.	Canela-sassafrás
39	187	<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.	Canafístula
40	100 101	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.	Tobocuva
41	324	<i>Phytolacca dioica</i> L.	Ceboleiro
42	257	<i>Platymiscium floribundum</i> Vogel.	Sacambu
43	58	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand.	Almecegueira
44	258	<i>Pterocarpus violaceus</i> Vogel.	Aldrago
45	190	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) S.F.Blake.	Guapuruvu
46	162	<i>Senna macranthera</i> (Nees) H.S.Irwin & Barneby.	Manduirana
47	193	<i>Swartzia langsdorffii</i> Raddi.	Pacova de macaco
48	320	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman.	Jerivá
49	5	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Peito de pombo
50	284	<i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.	Quaresmeira
51	285	<i>Tibouchina mutabilis</i> (Vell.) Cogn.	Manacá da serra
52	425	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	Pau-de-tucano
53	13	<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	Pindaíba

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de São Paulo (2015).

Tabela 2: Espécies nativas de outros biomas do Brasil, segundo Manual Técnico de Arborização Urbana (SÃO PAULO, 2015)

	Nº	Nome aceito 2018	Nome popular (2015)
1	8	<i>Annona montana</i> Macfad.	Araticum açu
2	17	<i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll.Arg.	Peroba-rosa
3	2	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott.	Aroeira-vermelha
4	353	<i>Balfourodendron riedelianum</i> (Engl.) Engl.	Pau-marfim
5	223	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	Sucupira preta
6	153	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau Brasil
7	154	<i>Caesalpinia ferrea</i> C.Mart.	Pau-ferro
8	111	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	Guanandi
9	344	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook.f. ex K.Schum.	Pau-mulato
10	160	<i>Cassia fistula</i> L.	Cássia grande
11	56	<i>Cordia americana</i> (L.) Gottschling & J.S.Mill.	Guajuvira
12	231	<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Benth.	Jacarandá da Bahia
13	365	<i>Diatenopteryx sorbifolia</i> Radlk.	Correieira
14	354	<i>Dictyoloma vandellianum</i> A.Juss.	Tingui-preto
15	233	<i>Dipteryx alata</i> Vogel.	Baru
16	202	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong.	Tamboril
17	235	<i>Erythrina verna</i> Vell.	Suinã
18	357	<i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl.	Guarantã
19	36	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos.	Ipê amarelo da serra
20	39	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos.	Ipê-rosa-anão

	41		
21	44	<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos.	Ipê do cerrado
22	175	<i>Holocalyx balansae</i> Micheli.	Alecrim-de-campinas
23	96	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	Andá assu
24	339	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch.	Oiti
25	271	<i>Lophanthera lactescens</i> Ducke.	Lofântera da Amazonia
26	247	<i>Machaerium nyctitans</i> (Vell.) Benth.	Bico de pato
27	250	<i>Machaerium stipitatum</i> (DC.) Vogel.	Sapuva
28	267	<i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl.	Pau de rosas
29	255	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	Pau pereira
30	256	<i>Platypodium elegans</i> Vogel.	Jacarandá docampo
31	259	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel.	Sucupira
32	370	<i>Sapindus saponaria</i> L.	Sabão-de-soldado

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de São Paulo (2015).

Tabela 3: Espécies exóticas, segundo Manual Técnico de Arborização Urbana (SÃO PAULO, 2015)

	Nº	Nome aceito 2018	Nome popular (2015)
1	151	<i>Brownea macrophylla</i> Linden.	Rosa da mata
2	188	<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw.	Flamboyant de jardim
3	159	<i>Cassia fistula</i> L.	Chuva de ouro
4	263	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	Resedá
5	393	<i>Sterculia foetida</i> L.	Chichá fedorento
6	260	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze.	Tipuana

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de São Paulo (2015)

APÊNDICE IV - Itinerários das 16 viagens realizadas por Frederico Carlos Hoehne de 1908 a 1940

As informações apresentadas foram extraídas da Autobiografia de Hoehne (1951) e do Relatório Anual do Instituto de Botânica referente ao exercício de 1940 (HOEHNE, 1941). Destes documentos foram extraídas informações como o ano em que a viagem foi realizada, a instituição a qual Hoehne pertencia na época, o destino, o itinerário (com nome dos municípios e locais por onde Hoehne passou) e o objetivo da viagem.

APÊNDICE IV – Itinerários das 16 viagens realizadas por Frederico Carlos Hoehne de 1908 a 1940

1ª Viagem

Ano: 1908 a 1909

Instituição a qual pertencia: Museu Nacional do Rio de Janeiro

Destino: Mato Grosso (Comissão Rondon)

Itinerário: Rio de Janeiro – Montevideu - Buenos Aires – Rosário – Corrientes – Assunção - Porto-Esperança – Corumbá - S. Luiz de Cáceres - Fazenda da Jacobina - Gruta do Tucum - Grutas da Fazendinha - Ressaca - todo o curso do Rio Jaurú desde a sua barra e até ao primeiro grande salto – Caiçara - Cáceres - Rio Sepotuba – Tapirapoan - Salto da Felicidade - Aldeia Queimada - Planalto dos Parecis – Jurema – Juina. No regresso: Salto Utariti - Salto Belo - Ponte de Pedra - Rio Verde - Maloca do Chiquinho - Fecha-Rosca - Salto da Felicidade - Tapirapoan – Cáceres - Corumbá - Porto-Esperança - Assunção – Corrientes - Rosário - Buenos Aires – Montevideu - Rio de Janeiro.

Objetivo: Não mencionado

2ª Viagem

Ano: 1910 a 1912

Instituição a qual pertencia: Museu Nacional do Rio de Janeiro

Destino: Mato Grosso (Comissão Rondon)

Itinerário: Rio de Janeiro – Montevideu - Buenos Aires – Rosário – Corrientes – Assunção - Porto-Esperança – Corumbá - Amolar - Rio São Lourenço e Cuiabá - Coxipó da Ponte - Rio Aricá - Morro Podre na Chapada - Rio Taquara-assú – Formoso - Coxipó da Ponte - Serra de S. Jeronimo, a leste de Cuiabá até Rio Manso Cabeceira do Rio das Mortes - Serra dos Coroados - Colônia de S. Lourenço - Piabaga – Corrientes – Itiquira - St. Luzia - Coxim - por este e pelo Taquari até às antigas fortificações e cachoeiras, então pelo Rio Taquari abaixo até a sua barra no Rio Paraguai, subindo até Corumbá - penetração no território boliviano, depois: Amolar - Cáceres e Tapirapoan - Aldeia Queimada - Planalto dos Parecis (e mesmo itinerário da primeira viagem até ao Juruena) - Juina - Campos Novos da Serra do Norte – Lambari - Morrinho do Lyra - Comemoração de Floriano - Maria de Molina – Juruena – descida pelo Rio Jurema - São Manuel - Rio Carurú até a Maloca de Capepi-uat - São Manuel - S. Luiz - Santarem - Belém do Pará – Rio de Janeiro (via vapor costeiro).

Objetivo: Não mencionado

3ª Viagem

Ano: 1913 a 1914

Instituição a qual pertencia: Museu Nacional do Rio de Janeiro

Destino: Mato Grosso (Expedição Científica Roosevelt-Rondon)

Itinerário: Rio de Janeiro - Montevideu - Buenos Aires - Rosário - Corrientes - Assunção - Porto-Esperança - Corumbá - Bolívia - Fazenda do Urucúm - Cáceres - Porto do Campo (fazenda em Cáceres) - Tapirapoan - Salto da Felicidade etc. - Regresso pelo mesmo caminho.

Objetivo: Coleta de material de botânica e zoologia. Mas principalmente material de planton das baías.

4ª Viagem

Ano: 1915 a 1916

Instituição a qual pertencia: Museu Nacional do Rio de Janeiro

Destino: Minas Gerais

Itinerário: Rio de Janeiro - Sabará - Lagoa Santa - Belo Horizonte - Lagoa Santa (fazia parte de Sabará) - Serra da Piedade.

Objetivo: Colher cotipos de espécies descobertas ou descritas por Eugenio Warming.

5ª Viagem

Ano: 1918

Instituição a qual pertencia: Instituto Butantan - Horto Oswaldo Cruz

Destino: Vale do Ribeira de Iguape e Juquiá

Itinerário: São Paulo - Santos - Juquiá - Registro - Iguape - Cananéia - Ararapira – Regresso pelo mesmo caminho.

Objetivo: Não mencionado

Observação: Viagem feita em companhia dos Drs. Arthur Neiva, Salles Gomes e Lobato.

6ª Viagem

Ano: 1918

Instituição a qual pertencia: Instituto Butantan - Horto Oswaldo Cruz

Destino: Estado do Rio de Janeiro

Itinerário: Rio de Janeiro – Macaé - Barreira do Soberbo – Teresópolis.

Objetivo: Estudar e colher mudas das Quineiras ali cultivadas desde o tempo do Império do Brasil.

7ª Viagem

Ano: 1919

Instituição a qual pertencia: Instituto Butantan - Horto Oswaldo Cruz

Destino: Minas Gerais

Itinerário: São Paulo - Poços de Caldas – Caldas - Pedra Branca.

Objetivo: Recolher cotipos de espécies descobertas pelo Dr. André Regnell

8ª Viagem

Ano: 1920

Instituição a qual pertencia: Instituto Butantan - Horto Oswaldo Cruz

Destino: Minas Gerais

Itinerário: São Paulo – Poços de Caldas

Objetivo: Convalescença e colheita de plantas

9ª Viagem

Ano: 1921

Instituição a qual pertencia: Instituto Butantan - Horto Oswaldo Cruz

Destino: Minas Gerais

Itinerário: São Paulo - Barra do Piray - Sabará "distrito de BH" - Santa Bárbara do Mato Dentro.

Objetivo: estudar flora de algumas serras mais altas de Minas Gerais e recolher cotipos de espécies ali descobertas pelos botânicos estrangeiros: Martius, A. de St. Hilaire, F. Sellow, Pohl, Schwacke e E. Ule, bem como pelos fitologistas patrícios: Álvaro da Silveira, L. Damazio, Magalhães e outros, tais como Velloso de Miranda etc. Teve-se também em mira o estudo das Velloziaceas e Melastomaceas, bem como outras plantas tipicamente serranas.

10ª Viagem

Ano: 1923

Instituição a qual pertencia: Museu Paulista

Destino: Campos do Jordão

Itinerário: São Paulo – Campos do Jordão

Objetivo: estabelecer pontos de comparação entre essa serra (Mantiquera) e as visitadas em Minas, bem como descobrir espécies de Lycopodiaceas, Lichens e Orchidaceas.

11ª Viagem

Ano: 1926

Instituição a qual pertencia: Museu Paulista

Destino: Norte de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais

Itinerário: São Paulo - Barra do Pirai - Palmeiras - Barra Mansa – Japuíba - Angra dos Reis - Macaé - Rio de Janeiro - Barra Mansa - Turvo. Regresso: Barra Mansa - São José do Barreiro - Encosta da Serra da Bocaina e do Viveiro - Rezende - Cruzeiro - São Paulo

Objetivo: Não mencionado

12ª Viagem

Ano: 1927

Instituição a qual pertencia: Museu Paulista

Destino: Sul de Minas Gerais e São Paulo

Itinerário: São Paulo - Cruzeiro - Santa Rita de Passa Quatro - Soledade - Itajubá - Piranguinho - Paraisópolis - São Bento do Sapucaí - Pouso Alegre - Ouro Fino - Jacutinga - Sapucaí - Itapira - Mogi Mirim - Campinas - Amparo - Serra Negra - Campinas - São Paulo

Objetivo: realizar observações fitológicas, colher material para o herbário de plantas vivas.

13ª Viagem

Ano: 1928

Instituição a qual pertencia: Museu Paulista

Destino: Paraná e Santa Catarina

Itinerário: São Paulo – Itararé – Curitiba – Morretes – Curitiba - Rio Negro - Rio Vermelho - Paratí – Joinville - Três Barras - Porto União - Ponta Grossa - Jaguariava - Boa Esperança - Itararé - São Paulo.

Objetivo: Estudar a questão da Imbuia e recolher materiais para herbário e plantas vivas.

14ª Viagem

Ano: 1929

Instituição a qual pertencia: Instituto Biológico

Destino: Litoral do Brasil Meridional

Itinerário: Santos - Juquiá - Registro – Iguape - Registro – Xiririca - Registro - Juquiá – Santos – Paranaguá - Curitiba - Rio Branco – Curitiba - Jaraguá do Sul – Blumenau – Itajaí – Brusque - Jaraguá do Sul – Joinville – Itajaí - Rio Pequeno – Itapema – Tijucas – Florianópolis - Canavieiras - Trindade - Saco do Limão – Laguna – Florianópolis - São José Florianópolis - Paranaguá - Santos - São Paulo.

Objetivo: Não mencionado

15ª Viagem

Ano: 1936

Instituição a qual pertencia: Instituto Biológico

Destino: Oeste de São Paulo e Mato Grosso

Itinerário: São Paulo - Ilha Seca - Fazenda da Guanabara - Campo Grande de Mato Grosso - Três Lagoas - São Paulo

Objetivo: Estudar casos de intoxicação de gado bovino na Fazenda da Guanabara

16ª Viagem

Ano: 1940

Instituição a qual pertencia: Jardim Botânico – Departamento de Botânica

Destino: Litoral de São Paulo

Itinerário: São Paulo – Ubatuba – São Paulo – Bertioga

Objetivo: Não mencionado

Observação: Informações obtidas por meio do Relatório Anual publicado em 1941.